

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**MARCOS BARROS DE SOUZA**

**Geografia Física:  
Balanço da sua produção em eventos científicos no Brasil**

**São Paulo  
2006**

**MARCOS BARROS DE SOUZA**

**Geografia Física:  
Balanço da sua produção em eventos científicos no Brasil**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração: Geografia Física – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Geografia Física.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Ângelo Furlan

**São Paulo**

**2006**

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

S729 SOUZA, Marcos Barros de  
Geografia física: balanço da sua produção em eventos científicos no Brasil /  
Marcos Barros de Souza; orientadora Sueli Angelo Furlan. -- São Paulo, 2006.  
335 f. : fig.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Física  
– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo.

1. Geografia física - Eventos. 2. Pensamento geográfico – Evolução.  
3. Geografia - História. 4. Pesquisa científica. 5. Ensino superior – Pesquisa.  
I. Título. II. Furlan, Sueli Angelo.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcos Barros de Souza

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração: Geografia Física – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Geografia Física.

Aprovado em: 06 de abril de 2006.

### Banca Examinadora

Profa. Dra. Sueli Ângelo Furlan

Instituição: FFLCH/USP

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. José Bueno Conti

Instituição: FFLCH/USP

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte

Instituição: IG/UNICAMP

Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha família, que compreendeu os momentos de ausência e de tantas viagens, seja para freqüentar o curso, seja para participar de eventos científicos.*

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

*À Profa. Dra. Sueli Ângelo Furlan pela acolhida e por ter contribuído pelo meu amadurecimento científico nesta etapa da minha vida.*

*Muito obrigado. De coração.*

## **AGRADECIMENTO "IN MEMORIAN"**

*Ao Prof. Dr. Felizberto Cavaleiro por ter aberto, inicialmente, o meu contato na FFLCH/USP, bem como ter enriquecido meus conhecimentos através de diálogos, freqüência em disciplina no curso de pós-graduação e participação em trabalho de campo (Campos do Jordão, julho de 2003).*

## AGRADECIMENTOS

- À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo pelo apoio, sugestões e concessão de auxílio financeiro, de acordo com as possibilidades, para participar de eventos científicos e coleta de dados da pesquisa, muito importantes para o desenvolvimento desta dissertação;
- Aos funcionários do Setor de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo pelo carinho no atendimento e encaminhamento de solicitações;
- À Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, pela concessão de auxílio financeiro para participação em evento científico;
- Aos funcionários e bibliotecárias da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP - Campus de Presidente Prudente pelo apoio na busca de materiais necessários para a pesquisa, além da revisão das referências bibliográficas, de acordo com a normalização;
- Aos funcionários e bibliotecárias da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em especial à Bibliotecária Maria Imaculada da Conceição, pela presteza no atendimento e revisão das normas bibliográficas;

- Aos amigos *Écio de Moraes Teixeira* e *Maria Kimie Koyanagui Morimoto*, servidores técnico-administrativos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP - Campus de Presidente Prudente e companheiros de trabalho, que apoio e incentivo para prosseguir nos estudos e qualificação acadêmica;

- Aos amigos *Wilian André Fonseca*, *Zilda de Fátima Mariano*, *Rosana Alves Ribas Moragas* e *Washington Mendonça Moragas*, pelo apoio e incentivo;

- Aos amigos *Genylton Odilon Rêgo da Rocha* e *Saint-Clair Cordeiro da Trindade Junior*, pelo apoio e incentivo, além do companheirismo ao participarmos de viagens e eventos científicos;

- Aos professores e pesquisadores que concederam as entrevistas e/ou responderam o questionário (Profs. *Antonio José Teixeira Guerra* (UFRJ-RJ), *Aziz Nacib Ab'Saber* (FFLCH/USP-SP), *Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro* (FFLCH/USP-SP), *Dirce Maria Antunes Suertegaray* (UFRGS-RS), *Dora de Amarante Romariz* (IBGE-RJ), *Hideo Sudo* (FCT/UNESP-SP), *Jorge Soares Marques* (UERJ-RJ), *José Bueno Conti* (FFLCH/USP-SP), *Jurandy Luciano Sanches Ross* (FFLCH/USP-SP) e *Nilza Aparecida Freres Stipp* (UEL-PR), pela atenção e disponibilidade em me atender. Sinceramente, foi um aprendizado muito importante em minha vida. Agradeço por terem compartilhado comigo grandes fatos e memórias sobre a Geografia;

- à Profa. *Arlette Piai*, pela leitura e correção ortográfica e gramatical desta pesquisa;

- Ao amigo *Walmir César Lanza Caldeira*, pelo apoio imprescindível na impressão desta pesquisa;

- A todos aqueles que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa e me apoiaram nos momentos mais difíceis.

**Obrigado a todos!**

*"Não procure fora aquilo que está dentro.  
Dentro de você mesmo estão a habilidade e o  
poder de fazer tudo que precisa para ser feliz.  
Esta habilidade e este poder estão a sua  
disposição a partir do momento em que você  
mudar suas opiniões derrotistas e se  
desvencilhar de idéias como: 'não posso' - 'não  
valho nada' - 'não mereço' - 'quem me dera' e  
outras convicções pessimistas".*

*[...]*

*"O êxito na vida não significa apenas ser bem-  
sucedido, mas também sobrepor-se aos  
fracassos".*

*(Maxwell Maltz)*

## RESUMO

SOUZA, Marcos Barros de. **Geografia física: balanço da sua produção em eventos científicos no Brasil.** 2006. 335 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Discutir as tendências teóricas e conceituais da Geografia física é fundamental para que se possa visualizar trajetórias, abordagens, influências e debates que ocorreram na Geografia nos últimos 50 anos. Foi realizado um balanço dos trabalhos produzidos e publicados nos Anais e/ou Caderno de Resumos e Contribuições Científicas de eventos científicos, ocorridos no período de 1954 a 2004, tais como: Congresso Brasileiro de Geógrafos, Encontro Nacional de Geógrafos, Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente, Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica e Simpósio Nacional de Geomorfologia. Esta pesquisa teve como objetivos: realizar levantamento bibliográfico e destacar alguns aspectos do percurso histórico da Geografia no mundo e no Brasil, destacando a Geografia Física; efetuar balanço de como vem sendo abordada a Geografia Física, em eventos científicos, utilizando-se como fonte de informações os Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas de eventos científicos realizados ao longo do período de 1954 a 2004; refletir sobre os direcionamentos da pesquisa em Geografia Física, contribuindo com uma visão crítica dos trabalhos analisados; identificar as tendências teórico-metodológicas e temáticas dos trabalhos publicados nos Anais e/ou Caderno de Resumos e Contribuições Científicas de eventos científicos; discutir e levantar hipóteses dos motivos porque muitos geógrafos físicos participam de eventos ligados à outras áreas de conhecimento fora do âmbito da Geografia; discutir possíveis motivos para que alguns eventos ligados à área de Geografia Física pararam de ocorrer; refletir e analisar o atual momento da Geografia Física. Foi aplicado, também, um questionário junto aos membros de Comissões Organizadoras de eventos ligados à área de Geografia Física e entrevistas com geógrafos brasileiros que marcaram tendências teóricas da Geografia Física. A análise desses Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas permitiu a identificação dos diferentes tipos de trabalhos que foram publicados e divulgados e que estão diretamente relacionados com a área da Geografia Física, realizando, assim, uma classificação dos trabalhos baseada nas diversas subdivisões da Geografia Física.

**Palavras-chave:** Geografia, Geografia Física, Evolução do Pensamento Geográfico, Produção Geográfica, História da Geografia.

## ABSTRACT

SOUZA, Marcos Barros de. **Physical geography: balance of production in scientific events in Brazil.** 2006. 335 f. Dissertation (Master's Degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

It is fundamental to discuss the theoretical and conceptual tendencies of the Physical Geography so that the paths, approaches, influences and debates that have happened in Geography for the last 50 years can be visualized. A balance of the produced works was accomplished and published in the Annals and/or Summary Notebooks and Scientific Contributions in scientific events, occurred from 1954 to 2004, such as: Geographer Brazilian Congress, Geographer National Meeting, National Meeting of Studies on the Environment, Applied Physical Geography National Symposium, Geographical Climatology Brazilian Symposium and Geomorphology National Symposium. This research had such objectives: to accomplish bibliographical raising and to stress some aspects of the Geography historical course in the world and in Brazil specifying the Physical Geography has been approached using as source of information the Annals and/or Summary Notebooks and Scientific Contributions in scientific events accomplished along the period from 1954 to 2004; to reflect about the directions of the research in the Physical Geography, contributing with a analyzed work critical view; to identify the theoretical-methodological and thematic tendencies of the works published in the Annals and/or Summary Notebook and Scientific Contributions in scientific events; to discuss and raise hypotheses about the reasons why many physical geographers participate the events directed to other knowledge areas out of Geography extent; to discuss possible reasons about why some events directed to the Physical Geography area stopped happening; to reflect and analyze the current moment of the Physical Geography. It was also applied a questionnaire along with the Organizing Commission members for events to the Physical Geography area and interviews with Brazilian geographers who have marked the Physical Geography theoretical tendencies. The analysis of those Annals and/or Summary Notebooks and Scientific Contributions allowed the identification of the different types of works that were published and released and they are directly related to the Physical Geography area. Thus a classification of works based on the several Physical Geography subdivisions was accomplished.

**Key Words:** Geography, Physical Geography, Evolution of the Geographical Thought, Geographical Production, History of the Geography.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tentativa de caracterização da comunidade de geógrafos no Brasil .....	39
Figura 2 - Modelo da Geografia Física atual .....	51
Figura 3 - Modelo da Geografia Física Geossistêmica .....	52

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Congressos Brasileiros de Geografia, promovidos pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1909 – 1944) .....	93
Quadro 2 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1954) .....	104
Quadro 3 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1965) .....	107
Quadro 4 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Comunicações e Simpósios do 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1974) .....	112
Quadro 5 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas do 4º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1984) .....	115
Quadro 6 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 5º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1994) .....	119
Quadro 7 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 6º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (2004) .....	123
Quadro 8 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Encontro Nacional de Geógrafos (1972) .....	130
Quadro 9 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Resumos de Comunicações e Guias de Excursões do 2º. Encontro Nacional de Geógrafos (1976) .....	132
Quadro 10 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Sessões Dirigidas e Comunicações do 3º. Encontro Nacional de Geógrafos (1978) .....	136
Quadro 11 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Encontro Nacional de Geógrafos (1980) .....	130
Quadro 12 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Encontro Nacional de Geógrafos (1982) .....	143

Quadro 13 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 6º. Encontro Nacional de Geógrafos (1986) .....	145
Quadro 14 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 7º. Encontro Nacional de Geógrafos (1988) .....	149
Quadro 15 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 8º. Encontro Nacional de Geógrafos (1990) .....	153
Quadro 16 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 9º. Encontro Nacional de Geógrafos (1992) .....	157
Quadro 17 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 10º. Encontro Nacional de Geógrafos (1996) .....	161
Quadro 18 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 11º. Encontro Nacional de Geógrafos (1998) .....	165
Quadro 19 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 12º. Encontro Nacional de Geógrafos (2000) .....	173
Quadro 20 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Resumos do 13º. Encontro Nacional de Geógrafos (2002) .....	179
Quadro 21 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1984) .	185
Quadro 22 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1989) .	190
Quadro 23 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1991) .	192
Quadro 24 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1993) .	195

Quadro 25 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 6º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1995) .	198
Quadro 26 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 7º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1997) .	202
Quadro 27 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 8º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1999) .	205
Quadro 28 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 9º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2001) .	211
Quadro 29 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 10º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2003)	215
Quadro 30 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1986) .....	219
Quadro 31 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1989) .....	222
Quadro 32 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1991) .....	224
Quadro 33 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1993) .....	227
Quadro 34 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1992) ....	233
Quadro 35 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1996) ...	238
Quadro 36 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1998) ...	241
Quadro 37 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2000) ...	246
Quadro 38 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2002) ...	250

Quadro 39 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 6º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2004) ...	254
Quadro 40 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (1996) .....	258
Quadro 41 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (1998) .....	261
Quadro 42 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2000) .....	264
Quadro 43 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2002) .....	267
Quadro 44 -	Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2004) .....	270

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1954) .....	106
Gráfico 2 -	Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Resumos de Teses e Comunicações do 2º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1965) .....	109
Gráfico 3 -	Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Comunicações e Simpósios do 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1974) .....	113
Gráfico 4 -	Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas do 4º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1984) .....	116
Gráfico 5 -	Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 5º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1994) .....	120
Gráfico 6 -	Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Resumos do 6º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (2004) .....	125
Gráfico 7 -	Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Encontro Nacional de Geógrafos (1972) .....	131
Gráfico 8 -	Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Resumos de Comunicações e Guias de Excursões do 2º. Encontro Nacional de Geógrafos (1976) .....	134
Gráfico 9 -	Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Sessões Dirigidas e Comunicações do 3º. Encontro Nacional de Geógrafos (1978) .....	137
Gráfico 10 -	Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Encontro Nacional de Geógrafos (1980) .....	141
Gráfico 11 -	Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Encontro Nacional de Geógrafos (1982) .....	144
Gráfico 12 -	Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 6º. Encontro Nacional de Geógrafos (1986) .....	147

Gráfico 13 - Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 7º. Encontro Nacional de Geógrafos (1988) .....	150
Gráfico 14 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 8º. Encontro Nacional de Geógrafos (1990) .....	154
Gráfico 15 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 9º. Encontro Nacional de Geógrafos (1992) .....	159
Gráfico 16 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 10º. Encontro Nacional de Geógrafos (1996) .....	163
Gráfico 17 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 11º. Encontro Nacional de Geógrafos (1998) .....	167
Gráfico 18 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 12º. Encontro Nacional de Geógrafos (2000) .....	175
Gráfico 19 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 13º. Encontro Nacional de Geógrafos (2002) .....	181
Gráfico 20 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1984) .....	187
Gráfico 21 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1989) .....	191
Gráfico 22 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1991) .....	193
Gráfico 23 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1993) .....	196
Gráfico 24 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 6º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1995) .....	199
Gráfico 25 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 7º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1997) .....	203

Gráfico 26 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 8º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1999) .....	207
Gráfico 27 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 9º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2001) .....	212
Gráfico 28 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 10º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2003) .....	217
Gráfico 29 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1986) .....	220
Gráfico 30 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1989) .....	223
Gráfico 31 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1991) .....	226
Gráfico 32 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1993) .....	229
Gráfico 33 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1992) .....	234
Gráfico 34 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1996) .....	239
Gráfico 35 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1998) .....	242
Gráfico 36 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2000) .....	247
Gráfico 37 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2002) .....	251
Gráfico 38 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 6º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2004) .....	255
Gráfico 39 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (1996) .....	259
Gráfico 40 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (1998) .....	262
Gráfico 41 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2000) .....	265
Gráfico 42 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2002) .....	268
Gráfico 43 - Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2004) .....	271

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	22
1.1 Objetivos .....	22
1.2 Importância do tema para a Geografia Física .....	23
1.3 Justificativa .....	23
1.4 Procedimentos metodológicos .....	24
1.4.1 Materiais .....	24
1.4.2 Metodologia .....	25
2 GEOGRAFIA: BREVE PERCURSO HISTÓRICO .....	29
3 ASPECTOS TEÓRICOS DA GEOGRAFIA NO BRASIL .....	35
4 A GEOGRAFIA FÍSICA NO BRASIL .....	44
5 INFLUÊNCIAS DE INSTITUIÇÕES E EVENTOS CIENTÍFICOS NA EVOLUÇÃO E PRODUÇÃO DA GEOGRAFIA NO BRASIL .....	62
5.1 As universidades .....	62
5.2 O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro .....	83
5.3 O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística .....	85
5.4 A Associação dos Geógrafos Brasileiros .....	90
5.5 Os eventos científicos .....	93
6 A PRODUÇÃO E DISCUSSÃO EM TORNO DA GEOGRAFIA FÍSICA .....	102
6.1 Congresso Brasileiro de Geógrafos .....	102
6.2 Encontro Nacional de Geógrafos .....	126
6.3 Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada .....	182
6.4 Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente .....	218
6.5 Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica .....	230
6.6 Simpósio Nacional de Geomorfologia .....	256

7 GEÓGRAFOS E UMA VISÃO DA GEOGRAFIA FÍSICA .....	273
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	306
REFERÊNCIAS .....	309
ANEXOS .....	322

## 1 INTRODUÇÃO

A decisão de pesquisar este tema ocorreu pela ausência de trabalhos de pesquisa que evidenciem como a Geografia Física vem sendo trabalhada no Brasil, seus caminhos, seus desafios teóricos e sua contribuição ao país, expressos em eventos de divulgação científica.

A delimitação do período desta análise de 1954 a 2004 ocorreu pelo fato de 1954 ter sido o ano em que se iniciaram os Congressos Nacionais de Geógrafos. O recorte foi definido em 2004 por ter sido o ano da realização do 6º Congresso, englobando, ainda, eventos específicos da Geografia Física. Neste período as idéias, conceitos e concepções teórico-metodológicas se transformaram significativamente no âmbito da Geografia.

As transformações, como veremos, se deram tanto no volume de trabalhos e participações como também nos enfoques e temáticas abrangidas pela Geografia Física.

### 1.1 Objetivos

Esta pesquisa teve os seguintes objetivos:

- 1) realizar levantamento bibliográfico e destacar alguns aspectos do percurso histórico da Geografia no mundo e no Brasil, destacando a Geografia Física;
- 2) efetuar balanço de como vem sendo abordada a Geografia Física, em eventos científicos, utilizando-se como fonte de informações os Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas de eventos científicos realizados ao longo do período de 1954 a 2004;
- 3) refletir sobre os direcionamentos da pesquisa em Geografia Física, contribuindo com uma visão crítica dos trabalhos analisados;
- 4) identificar as tendências teórico-metodológicas e temáticas dos trabalhos publicados nos Anais e/ou Caderno de Resumos e Contribuições Científicas de eventos científicos;

5) discutir e levantar hipóteses dos motivos por que muitos geógrafos físicos participam de eventos ligados à outras áreas de conhecimento fora do âmbito da Geografia;

6) discutir possíveis motivos para que alguns eventos ligados à área de Geografia Física pararam de ocorrer;

7) refletir e analisar o atual momento da Geografia Física.

## 1.2 Importância do tema para a geografia física

O tema desta pesquisa tem importância significativa na Geografia e, principalmente, no âmbito da Geografia Física por realizar um balanço dos trabalhos produzidos, ligados a esta subdivisão do estudo da natureza na Geografia e publicados nos Anais e/ou Caderno de Resumos e Contribuições Científicas dos seguintes eventos científicos, ocorridos no período de 1954 a 2004: **Congresso Brasileiro de Geógrafos, Encontro Nacional de Geógrafos, Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente, Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica e Simpósio Nacional de Geomorfologia.**

A importância desta análise remete a necessidade de socializar o significado histórico das abordagens e direcionamentos da pesquisa em Geografia Física no Brasil.

## 1.3 Justificativa

A escolha dos referidos eventos ocorreu pelo fato de serem em nível nacional, abrangendo, então, os pesquisadores que divulgaram suas pesquisas, no período delimitado. Além disto, os registros em Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas dos eventos refletem, com relativa fidelidade, os avanços deste campo específico da Geografia e os rumos da Geografia brasileira como um todo. Essa relativa fidelidade afirmada se deve, sobretudo, pelo predomínio das

pesquisas em Geografia Humana e da dicotomia em relação à Geografia Física. Pode-se, também, constatar um “recolhimento”, voluntário ou não, de pesquisadores ligados à corrente considerada, talvez por muitos geógrafos, como “fora de moda”, durante um certo período.

## **1.4 Procedimentos metodológicos**

### **1.4.1 Materiais**

Para a realização da presente pesquisa foram utilizados os seguintes materiais:

- Referências bibliográficas relacionadas à evolução do pensamento geográfico, bem como a História da Geografia, com a finalidade de traçar o percurso histórico da Geografia no mundo e no Brasil, destacando a Geografia Física;

- Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas dos seguintes eventos científicos:

- Congresso Brasileiro de Geógrafos (1954, 1965, 1974, 1984, 1994 e 2004) - realizados de dez em dez anos;

- Encontro Nacional de Geógrafos (1972, 1976, 1978, 1980, 1982, 1986, 1988, 1990, 1992, 1996, 1998, 2000 e 2002) - realizados a cada dois anos, intercalados pelos Congressos Brasileiros de Geógrafos;

- Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1984, 1986, 1989, 1991, 1993, 1995, 1997, 1999, 2001 e 2003) - realizados a cada dois anos;

- Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1986, 1989, 1991 e 1993) - realizados a cada dois anos;

- Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1992, 1996, 1998, 2000, 2002 e 2004) - realizados a cada dois anos;

- Simpósio Nacional de Geomorfologia (1996, 1998, 2000, 2002 e 2004) - realizados a cada dois anos;

- Entrevistas com pesquisadores, através de roteiros e questionários, com membros de Comissões Organizadoras de eventos científicos ligados à área de Geografia Física. Foram, também, incluídos geógrafos considerados expoentes da pesquisa e da atuação técnica que trabalham com temas voltados para o campo da Geografia Física.

#### 1.4.2 Procedimentos de análise dos materiais

De acordo com Eco (2002) a situação ideal para os pesquisadores que desejam escrever uma tese seria dispor em casa de todos os livros de que se tem necessidade para uma pesquisa, porém isso é muito difícil. Para resolver esta situação o recomendado é que se faça um levantamento utilizando-se de fichas bibliográficas.

Baseado nos exemplos apresentados por Salomon (1974), Medeiros (1991) e Eco (2002) para se ter uma síntese mais homogênea e objetiva, foram elaboradas fichas técnicas das obras estudadas, onde constam os seguintes itens dos trabalhos analisados: autor, título, palavras-chaves, resenha e classificação. Tais fichas foram classificadas de acordo com cada evento e período de realização, bem como as subdivisões disciplinares da Geografia Física.

Segundo Medeiros (1991, p. 73) resenha é

[...] um tipo de redação técnica que avalia precisa e sinteticamente a importância de uma obra científica ou de um texto literário” (p. 73), podendo ser considerada como resumo crítico. Segundo o autor, “a resenha deve resumir as idéias da obra, avaliar as informações nela contidas e a forma como foram expostas e justificar a avaliação realizada.

Tendo em vista que esta pesquisa é sobre a produção da Geografia Física, durante a análise dos Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas foram quantificados apenas os trabalhos sobre as demais áreas da

Geografia, para possíveis comparações numéricas, sendo analisados somente os trabalhos que se referiam à Geografia Física.

Para traçar o percurso histórico da Geografia no mundo e no Brasil, destacando a Geografia Física, foi realizado um amplo levantamento bibliográfico sobre trabalhos relacionadas à evolução do pensamento geográfico, bem como a História da Geografia.

Esse procedimento se baseou na análise dos Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas dos eventos, sendo que o acesso aos mesmos se deu das seguintes maneiras:

- visita técnica aos acervos das Bibliotecas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Presidente Prudente e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), para consulta, além de empréstimos de outras bibliotecas;

- aquisições dos referidos materiais nos locais onde os eventos foram realizados (em Universidades públicas estaduais, federais e particulares);

- pesquisa e/ou consulta na Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo.

A análise desses Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas permitiu a identificação dos diferentes tipos de trabalhos que foram publicados e divulgados e que estão diretamente relacionados com a área da Geografia Física, realizando, assim, uma classificação dos trabalhos baseada nas diversas subdivisões da Geografia Física. Tal classificação permitiu uma mensuração sobre as transformações do discurso geográfico rotulado de Geografia Física, ao longo do período analisado (1954 a 2004).

Foi elaborado, ainda, um roteiro de entrevista e questionário (Anexo 1) aplicado junto a membros de Comissões Organizadoras de eventos científicos ligados à área de Geografia Física e geógrafos considerados expoentes da pesquisa e da atuação técnica que trabalham com temas voltados para a área de Geografia Física, conforme relatado no capítulo 7 (Geógrafos e uma visão da Geografia Física).

Para realização das entrevistas foram selecionados nomes com apoio do orientador e também sugestões por parte de membros do exame de qualificação. Foram feitos contatos prévios através de telefonemas e, após, por correspondências e mensagens eletrônicas (Anexo 2), sendo que todos os entrevistados ficaram à

vontade em relação ao modo como seria feita a entrevista, ou seja, poderiam escolher em responder as questões previamente ou respondê-las no momento da entrevista, pessoalmente. Algumas entrevistas foram gravadas, com a finalidade de não tomar muito tempo dos interlocutores.

No final do trabalho consta um breve resumo (Anexo 3) do currículo dos entrevistados (membros de Comissões Organizadoras de eventos científicos ligados à área de Geografia Física e expoentes de pesquisa/geógrafos selecionados que trabalham com temas voltados para a área de Geografia Física), com as seguintes informações: nome completo, instituição e área de formação, área de atuação, atividades profissionais, produção científica, participação em eventos científicos, participação em organizações de eventos científicos e outras informações relevantes.

Optou-se por incluir, no capítulo 6 (A produção e discussão em torno da Geografia Física), informações contidas nos Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas relacionadas à apresentação dos eventos por considerar que são relatos importantes e evidenciam o momento da realização dos mesmos.

Vale ressaltar que nos eventos promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (Congresso Brasileiro de Geógrafos e os Encontro Nacional de Geógrafos), pela Associação Brasileira de Climatologia (Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica), pela União Brasileira de Geomorfologia (Simpósio Nacional de Geomorfologia), além do Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (realizado por instituições de ensino e pesquisa), em suas últimas edições, a quantidade de participantes, bem como a quantidade de trabalhos inscritos e apresentados demonstram o crescente interesse por parte dos profissionais da Geografia, da Geografia Física e de áreas afins em participarem dos eventos, divulgando suas pesquisas, conforme pode ser verificado nos Anais dos referidos eventos, além de serem espaços para trocas de informações.

Ao analisar os trabalhos publicados nos Anais e/ou Caderno de Resumos e Contribuições Científicas dos eventos foi possível notar que:

- não há uma padronização com relação aos Anais. Cada Comissão Organizadora descreve ou relata as atividades realizadas de maneiras diferentes;
- em alguns Anais não constam informações ou apresentações sobre o evento, o que prejudica na análise do conjunto de atividades realizadas, havendo a necessidade de pesquisas em outras fontes para obtenção das informações.

- em alguns casos não constavam dados importantes como: período exato da realização do evento (constavam apenas mês e ano), tendo sido necessário pesquisar em outras fontes;

- em alguns casos foram publicados apenas os resumos dos trabalhos, sem constar as demais atividades dos eventos, como: nomes/títulos de mesas redondas e palestras, com os seus respectivos autores;

- houve falta de informações detalhadas sobre as atividades de alguns eventos, ou seja, o evento foi organizado em eixos temáticos ou temas, porém ao serem publicados constavam em ordem alfabética de títulos ou de autores e não em classificação por eixos ou temas. Assim, em muitos casos ao serem inscritos os trabalhos, estes deveriam ser classificados em algum dos eixos ou temas;

- em muitos casos não há informações sobre as instituições ou vínculos dos autores de trabalhos, o que dificulta uma classificação ou análise sobre estas informações, além do que as Comissões Organizadoras de alguns eventos publicam apenas os trabalhos selecionados durante as apresentações nos eventos;

- houve dificuldades para classificar alguns trabalhos publicados, uma vez que os mesmos eram multi e/ou interdisciplinar, podendo ser classificados em mais de um eixo, tema, área ou subárea;

- dificuldades de acesso aos Anais, que, muitas vezes, são entregues apenas aos inscritos nos eventos, sendo que nas Bibliotecas encontram-se apenas os exemplares doados por profissionais que participam dos eventos;

- algumas Comissões Organizadoras dos eventos publicam os Anais como “número especial” de alguma publicação edita pela instituição que promoveu o evento, sendo que nas Bibliotecas estas publicações são classificadas como “Periódicos” e não como “Anais”, dificultando, também, o acesso ao se realizar pesquisa nos acervos das Bibliotecas;

- atualmente as Comissões Organizadoras estão optando por publicarem os Anais em forma eletrônica/digital, dificultando ainda mais o acesso às informações, uma vez que estas publicações em CD-ROM também ficam restritas aos participantes ou às Bibliotecas das instituições que organizam os eventos. Não há, ainda, uma padronização destas publicações e dificuldade para acessar o conteúdo do CD-ROM.

## 2 GEOGRAFIA: BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Para que se possa tentar compreender como a Geografia Física vem sendo desenvolvida, há necessidade de resgatar a origem do discurso rotulado como Geografia e Geografia Física.

De acordo com Moraes (1981), o rótulo Geografia é antigo, sendo que sua origem remonta à Antigüidade Clássica, especificamente ao pensamento grego, que delineou perspectivas distintas da Geografia. Dentre elas destacam-se a de Tales e Anaximandro que privilegiava a medição do espaço e a discussão da forma da Terra, cujo conteúdo atualmente é chamado de Geodésia. Outra perspectiva aparece com Heródoto (484-425 a.C.), que se preocupava com a descrição dos lugares, numa aproximação da Geografia Regional. Também as discussões de Hipócrates (460-375 a.C.) sobre a relação entre o homem e o meio, que são conhecidas atualmente como geográficas, mas que não apareciam sob esta designação. Em obras de um mesmo autor aparecia em vários momentos a discussão de temas hoje tidos como de Geografia, sem a mínima conexão entre eles, como Aristóteles (384-322 a.C.) que discutia a concepção de lugar, na sua Física, sem articulá-la com a discussão da relação homem-natureza, apresentada em sua Política, e sem vincular esses estudos com sua Meteorologia e com suas descrições regionais.

Nesse período da Antigüidade Clássica, segundo Moraes (1981), o conhecimento geográfico se encontrava disperso. As matérias apresentadas sob essa designação eram diversificadas, sem um conteúdo unitário e muito do que atualmente se entende como Geografia não era apresentado sob este rótulo, sendo impossível falar em uma disciplina ou área de conhecimento como um todo sistematizado e particularizado.

Segundo Moraes (1981) até o final do século XVIII não é possível falar de conhecimento geográfico como algo padronizado, com um mínimo que seja de unidade temática e de continuidade nas formulações. Denominam-se como Geografia: relatos de viagens, compêndios de curiosidades sobre lugares exóticos; áridos relatórios estatísticos de órgãos de administração; obras sintéticas agrupando conhecimentos existentes a respeito dos fenômenos naturais; catálogos sistemáticos sobre os continentes e os países do Globo, dentre outros.

A sistematização do conhecimento geográfico ocorreu no início do século XIX, sendo que os pressupostos históricos desta sistematização objetivaram-se no processo de avanço e domínio das relações capitalistas de produção (MORAES, 1981).

O primeiro pressuposto dizia respeito ao conhecimento efetivo da extensão real do planeta, ou seja, o conhecimento da dimensão e da forma real dos continentes era a base para a idéia de conjunto terrestre. As grandes navegações e suas descobertas efetuadas pelos europeus foi o início desta condição. A constituição de um espaço mundial, tendo como centro a Europa, é elemento destacado do processo de transição do feudalismo para o capitalismo. A formação deste modo de produção exigiu a articulação de suas relações em uma escala territorial planetária, o que fez expandir a área de ação das sociedades européias a todo o globo terrestre.

O segundo pressuposto foi a existência de um repositório de informações sobre variados lugares da Terra, isto é, os dados referentes aos pontos mais diversificados da superfície já estavam de certo modo levantados e agrupados em arquivos. Esta condição incidia na formação de uma base empírica para a comparação em Geografia e foi se substantivando com o próprio avanço do mercantilismo e com a formação dos impérios coloniais. A apropriação de um determinado território exigia que fosse realizada uma estreita relação com os elementos existentes, tendo assim um maior conhecimento da realidade local e a necessidade de exploração produtiva destes territórios. Com o desenvolvimento do comércio colonial a Europa incentiva o levantamento dos recursos naturais existentes obtendo informações mais temáticas e observações consideradas mais científicas. Criaram-se, assim, institutos (sociedades geográficas e escritórios coloniais) que passaram a agrupar e guardar o material recolhido. O investimento na elaboração desse material foi o que consistiu a Geografia da primeira metade do século XIX (MORAES, 1981).

O terceiro pressuposto estava no aprimoramento das técnicas cartográficas, os instrumentos do geógrafo. A necessidade de representação gráfica padronizada e precisa dos fenômenos observados e da localização dos territórios era um requisito da reflexão geográfica, além de ser uma necessidade devido à expansão do comércio. A descoberta das técnicas de impressão se difundiu e popularizou os mapas e os Atlas.

Todas estas condições materiais para a sistematização da Geografia foram forjadas no processo de avanço e domínio das relações capitalistas.

Uma outra classe de pressupostos referidos à evolução do pensamento se substantiva no movimento ideológico, engendrado pelo processo de transição do feudalismo ao capitalismo. Esses pressupostos referem-se ao conjunto de formulações que, incidindo sobre os temas tratados pela Geografia, valorizam, legitimam e dotam-na de uma cidadania acadêmica.

O primeiro ocorre na discussão da Filosofia propondo explicações abrangentes do mundo e formulando sistemas que buscam a compreensão de todos os fenômenos do real.

Outro pressuposto pode ser detectado nos pensadores políticos do Iluminismo, que foram os porta-vozes do novo regime político, os ideólogos das revoluções burguesas, os propositores da organização institucional, que interessava ao modo de produção emergente. Ao discutir as formas de poder e de organização do Estado, passaram por temas próprios da Geografia, como Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que discutiu a relação entre a gestão do Estado, as formas de representação e a extensão do território de uma sociedade e Charles-Louis de Secondat, Baron de Montesquieu (1689-1755) que discutiu sobre a ação do meio no caráter dos povos.

Trabalhos desenvolvidos pela Economia Política também contribuíram na valorização dos temas geográficos, pois realizaram análises sistemáticas de fenômenos da vida social devido às necessidades práticas do incremento do comércio e das relações econômicas em geral, que impunham a criação de uma contabilidade racional e a ordenação padronizada das finanças.

O aparecimento das teorias do Evolucionismo, no século XIX, fez com que o temário geográfico obtivesse o pleno reconhecimento de sua autoridade. O Evolucionismo, visto como conjunto de teorias que partem das formulações de Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), Charles Darwin (1808-1882), Herbert Spencer (1820-1903) e Alfred Russell Wallace (1823-1913), dentre outros, dá um lugar de destaque ao papel desempenhado pelas condições ambientes, ou seja, na evolução das espécies a adaptação ao meio seria um dos processos fundamentais. A metodologia naturalista utilizada pelos primeiros geógrafos e seus sucessores ocorreu, principalmente, devido a difusão das teorias evolucionistas no meio acadêmico da época.

No início do século XIX esses pressupostos históricos da sistematização da Geografia já estavam delineados. Já havia conhecimento de grande parte dos lugares do Planeta. A Europa articulava um espaço das relações econômicas mundializadas, o desenvolvimento do comércio colocou em contato os lugares mais distantes e, portanto, as geografias dos lugares se tornavam uma necessidade para o controle econômico do mundo daquela época.

Segundo Moraes (1981), o eixo principal da elaboração geográfica no século XIX ocorreu na Alemanha, sendo os autores considerados os pais da Geografia – Alexander von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859) – aqueles que estabeleceram uma linha de continuidade nesta disciplina. É na Alemanha que aparecem os primeiros institutos e as primeiras cátedras dedicadas à Geografia, de onde vêm as primeiras tendências teóricas e as primeiras propostas metodológicas e onde se formam as primeiras correntes deste pensamento (MORAES, 1981).

Clozier (1995) relata que Alexander von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859) foram os responsáveis pelo estabelecimento dos princípios da Geografia Ocidental Moderna: determinar a coordenação, as conexões superficiais entre os três estados da matéria – ar, água e terra – para explicá-los traçando de novo o encadeamento dos fatos e precisando o ponto da sua evolução; e localizar os fenômenos, mostrar a sua extensão e colocá-los no seu quadro espacial.

A Geografia encara os fenômenos que as outras ciências dissociam pela análise ou pela experimentação na ordem concreta das coisas, na sua diversidade complexa, na sua realidade em constante mudança (CLOZIER, 1995). Baseando-se nestes contextos a Geografia é levada a utilizar os resultados das ciências da Natureza e do Homem, dos dados da Botânica, da Geologia, da Meteorologia, da História, da Estatística, dentre outras.

A Escola Geográfica Francesa foi a primeira escola organizada, inspirada por Carl Ritter (1779-1859) que se dedicou, sobretudo, à Geografia Geral, à investigação sistemática das condições que presidem à distribuição dos fenômenos à superfície do Globo, tanto em Geografia Física como em Geografia Humana.

A Escola Geográfica Francesa, fundada por Paul Vidal de La Blache (1845-1918), teve como característica a preocupação regional.

A Escola Geográfica Americana especializou-se na evolução do relevo

e do solo, manifestada sob a influência de geólogos-mineralogistas. Porém foi William Morris Davis (1850-1934), astrônomo que se tornou geógrafo graças às viagens que lhe infundiu o rigor lógico das deduções matemáticas, quem imprimiu à Escola Geográfica Americana o seu cunho próprio.

Mesmo com essa divisão por escolas, o campo de investigação da Geografia mantém-se o mesmo e dispõe-se em dois grupos de estudos: a Geografia Geral e a Geografia Regional.

A Geografia Geral procura apreender o que há de permanente e de regular nos fatos terrestres, de esclarecê-los uns pelos outros de maneira a lhes explicar as condições, sendo que o sentido de repetição regular dos fenômenos está na base da explicação geográfica.

A Geografia Geral foi subdividida em: Geografia Física Geral; Geografia Humana Geral; e Geografia Econômica Geral.

A Geografia Física Geral comportava: a Geografia Climática que estuda os tipos de tempo, os ciclos de estações e as regiões de climas; a Geografia Morfológica que estuda a formação do relevo pela erosão normal, erosão glacial, erosão eólica e erosão marinha; e a Geografia Botânica e Zoológica, que formam a Biogeografia que na escala global estuda os padrões e processos evolutivos que resultam numa regionalização global dos grandes biomas.

A Geografia Humana Geral teve como objetivo determinar a extensão da espécie humana e examinar o povoamento com as suas variações de densidade, estudando, a seguir, as paisagens determinadas pelo habitat, pelos fenômenos de produção e pelos gêneros de vida.

A Geografia Econômica Geral estudava, de um lado, as matérias-primas e as fontes de energia (produção, indústria e comércio) e, de outro lado, os problemas postos pela utilidade, pelas técnicas e pelas trocas.

As combinações locais dos fatos estudados pela Geografia Geral provêm da Geografia Regional. Cada região tem os seus aspectos próprios, cujos elementos interagem uns com os outros. A Geografia Regional é considerada uma reserva contra o espírito de sistema da Geografia Geral.

Segundo Mendonça (1989), a Geografia Física teve origem, enquanto conhecimento científico, entre os naturalistas dos séculos XVIII e XIX. Porém foi com o aparecimento da Geografia Regional de Paul Vidal de La Blache (1845-1918), na França do século XIX, que a Geografia Física se concretizou enquanto ramo

específico de estudo da ciência geográfica.

Este autor relata que as viagens de descobrimentos e reconhecimentos desenvolvidas pelos europeus produziram uma Geografia descritiva e narrativa dos lugares. O que foi produzido neste período serviu de base para a formação da Geografia como ciência e, também, serviu de base para a Geografia Física. Esta Geografia descritiva foi a que predominou na Geografia alemã do século XIX e início do século XX. Podemos dizer que o procedimento da descrição permanece até hoje como fundamento nos diferentes campos da Geografia física.

Mendonça (op. Cit.) refere-se, ainda, a duas linhas de pensamento ou escolas que marcaram o século XIX: o Determinismo (Escola Determinista) e o Possibilismo (Escola Possibilista). As raízes da Geografia Física estavam ligadas a Escola Possibilista, que dividiu a Geografia em: Geografia Humana e Geografia Física. A falta quase total de utilização de um método analítico fez com que a Geografia Regional Possibilista não tivesse grandes avanços. A Geografia Física só não desapareceu devido às especializações que ocorreram, ou seja, o estudo separado dos vários componentes do meio (clima, morfologia, relevo, biogeografia, bacias hidrográficas, dentre outros), caracterizando o desenvolvimento da Geografia que se desenvolveu seqüencialmente à Escola Possibilista. Assim, deu-se o aparecimento da Climatologia, da Geomorfologia, da Biogeografia, da Hidrografia, dentre outras, que se baseando em outras ciências (Meteorologia, Geologia, Biologia, dentre outras) influenciaram o conhecimento geográfico produzido a partir de então. Estas áreas específicas constituíram-se como ramos de estudos e pesquisas científicas da Geografia Física, isto é, se constituíram em subdivisões da divisão do conhecimento geográfico que permanecem até hoje.

### 3 ASPECTOS TEÓRICOS DA GEOGRAFIA NO BRASIL

De acordo com Mendonça (1989) os aspectos teóricos da Geografia, enquanto ciência, têm constituído temática de discussão de vários eventos, sendo que é grande o número de autores que escreveram e publicaram trabalhos sobre essa temática. Porém, a maior parte das publicações é de autoria de geógrafos ligados, principalmente, à área humana/social/econômica da Geografia, tratando os aspectos teóricos ligados à Geografia Física de maneira muito superficial. Segundo o autor, isto pode ter ocorrido principalmente pela falta de um intercâmbio entre os geógrafos da área humana e os da área física.

Uma das primeiras tentativas de repensar a Geografia no Brasil foram realizadas por Sodré (1976), Andrade (1977, 1987) e Monteiro (1980).

Sodré (1976) realizou um estudo crítico da evolução da Geografia, enfatizando as diversas influências por ela sofridas através dos séculos, desde os gregos até a década de setenta do século XX. O autor, no prefácio de sua obra, fez observações sobre a Geografia no Brasil, que ocorreu desde os tempos das viagens de descobrimento, sendo que nesse período era anotada grande parte das informações sobre etnografia, flora, fauna, geologia e climatologia do Brasil. Uma espécie de Geografia descritiva e de inventário. As informações colhidas eram, porém, recolhidas aos arquivos, principalmente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No final do século XIX surgem as primeiras publicações dedicadas especialmente à Geografia, como a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e o Boletim Geográfico, sendo estas duas últimas editadas pelo Conselho Nacional de Geografia.

A fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ocorrida em 1937, com dois Conselhos (o de Geografia e o de Estatística), complementava o avanço do ensino de Geografia nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, principalmente na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, fundada em 1934. O Conselho Nacional de Geografia contou com um expressivo número de geógrafos brasileiros, sendo alguns de grande valor, além de geógrafos estrangeiros, dentre os quais Léo Waibel (1888-1951). A Universidade de São Paulo também contratou professores estrangeiros, com

destaque para Pierre Monbeig (1908-1987), Emmanuel De Martonne (1873-1955), dentre outros, para desenvolver a escola “brasileira” de Geografia.

Os pesquisadores estrangeiros, juntamente com os já qualificados pesquisadores brasileiros, “deram à Geografia, no Brasil, particularmente sob a égide do Conselho Nacional de Geografia, grande impulso” (SODRÉ, 1976, p. 11). Entretanto, tal período foi de curta duração. “Por força de condições gerais, ligadas à estrutura política do País, multiplicadas por direções ineptas, ocorreu a dispersão dos geógrafos agrupados naquele Conselho, enquanto a estrutura universitária, de outra parte, entrava em deterioração” (SODRÉ, 1976, p. 11).

Sodré (1976, p. 11) conclui que,

A Geografia, no Brasil, na realidade apresenta uns poucos valores individuais, na maior parte remanescentes ainda daquele período melhor. No mais, resume-se às atividades didáticas, modeladas por programas obsoletos. Tudo muito distante daquela definição de geógrafo que, calcada em outro, de campo diverso, dizia assim: “Geógrafo é aquele que traduz, segundo o problema concreto apresentado, pela utilização adequada de seus métodos e técnicas, os valores que a realidade apresenta, tornando a sociedade consciente do que dispõe.

Andrade (1977) fez um relato da evolução do pensamento geográfico e sua repercussão no Brasil na primeira metade do século XX. O autor relata que nos primeiros anos do século XX surgiram no Brasil trabalhos de alto interesse geográfico. Foi com Carlos Delgado de Carvalho (1884-1980), nascido e formado na França, porém não era um geógrafo de formação, mas diplomado em Ciência Política, que se iniciou a implantação do pensamento geográfico no país, profundamente marcado pela influência da escola francesa, embora lutando com condições bem diversas, uma vez que não se dispunha de um conhecimento da realidade brasileira ao nível do conhecimento da realidade francesa, de dados básicos sobre condições naturais e sociais, de informações estatísticas, dentre outras. Além do que, sendo a Geografia apenas uma matéria ensinada no nível secundário e não universitário, era colocada em segundo plano, dificultando o acesso aos meios necessários às pesquisas, ou seja, não havia apoio ou obrigatoriedade na realização de pesquisas como ocorre hoje nas Universidades.

Monteiro (1980) realizou uma avaliação de como vinha sendo discutida a Geografia no Brasil, no período de 1934 até 1977. O autor realizou uma

periodização na evolução da pesquisa geográfica no Brasil a partir de 1934, tomando por base o levantamento da produção contida nos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, que além de ser um organismo aglutinador da comunidade de pesquisadores, tem um caráter nacional. Como é um organismo aberto a todos os geógrafos das diferentes regiões, a produção contida nestes Anais é estimada como capaz de espelhar a produção geográfica no país. Outros elementos utilizados pelo autor foram as Revistas de Geografia, editadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a partir de 1939 e o acervo de teses defendidas no antigo Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, a partir de 1944. O autor relata que a Geografia brasileira teve influência direta de pesquisadores europeus, tais como: Pierre Monbeig (1908-1987), Francis Ruellan (1894-1975), Léo Waibel (1888-1951), Pierre Deffontaines (1894-1978), Jean Tricart (1920-2003), dentre outros. Porém não se pode deixar de lado a contribuição indireta de pesquisadores brasileiros de áreas afins, tais como Caio Prado Júnior (1907-1990), Roberto Simonsen (1889-1948), Sérgio Milliet (1898-1966), Arthur Ramos (1903-1949), dentre outros.

Na tentativa de avaliar a comunidade de geógrafos e os problemas fundamentais com que se debate Monteiro (1980) relata que seria necessário caracterizar separadamente tanto a estrutura da comunidade quanto a problemática da investigação científica a que ela faz face.

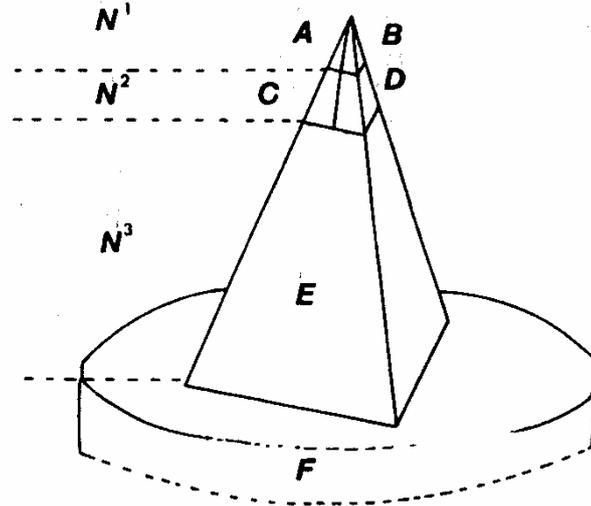
Por meio da Figura 1 o autor ilustra, mediante uma pirâmide (parte 1), a estrutura da comunidade de geógrafos no Brasil. No vértice desta pirâmide encontra-se a minoria condutora do processo de investigação geográfica (professores pesquisadores universitários comprometidos em programas de pós-graduação e geógrafos em direção de pesquisa em organismos estatais). Sob o vértice da pirâmide há um estrato constituído pelo conjunto dos docentes de nível superior, atuantes ao nível da graduação e complementado pelos geógrafos que assumem a feição profissionalizante do pesquisador nos organismos estatais ou para-estatais e empresas particulares de planejamento. À base da pirâmide está a massa dos “licenciados”, que atuam, em sua maioria, no ensino de grau médio. Em torno dessa pirâmide comunitária encontra-se a crescente massa de jovens pretendendo ingressar na Universidade, que oferece cada vez menos atrativos, comparado com o que outros setores possam oferecer no mercado de trabalho.

A esta visão vertical de estruturação da comunidade geográfica

brasileira, o autor mostra, na parte 2, uma apreciação sobre as tendências atuais a que, face aos estímulos ideológicos e metodológicos, essa comunidade de pesquisadores venha a se orientar. Esta visão mostra os três níveis superiores da pirâmide, desta vez sob a forma de um triângulo escaleno, definindo três vértices de convergência. Um dos vértices de convergência (talvez o menor) seria aquele do “ambientalismo”, constituído de geógrafos que vêm nela a ciência dos lugares. Os vetores conduzindo a noção de Geografia, como ciência social, serão predominantes (dois vértices do triângulo). O social será ligado ao econômico e sua força econômica mais coercitiva que as próprias relações intra-sociais. A repressão das forças econômicas do neocapitalismo e a reação dos mecanismos socializantes desembocando nos conflitos ideológicos da política e suas efetivas formas de decisão, forçarão cada vez mais sua inclusão no âmbito da pesquisa geográfica.

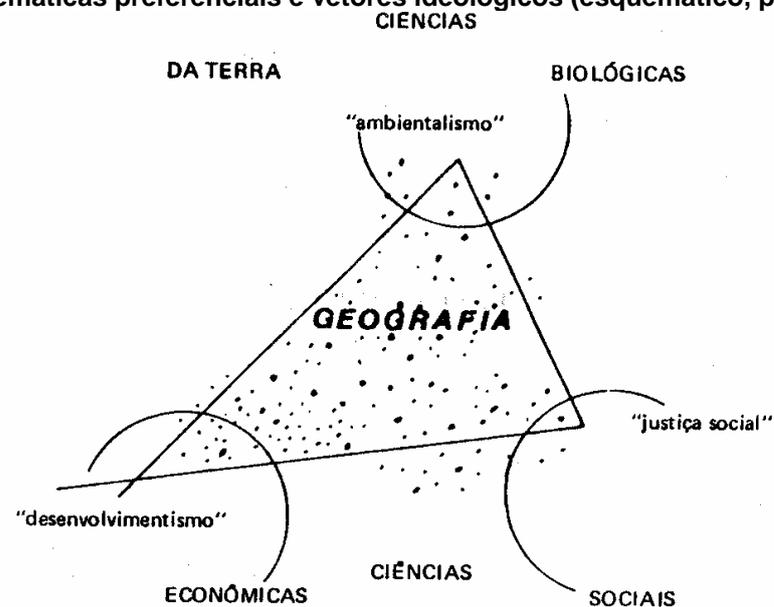
**Figura 1 – Tentativa de caracterização da comunidade de geógrafos no Brasil**

**1 - A estrutura de atuação (esquemático, sem qualquer apoio de quantificação)**



- A - Grupo Acadêmico (professores pesquisadores universitários comprometidos em programas de pós-graduação)  
 B - Grupo Tecnocrata (geógrafos em direção de pesquisa em organismos estatais)  
 C - Grupo Docente Universitário (professores pesquisadores comprometidos no ensino superior da Geografia ao nível de Graduação)  
 D - Grupo Técnico (geógrafos trabalhando em instituições públicas ou particulares na aplicação da Geografia ao Planejamento)  
 E - Magistério do Grau Médio  
 F - Universitários

**2 - Tendências temáticas preferenciais e vetores ideológicos (esquemático, pressuposto)**



Fonte: MONTEIRO (1980).

Andrade (1987) realizou um estudo da Geografia desde a Antigüidade, passando pela Idade Média, os tempos modernos, a Geografia Contemporânea e a Clássica. Enfatizou que o ensino e a pesquisa da Geografia no Brasil só se institucionalizou após a Revolução de Trinta, quando a burguesia e a classe média urbana passaram a ter maior influência sobre o governo e a atenuar o poder da burguesia agrário-exportadora. Relata, ainda, que, neste período, foram publicados vários livros de interesse geográfico, influenciados, sobretudo, pelos geógrafos alemães e franceses.

Pereira (1994) mostrou, através de uma visão panorâmica, a situação da Geografia na Europa e no Brasil, desde o século XVI até os princípios do século XX. Na Europa o movimento geográfico se concentrava em torno de uma atividade histórica e matemática, ou seja, o predomínio, por um longo tempo, das descrições geográficas lineares ou literárias, com espírito enciclopédico. Verifica-se dentro da corrente científica, o predomínio da Geografia Matemática por meio da Cartografia, que concentra a atividade geográfica; as explorações costeiras numerosas, em detrimento da revelação do interior dos continentes; as descrições geográficas lineares; e, no âmbito da corrente histórico-descritiva, as descrições geográficas literárias. No Brasil, do século XVI ao princípio do século XX ocorreram, dessa mesma forma, as descrições do complexo geográfico. Os fatos geográficos destas descrições aparecem isolados, sem o estudo de sua gênese e estrutura.

O autor descreve as contribuições de pioneiros que deixaram conhecimentos, ainda que superficiais, dos diferentes aspectos geográficos do Brasil, desde a sua descoberta. Destaca que no início, como na maior parte do século XIX, a Geografia, no Brasil, se beneficiou das investigações dos naturalistas, principalmente estrangeiros, que trouxeram suas idéias e aplicaram aos estudos que aqui realizaram.

Segundo Andrade (1989), desde a década de sessenta alguns grupos de geógrafos passaram a contestar os paradigmas, os métodos e as reflexões feitas no campo da Geografia em face da dissociação que admitiam existir entre o discurso dos geógrafos e as relações entre a sociedade e a natureza que observavam.

Os princípios e as normas desenvolvidos pela Geografia Clássica, que defendia uma hipotética neutralidade do conhecimento científico e estabelecia limites para o desenvolvimento da reflexão geográfica e o afastamento das preocupações teóricas, foram postos em choque por geógrafos que defendiam um

maior comprometimento social da Geografia e procuravam princípios gerais que norteassem a reflexão e a pesquisa geográfica.

Desta forma, se procuravam novos rumos que direcionassem as pesquisas e novos caminhos metodológicos para atingir os fins desejados. Uma das correntes, a dos neopositivistas convencidos da existência de uma evolução linear e uniforme do conhecimento científico, deu mais importância aos métodos que aos fins e partiu para uma aplicação geral e indiscriminada dos métodos matemático-estatísticos e dos sistemas computacionais, ou seja, tratavam um país de dimensões continentais e com diversidade de níveis de desenvolvimento, como uma unidade, porém sem preocupações ecológicas, políticas e sociais.

Talvez tenha sido por isso que receberam o apoio de órgãos governamentais que, neste período, não tinham preocupação com a qualidade de vida da população e exerciam um forte controle ideológico da produção do pensamento crítico. Outra corrente, porém minoritária, chamada crítica ou radical, ganhou prestígio e importância nas décadas de setenta e oitenta do século XX. Refletindo sobre os estudos geográficos anteriores, essa corrente procurou retirar o máximo de informações e manter a linha de respeito às diversidades dentro da unidade, conduzindo o pensamento em direção à análise dos problemas sócio-espaciais e à procura de caminhos que democratizassem a ciência e oferecessem uma contribuição ao desenvolvimento do país.

Carlos (1992) relata que a década de sessenta marca um momento na Geografia brasileira em que se contrapõem duas grandes tendências. No Rio de Janeiro desenvolveu-se no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a chamada Nova Geografia ou Geografia Quantitativa, influenciando a maioria das pesquisas. Essas pesquisas, de fundamentação matemática, mostravam a realidade a partir da regularidade dos fenômenos no espaço, fazendo da técnica um fim em si mesma. Já em São Paulo, na Universidade de São Paulo, as pesquisas realizadas tomavam rumo diverso.

Contraopondo-se as idéias esboçadas por Berry, e fiéis à escola francesa de interpretação da realidade, desenvolvem-se pesquisas baseadas nos fundamentos da chamada Geografia Ativa, sob a influência de Pierre George, que nasce da constatação da extrema mobilidade das situações atuais, conduzindo a um estudo ativo que pode inspirar ou guiar as ações (CARLOS, 1992, p. 132).

A partir da matriz do historicismo se aborda duas tendências: a marxista determinando as bases do movimento chamado Geografia Crítica ou Geografia Radical e a Fenomenologia. O materialismo dialético permitiu a interdisciplinaridade, buscando transformações na Geografia, ou seja, esta nova perspectiva mostra a necessidade de repensar a relação homem-natureza.

Machado (2003, p. 347) relata que,

[...] confirmando a tese de Horácio Capel, a recusa dos geógrafos brasileiros em cavucar as origens do pensamento geográfico entre nós, se deve, em grande parte, à estratégia para a institucionalização da disciplina, que tem permeado sua evolução desde a década de 1930.

Segundo a autora a criação do Conselho Nacional de Geografia, a criação dos cursos universitários de geografia naquele período e a sua incorporação na grade curricular das escolas secundárias, podem indicar que a estratégia foi bem sucedida. Porém o preço tem sido alto: do ponto de vista institucional, a ambivalência entre a geografia “técnica” (realizada pelo geógrafo) e a geografia escolar (realizada pelo professor); do ponto de vista científico/político, uma pretensa neutralidade, que além de suprimir o debate com os cientistas sociais suprimiu o debate epistemológico, do ponto de vista cognitivo, o que tem dificultado o reconhecimento da relação entre quaisquer teorias geográficas e a ciência de modo geral.

Segundo Santiago (2002) “para se compreender objetivamente a criação dos conhecimentos geográficos no/do Brasil, não se pode separar os aspectos construtivos/cognitivos do processo que engendrou a sua formação territorial, social, econômica, política, cultural” (p. 1).

Santiago (2002, p. 4), relata que

Os referenciais teóricos com relação às periodizações, mais novas, sobre a evolução do pensamento geográfico no Brasil, neste século, estão contidos em vários estudos desenvolvidos no domínio da história desse pensamento, principalmente nos anos setenta e oitenta por Sodré (1976), Monteiro (1980), Moraes (1981), Bernardes (1982), Andrade (1987) e, mais recentemente nos anos noventa do século XX, por Santiago (1990).

Segundo o autor, o conhecimento geográfico, até a terceira década do século XX, era produzido de forma dispersa, espontânea e sem grandes preocupações com a sua sistematização, sendo que não existia autonomia na produção científica da Geografia brasileira, “no sentido da existência de centros especializados na produção e difusão da Moderna Geografia”.

Os estudos de Monteiro (1980) foram divididos em quatro etapas, abrangendo 43 anos (1934-48; 1948-1956; 1956-1968; 1968-1977), sendo que a partir de 1977 poderia iniciar um novo período. Bernardes (1982) dividiu seus estudos em cinco fases (1935-1945; 1946-1956; 1965-1969; 1970-1978; 1978-...). Andrade (1987) realizou uma abordagem sem uma preocupação linear e simetricamente compartimentada de períodos, demonstrando uma contextualização mais ampla da evolução do pensamento geográfico.

Souza Neto (2000) discute a relação entre a ciência geográfica e a construção material e simbólica do mundo moderno. Assim, o autor busca elementos para a compreensão do Brasil e da Geografia produzida nos últimos cinco séculos.

O autor relata que o Brasil foi construído como território a partir das muitas leituras que os cronistas, viajantes e exploradores fizeram dele. Nota-se, assim, a importância dos relatos históricos para se compreender como o Brasil foi explorado. Segundo o autor, muitos trabalhos produzidos ao longo dos últimos séculos através de instituições vinculadas ao governo serviram como registros dos acontecimentos e fatos que marcaram a construção do território brasileiro.

## 4 A GEOGRAFIA FÍSICA NO BRASIL

De acordo com Corrêa (1986), no decorrer do tempo a Geografia tem sofrido transformações no que diz respeito à maneira de abordar o meio ambiente. A construção de uma visão de área está relacionada a própria evolução do pensamento científico na Geografia. O autor aponta que existem correntes principais do pensamento geográfico que são: Determinismo Ambiental, Possibilismo, Método Regional, Nova Geografia e Geografia Crítica, seguindo uma seqüência histórica sem excluir nenhuma delas em cada momento onde há uma ou mais correntes dominantes.

Até o início do século XIX os trabalhos de Geografia faziam parte de um saber globalizante da realidade, não desvinculado de outras ciências. A partir da segunda metade do século XIX a Geografia, como ciência acadêmica, passa a ter um enfoque menos global e as condições naturais ou os elementos da Geografia Física é que determinam o comportamento do homem e a sociedade passa a ser explicada por mecanismos que ocorrem na natureza. Desta maneira o Determinismo Ambiental foi um primeiro paradigma a caracterizar a Geografia que emerge neste período, com a passagem do capitalismo concorrencial para uma fase monopolista e imperialista.

No final do século XIX e na primeira metade do século XX surge, inicialmente na França e depois na Alemanha e nos Estados Unidos, o Possibilismo, como reação ao Determinismo Ambiental, que focaliza as relações entre o homem e o meio natural, porém sem considerar a natureza como fator que determina o comportamento humano. O homem passa a ser agente geográfico e a paisagem vista como criação humana, sendo transformada em cultural ou geográfica.

O Método Regional, terceiro paradigma da Geografia, que se opõe ao Possibilismo e ao Determinismo Ambiental, destacou-se por meio dos estudos das diferenciações espaciais que permitiu a delimitação de áreas ou regiões baseadas em aspectos naturais e humanos. Foi a partir dos anos quarenta do século XX, sobretudo nos Estados Unidos, que este paradigma se destacou. Foi o geógrafo norte-americano Richard Hartshorne (1899-1992) o responsável pela valorização deste paradigma, com sua obra "Propósitos e Natureza da Geografia".

A Nova Geografia ou Geografia Quantitativa surgiu em meados da década de cinquenta do século XX, estabelecendo modelos teóricos baseados em

técnicas estatísticas e na Teoria Sistêmica de Ludwig von Bertalanfy (1901-1972). Esta Geografia nasce na Suécia, na Inglaterra e nos Estados Unidos, simultaneamente, sendo que nos Estados Unidos surge como uma crítica à Geografia Hartshorniana. Este paradigma procura leis ou regularidades empíricas sob a forma de padrões espaciais.

A Geografia Crítica surge fazendo críticas profundas à Geografia Clássica e à Geografia Quantitativa, contestando o pensamento dominante e participando do processo de transformação da sociedade. Nas décadas de setenta e oitenta do século XX a Geografia Crítica reinterpreta os aspectos abordados na Geografia com base na teoria marxista, isto é, na dialética e no materialismo histórico. O homem visto como um ser passivo passa a ser encarado como principal atuante sobre o meio, produzindo seu espaço.

Nesse período a Geografia Ambiental surge como mais uma corrente do pensamento geográfico e os seus adeptos pertenciam às escolas ligadas às Geociências ou às Ciências da Natureza. Foram desenvolvidas em países de língua inglesa (Estados Unidos, Inglaterra e Austrália), onde os pesquisadores defendiam uma abordagem sistêmica e o homem sendo encarado como um ser integrante e interagente do meio, do ecossistema.

Segundo Mendonça (1989), até a década de cinquenta do século XX, a Geografia Física caracterizou-se por estudos dos aspectos do quadro natural do planeta, de maneira individualizada entre si e distante da Geografia Humana, constituindo-se numa ciência da natureza, distante do princípio básico da Geografia no geral.

Se no estudo da geografia a relação entre o homem e a natureza aparece como objetivo básico, aquela geografia física demartonianiana esteve sensivelmente longe dos propósitos na medida em que excluiu, que completamente, o homem de seu quadro de abordagens e preocupações, servindo como mero auxiliar de suporte para a geografia humana em alguns estudos e casos (MENDONÇA, 1989, p. 34).

Segundo o autor, a década de cinquenta do século XX configurou-se como um período de reconstruções gerais no mundo, principalmente nas áreas mais atingidas pela Segunda Guerra Mundial. As invenções e os descobrimentos decorrentes do conflito produziram mudanças espetaculares na evolução do pensamento da humanidade, progressos e transformações no seio das ciências. Os avanços nos estudos da meteorologia impulsionaram os conhecimentos da

atmosfera de forma mais detalhada e influenciaram o desenvolvimento da climatologia, que assume um novo caráter e passa a encarar o clima do planeta de forma dinâmica, baseando-se mais nos controles climáticos que nos fenômenos locais. As consequências da guerra se fizeram sentir na alteração dos componentes bióticos (seres vivos) do planeta. A vegetação, o ar e a água do planeta alteraram-se em graus diferenciados, em níveis local e geral.

Este período marcou o apogeu da aplicação da Teoria Geral dos Sistemas às Ciências da Terra. A aplicação deste método, associado à Teoria dos Modelos e à utilização da quantificação, caracterizou uma nova produção do conhecimento geográfico, originando a Nova Geografia.

Alguns aspectos, como a divisão do mundo em áreas de influência de potências economicamente dominadoras, estão ligados à organização do espaço mundial após a Segunda Guerra Mundial e provocaram alterações marcantes no quadro físico do planeta.

A nova organização do espaço mundial entre países capitalistas e socialistas atuou sobre o desenvolvimento das ciências em geral. Nos países socialistas o desenvolvimento das ciências humanas enfraqueceu em função da censura à crítica ao sistema. Já nos países capitalistas sem ditaduras os questionamentos sociais e da organização do poder auxiliaram no desmascaramento de injustiças sociais, permitindo avanços no progresso da democracia.

Dentre as áreas da Geografia, a Geografia Humana foi a que mais se desenvolveu sob essas influências ideológicas dentro das ciências. Nos países capitalistas abertos como a França, os geógrafos humanos aliaram parte do método quantitativo à concepção dialética da sociedade, utilizando o método marxista para desenvolver as análises das transformações sociais, principalmente no fim dos anos cinqüenta, rendendo assim um salto qualitativo à Geografia Humana.

Porém este progresso não foi estendido às transformações espaciais que se processaram simultaneamente às sociais. A separação entre Geografia Humana e Geografia Física não diminuiu, pois a primeira se aproximava da sociologia e da economia, enquanto a segunda estreitava laços com as ciências da terra e da natureza.

Neste período a Geografia Física desenvolveu-se tanto em países socialistas como capitalistas, como ciência da natureza desvinculada das relações sociais, sendo que o emprego da Teoria dos Sistemas, Modelização e Quantificação marcou profundamente a produção da Geografia Física durante as décadas de

cinquenta e sessenta do século XX, no mundo. Produziu-se uma ciência de caráter neopositivista que valorizava as análises de fenômenos específicos e suas inter-relações, ao mesmo tempo em que se aproximou das ciências que lhe serviam de base. O surgimento do método denominado Geossistêmico (metodologia científica específica para os trabalhos de Geografia Física) marcou este período.

No final dos anos sessenta do século XX buscou-se uma reordenação de concepções em função do acirramento das especificações dos seus ramos e da necessidade da interdisciplinaridade científica.

A explosão demográfica mundial a partir dos anos cinquenta do século XX e a consagração do imperialismo capitalista e socialista em nível mundial nos anos sessenta - setenta do século XX fizeram com que ocorresse uma grande disparidade de condições de vida do homem, ameaçando a natureza, fonte de recursos para a continuidade do processo produtivo. Estas ameaças à natureza e à sociedade criaram condições para o surgimento dos movimentos sociais organizados, formados por grupos de pacifistas e ecologistas em países desenvolvidos.

A ecologia passou a ser a ciência “da moda” e devido a antiga proximidade da Geografia Física, houve grandes influências uma sobre a outra, marcando as concepções e trabalhos dos geógrafos físicos durante a década de setenta do século XX. Os trabalhos de geógrafos físicos como Jean Tricart (1920-2003), Jean Dresch (1905-1994) e Georges Bertrand (1935-...), entre outros, podem ser citados como os mais característicos dentro desta linha de produções da Geografia Física e que influenciaram sobremaneira a formação de pesquisadores brasileiros. Esta nova linha de pensamento tem como pressuposto inicial o fato de que a natureza deve ser encarada através de seu próprio sistema de organização e separada da sociedade, como os antecessores da Geografia Física a percebiam. A diferença é que no decorrer desta produção científica, a sociedade, enquanto produtora de ações transformadoras do quadro natural, influenciando e sendo influenciada por ele, é incorporada aos estudos da Geografia Física, mesmo na visão de sistema natural.

A degradação ambiental tem sido muito enfocada pela Geografia Física contemporânea. Esse caráter Ambientalista, diferente do Ambientalismo que caracterizou a Geografia Lablachiana, mostrando a necessidade de compreender a organização social e sua interferência nos processos naturais, provocando sua degradação, tem sido cobrado aos geógrafos físicos. Essa necessidade levou os geógrafos físicos a se interarem dos processos de organização e transformação

sociais que se relacionam com seu objeto de estudo, fazendo com que houvesse uma aproximação com as ciências humanas, pelo menos no campo temático e também no pluralismo de método.

A Geografia Física contemporânea desenvolveu-se principalmente na França, o que é compreensível, pois este país foi ao mesmo tempo palco de grandes manifestações ecológicas nos anos sessenta e setenta do século XX, além das transformações sofridas pela Geografia no sentido de ultrapassar sua fase positivista.

Segundo Mendonça (op. Cit.) o Sistema ou Teoria dos Sistemas pode ser definido como sendo o conjunto de objetos ou atributos e suas relações, organizadas para executar uma função particular. Esta teoria foi desenvolvida inicialmente nos Estados Unidos, no final dos anos vinte do século XX, foi um método que influenciou consideravelmente o desenvolvimento da Geografia. Este método foi aplicado inicialmente aos estudos da termodinâmica e biologia e sua aplicação na Geografia se fez presente bem mais tarde. Na ecologia, Arthur George Tansley (1871-1955), em 1937, utilizando este método, criou o conceito de ecossistema, que mais tarde influenciou a Geografia Física.

A aplicação em grande escala da Teoria dos Sistemas à Geografia deu-se inicialmente nos Estados Unidos durante os anos cinqüenta e sessenta do século XX. Nos anos cinqüenta do século XX, após a união da Teoria Geral dos Sistemas ao Método Quantitativo em Geografia, esta recebeu o nome de Nova Geografia. Essa união só foi possível graças à aplicação também da Teoria dos Modelos, a modelização.

As transformações que mais marcaram o contexto geográfico daquele período foram: a substituição da descrição da paisagem pela sua matematização; a substituição da morfologia da paisagem por uma rigorosa tipologia de padrões espaciais; a substituição das pesquisas de campo pelos trabalhos em laboratórios utilizando computadores; e a matematização da linguagem geográfica.

Esse período ficou conhecido como sendo da “Revolução Quantitativa e Teorética” dentro da Geografia, impulsionando os estudos de Geografia Física e enfraquecendo a abordagem da natureza que tentava levar a ação antrópica como um de seus elementos.

As Geografias norte-americana, soviética e inglesa sofreram diretamente esta influência “Sistêmico-Quantitativo-Modelizadora”, resultando produções de métodos oriundos destas fundamentações na Geografia Física. O Estudo da Paisagem, o Ecossistema, o Geossistema e a Ecogeografia aparecem

como abordagens decorrentes daquele movimento e atualmente constituem-se como métodos de estudos aplicados especialmente à Geografia Física.

O estudo da paisagem se constitui em um dos mais antigos métodos de estudo do meio natural pertencente à Geografia e à Geografia Física. A noção de paisagem originou-se com os geógrafos alemães no século XIX e o seu conceito é de natureza fisionômica, estando ligada ao método de observações e descrições em viagens de descobrimentos realizadas naquele século pelos europeus.

Bertrand (1982) *apud* Mendonça (1989), um dos grandes geógrafos contemporâneos, adotou este conceito metodológico e o redefiniu como sendo

[...] uma proporção do espaço caracterizada por um tipo de combinação dinâmica, portanto instável, de elementos geográficos diferenciados - físicos, biológicos e antrópicos - que, ao reagir dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto geográfico indissociável que evolui em bloco, tanto sob os efeitos das interações entre os elementos que o constituem como sob o efeito da dinâmica própria de cada um dos seus elementos considerados separadamente.

Devido ao caráter descritivo do quadro natural do planeta, além das falhas, indefinições e lacunas quanto à delimitação das áreas de extensão de diferentes paisagens, esta metodologia é pouco empregada nos estudos modernos de Geografia Física (MENDONÇA, 1989).

Com uma abrangência mais ampla do que o quadro da pesquisa naturalista clássica, o ecossistema constitui-se no modelo integrador dominante do estudo da biosfera. O ecossistema pode ser definido como as inter-relações que os organismos de determinado local estabelecem entre si e o meio abiótico, ou seja, é a soma da biocenose (conjunto de animais e plantas de uma comunidade) ao biótipo (grupo de indivíduos geneticamente iguais). Estes sistemas podem ser caracterizados por sua biomassa e sua produtividade.

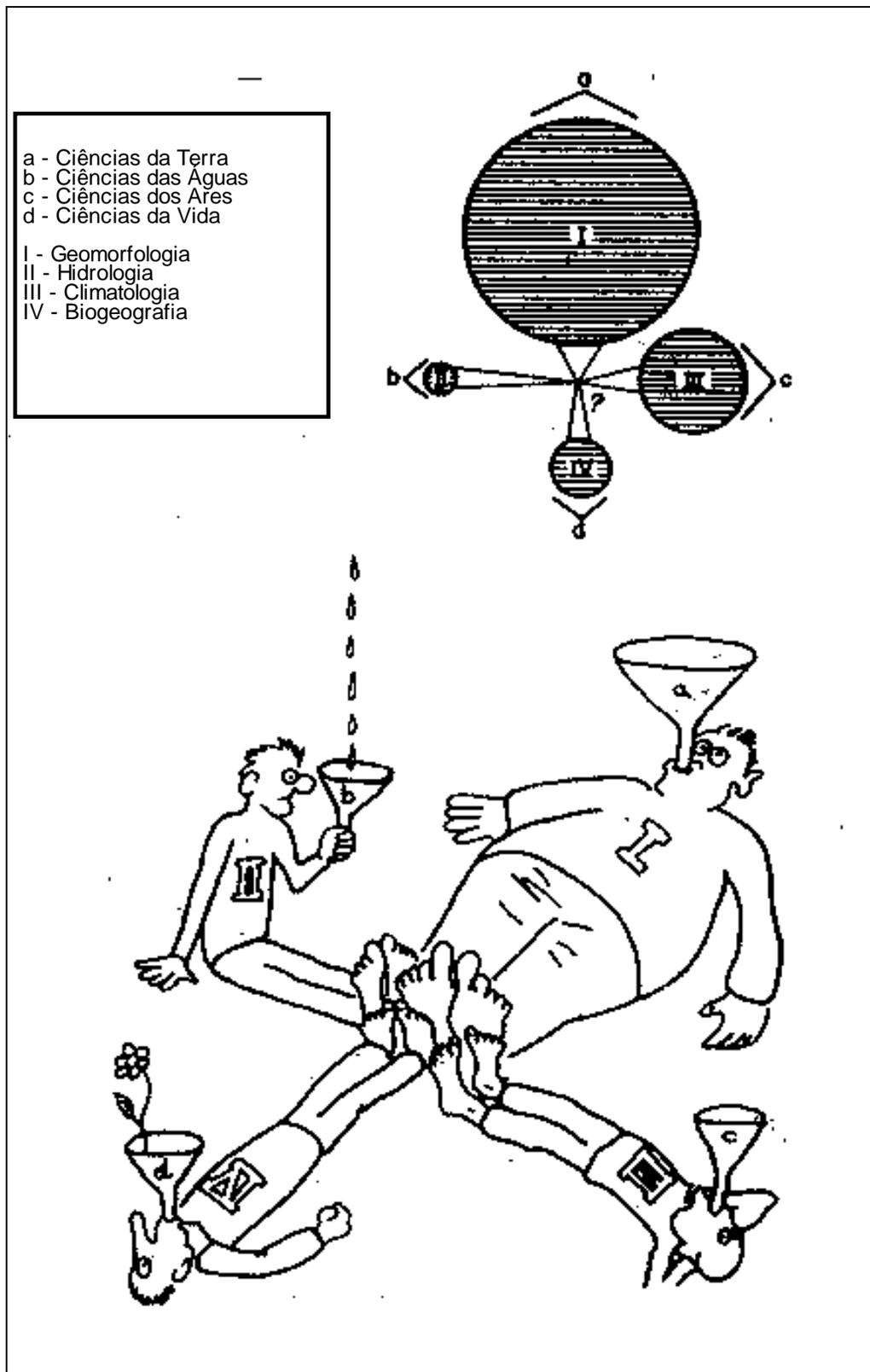
A abordagem ecossistêmica é um método de estudo da natureza específico das ciências biológicas, particularmente da ecologia. Alguns geógrafos, na tentativa de compreender o funcionamento dos ecossistemas e, assim, tratar a natureza de forma sistêmica, propuseram aplicar à Geografia Física as conceituações e os métodos inspirados nos ecossistemas, como o conceito de “Sistema de Erosão” desenvolvido por André Cholley (1886-1968) nos anos quarenta do século XX – uma das primeiras aplicações da abordagem sistêmica à Geografia. O termo biocenose, considerado por alguns geógrafos como sinônimo de ecossistema, apareceu como uma influência deste método à Geografia Física.

Na década de sessenta do século XX, os soviéticos, inspirados pelas ciências naturais da Europa Central (Alemanha) e incitados pela política de reconhecimento e valorização de terras virgens naquele país, criaram um método de estudo específico para esse ramo da Geografia: o Geossistêmico. O criador deste método foi V. B. Sotchava, em 1962, utilizando os princípios sistêmicos e a noção de paisagem, definindo-o como a expressão dos fenômenos naturais, ou seja, o potencial ecológico de determinado espaço no qual há uma exploração biológica, influenciando fatores sociais e econômicos na estrutura e expressão espacial, porém sem haver necessariamente uma homogeneidade.

Em termos de abordagem, o Geossistema utiliza a análise integrada do complexo físico-geográfico, ou seja, a conexão da natureza com a sociedade humana. Os Geossistemas são fenômenos naturais, porém seu estudo engloba os fatores econômicos e sociais das paisagens modificadas pelo homem. Esta metodologia encontra-se em desenvolvimento e apresenta problemas quando da produção de modelos, entre outros.

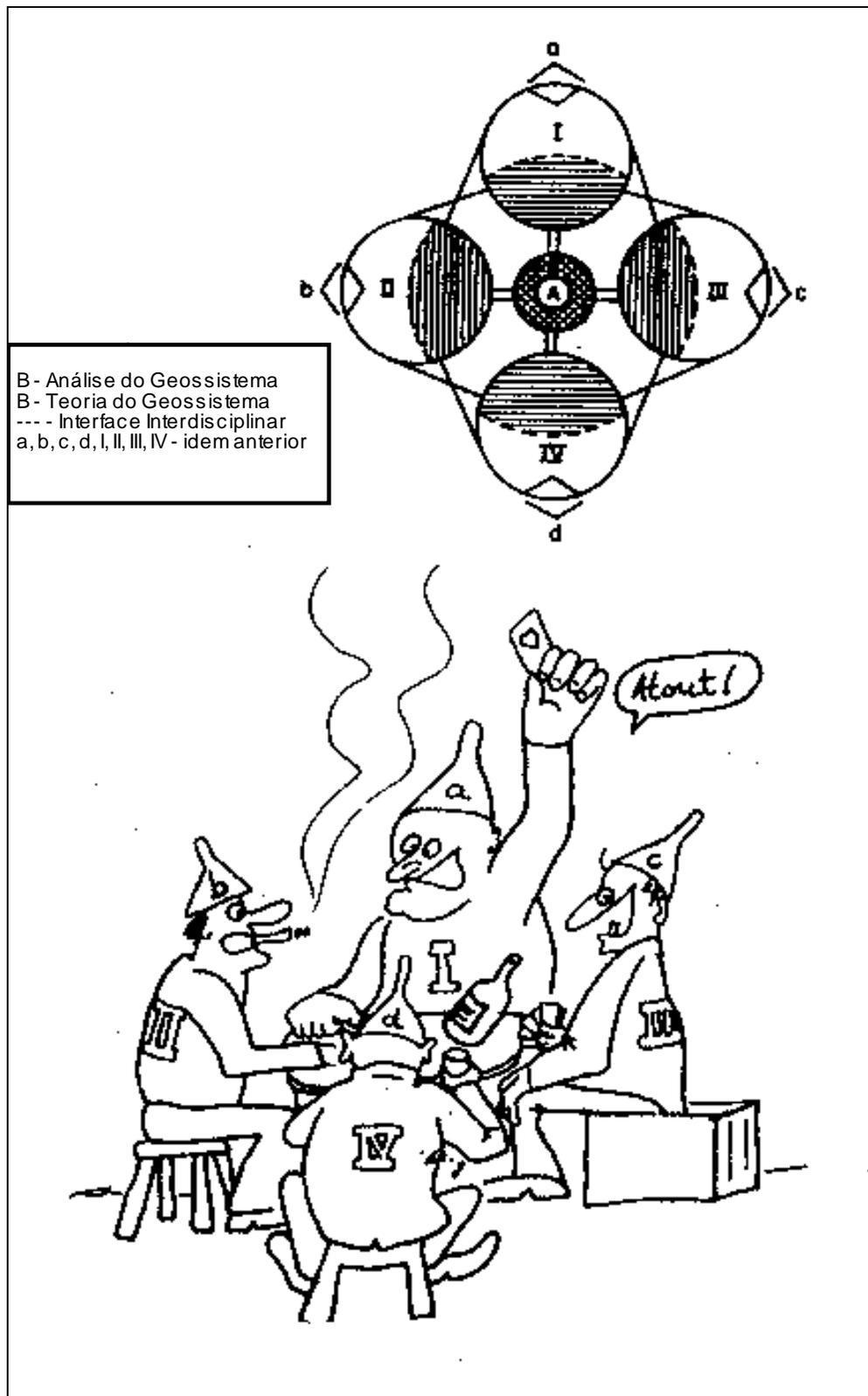
As figuras a seguir mostram uma comparação feita por Bertrand (1982) entre o modelo da Geografia Física atual e o modelo da Geografia Física Geossistêmica. A Figura 2 representa o modelo da Geografia Física atual, com sub-ramos desenvolvidos separadamente e diferenciados segundo uma hierarquia, onde a Geomorfologia possui um nível mais elevado que os outros ramos, seguida pela Climatologia, Biogeografia e Hidrologia, enquanto que a Figura 3 representa o modelo da Geografia Física Geossistêmica, que não apresenta uma hierarquização entre os ramos da Geografia, sendo que todos são trabalhados inter-relacionadamente.

Figura 2 – Modelo da Geografia Física atual



Fonte: BERTRAND (1982) apud MENDONÇA (1989).

Figura 3 – Modelo da Geografia Física Geossistêmica



Fonte: BERTRAND (1982) apud MENDONÇA (1989).

No final da década de setenta surge no contexto da Geografia Geral e da Geografia Física, particularmente, uma nova metodologia baseando-se na ecologia como ciência auxiliar. Esta metodologia, proposta por Jean Tricart (1920-2003) e Jean Kilian, é chamada de Ecogeografia.

Para esses autores, o homem, como todos os outros seres vivos, é um elemento da natureza, com a qual está ligado por múltiplas relações de interdependência. Assim, o homem é considerado como parte integrante dos ecossistemas, sem os quais não poderia existir. A Ecogeografia é definida como o estudo de como o homem se integra nos ecossistemas e como esta integração é diversificada em função do espaço terrestre, envolvendo dois aspectos principais: a dependência natural dos homens ao ecossistema e as modificações voluntárias ou não que o homem provoca nos ecossistemas. Estas alterações implicam alterações na ecodinâmica (dinâmica dos ecossistemas).

Esta metodologia tem como objetivo básico auxiliar no planejamento e utilização do meio natural a fim de não permitir sua devastação, percebendo-se, desta maneira, uma tendência nos estudos de Geografia Física contemporânea: a preocupação com a degradação ambiental.

Sotchava (1977) relata que o estudo de geossistemas (classe de sistemas abertos e hierarquicamente organizados) vem sendo utilizado com grande frequência em pesquisas na tentativa de utilização e conservação do ambiente, sendo que para a realização do estudo de geossistemas há necessidade da participação direta de geógrafos especializados em Geografia Física, pois estes profissionais têm as condições necessárias para desenvolver vários tipos de modelos de projetos para as diferentes situações, que deverão acompanhar as transformações planejadas. Embora os geossistemas sejam fenômenos naturais, todos os fatores econômicos e sociais que influenciam sua estrutura são levados em consideração durante o seu estudo.

Segundo Christofletti (1979), a Teoria Geral dos Sistemas foi desenvolvida inicialmente nos Estados Unidos, na década de vinte. Embora a noção de sistema seja mais antiga na esfera científica, sua utilização permaneceu mais como termo designativo do que sendo objeto de investigação. Entre as décadas de sessenta e setenta houve um impulso na aplicação da teoria dos sistemas aos estudos geográficos, sendo que esta teoria serviu para melhor focalizar as pesquisas e delinear com maior exatidão o setor de estudo desta ciência, além de propiciar

oportunidade para reconsiderações críticas de muitos dos seus conceitos. O autor relata, ainda, que no âmbito da Geografia, todos os seus setores se revitalizaram pela utilização da abordagem sistêmica.

Tendo em vista que no Brasil havia pouca literatura sobre a análise sistêmica, o trabalho de Christofolletti (1979) visou preencher esta lacuna, difundindo as idéias e conceitos básicos da teoria dos sistemas, apresentando exemplos e elucidando a noção de equilíbrio e de aplicabilidade da lei do crescimento alométrico.

Monteiro (1981) relata que, entre a década de setenta e oitenta do século XX, houve uma tomada de consciência da população em relação às inúmeras agressões que vinham se multiplicando no Brasil em relação à natureza e aos níveis insatisfatórios da qualidade ambiental, numa sucessão de eventos que assustou pela rapidez e intensidade.

Troppmair (1983) relata que graves problemas ambientais, como poluição do ar, do solo, da água, radiação e degradação de ecossistemas, causados pelas atividades humanas, ameaçando com grande intensidade a qualidade ambiental e a espécie humana exige providências para a minimização e/ou solução deste problema de ordem nacional e mundial, através do uso racional do espaço geográfico e dos recursos naturais, com a colaboração de toda a sociedade. Segundo o autor, na década de setenta o objetivo fundamental da pesquisa ambiental era direcionado para verificação dos danos causados ao meio ambiente. Já na década de oitenta procura-se, através da pesquisa interdisciplinar, o planejamento do uso dos recursos naturais visando o ótimo da organização espacial-ambiental.

Acot (1990) relata que a partir da eclosão da crise ambiental, ocorrida entre 1968 e 1972, alguns geógrafos se dedicaram a estudos para a compreensão da relação sociedade-natureza, fazendo com que a Geografia se mostrasse como uma ciência capaz de estabelecer esta relação. Tendo em vista as diversas degradações da natureza consecutivas à ação transformadora dos homens, tais como: desertificação milenar, extinção aceleradas de espécies, fragilidade crescente dos agrossistemas, poluições industriais e domésticas, destruição das paisagens e degradação do quadro da vida urbana tradicional, houve uma necessidade de reagir e compreender melhor as causas e os mecanismos dos desequilíbrios. Entre o fim do século XIX e os anos setenta do século XX emergiram três atitudes que se

completaram e constituíram os principais componentes do chamado “ecologismo”: a conservação da natureza, o biologismo social e a sacralização objetiva de uma natureza mítica.

A conservação da natureza consistiu em tentar salvar o que restava da natureza “original” (ou do que se acreditava ser a natureza original), ou seja, preservar um patrimônio multimilênar em via de desaparecimento. Foi assim que se criou a maior parte das áreas protegidas.

O biologismo social consistiu na integração do homem com a natureza, organizando-se de modo que houvesse uma interação de todos os elementos em uma grande rede de relações.

A sacralização objetiva de uma natureza mítica consiste no retorno ao sagrado. O homem percebeu que estava destruindo a natureza e tentou salvar o que restava, demonstrando, assim, que tinha consciência da necessidade da natureza para continuar sobrevivendo.

Monteiro (1981) relata que na Conferência de Estocolmo, cerca de 122 nações produziram 12.000 páginas de documentos condensados posteriormente em 500. Porém este esforço, no final, resultou apenas em “recomendações”. Por essa razão a Conferência tornou-se um símbolo, um referencial na História do século XX como o momento da eclosão da “questão ambiental”.

Acot (1990) relata que na Conferência de Estocolmo foram lançadas as bases de uma Legislação Internacional do Meio Ambiente, onde se uniu a proibição do armamento atômico aos grandes problemas ecológicos, e onde a discriminação racial, o “*Apartheid*” e o colonialismo foram condenados. O autor realizou um levantamento histórico de como ocorreu a degradação do meio ambiente entre o fim do século XIX e os anos setenta do século XX, mostrando a necessidade de compreender melhor as causas e os mecanismos dos desequilíbrios ambientais.

Segundo Gregory (1992), o interesse pela conservação do meio ambiente começou na metade do século XIX, mas teve pouca influência na Geografia Física até o século XX, tendo recebido pouca atenção por parte dos geógrafos.

Entre a década de setenta e oitenta do século XX, com a intensificação da “onda ambientalista”, os pesquisadores começam a discutir e produzir trabalhos ligados à área de Geografia Física, sendo que a maior parte destes, por estarem ligados às Universidades, tinham, assim, uma vida acadêmico-científica.

Segundo Mendonça (2002) a abordagem ambiental, analisada no campo do pensamento geográfico moderno pode ser concebida a partir de dois grandes momentos. O primeiro momento, onde o ambiente configurava-se em sinônimo de natureza, prevaleceu desde a estruturação científica da geografia até meados do século XX, podendo ser observado como uma postura filosófica perante o mundo por parte de cientistas e intelectuais, incluindo os geógrafos. O segundo momento pode ser observado como o rompimento com a característica descritivo-analítica do ambiente natural, passando a abordá-lo na perspectiva da interação sociedade-natureza, propondo de forma detalhada e consciente, intervenções no sentido de recuperação da degradação e da melhoria da qualidade de vida do homem.

Camargo (1998) realizou uma reflexão teórica e metodológica sobre a Biogeografia no Brasil, preocupando-se com seu objeto de estudo, campo e métodos de análise, bem como procurando verificar quais as relações com a Geografia Física e com a Geografia de modo geral. O principal objetivo foi o de levantar, analisar e refletir sobre a evolução, a produção e as tendências futuras da Biogeografia, no âmbito da Geografia, através da análise de trabalhos oriundos das mais variadas fontes e do mais variados autores, sendo, contudo, diretamente relacionados com a temática biogeográfica.

O autor discutiu questões relevantes sobre a natureza do pensamento biogeográfico brasileiro, do ponto de vista do geógrafo, assim como verificou como os geógrafos nacionais têm encarado esse ramo do saber. Sobre a evolução do pensamento biogeográfico, no âmbito da ciência geográfica, o autor apresenta amplo relato histórico desde o período de descobrimento do Brasil (1500) até a última década do século XX. Sobre a análise dos trabalhos biogeográficos no âmbito das revistas geográficas e outras publicações levantadas o autor apresenta dados relevantes que demonstram os inúmeros enfoques resultantes da ciência complexa que é a Biogeografia. Com relação à importância e às perspectivas futuras da Biogeografia, Camargo (1998, p. 291) conclui que,

[...] A Biogeografia ultimamente está se tornando uma disciplina importante no âmbito da Geografia, pois sendo entendida como a ciência que se preocupa com a explicação e com a distribuição dos seres vivos (vegetais e animais) na superfície terrestre, ou mais modernamente, sendo concernente com os estudos dos processos biológicos, juntamente com os derivados do Homem (da Sociedade)

e operando tanto no âmbito natural como no cultural, pode dar uma grande contribuição para o estudo da interpretação dos padrões e mudanças nas paisagens naturais e culturais da atualidade, bem como da paisagens passadas (Paleobiogeografia) [...].

Viadana (2004) relata que entre os geógrafos físicos, os biogeógrafos foram os primeiros a perceber a dinâmica integrada dos componentes paisagísticos, como estrutura geológica, clima, solo, relevo, vegetação e hidrografia, sem incidir para a avaliação isolada e individualizante do espaço geográfico. Assim, os biogeógrafos deram início a novas tendências no seu campo específico de estudo, fundamentados numa visão holística ou de conjunto, proporcionando grande progresso na produção biogeográfica e na própria Geografia.

Suertegaray e Nunes (2001) discutem a natureza e a produção da Geografia Física atual no âmbito da ciência geográfica, a partir do levantamento feito nos Anais do XII Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Florianópolis (SC), em julho de 2000 e do 8º. Encontro de Geógrafos da América Latina, realizado em Santiago (Chile), em março de 2001. Os autores relatam que a intenção foi pensar sobre a produção geográfica referente ao conhecimento que se denominou Geografia Física, ou seja, o conhecimento referente à natureza.

Cidade (2001) realizou um amplo levantamento bibliográfico e histórico com o objetivo de “explorar formas de abordagem da relação sociedade-natureza em diferentes fases da longa constituição dos fundamentos do pensamento geográfico” (p. 101).

Segundo a autora,

Uma das hipóteses que norteiam a discussão é que o contexto social e material da sociedade estabelece um cenário para as visões de mundo em diferentes épocas. Outra é que visões de mundo dominantes na sociedade, particularmente no pensamento filosófico e científico, influenciam representações da natureza. Finalmente, outra hipótese orientadora é que visões da natureza se expressam no pensamento geográfico e são, por sua vez, influenciadas por esse conhecimento (p. 101).

Segundo Cidade (2001, p. 116), “no longo percurso em busca de uma identidade aglutinadora e do estabelecimento de bases epistemológicas convincentes, a geografia tem sido objeto de inúmeras críticas”. Enquanto parte dessas críticas provém de áreas externas à disciplina, a maior fonte de cobranças

tem sido interna. A expressão das dificuldades encontradas pela geografia, às quais se atribui a impossibilidade de constituir-se como síntese, está em uma espécie de dualidade que, de resto, não atinge apenas essa disciplina. Essa dualidade se expressa particularmente no tratamento das relações sociedade-natureza.

Com relação à separação entre sociedade e natureza, freqüentemente considerada característica essencial do capitalismo, com reflexos nos sistemas de pensamento que o acompanharam Cidade (2001) relata que se mostrou mais antiga, aparecendo desde os povos primitivos e que o desenvolvimento social e econômico acompanhou-se de uma transformação progressiva da natureza. “Em síntese, torna-se cada vez mais claro que, enquanto a separação entre sociedade e natureza é bastante antiga, o capitalismo, juntamente com os sistemas de conhecimento associados à sua emergência, tornou-se mais aguda essa separação, estabelecendo tendências a uma ruptura” (p. 117).

Cidade (2001) conclui que,

As contradições imbuídas no processo tornaram-se visíveis também na Geografia. Nesse sentido, as diferentes correntes ou paradigmas geográficos têm compartilhado em diferentes graus uma visão segmentada, oriunda de um pressuposto subjacente de ruptura entre sociedade e natureza. O reconhecimento dessa ruptura, no entanto, não implica a expectativa de que uma visão totalizadora ou holística pudesse separar os obstáculos teóricos e metodológicos envolvidos. A questão parece permanecer em aberto (p. 117).

Monteiro (2002, p. 4) traçou o panorama da Geografia que se faz no Brasil, usando como estratégia as seguintes normas:

- a) Assentar as bases da avaliação através dos vetores básicos da produção geográfica, a saber: a Universidade como centro de produção; a Fundação IBGE como aplicação oficial e a Associação dos Geógrafos Brasileiros como refletor das tendências e conflitos na comunidade de geógrafos do Brasil.
- b) Observar, ao longo do século, os eventos básicos no desenvolvimento cronológico linear, de modo a possibilitar uma articulação sincrônica capaz de sugerir definição de momentos ou fases característicos nesta evolução.
- c) Integrar esta possível periodização em face de uma projeção intrageográfica na produção brasileira, com a consideração dos insumos advindos dos eventos mundiais e as respectivas repercussões na Geografia nos centros hegemônicos de saber, do poder econômico e político mundial. Em suma, avaliar as mutações no mundo e em suas geografias ao mesmo tempo em que se avaliam as ligações emanadas dos centros polarizadores e recebidas

nas periferias nesta perspectiva global caracterizada, sobretudo, por grandes diferenças nos graus de desenvolvimento.

d) Finalmente, procurar, nesta periodização, articular as relações entre as direções e tendências da Geografia, com os projetos políticos vigentes no país ao longo do século. Com auxílio de alguns quadros demonstrativos dessas correlações e sintetizadores dessas características em sua periodização, procurar-se-á diminuir a extensão do texto.

O panorama elaborado por Monteiro (2002) foi dividido em duas partes. Na primeira foram descritas as grandes etapas evolutivas: início do século XX (1900-1935), chamada de preparação para a Geografia Científica; alvorecer da Geografia Científica (1935-1968). Na segunda parte foi descrita a travessia da grande crise histórica: soleira do pós-moderno e as grandes mutações (1968-1973); entrada no pós-moderno (1973-1984); e final do século XX e as múltiplas incertezas no início do século XXI (1984-2001).

Conti (1996) relata que o papel dos geógrafos brasileiros tem sido mais destacado na realização de trabalhos climatológicos na América do Sul, principalmente devido, em grande parte, à criação dos cursos de Geografia em nível superior, no quadro das antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, surgidas, pioneiramente, em São Paulo, em 1934, e no Rio de Janeiro, em 1935.

Relata que o modelo de formação geográfica que foi caracterizada pela grande abrangência e ampla integração imprimiu uma diretriz especial aos estudos climatológicos, que passaram a ser feitos dentro de uma perspectiva espacial, constituindo parte integrante dos estudos regionais como uma característica antropocêntrica, por ser uma ciência que estuda, ao mesmo tempo, a natureza e a sociedade.

Sant'Anna Neto (2001) propõe uma Geografia do Clima, contrapondo-se à noção de uma Climatologia Geográfica. Para tanto, recorrendo aos primórdios da Climatologia no Brasil, buscou estabelecer as bases conceituais da incorporação do fenômeno climático à ciência geográfica. Discutiu a revolução paradigmática iniciada por Sorre (1951) e a proposta por Monteiro (1991), a partir da incorporação da noção do ritmo como novo paradigma para a análise geográfica do clima e relata a necessidade de se produzir uma readequação destes conceitos à luz do processo de globalização e mundialização, assumindo os conceitos de apropriação da natureza por uma sociedade estabelecida em classes sociais. Ao final propõe uma discussão que considere uma nova razão para um novo conhecimento do fenômeno

climático numa perspectiva social e de valoração dos recursos naturais.

Zavattini (2003) realizou estudo sobre “a abrangência temporal e espacial dos estudos do ritmo do clima no Brasil, tendo por base as teses e as dissertações produzidas nos programas paulistas de pós-graduação entre 1971 e 2000 e, também, o ‘Inventário das Obras com Análise Rítmica’, elaborado por Zavattini (2001)” (p. 65). O autor relata, ainda, que neste estudo foram “resgatadas algumas obras clássicas do Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro – semeador do ritmo climático no país” (p. 65). A abrangência temporal foi realizada entre o período de 1941 a 2000, demonstrando que, neste período, na abrangência espacial o Estado de São Paulo é o mais estudado pelo paradigma da análise rítmica, assim como a costa brasileira foi bastante estudada. Em todo o Brasil foram realizados inúmeros estudos com base em comparações rítmicas e estudos do ritmo do clima urbano, sendo que estes se encontram concentrados nas regiões Sudeste e Sul. “Entretanto, são também evidentes os enormes vazios rítmicos em nosso país, desde o Sul, passando pelo Sudeste e Centro-Oeste, até serem alcançadas as baixas latitudes do Norte e do Nordeste” (p. 82).

Guerra (2004) faz um resgate dos livros que abordam a Geomorfologia, no Brasil e no mundo, sob os seus mais variados aspectos, com uma infinidade de características. Aborda conceitos sobre a Geomorfologia, bem como sua evolução ao longo do tempo e de que forma atualmente a Geomorfologia Aplicada vem ganhando força no mundo e no Brasil, como um ramo importante dentro da Geomorfologia, apesar de que muitos dos trabalhos que abordam essa área de conhecimento ainda estarem contidos em obras cujo título refere-se à Geologia. O autor discute, ainda, “os principais temas que a Geomorfologia tem abordado nos seus estudos, tendo sido de grande significado na compreensão dos processos geomorfológicos, como também no desenvolvimento desse ramo de conhecimento” (p. 151), como: Geomorfologia Urbana, Geomorfologia das Áreas Rurais e Geomorfologia e Planejamento.

Tomasoni (2004) discute o caráter “transfronteiriço” do objeto da Geografia e a dificuldade que isso representa na identidade científica da disciplina. Discute, em seguida, a crise ambiental como produto das relações sociedade/natureza e o conceito de ambiente e sua aplicabilidade. Concluindo, o autor aborda o papel da Geografia Física no contexto do objeto geográfico.

Conforme pode ser verificado através dos trabalhos acima citados, a Geografia Física que vem sendo produzida no Brasil é motivo de discussão por parte da maioria de geógrafos e pesquisadores que se dedicam ao estudo desse campo de conhecimento da Geografia. A Teoria Geral dos Sistemas ou Geossistemas marcou o desenvolvimento da Geografia Física brasileira até da década de sessenta do século XX. No final desse período e da década de setenta do século XX surge o Ambientalismo devido à preocupação mundial dos pesquisadores em compreender a relação sociedade-natureza.

Os estudos de Ecologia da Paisagem ressurgem em meados dos anos 90 associados as tecnologias de informação e tem sido importante na contribuição da Geografia Física no planejamento da Paisagem.

## **5 INFLUÊNCIAS DE INSTITUIÇÕES E EVENTOS CIENTÍFICOS NA EVOLUÇÃO E PRODUÇÃO DA GEOGRAFIA NO BRASIL**

Algumas instituições como as Universidades, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Associação dos Geógrafos Brasileiros, além dos eventos científicos ligados à área, tiveram grande influência sobre a evolução do pensamento geográfico brasileiro, pois foram instituições responsáveis por publicações, organização de debates e outros eventos que contribuíram para explicitar o debate acadêmico em torno de uma epistemologia geográfica.

### **5.1 As universidades**

Segundo a historiadora Maria Lígia Coelho Prado, docente do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a primeira universidade surgiu em Bolonha, no norte da Itália, no final do século XI. Embora os registros históricos sejam imprecisos, a data mais aceita é 1088, quando o ensino na cidade se tornou livre e independente das escolas religiosas. Pouco depois, no século XII, foi fundada a Universidade de Paris. Esses dois estabelecimentos deram, então, a largada para o surgimento de vários outros estabelecimentos na Europa.

Prado (2004) relata que no Brasil não foi permitida a criação de universidades em sua colônia e que existiam apenas alguns colégios dirigidos por jesuítas. Em 1808, com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil foram criadas algumas atividades nas áreas cultural e educacional. Além da Imprensa Régia e do Jardim Botânico, foram criadas as cadeiras de Anatomia, no Rio de Janeiro, e de Cirurgia, na Bahia e no Rio de Janeiro. Já em 1810 foi fundada a Academia Real Militar e, após, a Academia de Belas Artes.

Durante o período do Império o Governo tomou poucas decisões para a formação de cursos superiores. Desde 1827 havia apenas dois cursos na área de Direito, sendo um em São Paulo e outro em Olinda, que depois foram transformados

em Faculdades de Direito, em 1854. Em 1832 havia também duas Faculdades de Medicina, uma na Bahia e outra no Rio de Janeiro, a partir das cadeiras criadas por Dom João VI. Em 1875 apareceu a Escola de Minas de Ouro Preto, por iniciativa do Imperador Dom Pedro II. Em 1874, a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, cujas raízes estavam na Academia Real Militar, inaugurou o ensino de engenharia em estabelecimento não-militar e com objetivos civis. No final do século XIX é que foram aparecendo outras escolas superiores, em uma perspectiva positivista que valorizava os estudos técnicos, voltadas para o ensino de ciências que tivessem uma aplicação prática. Surgiu, assim, a Escola Politécnica de São Paulo, em 1893, dentre outras escolas em diversas cidades do Brasil, como: engenharia, agricultura e farmácia.

Zusman (1996) já havia relatado que as transformações mais significativas ocorreram no campo intelectual, o que fez impulsionar o processo de institucionalização dos conhecimentos. Dentre as instituições criadas no Brasil com a chegada da corte de Dom João VI ao Brasil estão: a Academia de Guardas Marinhas (1808), a Academia Real Militar (1810), a Escola de Medicina do Rio de Janeiro (1813), a Escola de Medicina de Salvador (1815), o Museu Real (1818) e a Academia de Belas Artes (1818). Relata, ainda, que a criação de centros de estudos teve continuidade no Estado independente com a instalação de um curso de Direito em Olinda (1827) e de um curso de Direito em São Paulo (1828).

Segundo Machado (2000, p. 2),

A estrutura universitária brasileira é uma construção relativamente recente, principalmente se compararmos ao desenvolvimento universitário europeu. No Brasil, embora as primeiras faculdades tenham surgido a partir da transferência da Corte Portuguesa em 1808 e a idéia de criação de uma universidade tenha começado a tomar corpo a partir de 1815, com a elevação do Brasil à condição de Reino, o surgimento das primeiras universidades ocorrerá somente após a proclamação da República (1889), mais precisamente, entre 1909 a 1928. Essas universidades haviam sido fundadas a partir de escolas isoladas como uma mera agregação, e, portanto, não lograram êxito.

Efetivamente, as primeiras universidades brasileiras que conseguiram fixar as bases da atual estrutura universitária nacional surgem no âmbito da política institucional erigida no primeiro governo Getúlio Vargas (1930-1945). Em 1934, é implantada em São Paulo a Universidade de São Paulo, e, em 1935 é implantada no Rio de Janeiro, então capital da República, a Universidade do Distrito Federal, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Segundo Prado (2004) após um longo período de discussões políticas sobre a formação do ensino superior, criação de faculdades e de universidade, em 1920 era fundada a Universidade do Rio de Janeiro, com a agregação de três institutos superiores de formação profissional (Medicina, Engenharia e Direito) já existentes. Em 1927 era fundada a Universidade de Minas Gerais, na mesma linha de agregação de antigas escolas. Porém, essa organização não trazia inovações na maneira de se pensar o ensino superior no Brasil. As alterações foram anunciadas durante o Governo de Getúlio Vargas, em abril de 1931, com a instituição do Estatuto das Universidades Brasileiras, propondo a criação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como “*espinha dorsal*” das Universidades a serem estabelecidas.

Segundo consta no *site* da Universidade Federal do Paraná,

A Universidade Federal do Paraná é a mais antiga universidade do Brasil e símbolo de Curitiba. Envoltas por uma história de muitas conquistas, desde 1912 a UFPR é referência no ensino superior para o Estado e para o Brasil. Símbolo maior da cultura paranaense, a Universidade demonstra sua importância e excelência através dos cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, além de suas áreas de extensão e pesquisa.

A responsabilidade social da universidade, enquanto instituição pública, também é valorizada em suas ações perante a comunidade paranaense.

Além dos campi em Curitiba, a UFPR dispõe de outras instalações no interior e litoral do estado, facilitando o acesso à educação e integrando culturalmente o Paraná (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2005a).

Segundo consta no *site* da Universidade Federal do Paraná, sobre a sua história,

A história da Universidade Federal do Paraná é marcada por grandes feitos e está muito ligada à história de desenvolvimento do Estado do Paraná. Foi a ousadia e a competência de seus idealizadores, motivados pela sociedade paranaense, que fizeram da UFPR a primeira Universidade do Brasil.

Sua história começa em 1892, quando o político Rocha Pombo lançou na Praça Ouvidor Pardinho a pedra fundamental da Universidade do Paraná. Mas devido ao Movimento Federalista o projeto não foi adiante.

Foi apenas em 1912, quando o Paraná sentiu que precisava de massa crítica para defendê-lo, pois seu grupo intelectual era reduzido, que se iniciou novamente o movimento pró Universidade do Paraná. Nessa época, as lideranças políticas também se

mobilizaram em prol da criação da Universidade, pois o Paraná havia perdido a Região do Contestado para Santa Catarina.

No dia 19 de dezembro de 1912, Victor Ferreira do Amaral e Silva liderou a criação efetiva da Universidade do Paraná. Era uma época próspera da economia paranaense, devido à abundante produção e ao bom comércio da erva-mate. “O dia 19 de dezembro representava a emancipação política do Estado e deveria também representar sua emancipação intelectual” – Victor Ferreira do Amaral.

Em 1913, a Universidade começou a funcionar – no início, como instituição particular. Os primeiros cursos ofertados foram Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia, Medicina e Cirurgia, Comércio, Odontologia, Farmácia e Obstetrícia. Após ter fundado a Universidade do Paraná, Victor Ferreira do Amaral – que foi seu primeiro reitor – fez empréstimos e iniciou a construção do Prédio Central, na Praça Santos Andrade, em terreno doado pela Prefeitura. Na década seguinte veio a Primeira Guerra Mundial e com ela a recessão econômica e as primeiras dificuldades. Entre elas uma lei que determinava o fechamento das universidades, pois o Governo Federal não recebia bem as iniciativas surgidas de forma independente nos estados.

Era necessário então criar alternativas para evitar o fechamento da Universidade do Paraná. A forma encontrada na época para driblar a lei e continuar funcionando, foi desmembrar a Instituição em faculdades. Durante mais de trinta anos buscou-se novamente a restauração da Universidade, acontecida no início da década de 50, quando as faculdades foram reunidas e novamente foi formada a Universidade do Paraná. Para essa unificação foi fundamental o apoio da imprensa e da comunidade.

Restaurada a Universidade, a próxima batalha visou sua federalização. Na época o reitor Flávio Suplicy de Lacerda mobilizou as lideranças do Estado e em 1950 a Universidade do Paraná tornava-se uma instituição pública e gratuita.

Após a federalização, deu-se uma fase de expansão da Universidade. A construção do Hospital de Clínicas em 1953, do Complexo da Reitoria em 1958 e do Centro Politécnico em 1961 comprova a consolidação da instituição.

Após 92 anos de história, marcada por perseverança e resistência, a UFPR é, além de símbolo de Curitiba, a maior criação da cultura paranaense. Uma instituição fruto da audácia de seus criadores que se orgulha de ser a primeira do Brasil e ao mesmo tempo é orgulho para todos os paranaenses (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2005b).

Ainda, segundo consta no *site* da Universidade Federal do Paraná,

A Lei Orgânica do Ensino Superior, Rivadavia Correia, aprovada pelo Decreto Federal nº. 8.659 de 05 de abril de 1911 adotava a liberdade e a desoficialização do ensino no país, retirando da União o monopólio da criação de instituições de ensino superior que fora reforçado após o Decreto nº. 3.890 do Código dos Institutos Oficiais de Ensino Superior e Secundário (Epiácio Pessoa) de 1 de janeiro de 1901. Pela Lei Orgânica,

ou Rivadávia, o governo central dispensava também a exigência de equiparação a uma instituição modelo de nível federal, o que tornava possível a criação de universidades pela iniciativa particular. Essa legislação de 1911 foi antecedida pelo surgimento da Escola Universitária Livre de Manaus, em 11 de janeiro de 1909, de existência efêmera, mercê da decadência da economia da borracha. Essa escola, criada pela Lei 601 de 08 de outubro de 1909, teve sua origem na Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas e passou a chamar-se Universidade de Manaus em 13 de julho de 1913 por deliberação de sua Congregação. Segundo um histórico da Universidade de Manaus, que abre edição fac-similar da revista "Archivos da Universidade de Manaos" (1914), publicada pela Universidade do Amazonas em 1989 "a crise que se abateu sobre a Amazônia, após o encerramento do ciclo da borracha, afetou profundamente a Universidade de Manaos que viu seus cursos serem gradativamente desativados, a exceção do curso de Direito (...)" Fonte: Archivos da Universidade de Manaos. Ano IV. v.IV. n.3. p.69-72 e 86; e Estatutos da Universidade Livre de Manaos a que se refere a Lei nº. 601 de 08 de outubro de 1909. Manaos: Secção de Obras da Imprensa Oficial, 1909. Nessa época, com vistas ao teor da Lei Rivadávia, tem-se origem também à fundação da Universidade de São Paulo em 19 de novembro de 1911 e da Universidade do Paraná em 19 de dezembro de 1912.

Em 18 de março de 1915, o Decreto Federal nº. 11.530, da Reforma de Carlos Maximiliano Pereira dos Santos (chamada Lei Maximiliano), novamente exigia que as instituições de ensino superior fossem equiparadas a estabelecimentos oficiais e tivessem cinco anos de funcionamento, em localidade com população superior a 100 mil habitantes. Essa necessidade de equiparação provocou o fechamento da Universidade de São Paulo, em 1917.

Já a Universidade do Paraná, recorreu, em 1918, à estratégia de reformar seus Estatutos, separando as faculdades de Direito, Engenharia e Medicina, e concedendo-lhes autonomia de ensino, mantendo-as porém no mesmo edifício, sob uma única Diretoria. Os diversos cursos existentes agruparam-se no interior dessas faculdades, e foram posteriormente reconhecidas pelo governo federal.

A continuidade de funcionamento de todos os cursos é o caráter que dá a Universidade do Paraná a condição de mais antiga do país, pois esta jamais deixou de funcionar e de lutar por sua restauração, podendo seu "desmembramento temporário" (mas sob uma única Direção) ser interpretado como uma mera estratégia para corresponder às exigências legais do momento.

Portanto, desde a conclusão e aprovação de seus Estatutos e de sua instalação solene, em 19 de dezembro de 1912, em sessão realizada no edifício do Congresso Legislativo do

Estado do Paraná, sob a presidência honorária do Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque (Presidente do Estado); com sua restauração efetiva, ocorrida em 06 de junho de 1946, pelo Decreto-Lei nº. 9323 da União que reconhecia a Universidade do Paraná, num momento de incentivo à expansão de instituições de ensino superior no país e finalmente; com sua federalização, obtida em 04 de dezembro de 1950, pela Lei nº. 1.254 do Governo Federal, a Universidade Federal do Paraná, tem o orgulho de poder dizer que é a UNIVERSIDADE MAIS ANTIGA do País, possuindo inclusive, certificado que comprova a inclusão de seu recorde na edição brasileira do Guinness Book - O livro dos recordes de 1995, como PRIMEIRA UNIVERSIDADE BRASILEIRA - Inaugurada em 1913 (a Universidade do Paraná foi fundada oficialmente em 19 de dezembro de 1912 e iniciou suas atividades de ensino na segunda quinzena de março de 1913, portanto, antes da fundação da Universidade de Manaus, que data de 13 de julho de 1913).

Tudo isto demonstra a constante luta desta Instituição durante seu desenvolvimento ao longo dos últimos 92 anos, para continuar sendo um espaço aglutinador da intelectualidade não só paranaense, que é seu berço, mas de toda a sociedade brasileira, sempre buscando durante sua trajetória, uma colocação entre as melhores do país, graças a sua eficiência e à qualidade dos serviços que sempre presta à sociedade (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2005c).

Com relação à Geografia, consta no *site* da Universidade Federal do Paraná que,

Oficialmente a Geografia no Brasil, só começou a ser lecionada em Instituições de Ensino Superior após a Revolução de 30, com a criação de Cursos Superiores de Geografia e História, nas Faculdades de Filosofia, e nos Cursos de Administração e Finanças. O curso de Geografia na UFPR é um dos mais antigos do país, foi criado em 1938 e funcionava junto com o curso de História, tendo se desmembrado em 1961. Em 1973 transferiu-se para o Setor de Tecnologia no Centro Politécnico e recentemente passou a fazer parte do Setor de Ciências da Terra, onde funciona atualmente.

Criado em 17 de setembro de 1998, na gestão do Magnífico Reitor Prof. Dr. Carlos Roberto Antunes dos Santos, o Setor de Ciências da Terra é constituído pelos Departamentos de Geomática, Geografia, Geologia e Centro de Estudos do Mar, os quais ofertam respectivamente as disciplinas para os cursos de graduação em Engenharia Cartográfica, Geologia, Geografia (licenciatura e Bacharelado) e Curso de Ciências do Mar (Bacharelado com Habilitações em Pesquisa e Gestão Costeira); seis cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado em Ciências Geodésicas, mestrado e doutorado em Geologia, mestrado em Geografia e especialização em Análise Ambiental e especialização em

Geotecnologias), envolvendo 900 alunos em nível de graduação e nos cursos de pós-graduação, 89 servidores docentes e 25 técnico-administrativos. Os Departamentos do Setor de Ciências da Terra mantém laboratórios supridos com equipamentos de última geração e pessoal altamente qualificado, o que permite a realização de convênios para o desenvolvimento de pesquisas e prestação de serviços (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2005d).

Machado (2000) elaborou estudo sobre a implantação da geografia universitária desenvolvida no Rio de Janeiro, a partir de 1930, com a formação da Universidade do Distrito Federal, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, descrevendo “o processo de institucionalização da geografia universitária carioca apresentando o grupo inicial da comunidade científica dos geógrafos acadêmicos e os vínculos, á época estabelecidos, entre a geografia e a história” (p. 1).

Segundo relata Machado (2000, p. 4-7),

A Universidade do Distrito Federal (UDF) foi criada em 4 de abril de 1935, pelo Decreto 5.513, uma universidade mantida pela Prefeitura do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Instituída por Anísio Teixeira, a UDF nasce do conflito de um lado dos projetos dos liberais, do qual Carneiro Leão, Fernando de Azevedo e o próprio Anísio Teixeira eram os representantes na política da educação, e, de outro lado, dos projetos dos conservadores representados por líderes católicos ativos como Francisco Campos e Alceu de Amoroso Lima. O conflito gerado por essas correntes levou o Governo a instituir a UDF por decreto, com intervenção direta do Presidente da República via gestão de Anísio Teixeira, na época a frente da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, no Governo de Pedro Ernesto, então Prefeito da capital da República.

Nesse sentido, no momento da instalação da UDF, houve uma certa vitória do projeto político dos liberais, defendido na figura de Anísio Teixeira. Este projeto sustentava-se no modelo educacional norte-americano desenvolvido no final da década da 1920, na Universidade de Columbia, pelo filósofo John Dewey. Anísio Teixeira, dando continuidade as reformas já iniciadas institui um sistema educacional integral preconizado pela então Associação Brasileira de Educação (ABE). Tratava-se da implantação de um verdadeiro sistema educacional integrado e completo, se estendendo do pré-escolar, passando pelo curso primário, prosseguindo com uma educação secundária e culminado com a cúpula do ensino superior representada pela UDF.

Em discurso de inauguração dos cursos da UDF, em 1935, Anísio Teixeira afirmava a necessidade de estabelecimento da relação entre universidade, cultura e aperfeiçoamento da sociedade na direção da superação das distorções presentes nas atividades intelectuais do país, principalmente o isolacionismo acadêmico. Para Anísio Teixeira, a universidade se constituiria como fonte de formação da identidade de um povo e do caráter nacional. Nada mais natural construir isto a partir da UDF, sediada no Rio de Janeiro, então

capital do país, indiscutivelmente um dos grandes pólos nacionais de irradiação cultural. Caberia a UDF contribuir no combate ao autodidatismo e ao isolamento intelectuais, constituindo-se em núcleo de formação do quadro intelectual do país, até aquele momento formado ao sabor do mais abandonado e mais precário autodidatismo.

A UDF foi pensada e implantada na capital do país reluzindo essas propostas. O Rio de Janeiro, assim, sediava uma universidade que tinha como objetivo constituir-se como fonte de formação da identidade e do caráter nacional do povo brasileiro. Sua instalação é aclamada por segmentos da intelectualidade brasileira que consideravam ter surgido na capital a instituição universitária mais vigorosa. Recebeu apoio de Afrânio Peixoto, Carneiro Leão, Roberto Marinho de Azevedo, Gustavo Lessa, Mário de Brito, Raul de A. Ribeiro e Junqueira Ayres.

Do corpo docente desta Universidade, destacavam-se intelectuais que compartilhavam com a posição de Anísio Teixeira como, Gilberto Freyre, Josué de Castro, Carlos Delgado de Carvalho Heitor Villalobos, Cecília Meirelles, Lúcio Costa, Carlos Leão e Cândido Portinari, mas também a figura de Alceu de Amoroso Lima, destacado representante da corrente conservadora. Passando a ter cada vez mais força política, Alceu de Amoroso Lima, apoiado pela vertente católica, torna-se um dos principais responsáveis pela demissão de Anísio Teixeira do cargo de Diretor de Instrução, ainda em 1935, quatro meses após a inauguração da UDF, e da incorporação desta Universidade, em 1939, pela Universidade do Brasil.

A UDF foi constituída pelas Escolas de Ciências, de Economia e Direito e de Filosofia e Letras, pelos Institutos de Artes e de Educação e por instituições complementares que buscavam a experimentação pedagógica e prática de ensino, pesquisa e difusão cultural.

A Geografia unida à História constituía um só curso o de Geografia e História que se encontrava lotado na Escola de Economia e Direito. Esta tinha por finalidade desenvolver estudos sobre a organização econômica e social e constituir-se como centro de documentação e pesquisa dos problemas da vida nacional incluindo tanto a formação do Estado como a produção, circulação e distribuição da riqueza. Agrupava a Seção de Ciências Sociais e a Seção de Ciências Geográficas e Históricas. A Seção de Ciências Sociais era composta pelas cadeiras de Antropologia, Economia Social, Biologia, Sociologia Geral, Psicologia Geral enquanto a Seção de Ciências Geográficas e Históricas pelas cadeiras de História da Antigüidade, História da Idade Média e Moderna, Geografia Humana e Fisiogeografia.

A UDF foi extinta em 1939, dois anos após a institucionalização da Universidade do Brasil. A Universidade do Brasil, instituição federal criada pela Lei nº 452 de julho de 1937, acaba congregando além das faculdades isoladas e escolas já existentes, a Universidade do Rio de Janeiro e os cursos que haviam sido implantados na UDF. Estes constituíram a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, que teve sua organização definitiva com o Decreto nº 1190 de abril de 1939. Apesar da efêmera vida de quatro anos, a UDF foi responsável pela criação de um ambiente favorável à implantação da Faculdade de Filosofia, pois se constituiu como

viveiro de capacidade intelectual do Brasil, o que acabou impondo a necessidade da existência, na capital Federal, de uma faculdade à sua altura, na qual a cultura encontrasse a sua forma mais alta e desinteressada.

Foram transferidos da UDF para a Faculdade Nacional de Filosofia, não apenas os espaços e a infra-estrutura existentes, como também os recursos humanos (professores e alunos). Representando um importante pólo intelectual do Rio de Janeiro, à época, a Faculdade Nacional de Filosofia se organizou a partir de quatro seções ou departamentos: Filosofia (curso de Filosofia); Letras (com os cursos de: Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-Germânica); Pedagogia (curso de Pedagogia), e, Ciências (com os cursos de: Matemática, Química, Física, História Natural, Geografia e História, Ciências Sociais). Manteve onze cursos estruturados em três séries mais uma (correspondendo ao curso de didática) e formou bacharéis e licenciados nas diversas áreas. Até 1945, a Faculdade Nacional de Filosofia buscou sua implantação instalando laboratórios, museus especializados, linhas de pesquisas e práticas de trabalho de campo e de laboratório. Ampliou seu quadro docente, recorrendo a contratação de professores estrangeiros com intuito de introduzir e desenvolver a pesquisa aliada à atividade de ensino, algo que o Brasil ainda não dispunha. Destacavam-se na área de ciências humanas e sociais os mestres franceses.

Os estímulos que as primeiras gerações de estudantes de Geografia receberam para continuar sua carreira profissional estavam atrelados não só ao processo de modernização institucional, o que incluía o sucesso dos cursos universitários de geografia e aos órgãos de pesquisa implantados, mas também ao papel desenvolvido por esses mestres franceses.

Segundo consta no *site* da Universidade Federal do Rio de Janeiro,

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi criada no dia 7 de setembro de 1920 através do decreto nº 14.343, do então presidente Epitácio Pessoa, como parte das comemorações da independência do Brasil.

Inicialmente denominada Universidade do Rio de Janeiro, teve seu nome modificado para Universidade do Brasil em 5 de julho de 1937. Mas foi somente em 17 de dezembro de 1945, graças ao decreto-lei nº 8.393, que conquistou sua autonomia administrativa, financeira e didática. Finalmente, no ano de 1965, a Lei nº 4.831, de 5 de novembro, de autoria do general Castelo Branco, determinou nova mudança na denominação da instituição, que passou a chamar-se Universidade Federal do Rio de Janeiro, nome que manteve até o último dia 30 de novembro de 2000 - quando recuperou na Justiça o direito a utilizar o nome Universidade do Brasil.

Por ocasião de sua fundação, a Universidade do Brasil/UFRJ foi formada pela reunião das seculares unidades de ensino superior já existentes no Rio de Janeiro: a Faculdade de Medicina, antiga Academia de Medicina e Cirurgia, criada em 1808 por D. João VI; a Escola Politécnica, continuação da Escola Central, e a Faculdade de Direito, todas com vida autônoma. A essas unidades iniciais, progressivamente foram-se somando outras, tais como a Escola

Nacional de Belas Artes, a Faculdade Nacional de Filosofia e diversos outros cursos que sucederam àqueles pioneiros. Com isso, a Universidade do Brasil representou papel fundamental na implantação do ensino de nível superior no país - uma vez que a tradição desses cursos pioneiros que constituíram o que hoje é a UFRJ conferiu-lhe o papel de celeiro dos professores que, posteriormente, implantaram os demais cursos profissionais de nível superior no Brasil.

O início da segunda metade do século XX marcou a institucionalização da pesquisa na UFRJ, com a conseqüente implantação de institutos de pesquisa, docência em regime integral, formação de equipe altamente especializada e estabelecimento de convênios com agências financiadoras nacionais e internacionais.

O ano de 1958 encontrou a comunidade universitária com profundos e urgentes anseios de reforma estrutural. Desencadeado o processo da Reforma Universitária, a UFRJ teve seu plano de reestruturação - que visava sua adequação às normas então editadas - aprovado por Decreto de 13 de março de 1967.

De lá para cá, a Universidade do Brasil sofreu profundas e sucessivas transformações. De primeira universidade criada pelo governo federal (e durante muitos anos a única), evoluiu paulatinamente até alcançar o estágio atual, impondo-se como instituição não apenas de ensino, mas também de pesquisa - e, onde, conseqüentemente, prestam-se os mais variados serviços à comunidade.

Hoje, impondo-se como a maior universidade pública federal do país, a UFRJ mantém atividades em seus campi da Ilha da Cidade Universitária e da Praia Vermelha e em algumas localizações isoladas, como é o caso do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais /IFCS, da Faculdade de Direito e da Escola de Música (Centro); da Maternidade-Escola (Laranjeiras); do Observatório do Valongo (Saúde); do Museu Nacional (Quinta da Boa Vista) e dos oito Hospitais Universitários, além da Casa da Ciência, que funciona em Botafogo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2005a).

Ainda, segundo o *site* da Universidade Federal do Rio de Janeiro,

A idéia da construção de um campus único que concentrasse as atividades da universidade data de 1935. Após dez anos de estudos (de 1935 a 1945) elaborados por diversas comissões para diferentes locais, em 1948 optou-se por situar a cidade universitária em uma ilha artificial na baía de Guanabara, no Estuário de Manguinhos, na Enseada de Inhaúma - formada pelos rios Jacaré, Farias e Timbó. Assim, no período de 1949 a 1952, nove ilhas (Cabras, Pindaí do Ferreira, Pindaí do França, Baiacu, Fundão, Catalão, Bom Jesus, Pinheiro e Sapucaia) foram interligadas, totalizando uma superfície de 4,8 milhões de metros quadrados, para abrigar a Cidade Universitária.

Em 1959, o presidente Juscelino Kubitschek denominou, através do Decreto 47.535, a ilha resultante da fusão do arquipélago original de Ilha da Cidade Universitária da Universidade do Brasil.

O projeto técnico ficou sob a responsabilidade da equipe de

arquitetos do Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB), tendo como arquiteto-chefe Jorge Machado Moreira. O campus foi projetado para uma população inicial de 25 mil pessoas, que poderia chegar a 40 mil, entre alunos, professores, funcionários e pacientes do Hospital Universitário, havendo a previsão de habitações para 10 mil alunos e 300 famílias de professores.

Iniciadas em 1954, as obras evoluíram lentamente até que, em janeiro de 1970, o então presidente Emílio G. Médici assinou decreto abrindo um crédito de 23 milhões de cruzeiros para acelerar a construção da Cidade Universitária. A verba destinada por aquele decreto foi resultante da transferência dos recursos destinados à EXPO 72, comemorativa do sesquicentenário da independência, o que causou polêmica na época. Mas, a partir desse momento, as obras foram aceleradas e, em 1973, foi determinada a transferência das instalações da Praia Vermelha para a Ilha da Cidade Universitária e a venda dos prédios existentes, para aplicação do dinheiro apurado nas obras de construção da Cidade Universitária.

Na época em que foi decidida, a localização isolada da Cidade Universitária seguiu o princípio do zoneamento funcional da cidade, que também determinou a organização do campus por setores (administração, unidades acadêmicas, alojamentos e serviços auxiliares). Todo o espaço foi concebido como um parque contínuo, atravessado por ruas de automóveis e pedestres, conectando os edifícios, tratados como volumes isolados.

Atualmente, a Ilha da Cidade Universitária possui um conjunto de edificações que congregam 60 unidades acadêmicas e instituições afins conveniadas, além de setores técnicos, esportivos e administrativos da Universidade do Brasil. A malha urbana e os complexos arquitetônicos da cidade universitária - por onde circulam diariamente cerca de 60 mil pessoas - ocupam 30% do território atual da Ilha, cuja localização estratégica entre o aeroporto internacional Tom Jobim e o centro financeiro da cidade, lhe garante uma grande visibilidade.

Visando enriquecer ainda mais a Cidade Universitária com instituições científicas e culturais, complementando ou integrando as próprias atividades da Universidade, convênios de cessão de uso de áreas do terreno trouxeram para o campus importantes instituições, como é o caso do Instituto de Engenharia Nuclear da CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear), do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Petrobras (CENPES), do Centro de Pesquisas da Eletrobrás (CEPEL) e do Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), órgão ligado ao Ministério das Minas e Energia (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2005a).

Segundo consta no *site* da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com relação ao Instituto de Geociências e à Geografia,

O Instituto de Geociências foi criado pelo decreto 60.455-A de 13/03/1967 que aprovou o plano de reestruturação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - ex-Universidade do Brasil - é uma unidade desta Universidade, subordinada ao Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza - CCMN.

O Instituto se destina ao ensino básico, à formação profissional e à pesquisa em Geografia, Geologia e Meteorologia, em qualquer das suas modalidades.

Ao Instituto compete também participar dos programas da Universidade visando completar a educação integral dos estudantes, preservar e difundir a cultura, atuar no processo de desenvolvimento do País e fortalecer a paz e a solidariedade universal.

Dentro da UFRJ, a formação profissional do geógrafo está a cargo do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, sucessor do mesmo Departamento da antiga Faculdade Nacional de Filosofia. Sua tradição de ensino e pesquisa remonta à década de 1930, quando da criação da Universidade do Distrito Federal. Em sua fase de implantação, contou o Departamento com professores de grande renome como Pierre Deffontaines, Carlos Delgado de Carvalho e Francis Ruellan, aos quais coube formar os primeiros geógrafos, professores e pesquisadores, que os viriam a suceder nos quadros da Universidade e que constituíram o núcleo original do corpo de geógrafos do então Conselho Nacional de Geografia.

Desde a década de 1940, o Departamento começou a dar ênfase à capacitação de seus alunos como pesquisadores; dedicando especial atenção às pesquisas de campo, essenciais na formação de geógrafos profissionais. Em proveitosa colaboração com o antigo CNG, professores e alunos do Departamento de Geografia participaram de grande número de pesquisas, que se estenderam as várias regiões do país e cujos resultados se acham publicados nos órgãos de divulgação do IBGE. Tais pesquisas foram da maior importância na formação de numerosos geógrafos que hoje ocupam lugar destacado no cenário geográfico nacional.

Por outro lado, no âmbito da própria Universidade, criaram-se condições para o desenvolvimento da pesquisa geográfica. Já em 1952, por iniciativa da cátedra de Geografia do Brasil, o Conselho Universitário criou o Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil. Através dos trabalhos que vem desenvolvendo, com a participação de alunos e outros geógrafos, além dos professores, este Centro vem dando desde então valiosa contribuição à qualificação dos geógrafos profissionais da UFRJ.

Desde a década de 70, o Departamento de Geografia vem ampliando sobremodo sua atuação no sentido da melhor qualificação profissional do geógrafo, através de oportunidades crescentes de participação em pesquisas, de campo e de laboratório. (Foram organizados o Laboratório de Geografia, Física e o Setor de Geografia Humana que, como o Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil, contam com a participação de alunos e geógrafos, dedicados a trabalhos de pesquisa, em número superior a quarenta, sem contar os membros do corpo docente.) os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Departamento e do Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil, valeram-lhes credenciamento junto a órgãos como o Conselho de Pesquisas e Ensino para Graduados da UFRJ, o Conselho Nacional de Pesquisas e a CAPES. A partir de 1965 vem contando como auxílio financeiro e bolsas de Iniciação à Pesquisa, de Aperfeiçoamento e de Pesquisador, concedidas por essas entidades. Dezoito projetos de pesquisa estão hoje em realização, nos vários campos alcançados pela investigação geográfica e nesses projetos se acham envolvidos o BNDE, CNPq, o Centro de Estudos Planejamento da Petrobrás, a Diretoria de Hidrografia e Navegação

da Marinha.

Em seu esforço pelo aprimoramento profissional do geógrafo, o Departamento de Geografia e Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil têm atuado também através de cursos numerosos, de especialização ou aperfeiçoamento, além de alguns outros de extensão universitária. Em 1956, graças a presença no Brasil de grandes nomes da Geografia Mundial, aqui reunidos por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia, foi realizado, por iniciativa do CPGB, um curso de Altos Estudos que congregou como alunos geógrafos de várias regiões do país. Nos últimos anos, através de vários cursos de Aperfeiçoamento e de Especialização no campo da Geografia Física, como no da Geografia Humana e Regional, o Departamento de Geografia tem podido oferecer a geógrafos e outros profissionais, uma oportunidade de atualização e reciclagem com relação a temas escolhidos.

Com relação à formação profissional propriamente dita, isto é, ao Curso de Graduação que oferece, o Departamento de Geografia vem procurando ampliar sua atividade no sentido da capacitação em pesquisa, nos vários domínios da Geografia. As razões referidas na primeira parte deste documento vieram reforçar a ênfase dada pelo Departamento à formação de geógrafos profissionais e a elas, soma-se a relativa retração do ensino da Geografia no curso médio.

A partir de 1970, foi reestruturado o currículo do Curso de Graduação em Geografia. Foi o curso dividido em um ciclo básico (dois anos) e um ciclo profissional de 2 anos, sendo que na segunda fase deste, o aluno deve optar entre a formação para professor e a formação para geógrafo. A este aluno é agora conferido o diploma de Geógrafo.

O Curso de Graduação assim concebido, como Curso de Geógrafo, devidamente credenciado pelo Conselho Universitário da UFRJ, tem em vista o preparo de seus alunos como geógrafos profissionais. Por essa razão, ênfase especial é dada aos trabalhos práticos (de gabinete e de laboratório), em seminários e discussões, bem como em atividades de campo. A segunda fase do ciclo profissional, além de uma atualização sobre as tendências modernas da Geografia (Geografia Teórica e Geografia Aplicada), oferece ao futuro geógrafo cursos especiais em Geografia Física, Geografia Humana, Geografia do Brasil, além de Estudos Regionais, Fotointerpretação e dois cursos de prática de pesquisa em Geografia Humana e em Geografia Física.

O interesse despertado por esse ciclo profissional voltado para a formação do geógrafo separadamente da formação do professor tem atraído grande número de alunos, graduados na própria UFRJ e em Universidades de outros Estados, o que atesta estar ele suprindo uma deficiência na formação do profissional geógrafo.

A expansão das pesquisas, com a participação expressiva de alunos no âmbito do Departamento e do CPGB, e a reforma do curso de graduação com a maior ênfase na formação do profissional geógrafo não foram suficientes, no entanto, para atender às exigências de aprimoramento desse profissional. Impunha-se, inclusive, a melhor qualificação do próprio docente universitário em geografia, e não somente do profissional militante em outras áreas de atuação.

A implantação de Cursos *Strictu* e *Lato Sensu*, visando qualificar, em consonância com a renovação atual da Geografia, o professor de ensino superior e o geógrafo profissional, capacitando-os cientificamente, vem responder a essas exigências (UNIVERSIDADE

FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2005b).

Segundo consta no *site* da Universidade Federal de Minas Gerais,

A Universidade é uma instituição cuja origem data do século XIX. No Brasil, a Universidade surgiu na República como continuação de um processo iniciado no Império, com a abertura das primeiras escolas de nível superior no país.

Em Minas Gerais, a primeira instituição de nível superior - a Escola de Farmácia, de Ouro Preto - data de 1839. Em 1875 é criada a Escola de Minas e, em 1892, já no período republicano, a antiga capital do Estado ganha também a Faculdade de Direito.

Em 1898, com a mudança da capital, a Faculdade de Direito é transferida para Belo Horizonte. Depois, em 1907, criou-se a Escola Livre de Odontologia e, quatro anos mais tarde, a Faculdade de Medicina e a Escola de Engenharia. E em 1911, surge o curso de Farmácia, anexo à Escola Livre de Odontologia.

A criação de uma universidade no Estado já fazia parte do projeto político dos Inconfidentes. A idéia, porém, só veio a concretizar-se em 1927, com a fundação da Universidade de Minas Gerais (UMG), instituição privada, subsidiada pelo Estado, surgida a partir da união das quatro escolas de nível superior então existentes em Belo Horizonte. A UMG permaneceu na esfera estadual até 1949, quando foi federalizada. Ainda na década de 40, foi incorporada ao patrimônio territorial da Universidade uma extensa área, na região da Pampulha, para a construção da Cidade Universitária. Os primeiros prédios erguidos onde é hoje o campus Pampulha foram o do Instituto de Mecânica (atual Colégio Técnico) e o da Reitoria. O campus só começou a ser efetivamente ocupado pela comunidade universitária nos anos 60, com o início da construção dos prédios que hoje abrigam a maioria das unidades acadêmicas.

O nome atual - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - só foi adotado em 1965.

À época da federalização, já estavam integradas à UFMG a Escola de Arquitetura e as faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas. Depois, como parte de sua expansão e diversificação, a Universidade incorporou e criou novas unidades e cursos. Surgiram então, sucessivamente, a Escola de Enfermagem (1950), a Escola de Veterinária (1961), o Conservatório Mineiro de Música (1962) e as escolas de Biblioteconomia (1962), Belas-Artes (1963) e Educação Física (1969).

Em 1968, a Reforma Universitária impôs profunda alteração à estrutura orgânica da UFMG. Desta reforma resultou o desdobramento da antiga Faculdade de Filosofia em várias faculdades e institutos. Surgiram, assim, a atual Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, o Instituto de Ciências Biológicas, o Instituto de Ciências Exatas e seus respectivos ciclos básicos, o Instituto de Geociências e as faculdades de Letras e de Educação.

Hoje, firmemente estabelecida como instituição de referência para o resto do país, a UFMG continua em franca expansão. Cinco cursos foram criados nos últimos quatro anos: Agronomia (em Montes Claros), Artes Cênicas, Engenharia de Controle e Automação, Matemática Computacional, Fonoaudiologia e, mais recentemente,

Nutrição. As oportunidades de ingresso crescem continuamente. Além de Belo Horizonte, o exame vestibular é agora realizado em doze cidades no interior do Estado - Conselheiro Lafaiete, Contagem, Coronel Fabriciano, Divinópolis, Governador Valadares, Juiz de Fora, Lavras, Montes Claros, Pouso Alegre, Sete Lagoas, Uberlândia e Viçosa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2005a).

Segundo consta no *site* da Universidade Federal de Minas Gerais, com relação ao Instituto de Geociências e à Geografia,

O Instituto de Geociências, criado pelo Decreto 62 317 de 28 de fevereiro de 1968 e instalado em dezembro do mesmo ano, foi desmembrado da antiga Faculdade de Filosofia, constituindo uma das unidades do sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais. Sua institucionalização resultou do plano de reestruturação da Universidade, em consonância ao disposto na legislação específica da Reforma Universitária brasileira que se encontrava em implantação.

Coube ao Instituto de Geociências, como uma unidade do sistema básico da UFMG, oferecer disciplinas, atinentes ao campo de estudo das geociências, a diversos cursos da Universidade. Na atualidade, isso tem implicado o atendimento semestral de cerca de 700 alunos dos seguintes cursos: Arquitetura e Urbanismo; Ciências Biológicas Ciências Sociais, Engenharia de Minas, Engenharia Metalúrgica e Química.

Além dessas atividades de ensino, inerentes à uma unidade do sistema básico, o IGC mantém em funcionamento quatro cursos de Graduação: (I), os cursos de Geografia, oferecidos na modalidade licenciatura e nas modalidades licenciatura e bacharelado, respectivamente, no Noturno e no Diurno, nos quais semestralmente se matriculam em torno de 500 alunos; (II), o curso de Geologia, ofertado na modalidade bacharelado, no diurno, congregando cerca de 200 discentes; (III), e o curso de Turismo, na modalidade bacharelado, no diurno, que reúne em torno de 180 discentes.

A unidade é responsável também por dois Programas de Pós-Graduação, o de Geologia, que oferece em torno de 30 vagas para os Cursos de Mestrado e Doutorado, e o de Geografia, que oferta aproximadamente 70 vagas, no nível de Mestrado e Doutorado. O Programa de Pós-Graduação em Geografia abrange também um curso de especialização em Turismo e Desenvolvimento Sustentável que tem oferecido cerca de 40 vagas. Além disso, O IGC, através do Departamento de Cartografia oferece, aproximadamente, mais 30 vagas para um curso de especialização em Geoprocessamento.

O IGC cumpre, ainda, além de suas funções relacionadas com ensino, atividades de pesquisa e extensão, que se apóiam nos Departamentos que o compõem, os de Geografia, Geologia e Cartografia, nos seus órgãos complementares, o Centro de Pesquisa Manuel Teixeira da Costa- CPMTC e o Instituto Casa da Glória, este situado em Diamantina, MG, e ainda, um outro órgão associado, o Centro de Sensoreamento Remoto.

O Curso de Graduação em Geografia da UFMG foi reconhecido pela Lei nº. 20825, de 26/03/46, com parecer da Câmara de Graduação

nº. 055/89 para o curso diurno, e nº. 009/91 para o curso noturno. A Geografia se insere no domínio das geociências, também chamadas de Ciências da Terra. Procura levar o aluno à compreensão da origem e da dinâmica dos processos e fenômenos responsáveis pela produção e organização do espaço focalizando a distribuição, a organização, a dinâmica e a interação de elementos naturais e humanos em termos espaciais e temporais. Estes elementos abrangem as populações, sociedades e culturas, bem como fluxos, fenômenos, processos e sistemas naturais, cuja forma de organização no espaço resulta na diversidade de paisagens e ambientes existentes na Terra (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2005b).

Segundo consta no *site* da Universidade de São Paulo,

A Universidade de São Paulo foi criada em 1934 num contexto marcado por importantes transformações sociais, políticas e culturais, pelo decreto estadual nº. 6.283, de 25 de janeiro de 1934, por decisão do governador de São Paulo, Armando de Salles Oliveira. Teve como mentor intelectual Júlio Mesquita Filho, então diretor do Jornal O Estado de S. Paulo, que publicava ostensivamente artigos e estudos favoráveis à criação de uma universidade em São Paulo e sobre os problemas do ensino superior e universitário no Brasil.

O primeiro reitor a administrar a universidade foi Reynaldo Porchat, da Faculdade de Direito, e a primeira aula inaugural foi ministrada pelo professor francês Pierre Deffontaines, da cadeira de Geografia Física e Humana.

A USP começou com algumas escolas já existentes, sendo a mais antiga a Faculdade de Direito, que data de 1827, e com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, instituição à qual caberia a missão de integrar o conhecimento literário, humanístico e científico da nova universidade, e que mais tarde se subdividiria em unidades autônomas. Vários professores estrangeiros, especialmente da França, Itália e Alemanha, foram convidados para dar aulas na nova instituição.

Em 1949, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras estava estabelecida no suntuoso prédio da Maria Antônia, na Vila Buarque, próxima aos prédios da Faculdade do Mackenzie, e vizinha da Faculdade de Arquitetura, da Faculdade de Economia, da Escola de Sociologia e Política, da Fundação Armando Álvares Penteado. A presença dos estudantes no residencial bairro de Vila Buarque trouxe muita animação e, em pouco tempo, a região passou a ser o principal centro nervoso das atividades estudantis em São Paulo, praticamente um campus universitário no coração da cidade.

Nos anos 50, a Maria Antônia já ocupava um papel destacado no panorama cultural brasileiro, mas foi em outubro de 1968 que o ápice de várias manifestações estudantis levou à transferência da Faculdade para o longínquo campus da Cidade Universitária e instalada em barracões improvisados.

No contexto das inquietações mundiais de 1968 - especialmente a revolta dos estudantes da França, as manifestações estudantis da Universidade da Califórnia, Berkeley, a Primavera de Praga, a revolta

dos negros nos Estados Unidos - o Brasil também participou do clima convulso com sua própria especificidade. A Faculdade de Filosofia da Maria Antônia estava na intensa movimentação política e cultural desse período. O local era o ponto de encontro dos estudantes, onde todos se colocavam na vanguarda do pensamento crítico, numa posição frente às condições sociais, políticas e culturais da época. Era tempo de passeatas, assembleias, manifestos, reivindicações e tudo culminou com o trágico acontecimento de 2 e 3 de outubro de 1968, quando o edifício da Maria Antônia foi incendiado.

Os abusos do autoritarismo atingiram de forma punitiva a Universidade, alguns professores da USP e de outras instituições de ensino e pesquisa do País, frustrando as aspirações progressistas da imensa maioria de estudantes e docentes.

Mas a USP sobreviveu ao período e ao longo das décadas algumas unidades universitárias, instituições de pesquisa e museus foram aos poucos incorporados à universidade, multiplicando e diversificando assim os cursos oferecidos pela instituição.

A USP é hoje e sempre procurou ser uma instituição viva que cresce e se renova com a chegada das novas gerações de estudantes e de pesquisadores, porém já alcançou nessas quase sete décadas de existência a maturidade plena e equilibrada para traçar linhas sólidas para o futuro.

A Universidade de São Paulo é a maior instituição de ensino superior e de pesquisa do País. É a terceira da América Latina e está classificada entre as primeiras cem organizações similares dentre as cerca de seis mil existentes no mundo. A USP tem projeção marcante no ensino superior de todo o continente, forma grande parte dos mestres e doutores do corpo docente do ensino particular brasileiro e carrega um rico lastro de realizações, evoluindo nas áreas da educação, ciência, tecnologia e artes.

A USP foi criada com a finalidade de promover a pesquisa e o progresso da ciência; transmitir pelo ensino conhecimentos que enriqueçam ou desenvolvam o espírito e que sejam úteis à vida; e formar especialistas em todos os ramos da cultura e em todas as profissões de base científica ou artística. A tônica da instituição é "Vencerás pela ciência". Está em seus objetivos desenvolver um ensino vivo, acompanhando as transformações na área do conhecimento e mantendo-se em permanente diálogo com a sociedade, numa produtiva integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

As unidades de ensino da USP estão distribuídas ao longo de seis campi universitários: um em São Paulo, capital, e cinco no interior do estado, nas cidades de Bauru, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto e São Carlos. A Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, na capital, concentra a infra-estrutura administrativa da universidade, além de 23 das 35 unidades de ensino. A cidade de São Paulo tem ainda quatro grandes unidades de ensino que ficam fora do campus universitário. Há também algumas bases científicas e museus em outras cidades, como Anhembi, Anhumas, Araraquara, Cananéia, Itatinga, Itirapina, Piraju, Salesópolis, São Sebastião, Ubatuba e Valinhos, e ainda em Marabá, estado do Pará.

A USP oferece cursos de bacharelado e de licenciatura em todas as áreas do conhecimento. Na pós-graduação, dez dos vinte e três programas nacionais receberam nota máxima atribuída pela Coordenação de Cooperação de Pessoal de Nível Superior (Capes),

do Ministério de Educação.

Dados do anuário estatístico da USP de 1999 mostraram que nas unidades de ensino e de pesquisa foram oferecidos em conjunto cerca de 617 cursos, sendo 130 de graduação, freqüentados por cerca de 40.000 estudantes, e 487 de pós-graduação, dos quais 257 de mestrado e 230 de doutorado. A USP forma anualmente na graduação uma média de 4.600 estudantes. Em recursos humanos, a comunidade uspiana é constituída por 4.705 professores e 14.659 funcionários.

Para dar apoio e suporte às atividades de pesquisas, a USP agrega no campus de São Paulo a Escola de Aplicação, da Faculdade de Educação, que se dedica ao ensino fundamental e médio, e a Escola de Arte Dramática, um colégio técnico profissionalizante, da Escola de Comunicações e Artes.

As atividades de extensão como o Projeto Avizinhar, as Cooperativas Populares e o Projeto Universidade Aberta à Terceira Idade cumprem um importante papel na transformação do meio social das comunidades próximas ao campus universitário. Alguns números dão uma idéia da riqueza e da variedade das atividades desenvolvidas pela USP. Os museus e a Estação Ciência recebem juntos quase um milhão de visitantes. Os hospitais universitários da capital e do interior servem a uma comunidade de mais de um milhão de pessoas. Além destes serviços, o campus de São Paulo ainda possui um Centro de Práticas Esportivas (Cepeusp), parques para cooper e excelentes serviços de análises clínicas e genética e atendimento psicológico e odontológico. Possui também um Hospital Universitário, um Hospital Veterinário e parcerias com o Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina, e com o Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo.

Com a finalidade de manter uma boa comunicação com o público interno e externo, a USP integra na Coordenadoria de Comunicação Social da USP (CCS) todas as mídias oficiais - a Rádio USP, a TV USP, a Agência USP, a Revista USP, o Jornal da USP, o Portal Web da USP e a Revista Espaço Aberto.

Para dar suporte às atividades fins, a USP possui uma infra-estrutura administrativa suntuosa que conta com as prefeituras dos campi universitários, a reitoria, as pró-reitorias, o conselho universitário e os órgãos centrais e de serviços e mais outros serviços terceirizados - as agências e postos bancários, agências de correio, papelarias, lanchonetes, transportes coletivos, postos e outros - que ficam dentro do campus, para atender às necessidades da comunidade uspiana (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2005a).

Segundo consta no *site* da Universidade de São Paulo, com relação ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

O Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP tem sua origem no ano de 1934, na antiga sub-seção de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Naquele ano, o primeiro ensino universitário de Geografia foi inaugurado com a cátedra de Geografia, sob responsabilidade do Prof. Pierre Deffontaines, que veio

especialmente da França para ocupá-la. Em 1935, a cátedra passou para a responsabilidade do Prof. Pierre Monbeig.

Em 1939, a cátedra Geografia foi desdobrada em duas: Geografia Humana e Geografia Física. A primeira foi ocupada pelo Prof. Pierre Monbeig até o ano de 1946, quando foi substituído pelo Prof. Ary França. A segunda ficou sob a responsabilidade do Prof. João Dias da Silveira. Em 1942, às duas existentes somou-se a cátedra de Geografia do Brasil, ocupada pelo Prof. Aroldo Edgar de Azevedo. No dia 4 de junho de 1946, foi criado o Departamento de Geografia no interior da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Já em 1956, por força de lei federal, o curso de Geografia foi desmembrado do curso de História, passando ao Departamento a função principal de formação em Geografia.

Em 1944 ocorreu a primeira defesa de doutorado no departamento. A partir de 1972 o Departamento conta com dois cursos de Pós-Graduação com mestrado e doutorado, um de Geografia Humana e outro de Geografia Física.

No ano de 2001, conta com 41 professores (5 titulares, 6 associados, 35 doutores e 1 mestre), 856 alunos de graduação e 465 alunos de Pós-Graduação.

O curso de graduação (Bacharelado e Licenciatura) visa:

1 - Garantir ao aluno a possibilidade de uma formação adequada tanto às suas aspirações voltadas à pesquisa, quanto àquelas exigidas para sua formação profissional e demanda de mercado de trabalho. Para tanto, o currículo conta com um rol de disciplinas profissionalizantes e instrumentação em informática;

2 - Oferecer aos alunos um módulo fundamental que garanta aos mesmos a formação mínima necessária para quem pretende seguir tanto a carreira do magistério como a da pesquisa;

3 - Oferecer uma maior elasticidade na escolha de disciplinas optativas na orientação de sua profissionalização;

4 - Garantir o último ano do curso para que o aluno possa se dedicar às disciplinas metodológicas e elaborar sua pesquisa para a realização do TGI (Trabalho de Graduação Individual).

O curso de Pós-Graduação (Geografia Física e Geografia Humana), até 2000 diplomou um total de 509 mestres e 304 doutores. Possui as seguintes áreas temáticas de pesquisa:

#### **Geografia Física:**

Ensino, imagens e representações gráficas;

Estudos teóricos e aplicados em Climatologia Tropical;

Formas, materiais e processos na zona tropical úmida;

Paisagem e ambiente.

#### **Geografia Humana:**

Imagens e representações gráficas;

Geopolítica, planejamento e gestão do território;

Metodologia em Geografia;

O ensino da Geografia;

Sociedade urbana: metrópole e território;

Território, economia e desenvolvimento regional.

O departamento conta com cinco revistas - GEOGRAFIA - Revista do Departamento; GEOUSP, ORIENTAÇÃO, EXPERIMENTAL e PAISAGENS - e com nove laboratórios de pesquisa: Cartografia; Ensino e Material Didático; Climatologia e Biogeografia; Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental; Geografia Agrária; Geografia Urbana; Geomorfologia; Pedologia e Sensoriamento

Remoto e Aerofotogeografia (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2005b).

Segundo Prado (2004) foi o grupo político representado pelo Jornal O Estado de São Paulo e pelo Partido Democrático que projetou a criação da Universidade de São Paulo. O grupo, com Fernando de Azevedo à frente e uma proposta que trazia críticas à já constituída Universidade do Rio de Janeiro, queria que fossem integradas sob um sistema único, mas com direção autônoma, as faculdades profissionais, os institutos de especialização e os institutos de altos estudos, sendo que estes últimos significaram a formação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com importância fundamental para o novo projeto.

A formação dessa Universidade, em 25 de janeiro de 1934, com o nome de Universidade de São Paulo (USP), deveria ser o lugar adequado à preparação das elites dirigentes, responsáveis, em última instância, pela resolução dos problemas nacionais. A Universidade de São Paulo nasceu em um momento político particular, quando um dos membros desse grupo liberal, Armando de Salles Oliveira, foi nomeado interventor por Getúlio Vargas. Criaram-se, assim, as condições político-institucionais para o surgimento da Universidade no Estado de São Paulo.

A Igreja esteve afastada do ensino superior laico e somente no começo do século XX a questão da importância de uma educação católica superior começou a conquistar adeptos, sendo proposta a criação de uma universidade católica, tendo como modelo a Universidade de Louvain, na Bélgica. Em 1908 surgiu em São Paulo a Faculdade de Filosofia São Bento, que estava agregada à Universidade de Louvain. Em 1916 o então arcebispo de Olinda, Sebastião Leme, apoiou a idéia da criação de uma universidade católica em Recife. Em 1936, com o Estado laico ocupando um espaço crescente na direção do ensino nacional, a Faculdade de Filosofia de São Bento foi reconhecida pelo governo federal, o mesmo acontecendo com a Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, e com o Instituto *Sedes Sapientiae*, em São Paulo. Em outubro de 1940 Getúlio Vargas autorizou o funcionamento das Faculdades Católicas (Direito e Filosofia), no Rio de Janeiro, sendo inauguradas em março de 1941. Com a incorporação da Escola de Serviço Social e a criação da Escola Politécnica, as faculdades foram reconhecidas como Universidade, em 1946. Em 1947 o papa concedeu título e

prerrogativas de Pontifícia à Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em São Paulo, a criação da Universidade Católica ocorreu em 1946, como resultado da agregação de seis faculdades, incluindo as antigas, como a Faculdade de Filosofia de São Bento e a do Instituto *Sedes Sapientiae*, e algumas novas, como a Faculdade Paulista de Direito e a Faculdade de Engenharia Industrial.

Andrade (1977) relata que a década de trinta do século XX marcou o desenvolvimento do conhecimento geográfico com a colocação da Geografia nos currículos dos cursos superiores de Administração e Finanças (que deram origem aos modernos cursos de Ciências Econômicas, de Ciências Contábeis, de Administração e de Direito) e nos cursos de Geografia e História das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. A criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com o recrutamento de engenheiros civis para os trabalhos de Geografia, provocou a renovação do estudo e do ensino de Geografia no Brasil.

Nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX, as principais contribuições ao desenvolvimento do conhecimento geográfico estão contidas nas teses e contribuições ligadas à Universidade de São Paulo, nos artigos publicados na Revista Brasileira de Geografia e nos trabalhos esparsos conduzidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros em suas reuniões anuais. O autor cita os mais variados trabalhos que contribuíram, de uma forma ou de outra, ao desenvolvimento do conhecimento geográfico no Brasil. Alerta, ainda, que a literatura geográfica não vem tendo a repercussão que merece nos meios universitários e culturais e que a mesma contém uma contribuição válida para a interpretação e apresentação de soluções à maioria dos problemas nacionais.

Andrade (1994b) comenta que a partir da Revolução de 30, quando se deu ênfase à modernização e ao conhecimento do território brasileiro, é que se pode falar em uma Geografia estruturada, científica e acadêmica, desenvolvida em instituições governamentais - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - e em Universidades. A partir de então, surgiram revistas, boletins e livros científicos, especificamente geográficos, denotando uma grande influência dos geógrafos franceses.

Conti (1985) ao participar do I Simpósio sobre Geografia Física Aplicada, promovido pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Rio Claro e pela Associação de Geografia Teórica (AGETEO), ofereceu um “depoimento sobre a produção em Geografia Física realizada pela Universidade de

São Paulo, através dos trabalhos elaborados nos setores de pesquisa do Instituto de Geografia e no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas” (p. 253). O autor escolheu três indicadores principais para avaliar a produção: 1) Mestrados e Doutorados defendidos; Artigos publicados no Boletim Paulista de Geografia; e 3) Trabalhos divulgados pelas coleções do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo. Completa relatando que este trabalho foi um inventário preliminar, sem a complementação de uma análise crítica, definição de linhas de pesquisa, periodização de tendência.

Como pode ser observado as Universidades e instituições de ensino superior tiveram e têm grande influência na evolução do pensamento geográfico, tanto pela formação dos pesquisadores e professores, como no desenvolvimento de pesquisas.

## **5.2 O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi fundado em 21 de outubro de 1838, durante o período da Regência, por 27 sócios da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, sendo originado de proposta do Marechal-de-Campo Raimundo José da Cunha Matos e do cônego Januário da Cunha Barbosa.

Os objetivos estatutários eram, entre outros: coligir, metodolizar, publicar ou arquivar documentos, promover cursos e editar a “Revista Trimestral de História e Geografia”, também denominada de “Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”.

Segundo Lacombe (1989) a “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, lançada em 1839 foi a maior contribuição para a divulgação da História do Brasil, sendo que a ela se referem com respeito todos os estudos sobre a formação da História do Brasil.

O título da Revista sofreu várias alterações. Inicialmente chamava-se “Revista Trimestral de História e Geografia” ou “Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, sendo algumas vezes trimestral, outras vezes anual, voltando a ser publicada trimestralmente.

Tapajós (1989) publicou artigo comemorativo ao sesquicentenário da

“Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, onde resenhou o número inaugural e aqueles correspondentes aos cinqüentenário e centenário da Revista, pois, segundo o autor, foi nesta Revista que realmente se escreveu a História do Brasil, além de se lançarem as bases do levantamento geográfico, continuado ou completado por outras instituições, como a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e o Conselho Brasileiro de Geografia.

Fiorezi (2002) relata que o contexto de criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é também uma reflexão da posição eurocêntrica vivida pelo Brasil, que pode ser verificada através da importação e adoção de modelos europeus, particularmente de franceses. Observa-se, por um lado, o imperativo de o país construir uma identidade nacional e, por outro lado, a necessidade do país inserir-se no chamado “mundo civilizado” para, então, usufruir o reconhecimento externo, no caso a Europa, enquanto buscava seu próprio espaço na comunidade mundial. Nesse sentido a elite brasileira assumia os ares de civilização europeia condenada nos trópicos, tendo como tarefas civilizar o Brasil, elevá-lo à altura da sua classe dirigente e inseri-lo no mundo civilizado, o que poderia ser conseguido através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Porém a propagação dos ideais do Instituto só teria êxito através de um veículo divulgador, o que foi resolvido através da criação da “Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Nesta Revista eram publicados documentos e artigos sobre história, geografia, etnografia, biografias de brasileiros ilustres, textos referentes às datas comemorativas, extratos das atas das sessões. Assim, todas essas formas foram utilizadas para promover a construção da identidade nacional.

Na condição de agente da construção da identidade nacional e de promotor da civilização europeia nos trópicos que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro fomentou a criação dos institutos nas diversas Unidades da Federação, com o intuito de percorrer o caminho da unidade e da identidade nacional.

Assim, foram sendo criados e instalados os institutos históricos e geográficos em diferentes momentos e contexto da história brasileira.

Tavares (2000), ao analisar a criação de alguns institutos regionais por meio dos seus estatutos e dos discursos de instalação, constatou que era comum a explicitação do objetivo de “escrever a história regional a fim de apresentar-se à Nação”, sendo que muitas vezes sua criação era impulsionada por datas

comemorativas regionais.

Os institutos regionais, ao se inspirarem no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, aproximavam-se do seu modelo e cumpriam com o propósito de formação da identidade nacional, na medida em que se constituíam em coletores e depositários de documentos e informações de caráter histórico, geográfico, etnográfico e arqueológico, sendo passíveis de se transformarem nos norteadores da construção da história.

Velho (1996) realizou levantamento junto à Biblioteca da Sociedade Brasileira de Geografia (RJ), Biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro (RJ), Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, Biblioteca Nacional, Biblioteca do Clube de Engenharia (RJ) e Biblioteca do Serviço Cartográfico do Exército (RJ) e documentos do Sistema CONFEA/CREAs, que resultou em um recorte temporal compreendendo o período de 1415 a 1995, onde estão descritos, de forma sumária, fatos relevantes sobre a História do Brasil e instituições que envolveram a Geografia no período determinado.

### **5.3 O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

Segundo consta no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,

Durante o período imperial, o único órgão que realizava atividades exclusivamente estatísticas era a Diretoria Geral de Estatística, criada em 1871. Com o advento da República, o governo sentiu necessidade de ampliar essas atividades, principalmente depois da implantação do registro civil de nascimentos, casamentos e óbitos. Com o passar do tempo, o órgão responsável pelas estatísticas no Brasil mudou de nome e de funções algumas vezes até 1934, quando foi extinto o Departamento Nacional de Estatística, cujas atribuições passaram aos ministérios competentes. A carência de um órgão capacitado a articular e coordenar as pesquisas estatísticas, unificando a ação dos serviços especializados em funcionamento no País, favoreceu a criação, em 1934, do Instituto Nacional de Estatística (INE), que iniciou suas atividades em 29 de maio de 1936. No ano seguinte, foi instituído o Conselho Brasileiro de Geografia, incorporado ao INE, que passou a se chamar, então, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2005a).

Segundo Almeida (2000), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística foi criado através do Decreto-Lei no. 218, de 26 de janeiro de 1938, sendo na realidade apenas uma mudança de nomes de agências federais de Estatística e de Geografia que já existiam. A estrutura já existia formalmente desde julho de 1934 e operacionalmente desde 1935/1936 e, além disso, sua abrangência nacional até ao nível de município também já havia sido determinada por ocasião da criação do Instituto Nacional de Estatística.

Desde 1938 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística cumpre a sua missão: identifica e analisa o território, realiza a contagem da população, mostra como a economia evolui através do trabalho e da produção das pessoas, revelando ainda como elas vivem, analisa a economia e calcula índices de inflação e perspectivas de desenvolvimento.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é uma instituição da administração pública federal, subordinado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, que possui quatro diretorias e dois outros órgãos centrais.

Para que suas atividades possam cobrir todo o território nacional, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística possui a rede nacional de pesquisa e disseminação, composta por:

- 8 Departamentos Regionais (BA/CE/DF/MG/PA/PE/PR/SP);
- 5 Divisões de Geociências (BA/CE/DF/PA/SC);
- 27 Divisões de Pesquisa (26 nas capitais dos estados e 1 no Distrito Federal);
- 27 Setores de Documentação e Disseminação de Informações (26 nas capitais e 1 no Distrito Federal);
- 544 Agências de Coleta de dados nos principais municípios.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mantém, ainda, uma Reserva Ecológica, denominada “Reserva Ecológica do Roncador”, situada a 35 quilômetros ao sul de Brasília.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE se constitui no principal provedor de dados e informações do país, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal.

O IBGE oferece uma visão completa e atual do País, através do desempenho de suas principais funções:

- Produção e análise de informações estatísticas;
- Coordenação e consolidação das informações estatísticas;
- Produção e análise de informações geográficas;
- Coordenação e consolidação das informações geográficas;
- Estruturação e implantação de um sistema de informações ambientais;
- Documentação e disseminação de informações;
- Coordenação dos sistemas estatístico e cartográfico nacionais. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2005b).

Com relação às informações geográficas o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realiza as seguintes atividades:

### **Sistema Geodésico Brasileiro**

Constitui-se de um conjunto de estações (marcos) materializadas no terreno, implantadas e mantidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cuja posição serve como referência precisa a diversos projetos de engenharia - construção de estradas, pontes, barragens etc. - mapeamento, geofísica, pesquisas científicas, dentre outros.

### **Mapeamento Geográfico, Topográfico e Municipal**

Abrange as cartas topográficas em várias escalas e mapas delas derivados - Brasil, regionais, estaduais e municipais - que constituem as bases sobre as quais se operacionalizam os levantamentos e são representados seus resultados, em uma abordagem homogênea e articulada do território nacional. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística vem produzindo o mapeamento topográfico do Brasil de forma sistemática, em escalas padronizadas (menores que 1:25.000), de acordo com o grau de desenvolvimento instalado ou projetado no território.

### **Estruturas Territoriais**

Acompanha a evolução da divisão político-administrativa e das divisões regionais e setoriais do território, delimitando e representando áreas legais e bases operacionais para pesquisas estatísticas e geográficas.

### **Recursos Naturais e Meio Ambiente**

Realiza mapeamentos, estudos e pesquisas de temas relativos ao meio físico (relevo, solo, clima, geologia) e ao meio biótico (fauna e flora) e promove a caracterização e avaliação das condições ambientais e dos impactos, gerados pela ação do homem, que comprometem o equilíbrio ambiental e a qualidade de vida da população. Neste campo uma significativa produção em pesquisa é realizada por geógrafos.

### **Informações Geográficas**

São elaboradas, a partir de análises espaciais, as regionalizações do território que, ao produzir recortes territoriais em diferentes escalas, a exemplo das microrregiões geográficas, subsidiam o levantamento e a disseminação de estatísticas e a formulação e monitoramento de políticas públicas. A partir de sínteses temáticas são produzidas visões regionais e nacionais, a exemplo do Atlas Nacional do Brasil.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística também cuida do acervo do Projeto RADAMBRASIL, desenvolvido no Brasil entre 1970 e 1985, e que efetivou o conhecimento do relevo e seus recursos minerais. Foram utilizadas fotografias aéreas e imagens de satélites.

Segundo Del'Arco e Natali Filho (1985, p. 246-247),

O mapeamento geomorfológico sistemático do território nacional em escala ao milionésimo, realizada pelo Projeto RADAMBRASIL, levou à definição de uma linha metodológica de caráter aberto, permitindo à Divisão de Geomorfologia estabelecer etapas para a evolução dos resultados obtidos”, conduzindo “ao aprofundamento da pesquisa geomorfológica e ao refinamento de sua representação cartográfica”. Assim, “o caráter de mapeamento integrado de recursos naturais, realizado pelo Projeto RADAMBRASIL, ensejou a oportunidade de conseguir-se um grande volume de informações nos campos da Geomorfologia, Geologia, Pedologia e Vegetação, o que muito contribuiu para um conhecimento mais amplo do fato geomorfológico, o qual pôde ser analisado dentro do geossistema a que pertence”.

Lima (2003) relata que a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística presidido pelo ilustre embaixador José Carlos de Macedo Soares (1883-1968) foi uma iniciativa que consagrou as atividades de consolidação do conhecimento geográfico no Brasil, juntamente com a criação das antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e a criação dos Cursos de Geografia e de História, na década de 1930.

Lima (2003) aponta o papel dos engenheiros no desenvolvimento da Geografia no Brasil. Talvez por suas vinculações com o conhecimento geológico os engenheiros se interessaram inicialmente pela Geografia Física, principalmente a Geomorfologia, e, posteriormente, as Geografias Humana e Econômica. Destacaram-se Alberto Ribeiro Lamego (1896-1985) (com obras clássicas como “Ciclo Evolutivo das Lagunas Fluminenses” e “O Homem e a Restinga”) e Fernando

Marques d'Almeida ("A Morfogênese da Serra do Cubatão").

Neste período se constituiu a Seção de Estudos Geográficos que foi o núcleo de formação das primeiras gerações de geógrafos formandos dentro do IBGE, sendo que as faculdades formavam os professores de Geografia e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística treinava e formava os geógrafos especializados, ou como costumamos dizer "geógrafos para atuar como técnicos".

Assim, os geógrafos que iniciaram suas atividades no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística foram enviados para diferentes universidades dos Estados Unidos e da Europa, com o objetivo de aperfeiçoamento profissional do quadro de geógrafos.

Nos Estados Unidos foram selecionadas as Universidades de Wisconsin, Chicago e Syracuse, para onde foram enviados Fábio de Macedo Soares Guimarães, Orlando Valverde, José Veríssimo da Costa Pereira, Speridião Faissol, Ney Strauch, Lúcio de Castro, Lindalvo Bezerra dos Santos, dentre outros.

Na França, no "Institut de Géographie de Faculte de Lettres" da Sorbonne, e Strasbourg, Lyon, Grenoble e Montpellier, foram enviados Miguel Alves de Lima, Hédio X. L. César, Pedro Pinchas Geiger, Elza Keller, Eloísa de Carvalho, Alfredo José Porto Domingues, Marília Velloso Galvão, Antonio Teixeira Guerra, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, dentre outros.

Destaca, ainda, Dora do Amarante Romariz, Lysia Maria Bernardes, Nilo Bernardes, dentre outros, como grandes geógrafos destas gerações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

De acordo com o Estatuto do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, aprovado através do Decreto Nº. 4.740, DE 13 de Junho de 2003,

#### Capítulo I - da Natureza, Sede e Finalidade

Art. 1º A Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, fundação pública, vinculada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, instituída nos termos do Decreto-Lei nº. 161, de 13 de fevereiro de 1967, com duração indeterminada, e sede e foro na Cidade do Rio de Janeiro, rege-se pela Lei nº. 5.878, de 11 de maio de 1973, por este Estatuto e demais disposições que lhe sejam aplicáveis.

Art. 2º A Fundação IBGE tem como missão retratar o Brasil, com informações necessárias ao conhecimento da sua realidade e ao exercício da cidadania, por meio da produção, análise, pesquisa e disseminação de informações de natureza estatística - demográfica e sócio-econômica, e geocientífica - geográfica, cartográfica, geodésica e ambiental.

Art. 3º Compete à Fundação IBGE, ainda:

I - propor a revisão periódica do Plano Geral de Informações Estatísticas e Geográficas, criado pela Lei nº. 5.878, de 1973, após consulta à sociedade por meio da promoção das Conferências Nacionais de Estatística - CONFEST e de Geociências - CONFEGE, a serem realizadas em intervalos não superiores há cinco anos;

II - atuar nos Planos Geodésico Fundamental e Cartográfico Básico, criados pelo Decreto-Lei nº. 243, de 28 de fevereiro de 1967, e no Sistema Estatístico Nacional, mediante a produção de informações e a coordenação das atividades técnicas, em consonância com o Plano Geral de Informações Estatísticas e Geográficas - PGIEG, sob sua responsabilidade, instituído pela Lei nº. 5.878, de 1973, e aprovado pelo Decreto nº. 74.084, de 20 de maio de 1974; e

III - acompanhar a elaboração da proposta orçamentária da União referente ao previsto no Plano Geral de Informações Estatísticas e Geográficas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2005c).

#### **5.4 A Associação dos Geógrafos Brasileiros**

Mamigonian (1991) relata que a Associação dos Geógrafos Brasileiros nasceu em 1934, no mesmo ano de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que permitiu a implantação da Universidade de São Paulo. Esta associação se caracterizou como sendo de pesquisadores, reunindo, inicialmente, Pierre Monbeig (1908-1987), seus alunos de Geografia e História e, também, grandes intelectuais como Caio Prado Junior (1907-1990) e Rubens Borba de Moraes (1899-1986). A Associação dos Geógrafos Brasileiros se constituiu num lugar mais criativo do que o próprio curso de Geografia e História, por se usar a liberdade intelectual mais plenamente, pela prática constante das palestras, debates e diversidade de opiniões. Quando a Associação dos Geógrafos Brasileiros foi se tornando nacional, a partir de 1945, reunindo, sobretudo, geógrafos de São Paulo e Rio de Janeiro, já existia uma nítida distinção entre as práticas intelectuais das Universidades e da Associação.

Andrade (1994a) relata que só em 1945 a Associação dos Geógrafos Brasileiros tornou-se verdadeiramente nacional, com a união dos geógrafos paulistas e cariocas, iniciando-se, assim, um trabalho de cooperação, a partir da Assembléia Geral ocorrida em Lorena, ocorrida em 1946. Porém a Associação dos Geógrafos Brasileiros foi profundamente “elitista” uma vez que estabeleceu duas categorias de

sócios: os efetivos, com direito pleno; e os cooperadores, formados por todas as pessoas interessadas pelo estudo da Geografia, mas que não tinham uma obra específica na área. O sócio se iniciava como cooperador e só passava a efetivo se os efetivos resolvessem elegê-lo para o “clube fechado”, sendo que esse sistema ocorria para evitar que intelectuais não-geógrafos chegassem a posições de controle e direção da Associação, em nível nacional e fazer uma espécie de patrulhamento científico, a fim de que a Associação mantivesse uma linha uniforme de pensamento.

Geiger (1994) relata que a Associação dos Geógrafos Brasileiros, nas décadas de quarenta/cinquenta do século XX, foi dominada por conservadores, porém os jovens, contestadores para ter um espaço que lhes era negado, não abandonaram a instituição. Quando novos grupos alinhados à esquerda política brasileira passaram a predominar na Associação, nos anos setenta do século XX, utilizando-a não só para contestar a ditadura militar, mas também para pregar a revolução. Procuraram igualmente negar espaço a antigos geógrafos que não seguiam sua orientação política, seja por serem considerados “reacionários” ou por serem dissidentes, diante disso muitos dos antigos sócios se retiraram da entidade. Segundo o autor, em uma atmosfera democrática, há lugar para todas as correntes de pensamento e deve haver total liberdade para que cada corrente de pensamento existente ou que venha a aparecer, tenha o direito de se expressar. A Associação dos Geógrafos Brasileiros passou a ter um caráter militante a partir desta época.

Na década de setenta do século XX, houve uma grande mudança nos Congressos de Geógrafos, os quais alcançaram um nível diferente do que vinha sendo realizado nas décadas anteriores, sendo que com a reformulação do Estatuto da Associação dos Geógrafos Brasileiros deu início a realização de Encontros de Geógrafos. Houve uma evolução quantitativa nos trabalhos apresentados nos eventos, sendo que estes trabalhos eram produzidos pelos “novos” geógrafos, que tinham uma visão diferenciada dos problemas geográficos que vinham sendo discutidos no Brasil. Talvez isto tenha ocorrido pelo fato de que, nas décadas de cinquenta e sessenta, a Associação dos Geógrafos Brasileiros e a Geografia brasileira tiveram influência muito grande de geógrafos franceses.

Ao longo deste processo percebe-se a grande importância da Associação dos Geógrafos Brasileiros, como uma associação que reúne os pesquisadores/geógrafos de todo o Brasil. Essa associação tem procurado estar voltada para a divulgação da Geografia, através de eventos ligados à mesma e das

revistas e dos boletins publicados e a importância do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e das Universidades, como instituições governamentais, na produção do saber geográfico.

De acordo com o Estatuto da Associação dos Geógrafos Brasileiros, em vigor a partir da 37ª. Assembléia Geral Nacional, realizada em 24 de julho de 1992,

#### TITULO I - Da Denominação, Sede, Foro e Objetivos

Art. 1º - A Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB é uma entidade civil, de caráter técnico-científico e cultural, sem fins lucrativos, com foro na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, constituída por tempo indeterminado e regida pelo presente Estatuto, tendo por âmbito o território nacional.

Parágrafo único - A AGB contará com Seções Locais que terão por finalidade congregar os sócios de um mesmo município ou conjunto de municípios.

Art. 2º - A AGB tem como principais objetivos:

I - Promover o desenvolvimento da Geografia no Brasil, pesquisando e divulgando assuntos geográficos, principalmente brasileiros.

II- Estimular o estudo e o ensino da Geografia, propondo medidas para o seu aperfeiçoamento.

III - Promover e manter publicações de interesse geográfico ou não.

IV - Manter intercâmbio e colaboração com outras entidades dedicadas à pesquisa geográfica ou de interesse correlato, ou ainda à sua aplicação. visando o conhecimento da realidade brasileira

V - Propugnar pela maior compreensão e mais estreita colaboração com os profissionais e os estudantes de disciplinas afins.

VI - Estimular o entrosamento entre entidades profissionais, entidades estudantis e grupos da comunidade para o estabelecimento de ações conjuntas que visem ao aprimoramento das instituições democráticas e à melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

VII - Analisar atos dos setores público ou privado que interagem e envolvem a ciência geográfica, os geógrafos e as instituições de ensino e pesquisa da Geografia, e manifestar-se a respeito.

VIII - Congregar os geógrafos e os estudantes de Geografia do país para a defesa e prestígio da classe e da profissão.

IX - Promover encontros, congressos exposições, conferências, simpósios, cursos e debates, bem como o intercâmbio profissional mantendo contato com entidades e afins no Brasil e no estrangeiro, de modo a favorecer a troca de observações e experiências entre seus associados.

X - Procurar representar a Geografia brasileira e o pensamento de seus sócios junto aos poderes públicos e às entidades de classe, culturais ou técnicas.

Art. 3º - A AGB poderá manifestar-se publicamente partindo do conhecimento da realidade nacional, no sentido de equacionar e esclarecer problemas sociais, econômicos, políticos e do espaço físico brasileiro (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 2005).

## 5.5 Os eventos científicos

Segundo Evangelista (2003) a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro foi responsável pela realização dos Congressos Brasileiros de Geografia. Nestes congressos aglutinavam diferentes pessoas, dos mais diversos cargos, a começar pela Presidência da República brasileira, sendo que pouco material restou deste período.

Um acervo precioso, mas que não está aberto ao acesso público, é o da própria Sociedade Brasileira de Geografia (antiga Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro), que se encontra aos cuidados da Universidade Candido Mendes. Para esta análise foram pesquisados, ainda, os acervos da Biblioteca Nacional, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

No quadro abaixo se encontra a relação dos congressos realizados no período de 1909 a 1944.

**Quadro 01 – Congressos Brasileiros de Geografia promovidos pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1909 – 1944)**

<b>Congresso</b>	<b>Local</b>	<b>Período</b>
1º. Congresso Brasileiro de Geografia	Rio de Janeiro	07 a 16 de setembro de 1909
2º. Congresso Brasileiro de Geografia	Curitiba	1911
3º. Congresso Brasileiro de Geografia	(Sem informações)	(Sem informações)
4º. Congresso Brasileiro de Geografia	Recife	07 a 17 de setembro de 1915
5º. Congresso Brasileiro de Geografia	Salvador	07 a 16 de setembro de 1916
6º. Congresso Brasileiro de Geografia	Belo Horizonte	1919
7º. Congresso Brasileiro de Geografia	Parahyba	01 a 10 de outubro de 1921
8º. Congresso Brasileiro de Geografia	(Sem informações)	(Sem informações)
9º. Congresso Brasileiro de Geografia	Florianópolis	07 a 16 de setembro de 1940
10º. Congresso Brasileiro de Geografia	Rio de Janeiro	07 a 16 de setembro de 1944

Fonte: EVANGELISTA (2003).

Estes Congressos foram promovidos pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro até 1926, sendo que após esta data entrou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística promovendo os eventos.

Os eventos promovidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística até meados da década de setenta mantinham certa semelhança de estrutura organizacional herdada da antiga Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Eram sessões pautadas em temas de importância voltados como subsídios para ações do governo, assim como com participação reduzida em termos daqueles que apresentavam trabalhos, pois havia toda uma tramitação de julgamento dos trabalhos, de modo que os publicados tinham passado por mesas julgadoras.

Segundo Evangelista (2003) o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística associado ao Conselho Nacional de Geografia alteraram profundamente a produção da Geografia brasileira. A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, comparada a estas duas instituições, teve um caráter heróico, pois as iniciativas dependiam dos sucessos de seus membros em chamar a atenção da sociedade para os temas que procuravam discutir, o que foi conseguido, vindo a atingir diferentes partes do país.

O autor relata que não houve uma ruptura entre as instituições, mas sim uma continuidade, sendo que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística passou a melhor popularizar sua imagem enquanto produtora de conhecimento a partir da realização dos congressos brasileiros de geografia iniciados pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, que durante os anos quarenta, após alteração nos seus estatutos, passou a ser chamada de Sociedade Brasileira de Geografia.

A partir da década de cinquenta os eventos passam a ser promovidos e organizados pela Associação dos Geógrafos Brasileiros em conjunto com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Evangelista (2003) relata que parece ter ocorrido entre a Associação dos Geógrafos Brasileiros e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística algo que se deu anteriormente entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, ou seja, um processo de interpenetração no qual, a partir de um determinado momento uma entidade “passou o bastão para a outra” no que tange a promoção de encontros geográficos.

Na década de setenta a Associação dos Geógrafos Brasileiros já se

encontrava sozinha promovendo os congressos que passaram a ser intercalados com os Encontros Nacionais de Geografia.

De acordo com Mamigonian (1991), os Congressos e Encontros promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros foram sempre momentos onde os geógrafos puderam apresentar os resultados de suas pesquisas, sendo que estes eram mais produtivos e democráticos que os cursos de Geografia existentes nas Universidades e realizavam os treinamentos de pesquisa e os debates que eram escassos nos cursos, sendo que atualmente os Congressos e Encontros destinam-se, principalmente, aos iniciantes, ou seja, graduandos e recém-graduados.

Conforme consta no Estatuto da Associação dos Geógrafos Brasileiros, em vigor a partir da 37ª. Assembléia Geral Nacional, realizada em 24 de julho de 1992, com relação à realização dos Encontros Nacionais e Congressos Brasileiros de Geógrafos,

#### TITULO IV - Dos Encontros Nacionais e Congressos Brasileiros de Geógrafos

Art. 55 - Os Encontros Nacionais de Geógrafos, destinados a congregar os associados da AGB e especialistas de ciências afins, terão caráter cultural, científico e técnico, e realizar-se-ão a cada dois anos, simultaneamente com a Assembléia Geral Nacional

Parágrafo 1º - A AGB poderá promover Congressos Brasileiros de Geógrafos, por propostas da Diretoria Executiva, aprovadas pela Assembléia Geral Nacional.

Parágrafo 2º - Poderão participar dos Encontros Nacionais e dos Congressos Brasileiros, geógrafos e outros especialistas que, não sendo sócios da AGB, tenham sido convidados pela Diretoria Executiva ou pelas Seções Locais.

Art.56 - Das atividades programadas para o Encontro Nacional de Geógrafos poderão constar seções destinadas à discussão de teses e comunicações, simpósios ou mesas redondas e trabalhos de pesquisa local

Parágrafo único - Será dada ênfase, na programação dos Encontros, às sessões que se destinam à troca de experiências e à discussão de método de pesquisa no campo exclusivamente geográfico, ou no interdisciplinar.

Art. 57 - Não haverá limitação quanto ao número de participantes dos Encontros Nacionais, de modo a garantir a essas reuniões um caráter verdadeiramente nacional (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 2005).

Até o final da década de setenta do século XX, os principais eventos de nível nacional, que reuniam os geógrafos, foram os Congressos Brasileiros de Geógrafos e Encontros Nacionais de Geógrafos.

A partir da década de oitenta do século XX, além destes, começaram a ser realizados outros eventos que tratam a Geografia por segmentos, sendo que a Geografia Física ficou representada por dois grandes e importantes eventos: o Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada e o Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente.

A Geografia, particularmente a Geografia Física, no Brasil, vêm sendo discutidas com significativa importância ao longo dos Encontros, Congressos e Simpósios de nível nacional, com maior ênfase a partir da década de oitenta, conforme pode ser verificado nos Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas destes eventos, os quais registram trabalhos em diferentes linhas de abordagem.

Segundo Andrade (1989), a partir da década de oitenta do século XX, quando a crise do capitalismo atingiu a fundo o Brasil, a corrente chamada crítica ou radical ganhou espaço e passou a ser discutida no ambiente universitário e nas associações profissionais, enquanto a corrente teórico-quantitativa perdeu terreno, partindo para uma posição cada vez mais tecnocrática ou para uma posição ligada à valorização da percepção. Nesta década, os geógrafos, de acordo com suas posições teóricas e filosóficas, procuraram caminhos e explicações para a realidade que estava em mudança rápida e contínua.

Segundo Christofolletti (1985), a realização dos Simpósios de Geografia Física Aplicada criou oportunidade para que a comunidade de pesquisadores brasileiros dedicados aos estudos da Geografia Física pudessem se reunir e debater assuntos ligados à área. Houve uma necessidade de reunir os especialistas e os interessados em Geografia Física para avaliar o desenvolvimento ocorrido nesse setor e as pesquisas realizadas nas várias instituições brasileiras e traçar algo para orientar e entrosar os projetos de pesquisa a curto e médio prazo. Outro fato foi de que, após a regulamentação da Profissão de Geógrafo, através da Lei nº. 6.664/79, os profissionais da área de Geografia Física ainda não tinham tido oportunidade para se reunir, debater e definir o modo de ação mais consentâneo para com a realidade brasileira.

Os objetivos básicos delineados para os Simpósios foram: a) Avaliar o estado atual do ensino e da pesquisa em Geografia Física, considerando o que se desenvolve no país; b) Elaborar um quadro de ação dos geógrafos, no tocante ao estudo do meio ambiente físico, em função da lei sobre a profissão de geógrafos; c)

Traçar orientações que visam concatenar e coordenar as atividades de ensino e as pesquisas nas diversas Universidades e Instituições brasileiras; d) Divulgar, através de publicação específica ou de número especial de um periódico geográfico, os trabalhos e as ponderações resultantes desse conclave.

Christofoletti (1985, p. 21) relata que, na sessão de encerramento do 1º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada,

[...] um dos temas propostos para o plenário correspondeu à posição do geógrafo como profissional, a sua participação em conclaves científicos em que se abordem temas de interesse da Geografia Física e a revitalização de associações geográficas. Ao iniciar os debates, Jorge Soares Marques e Jorge Xavier da Silva prestaram úteis esclarecimentos a propósito da condição de profissional e da representação junto aos CREAs. Há necessidade de se juntar representantes e conseguir a criação de uma câmara vinculada aos interesses e assuntos geográficos. Ainda sob a postura profissional, os depoimentos prestados assinalam a existência de imagem negativa do geógrafo perante outras associações de classe (geólogos, ecólogos, pedólogos, etc.) e a disputa para se captar os trabalhos de competência do geógrafo físico. Para formar frentes de lutas é preciso revitalizar e imprimir novas diretrizes às associações geográficas ora existentes, ou então criar uma “associação de geógrafos profissionais”. A propósito o Prof. Jorge Xavier da Silva sugeriu para que houvesse aproveitamento da Sociedade Brasileira de Geografia, que é uma das mais antigas sociedades geográficas do mundo. Para estudar o assunto e verificar os Estatutos da referida sociedade, foi solicitado a colaboração do Prof. Jorge Xavier da Silva e do Departamento de Geografia da UFRJ, a fim de que os geógrafos pudessem participar do seu quadro associativo e de como a Sociedade Brasileira de Geografia poderia fortalecer os contatos e patrocinar acontecimentos científicos dessa natureza.

Christofoletti (1985, p. 21-22), relata também que,

[...] ainda sobre essa temática é oportuno registrar as ponderações emitidas por Antonio Giacomini Ribeiro, cujo teor é o seguinte: “Organizações, pelo menos formalmente, temo-las de sobejo. Mas não será o maior o menor número de associações de geógrafos que irá nos dar maior ou menor força. Precisamos imprimir nas associações existentes o ideal que ora nos contagia, ocupando espaços já abertos ou lutando por eles, onde ainda não existam. Nesse sentido sugiro aos colegas que, individualmente ou em grupos, sejam desencadeadas as seguintes ações:

- participar ativamente dos Grupos de Trabalho da Associação de Geografia Teorética;
- participar dos eventos promovidos pela Sociedade Brasileira de Geografia, principalmente dos promovidos pelo Grupo de Geomorfologia, além de promover e apresentar trabalhos que

demonstrem o nível das pesquisas geomorfológicas realizadas pelos geógrafos;

- participar dos eventos promovidos pela Associação Brasileira de Geologia de Engenharia, notadamente aqueles voltados para as questões de qualidade ambiental, como os referentes à erosão, instabilidade das encostas e poluição ocasionada pela exploração mineral;

- participar dos eventos promovidos pela Associação Brasileira de Recursos Hídricos, principalmente aqueles voltados para o manejo das bacias hidrográficas, dinâmica do escoamento pluvial e dinâmica do escoamento fluvial;

- abrir espaço mais significativo nos eventos promovidos pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, cartão promocional da pesquisa brasileira, de inestimável repercussão nos setores mais esclarecidos da sociedade;

- finalmente, reconquistar na Associação Brasileira de Geógrafos, nossa tradicional entidade de foro cultural, o espaço perdido pela nossa própria inércia.

Os Encontros Nacionais de Estudos Sobre o Meio Ambiente tinham como objetivos: propiciar uma forma interdisciplinar de debates e comunicações científicas, visando a integração e o avanço das ciências ligadas ao meio ambiente; e contribuir, através do melhor conhecimento da realidade ambiental, na definição de políticas e ações relativas ao meio ambiente.

A primeira edição do Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente ocorreu em outubro de 1986, na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife (PE), sendo que a última edição ocorreu em outubro de 1993, na Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá (MT).

Já na década de noventa do século XX apareceram novos eventos ligados à Geografia Física, como: Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica e Simpósio Nacional de Geomorfologia.

A primeira versão do Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica ocorreu no período de 1 a 4 de dezembro de 1992, na cidade de Rio Claro, Estado de São Paulo, promovido pelo Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista – Campus de Rio Claro, tendo como objetivo estabelecer o estudo das características e mudanças climáticas, visando avaliar o estado do conhecimento nesta área da Geografia Física.

Naquela ocasião reconheceu-se a necessidade de ampliar e caracterizar as pesquisas climatológicas no Brasil, a fim de melhor conhecer as características dos componentes climáticos e da dinâmica atmosférica, tanto

espacial, nas escalas global, zonal, regional e local, como temporal, através dos estudos sobre a variabilidade, periodicidade e tendência.

Foram apresentadas contribuições envolvendo os temas: mudanças climáticas globais e regionais; climatologia de áreas urbanas e climatologia e agricultura.

Segundo Brandão (2000) a Sociedade Brasileira de Climatologia (SBCLima) foi criada durante o 4º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, realizado no período de 27 de novembro a 01 de dezembro de 2000, no Rio de Janeiro (RJ), com o objetivo de reunir os profissionais, geógrafos e de áreas afins, que têm a Climatologia como seu objeto de estudo.

Consta no Estatuto da Sociedade Brasileira de Climatologia (SBCLima) que

[...] Art. 1º. – A Sociedade Brasileira de Climatologia (SBCLima), fundada em 29 de novembro de 2000, como uma sociedade civil, de características técnico-científicas e profissionais, sem fins lucrativos, de duração ilimitada e com sede na cidade do Rio de Janeiro.

Art. 2º. – São objetivos principais da SOCIEDADE BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

- a) promover, incentivar e divulgar o estudo e a pesquisa da Climatologia em todos os seus aspectos;
- b) promover e resguardar os interesses profissionais de seus sócios climatologistas;
- c) congregar todas as pessoas que se dedicam à Climatologia ou que por ela se interessam, visando uma cooperação estreita entre elas e um efetivo intercâmbio de informações e de conhecimentos;
- d) conduzir e incrementar relações e troca de informações técnico-científicas e profissionais com outras entidades congêneres, nacionais e internacionais.

Art. 3º. – A SOCIEDADE BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA deverá atingir seus objetivos através de:

- a) colaboração direta com os poderes constituídos para solução dos problemas relacionados com a Climatologia, suas aplicações e o seu exercício profissional;
- b) organização bienal de um congresso brasileiro de Climatologia;
- c) a organização e a participação em reuniões de caráter técnico, científico, social, administrativo e profissional;
- d) a organização de cursos técnicos e científicos para seus Sócios;
- e) a representação em comissões técnicas, científicas e profissionais, oficiais ou não;
- f) a publicação de textos técnicos, científicos, e
- g) a divulgação, ao público em geral, da Climatologia e das suas aplicações que visem ao benefício das comunidades [...] (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2000).

Durante o 6º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, ocorrido no período de 13 a 16 de outubro de 2004, foi realizada Assembléia da Sociedade Brasileira de Climatologia, sendo aprovada a mudança na denominação da organização, que passou a ser Associação Brasileira de Climatologia (ABClima).

O Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica vem ocorrendo periodicamente a cada dois anos, sendo que a última edição ocorreu em outubro de 2004, no Campus da Universidade Federal de Sergipe, em Aracaju (SE).

A primeira edição do Simpósio Nacional de Geomorfologia teve início no ano de 1996, realizado no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia (MG).

A partir da primeira edição do Simpósio foi fundada em 27 de novembro de 1996 a União da Geomorfologia Brasileira (UGB), uma entidade civil, regida por estatuto interno e pela legislação em vigor. A cada dois anos os interessados em teorias, métodos e práticas geomorfológicas realizam o Simpósio Nacional de Geomorfologia (SINAGEO), onde são debatidos os principais aspectos da produção geomorfológica nacional.

São objetivos da União da Geomorfologia Brasileira: congregar todos os que no Brasil ou no exterior se dediquem à geomorfologia brasileira e áreas afins; promover o progresso da geomorfologia brasileira; incentivar a pesquisa científica e tecnológica relacionada ao âmbito geomorfológico; manter intercâmbio com profissionais de áreas afins e entidades nacionais e estrangeiras congêneres; realizar periodicamente congressos com o fito de aproximar os membros da União da Geomorfologia Brasileira e outros profissionais promovendo, nessas ocasiões, a apresentação de relatórios, trabalhos e publicações; promover a especialização de cientistas e técnicos nos diversos campos da geomorfologia; promover reuniões científicas e técnicas em que sejam debatidos assuntos de interesse para o desenvolvimento da geomorfologia; divulgar informações técnico-científicas de interesse do associado; manter publicações periódicas de trabalhos dos sócios e noticiário de interesse da União da Geomorfologia Brasileira.

O Simpósio Nacional de Geomorfologia vem ocorrendo periodicamente a cada dois anos, sendo que a última edição ocorreu em agosto de 2004, na Universidade Federal de Santa Maria, em Santa Maria (RS).

Estes eventos tornaram-se fundamentais para que pudessem ser discutidos e divulgados os resultados das pesquisas na área de Geografia Física, produzidos no Brasil, por serem eventos de nível nacional.

Com a realização destes eventos a Geografia Física e os geógrafos/pesquisadores estão conquistando e ampliando o espaço maior de divulgação e debate da sua produção científica, o que pode ser evidenciado com a periodicidade em que os eventos ocorrem e o número de trabalhos apresentados, como poderá ser visto no decorrer desta pesquisa, na qual será feita uma quantificação utilizando-se os Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas dos eventos.

## 6 A PRODUÇÃO E DISCUSSÃO EM TORNO DA GEOGRAFIA FÍSICA

Este capítulo é destinado a quantificar e analisar, por eventos científicos, os trabalhos produzidos na área de Geografia Física e apresentados nos eventos citados anteriormente, no período de 1954 a 2004.

Para isso foram elaborados quadros e gráficos contendo os dados coletados dos Anais e/ou Caderno de Resumos e Contribuições Científicas, sendo que foram realizadas análises e comentários após a apresentação dos quadros e gráficos.

Os eventos estão dispostos pela ordem de ocorrência dos mesmos, conforme segue: **Congresso Brasileiro de Geógrafos, Encontro Nacional de Geógrafos, Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente, Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica e Simpósio Nacional de Geomorfologia.**

### 6.1 Congresso Brasileiro de Geógrafos

O **1º Congresso Brasileiro de Geógrafos** ocorreu na cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, no período de 19 a 28 de julho de 1954, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, que neste ano completava vinte anos de fundação.

Para que se possa compreender o motivo da realização do referido Congresso é necessário esclarecer que a Associação dos Geógrafos Brasileiros vinha realizando Congressos de Geografia, nos quais qualquer um que tivesse contribuições a oferecer, independente de sua especialização, poderia inscrever-se. Com o intuito de restringir a participação apenas aos Geógrafos, realizou-se um Congresso de Geógrafos, onde estes poderiam apresentar suas pesquisas que constassem inegável interesse geográfico.

Simultaneamente ao evento ocorreu, também, a IX Assembléia Geral Ordinária da Associação dos Geógrafos Brasileiros, uma vez que seria difícil realizar dois eventos até certo ponto semelhantes, em que os membros são "*magna-pars*", em épocas diferentes do mesmo ano. É importante ressaltar que a Assembléia Geral

passou a ter um caráter administrativo, enquanto que toda a parte científica e cultural ficou integrada ao Congresso.

Segundo Romariz (1956, p. 3-4), Diretora dos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros naquele período,

Pela primeira vez reuniu-se em nossa terra um Congresso de Geógrafos, cabendo à ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS a iniciativa de sua convocação. Se muitos já não fôssem os serviços prestados à geografia brasileira por essa dinâmica Associação, que somente agora comemora o seu vigésimo aniversário de existência, a realização do presente Congresso serviria, por si só, como uma afirmação cabal de sua grande operosidade e dedicação à causa geográfica.

Os dias de intensos trabalhos, compreendendo as reuniões de debates de teses, conferências, mesas-redondas ou de apresentação de relatórios; os três dias em que os congressistas, pesquisaram, dentro da cidade ou fora dela, em quatro diferentes direções, cobrindo áreas que, reunidas, abrangem praticamente todo o chamado 'nordeste' de São Paulo, dizem bem do entusiasmo que reinou durante os dez dias abrangidos pelo Congresso.

No presente volume acham-se reunidas as teses aprovadas pelo I Congresso Brasileiro de Geógrafos, bem como as comunicações apresentadas oralmente, além de um pormenorizado noticiário. A um segundo tomo caberá reunir os resultados das pesquisas realizadas durante os trabalhos de campo.

Com seu trabalho, intenso e desinteressado, procurou a Associação dos Geógrafos Brasileiros manifestar à cidade de Ribeirão Preto a sua gratidão pelo muito que dela recebeu. Seria impossível agradecer aqui a todos os que, com o seu apóio e estímulo constantes, possibilitaram o nosso empreendimento... foram tantos, que receamos praticar alguma omissão involuntária. No decorrer do Noticiário, entretanto, especialmente nas palavras pronunciadas pelo Prof. Aroldo de Azevedo, Presidente da Associação, na abertura do Congresso e na apresentação do Relatório da Diretoria, encontrar-se-ão referências àqueles que mais colaboraram para o êxito do Congresso.

Mais uma vez a Associação dos Geógrafos Brasileiros sente-se feliz por ter podido levar a efeito mais uma de suas realizações, graças à compreensão das autoridades públicas e entidades a que recorreu, sem falar na dos habitantes do local escolhido para ponto central de seus trabalhos, desta vez a progressista e acolhedora cidade paulista de Ribeirão Preto.

O Quadro 2 apresenta as subáreas/temas e a quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 2 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1954)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Estudos (Resumos de Teses)</u>	
- Geomorfologia	2
- Biogeografia	1
- Geologia	1
- Geografia Agrária	3
<u>Comunicações</u>	
- Geomorfologia	1
- Geografia Agrária	1
- Metodologia	1
<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 1., 1954, Ribeirão Preto. **Anais...** São Paulo: AGB, 1956. v. 8. 406p.

Analisando os Anais do referido evento constatou-se que foram publicados 10 trabalhos, sendo que 7 referiam-se a estudos realizados (resumos de teses) e 3 referiam-se a comunicações apresentadas. Os estudos realizados constituíram-se de resumos de teses apresentadas no evento por geógrafos integrantes da Associação dos Geógrafos Brasileiros, que vinham realizando pesquisas nas diversas áreas da Geografia, as quais eram reconhecidas pelos demais profissionais da área, bem como por profissionais do meio acadêmico.

Estes trabalhos mostram aspectos de diferentes partes do território brasileiro, evidenciando a preocupação dos pesquisadores com a produção de trabalhos voltados para a Geografia Física, bem como para a Geografia Agrária que, naquele período, era uma área de grande interesse por parte dos pesquisadores.

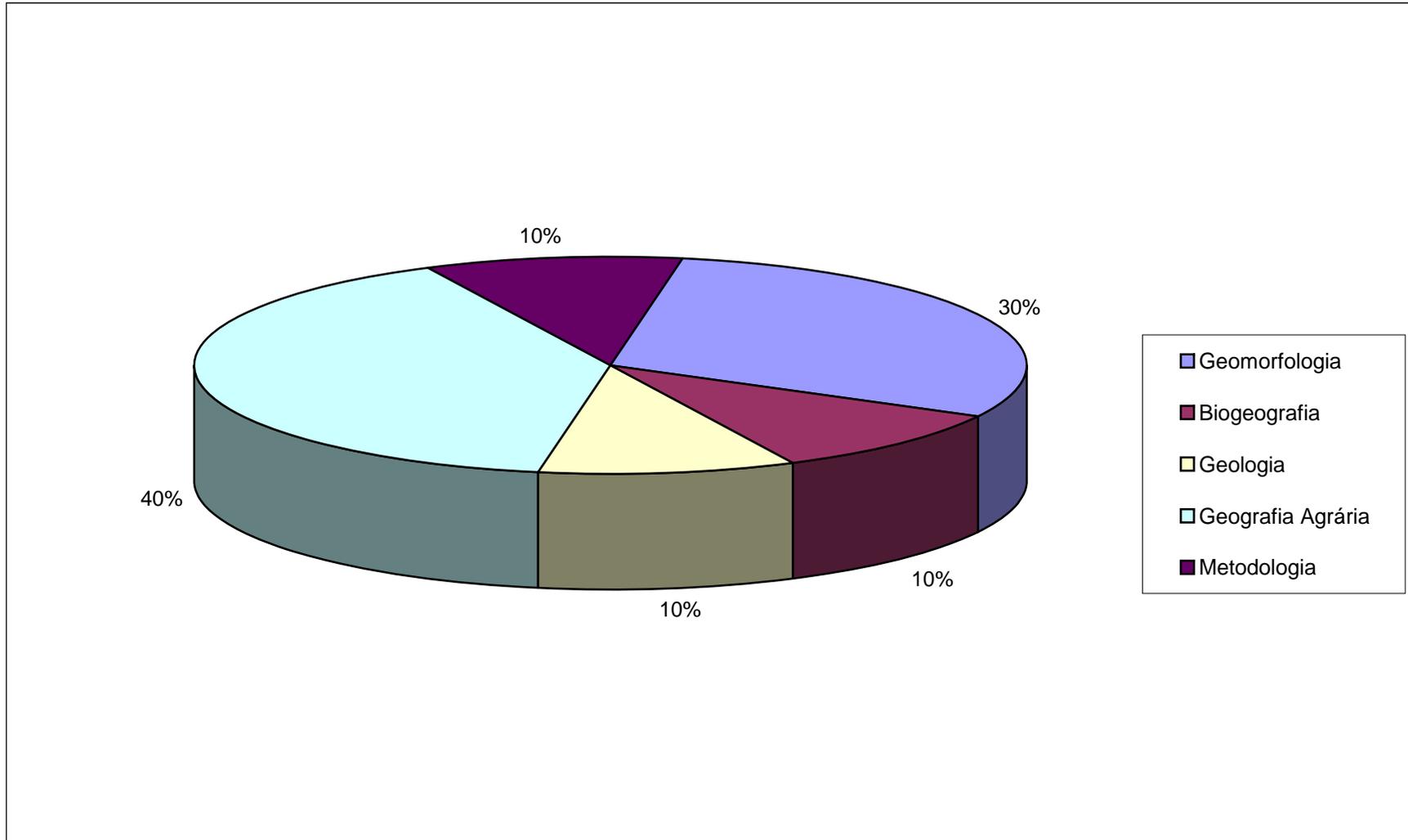
Analisando os trabalhos publicados na área de Geografia Física (Geomorfologia, Biogeografia e Geologia), no total de 5 trabalhos, pode-se constatar que são descritivos, com muitos detalhes, retratam a fachada litorânea brasileira, com destaque para os litorais paulista, carioca e nordestino. É evidente a influência da escola francesa na Geografia brasileira neste período, tanto pela abordagem descritiva como pela presença dos pesquisadores/geógrafos franceses ou de seus seguidores.

Nota-se que foram poucos os trabalhos publicados, mas relevantes para a Geografia. Isso ocorreu pelo fato de que a programação do evento continha

outras atividades que, também, seriam consideradas de grande interesse, como excursões próximas ao local de realização do evento, além de assuntos referentes à instituição (Associação dos Geógrafos Brasileiros) que promoveu o mesmo.

O Gráfico 1 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 01 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1954)**



Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 1., 1954, Ribeirão Preto. **Anais...** São Paulo: AGB, 1956. v. 8. 406p.

Analisando o Gráfico 1 nota-se que predominaram os trabalhos na subárea de Geografia Agrária (40%) e na subárea de Geomorfologia (30%), demonstrando que naquele período a Geografia Agrária era uma subárea bem explorada e a Geomorfologia uma espécie de “carro-chefe” da Geografia.

O **2º Congresso Brasileiro de Geógrafos** ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, no período de 22 a 29 de julho de 1965, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que neste ano completava vinte e nove anos de fundação.

O Quadro 3 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados no caderno de resumos de teses e comunicações deste evento.

**Quadro 3 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Resumos de Teses e Comunicações do 2º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1965)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Teses de Comunicações</u>	
- Geomorfologia e Hidrologia	5
- Climatologia	4
- Biogeografia e Solos	2
- População	2
- Geografia Agrária	5
- Geografia da Circulação e do Comércio	3
- Geografia das Indústrias	9
- Geografia Urbana	11
- Geografia Regional	7
- Planejamento	3
- Ensino da Geografia	2
<b>Total</b>	<b>53</b>

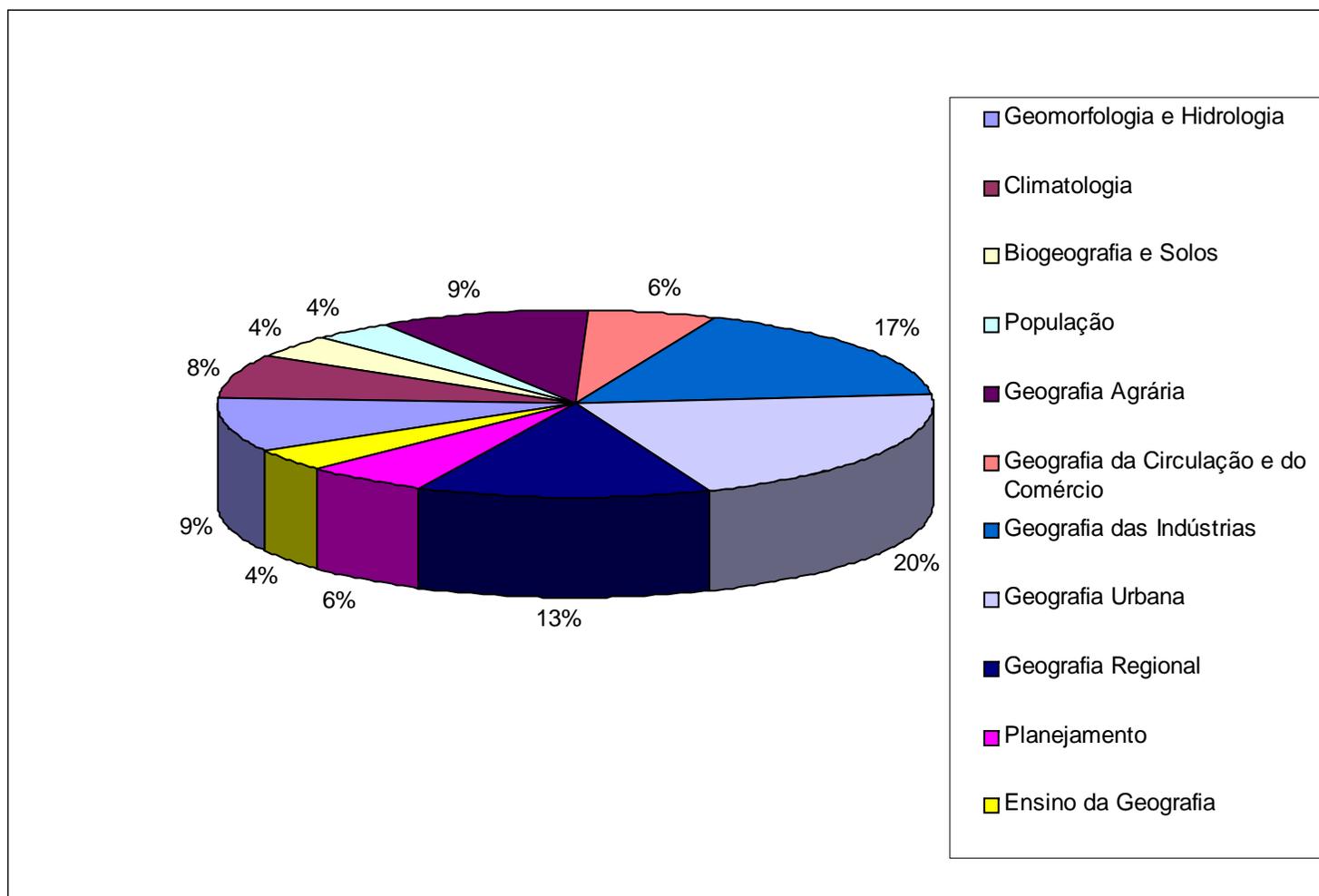
Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. **Resumos de teses e comunicações...** Rio de Janeiro: Delta, 1965. 122p.

Pode ser constatado, nos resumos de teses e comunicações do referido evento, que foram publicados 53 trabalhos, sendo que foi impossível classificar os trabalhos separando em resumos de Teses e comunicações, sendo apresentados todos juntos.

Analisando os trabalhos apresentados percebe-se que são descritivos, do mesmo modo que os trabalhos realizados na década de cinqüenta, o que pode ser evidenciado tendo em vista que os autores são praticamente os mesmos daquele período ou são pesquisadores cuja formação estava ligada aos geógrafos franceses.

O Gráfico 2 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 2 – Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Resumos de Teses e Comunicações do 2º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1965)**



Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. **Resumos de teses e comunicações...** Rio de Janeiro: Delta, 1965. 122p.

Analisando o gráfico acima se pode verificar que a Geografia Urbana se destacou neste período, sendo responsável por 20% dos trabalhos apresentados. Esse destaque da Geografia Urbana é notável principalmente por ser um momento em que o Brasil também está invertendo sua curva populacional. Poderia afirmar que a Geografia analisa o urbano, porque o Brasil se torna urbano. Porém, é importante destacar o papel da Geografia Física neste evento, onde foram publicados trabalhos da Geomorfologia e Hidrologia (9%), da Climatologia (8%) e da Biogeografia e Solos (4%) que, naquele período tinham uma forte influência da Escola Francesa, com Jean Tricart (1920-2003), Emmanuel De Martonne (1873-1955), Max Sorre (1880-1962) e Ary França (1917-....), no Brasil.

**O 3º Congresso Brasileiro de Geógrafos** ocorreu na cidade de Belém, Estado do Pará, no período de julho de 1974, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Este evento foi organizado em Comunicações e Simpósios, sendo que as Comunicações foram divididas em Seções, conforme segue: 1) Geomorfologia; 2) Climatologia; 3) Biogeografia; 4) Geografia Urbana; 5) Geografia Agrária; 6) Geografia das Indústrias; 7) Geografia da População; 8) Geografia do Lazer; 9) Geografia Histórica e Outros; 10) Sensoriamento Remoto e Meio Ambiente; e 11) Ensino da Geografia. Os Simpósios foram divididos em: Estrutura Espacial do Brasil; e O Espaço Amazônico.

Segundo Bernardes (1974a), presidente da Comissão Organizadora do evento, referindo ao volume das Comunicações,

O presente volume contém os resumos das comunicações a serem apresentadas ao 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos em Belém do Pará. A ordem em que figuram as comunicações corresponde às Seções a que foram destinadas, conforme o tema focalizado. O grande número de Seções atesta a variedade de aspectos em que o contexto espacial está sendo focalizado pelos geógrafos, enquanto que, as subdivisões de algumas dessas Seções em dois, três, e até seis grupos de temas, é um indício da ênfase maior ou menor que vem sendo conferida no Brasil a tais assuntos.

Como publicação prévia ao Congresso, este volume não inclui um certo número de comunicações que, embora venham a ser programadas e apresentadas, não tiveram seus resumos entregues em tempo hábil. Em tais casos, sua divulgação deverá ser feita em separado. Em particular, os resumos das duas seções sobre utilização de sensoriamento remoto e meio ambiente deverão ser divulgados sob a forma de anexo.

A programação das Seções de Comunicações e a organização do

presente volume devem-se a Olga Maria Buarque de Lima e Nice Lecocq Muller, responsáveis pela Sub-comissão do programa. A diagramação e a capa são de Vera Bernardes. Quanto à edição, foi patrocinada pela Fundação IBGE, como parte de amplo programa de apoio ao 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos. Consignamos aqui o agradecimento da AGB a cada um daqueles que participaram deste esforço e à direção da Fundação IBGE.

Segundo Bernardes (1974b), presidente da Comissão Organizadora do evento, referindo ao volume dos Simpósios,

Na programação do 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos os Simpósios sobre Estrutura Espacial do Brasil, O Espaço Amazônico e Aplicação de Sensoriamento Remoto a Estudos do Meio Ambiente, merecem destaques especial, pela grande atualidade dos temas a serem abordados e pelo alto nível das comunicações que neles são apresentadas e divulgadas. O presente volume contém os resumos dos textos integrais dos dois primeiros desses simpósios, os quais versam, a rigor, sobre temas intimamente correlacionados, o Simpósio sobre Estrutura Espacial do Brasil, coordenado pelo geógrafo Speridião Faissol, da Fundação IBGE, e o Simpósio sobre o Espaço Amazônico, a ser dirigido pelo economista Armando Mendes, da Universidade Federal do Pará.

Organizado por Olga Maria Buarque de Lima, com capa e diagramação de Vera Bernardes, o volume dos Simpósios é divulgado com o patrocínio da Fundação IBGE, a cuja direção consignamos nosso agradecimento.

Segundo a Comissão Organizadora do evento, com relação ao volume dedicado à seção “Sensoriamento Remoto e Meio Ambiente”,

O Projeto RADAM adere ao 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos patrocinado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, participando com esta coletânea de comunicações elaboradas por seus técnicos para o Simpósio sobre Sensoriamento Remoto e Meio Ambiente.

Aqui estão reunidos 11 trabalhos científicos versando sobre a utilização de imagens de radar em geomorfologia, fito-ecologia e uso potencial da terra. Além dos mapeamentos temáticos na escala de 1:1.000.000 acompanhados de relatórios específicos, as imagens de radar tem inúmeras outras aplicações nos diversos campos do mapeamento dos recursos naturais e planejamento que se espera sejam divulgados no decorrer deste importante Congresso.

Estes trabalhos procuram mostrar aos especialistas reunidos no 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos não somente a avaliação dos recursos naturais de áreas já trabalhadas mas também como o material obtido pelo Projeto RADAM pode ser aproveitado por outros pesquisadores e instituições científicas. Todo este acervo de informações está a disposição deste seletor público a fim de que através de críticas e sugestões possam os recursos naturais ser dimensionados e utilizados racionalmente, objetivo precípuo dos

trabalhos do RADAM (CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 1974a).

O Quadro 4 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos cadernos de comunicações e simpósios deste evento.

**Quadro 4 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Comunicações e Simpósios do 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1974)**

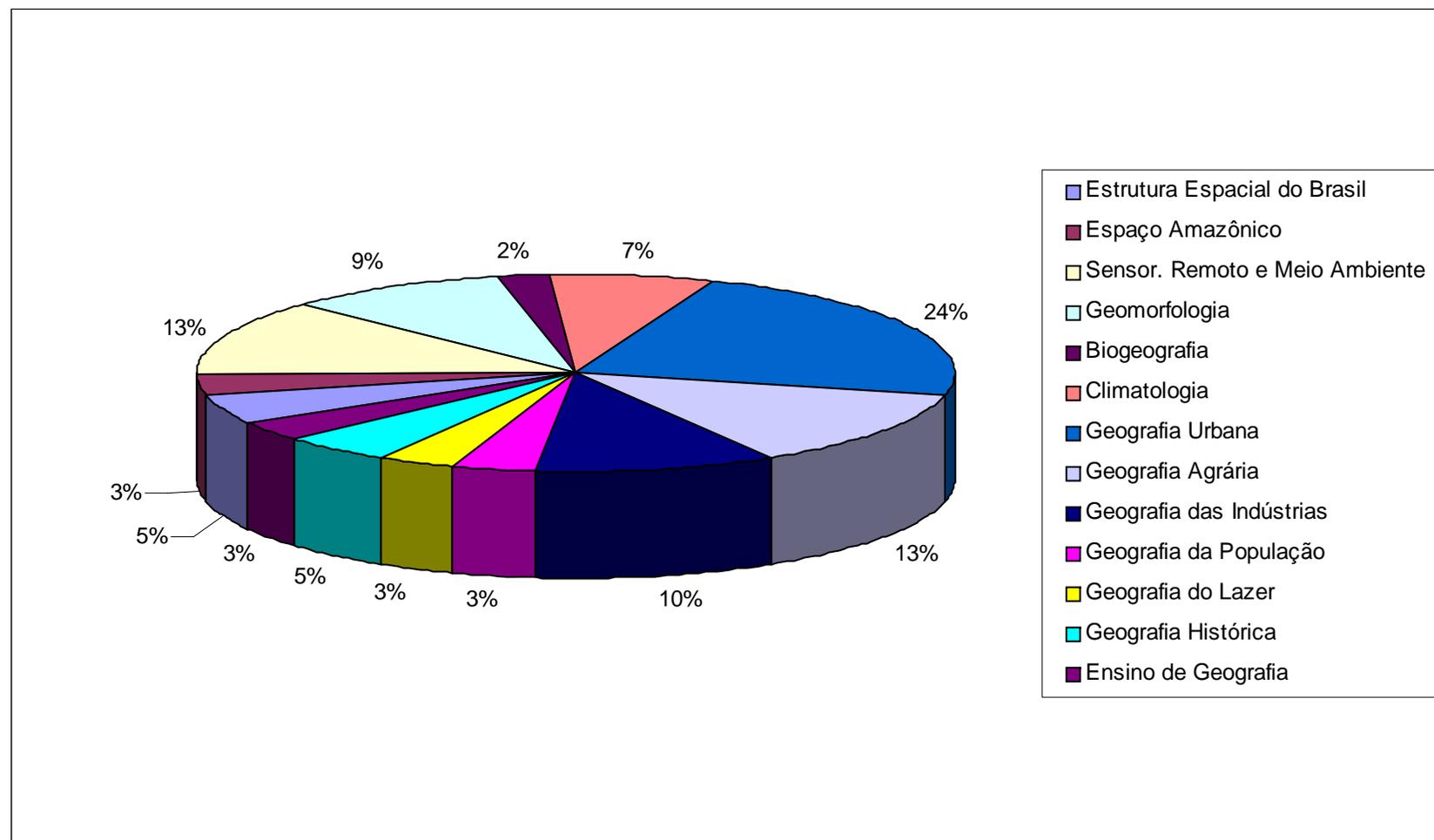
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Simpósios</u>	
- Estrutura Espacial no Brasil	4
- O Espaço Amazônico	3
<u>Comunicações</u>	
- Geomorfologia	8
- Biogeografia	2
- Climatologia	6
- Geografia Urbana	20
- Geografia Agrária	11
- Geografia das Indústrias	9
- Geografia da População	3
- Geografia do Lazer	3
- Geografia Histórica	4
- Sensoriamento Remoto e Meio Ambiente	11
- Ensino de Geografia	3
<b>Total</b>	<b>87</b>

Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. **Comunicações...** Rio de Janeiro: AGB/Fundação IBGE, 1974a. 2 v.  
 CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. **Simpósios...** Rio de Janeiro: AGB/Fundação IBGE, 1974b.

Analisando os cadernos de comunicações e simpósios do referido evento se pode constatar que foram publicados 87 trabalhos (simpósios e comunicações), sendo 27 trabalhos dedicados à área de Geografia Física, havendo predomínio do “Sensoriamento Remoto e Meio Ambiente”, da “Geomorfologia”, da “Climatologia” e da “Biogeografia” nestes trabalhos apresentados, demonstrando a preocupação dos geógrafos em estudos relacionados à temática ambiental e as intervenções do homem no meio ambiente em que vive.

O Gráfico 3 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 3 – Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Comunicações e Simpósios do 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1974)**



Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. **Comunicações...** Rio de Janeiro: AGB/Fundação IBGE, 1974a. 2 v.  
 CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. **Simpósios...** Rio de Janeiro: AGB/Fundação IBGE, 1974b.

Analisando o gráfico acima se pode verificar que os trabalhos sobre Sensoriamento Remoto e Meio Ambiente (13%), Geomorfologia (9%), Climatologia (7%) e Biogeografia (2%), representaram 31% dos trabalhos publicados, sendo que a área de “Sensoriamento Remoto e Meio Ambiente” predominou, possivelmente devido à difusão do Projeto RADAMBRASIL, que foi um marco importante no reconhecimento ambiental do território brasileiro naquele período.

O **4º Congresso Brasileiro de Geógrafos** ocorreu na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, no período de 14 a 21 de julho de 1984, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado na Universidade de São Paulo. Este evento fez parte das comemorações do cinquentenário da Universidade de São Paulo.

O tema deste evento foi “Geografia, Sociedade e Estado”.

A partir deste evento a Associação dos Geógrafos Brasileiros começou a organizar os eventos em Eixos Temáticos onde estariam distribuídas as atividades e os trabalhos a serem apresentados.

Os Eixos Temáticos estabelecidos para este evento foram: 1) Ensino da Geografia; 2) A Produção do Espaço Brasileiro; 3) Espaço e Poder; 4) Questão Ambiental; 5) Geografia e Planejamento; e 6) Questões Teóricas e Metodológicas da Geografia.

Segundo a Comissão Organizadora Local do evento,

[...] Em sendo uma publicação prévia, este volume (volumes 1 e 2) não inclui a totalidade dos trabalhos que, embora venham a ser apresentados durante as atividades do 4º. Congresso, não tiveram seus resumos entregues em tempo hábil. Deixamos aqui registrado que este 4º. Congresso faz parte das comemorações do Cinquentenário da Universidade de São Paulo, a qual expressamos nosso agradecimentos pelo apoio recebido durante a organização deste Congresso [...] (CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 1984, p. 3).

O Quadro 5 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados no caderno de contribuições científicas deste evento.

**Quadro 5 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas do 4º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1984)**

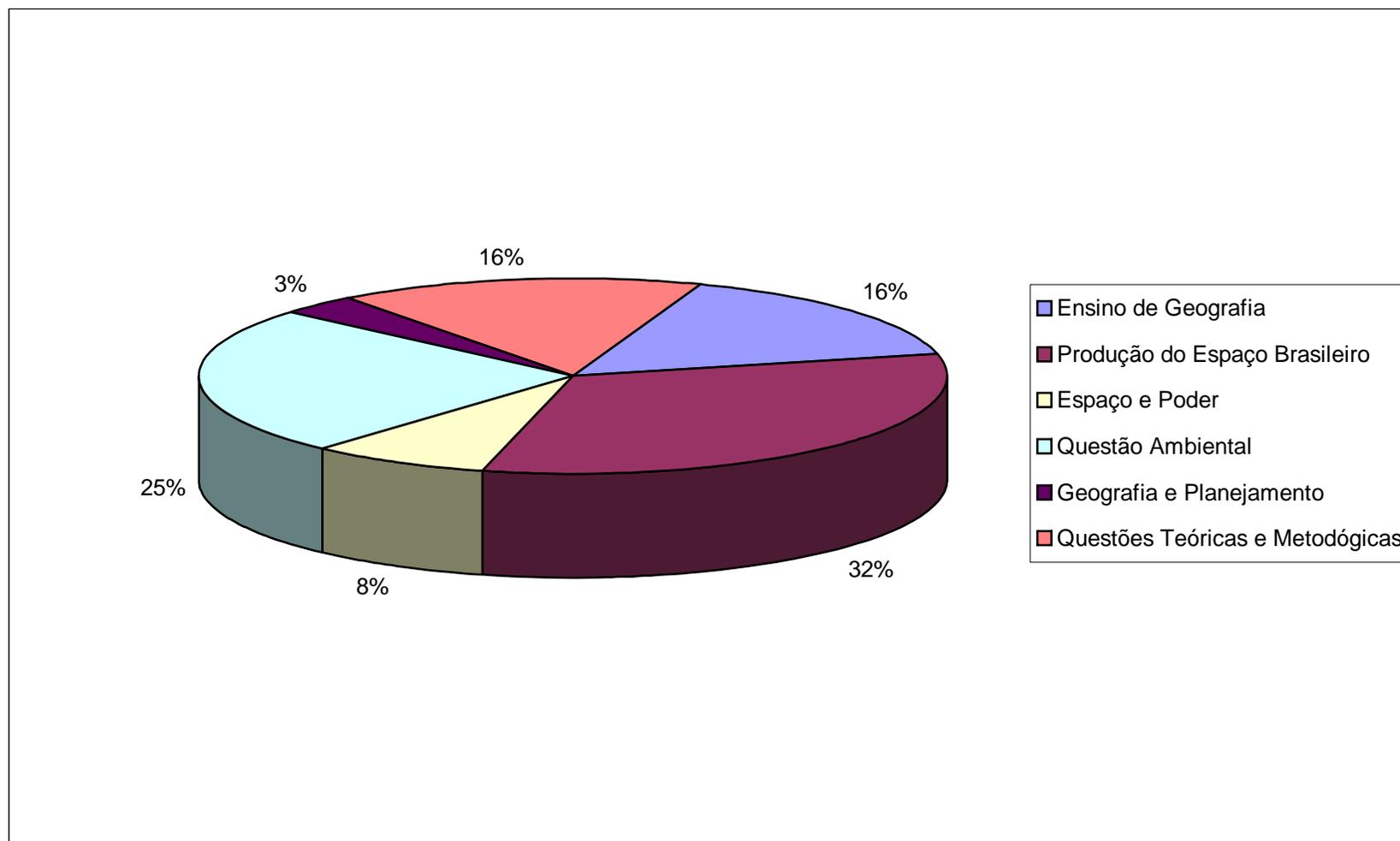
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Contribuições Científicas</b>	
- Ensino de Geografia	14
- Produção do Espaço Brasileiro	29
- Espaço e Poder	7
- Questão Ambiental	22
- Geografia e Planejamento	3
- Questões Teóricas e Metodológicas da Geografia	14
<b>Total</b>	<b>89</b>

Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. **Contribuições científicas...** São Paulo: AGB, 1984. 2 v.

Analisando o caderno de contribuições científicas do referido evento constatou-se que foram publicados 89 trabalhos (contribuições científicas), sendo 22 trabalhos ligados à Geografia Física, inseridos na temática “Questão Ambiental”, destacando: Unidades Conservacionistas, Estações Ecológicas, Degradação Ambiental, Micro-Bacia, Geomorfologia, Pedologia, Climatologia, Meteorologia, dentre outros.

O Gráfico 4 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 4 – Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas do 4º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1984)**



Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. **Contribuições científicas...** São Paulo: AGB, 1984. 2 v.

Nota-se neste gráfico que dentre os trabalhos publicados na área de Geografia Física somente a temática “Questão Ambiental” foi abordada, representando 25% dos trabalhos publicados.

A ausência de trabalhos relacionados às demais temáticas da Geografia Física poderia ser justificada devido ao surgimento de um evento específico ligado à Geografia Física, denominado Simpósio de Geografia Física Aplicada, que ocorreu neste mesmo ano.

O **5º Congresso Brasileiro de Geógrafos** ocorreu na cidade de Curitiba, Estado do Paraná, no período de 17 a 22 de julho de 1994, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado na Universidade Federal do Paraná.

O tema escolhido para este evento foi “Velho Mundo, Novas Fronteiras: Perspectivas da Geografia Brasileira”.

Os eixos temáticos definidos para este evento foram: 1) Geografia Física; 2) Educação e Geografia; 3) Ambiente; 4) Questão Profissional; 5) Rural, Urbano e Regional; 6) Teoria, Método e Instrumentalização em Geografia; e 7) Geografia, Política e Tecnologia.

Este evento foi distribuído em: mesa de abertura; eixos temáticos e mesas-redondas; debates; palestras; simpósios; trabalhos orientados; comunicações livres, divididas em comunicações orais, painéis e vídeos; e comunicações coordenadas, totalizando 576 trabalhos publicados.

Como pode ser verificado neste evento foi realizada uma redistribuição na programação, sendo criados os Eixos Temáticos aonde as atividades são distribuídas.

Este evento comemorou os 60 anos da Associação dos Geógrafos Brasileiros e pela quantidade de trabalhos científicos apresentados comprova que a Associação, desde a sua fundação, é parte indissolúvel do processo de produção e formação da Geografia brasileira.

Segundo Crocetti (1994), presidente da Diretoria Executiva Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros (gestão 1992/1994),

Desde a sua fundação, em setembro de 1934, a Associação dos Geógrafos Brasileiros é parte indissolúvel do processo de produção e

formação da Geografia brasileira. Isso é facilmente comprovado pelos mais de quatrocentos trabalhos científicos inscritos no 5º. CBG. Esse Congresso só foi possível porque contamos, mais uma vez, com a colaboração de muitos companheiros comprometidos com nossa entidade e, também, com o apoio irrestrito dos órgãos financiadores de pesquisa, FINEP E CNPq, e outras entidades como o CONFEA, CREA-PR, UFPR, USP e diversos parceiros comerciais, que de uma ou outra forma, compartilharam do evento. Isto tudo em um ano que está sendo marcado pelo maior arrocho salarial da história do Brasil, gerando uma imensa recessão e um grande desemprego. Ainda assim, estamos esperando mais de 2000 companheiros de todo o país e do exterior em Curitiba-PR.

Acreditamos que não poderíamos encontrar uma melhor maneira de comemorar esses sessenta anos de fundação, do que realizar esse evento amplo e representativo da Geografia brasileira.

Acreditamos que nosso 5º. CGB vem resgatar os compromissos assumidos pelos nossos antecessores, que, com sacrifício e trabalho, construíram essa entidade. Compromisso esse com a sociedade brasileira, lembrando que nesses sessenta anos de história a AGB foi vitimada também pelas sucessivas crises do país, tendo que em muitas vezes, ser o último bastão de resistência a elas. É de se esperar que na AGB se refugiem algumas das reservas intelectuais e morais com que a sociedade pode contar, para reagir e superar as grandes crises que a atingem.

A Sociedade Brasileira, dos dias presentes, mais que nunca – desesperadamente -, busca no trabalho e na ação das suas entidades, ainda sadias, entre as quais a AGB, resistir e vencer todas essas crises. Não obstante algumas dificuldades e limites – provenientes da estrutura amadora da entidade -, conseguimos uma atuação externa razoável.

Com a realização do 5º. Congresso Brasileiro de Geógrafos, não só homenageamos todos aqueles que, com sacrifício e trabalho, construíram esta entidade, mas toda a Geografia brasileira.

O Quadro 6 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) deste evento.

**Quadro 6 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 5º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1994)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Mesas-Redondas</b>	
- Geografia Física	6
- Educação e Geografia	4
- Ambiente	6
- Questão Profissional	7
- Rural, Urbano e Regional	11
- Teoria, Método e Instrumentalização em Geografia	3
- Geografia, Política e Tecnologia	9
<b>Simpósios</b>	
- Geografia, Política e Tecnologia	7
- Rural, Urbano e Regional	15
- Educação e Geografia	5
- Teoria, Método e Instrumentalização em Geografia	7
<b>Comunicações Livres (Comunicações Oraís, Painéis e Vídeos)</b>	
- Geografia Física	65
- Educação e Geografia	44
- Ambiente	102
- Questão Profissional	23
- Rural, Urbano e Regional	133
- Teoria, Método e Instrumentalização em Geografia	63
- Geografia, Política e Tecnologia	52
<b>Comunicações Coordenadas</b>	
- Rural, Urbano e Regional	3
- Teoria, Método e Instrumentalização em Geografia	8
- Geografia, Política e Tecnologia	3
<b>Total</b>	<b>576</b>

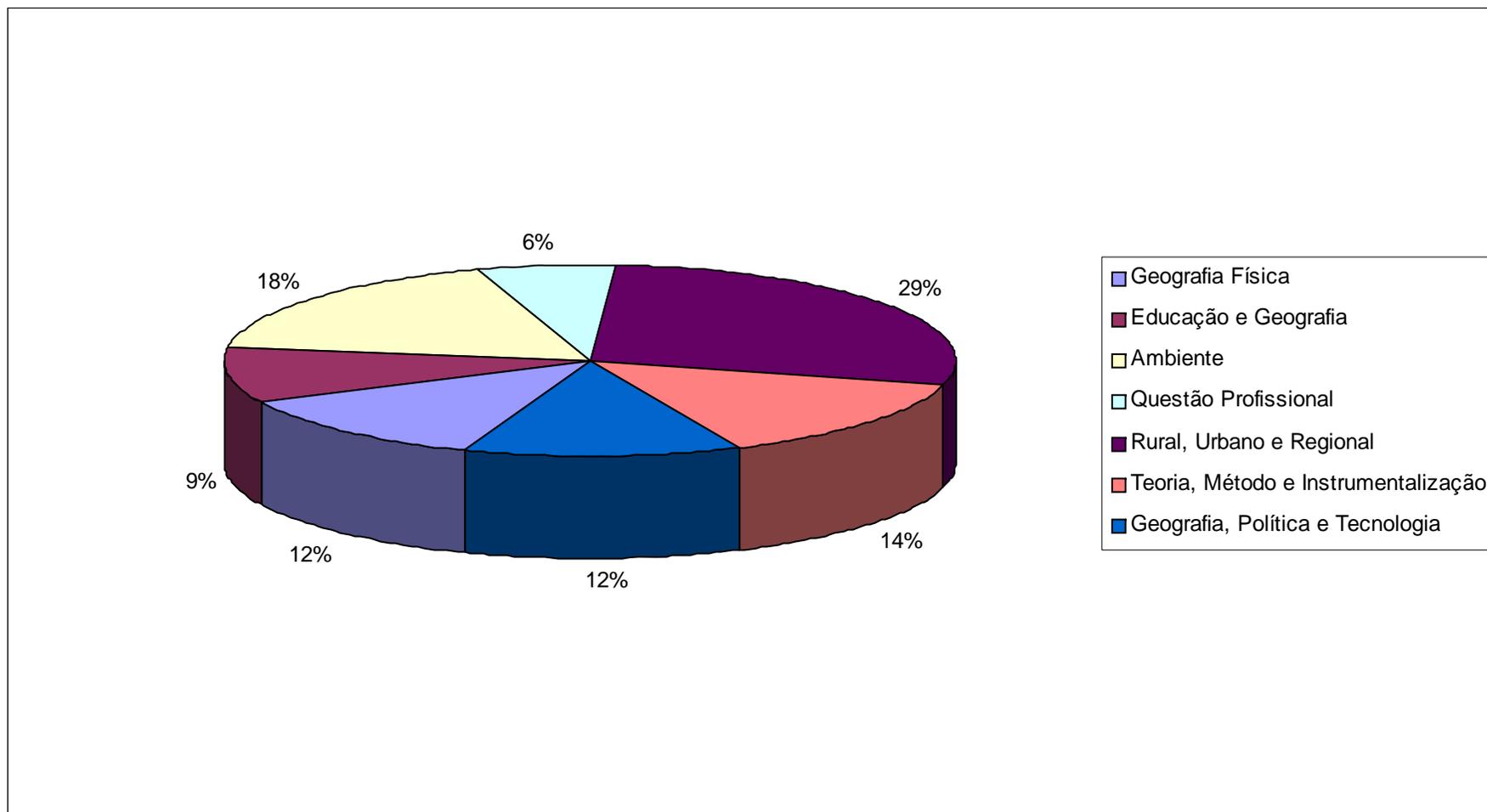
Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. **Anais...** Curitiba: AGB, 1994a. 641p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. **Contribuições científicas: resumos...** Curitiba: AGB, 1994b. 233p.

Analisando o quadro acima pode ser notado que dois eixos temáticos foram dedicados à Geografia Física (“Geografia Física” e “Ambiente”), sendo que do total de trabalhos publicados nestes eixos verifica-se uma preocupação acentuada com a Geomorfologia, Climatologia e Questões Ambientais.

O Gráfico 5 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 5 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos (1994)**



Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. **Anais...** Curitiba: AGB, 1994a. 641p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. **Contribuições científicas: resumos...** Curitiba: AGB, 1994b. 233p.

Analisando o gráfico acima se pode verificar que a temática “Ambiente” representou 18% dos trabalhos publicados e a temática “Geografia Física” representou 12%, evidenciando a preocupação com a “Questão Ambiental” que esteve presente neste evento.

Nota-se, ainda, que houve um aumento nos trabalhos dedicados à área de Geografia Física e publicados, podendo significar que só geógrafos que trabalham com a Geografia Física estariam voltando a participar dos eventos promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros.

O **6º Congresso Brasileiro de Geógrafos** ocorreu na cidade de Goiânia, Estado de Goiás, no período de 18 a 23 de julho de 2004, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, em parceria com o IESA (Instituto de Estudos Sócio-Ambientais) e UFG (Universidade Federal de Goiás) e realizado no Campus II da Universidade Federal de Goiás e no Centro de Convenções de Goiânia.

O tema escolhido para este evento foi “Setenta anos da AGB: as transformações do espaço e a geografia do século XXI”, em comemoração aos setenta anos da AGB.

O evento foi dividido em: ED’s (Espaços Diálogos), MR’s (Mesas Redondas), CC’s (Comunicações Coordenadas), Mini-Cursos e Atividades Culturais, Lançamento de Livros e Mostra dos Setenta Anos da AGB.

Os eixos temáticos do evento foram os seguintes: 1) Espaço Agrário e Espaço Urbano: Abordagens Atuais; 2) Análise e Gestão dos Recursos Naturais; 3) História do Pensamento Geográfico; 4) Ensino, Formação e Exercício Profissional; e 5) Território, Região e Redes.

Segundo a Comissão Organizadora do evento,

Esse é o maior, o mais antigo e o mais expressivo evento da Geografia Brasileira. A AGB é uma das mais antigas entidades científicas do Brasil, fundada em 17 de setembro de 1934, e realiza o seu mais importante evento tendo por princípios fundamentais: refletir a respeito de seu papel histórico quanto a sua contribuição para a construção da Geografia Brasileira e pensar e propor projetos para o Brasil. Esse é um momento de confraternização e de defesa da existência de uma entidade científica plural, que congrega professores de Ensino Fundamental, Médio e Superior, reúne estudantes e geógrafos profissionais e representa a pesquisa geográfica brasileira em todos os níveis.

Os eventos da Associação dos Geógrafos Brasileiros enquanto espaços de excelência de debate da produção científica da geografia brasileira valorizam a Geografia e as pessoas que trabalham e atuam nas salas de aulas das escolas do ensino fundamental, médio e

superior, nos institutos de pesquisas, nos diversos níveis de governo, em organizações não governamentais, em movimentos sociais e em empresas privadas. Todos nós, geógrafas e geógrafos, temos a contribuir para a construção de um país que enfrente com mais vigor as injustiças sociais.

Neste VI Congresso Brasileiro de Geógrafos estão reunidos pesquisadores de todo o Brasil em diferentes atividades para apresentar os resultados de suas pesquisas. O tema do Congresso surgiu das propostas apresentadas pelas Seções Locais. Uma das preocupações recorrente nas RGCs é a natureza da intervenção dos geógrafos na conjuntura nacional, com o intuito de assegurar uma ação qualificada, objetivando compreender as transformações espaciais e as perspectivas para a Ciência Geográfica. Nesse sentido, buscando associar a trajetória da AGB ao papel e à intervenção qualificada dos geógrafos, nesses 70 anos de atividade, decidiu-se pelo tema Setenta Anos de AGB: As transformações no Espaço e a Geografia do século XXI.

Para comemorar o aniversário de nossa entidade, programamos diversas atividades: uma mostra com documentos da origem da AGB, uma mostra da história da AGB com a participação de várias seções locais e o lançamento do número 22 – especial - da revista Terra Livre, enfocando os setenta anos da AGB.

Espaços de Diálogos - São mais de mil e quinhentos trabalhos de todas as áreas da Geografia, o que possibilita uma visão ampla da produção do conhecimento em diversos níveis: Ensino Superior, Ensino Fundamental e Ensino Médio. São professores, alunos de graduação e de pós - graduação dispostos a discutir seus trabalhos e contribuir para o avanço da pesquisa e do ensino de geografia.

Comunicações Coordenadas - São vinte e sete grupos de pesquisadores apresentando suas produções teóricas, propondo metodologias, discutindo os resultados de suas pesquisas, debatendo sobre os impasses e lacunas a serem superados em diversas temáticas.

Mesas Redondas - São vinte e sete mesas onde os convidados apresentam e aprofundam o debate e a reflexão dos princípios norteadores do evento: refletir sobre o papel histórico da AGB na construção da Geografia Brasileira e pensar e propor projetos para o Brasil. Nessa atividade participam professores, pesquisadores, representantes de movimentos sociais e de instituições parceiras na construção da geografia brasileira.

Eixos Temáticos - O VI Congresso Brasileiro de Geógrafos foi organizado de modo a atender a amplitude da nossa ciência, em cinco eixos temáticos: I - Espaço Agrário e Espaço Urbano: Abordagens Atuais; II - Gestão dos Recursos Naturais; III - História do Pensamento Geográfico; IV - Ensino, Formação e Exercício Profissional; V - Território, Região e Redes. Minicursos - Durante o Congresso, a realização de minicursos constitui-se de mais um espaço de formação de alunos e professores. Os eventos da AGB são também momentos em que encontram e confrontam-se distintas correntes teóricas do pensamento geográfico. Desse modo, eles se constituem em atividades de formação científica e política. Durante o VI CBG, ofereceu-se, 51 minicursos, ministrados pelos convidados para as mesas redondas e conferências, 3000 participantes.

As Plenárias da AGB constituem-se em espaços políticos importantes, ocasião em que os sócios participam ativamente de

todas as decisões relativas à entidade. No VI Congresso realiza-se uma Assembléia Extraordinária Estatuinte para propor mudanças em nosso estatuto com o objetivo de fazer avançar a entidade, de superar os problemas de organização e representação social dos geógrafos.

Finalmente, neste septuagésimo aniversário da AGB, prestam-se homenagens a geógrafos e geógrafas de diversas gerações que, sem medir esforços, ajudaram a construir a entidade (CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2004a).

O Quadro 7 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) deste evento.

**Quadro 7 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 6º. Congresso Brasileiro de Geógrafos (2004)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Mesas Redondas</u>	
- Espaço Agrário e Espaço Urbano	16
- Análise e Gestão dos Recursos Naturais	13
- História do Pensamento Geográfico	9
- Ensino, Formação e Exercício Profissional	16
- Território, Região e Redes	16
<u>Comunicações Coordenadas</u>	
- Espaço Agrário e Espaço Urbano	40
- Análise e Gestão dos Recursos Naturais	21
- Ensino, Formação e Exercício Profissional	10
- Território, Região e Redes	15
<u>Espaço de Diálogos</u>	
- Espaço Agrário e Espaço Urbano	465
- Análise e Gestão dos Recursos Naturais	339
- História do Pensamento Geográfico	60
- Ensino, Formação e Exercício Profissional	169
- Território, Região e Redes	355
<b>Total</b>	<b>1.544</b>

Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. Curitiba. **Anais...** Goiânia: AGB, 2004b. 1 CD-ROM.  
 CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. **Caderno de Resumos...** Goiânia: AGB, 2004b. 671p.

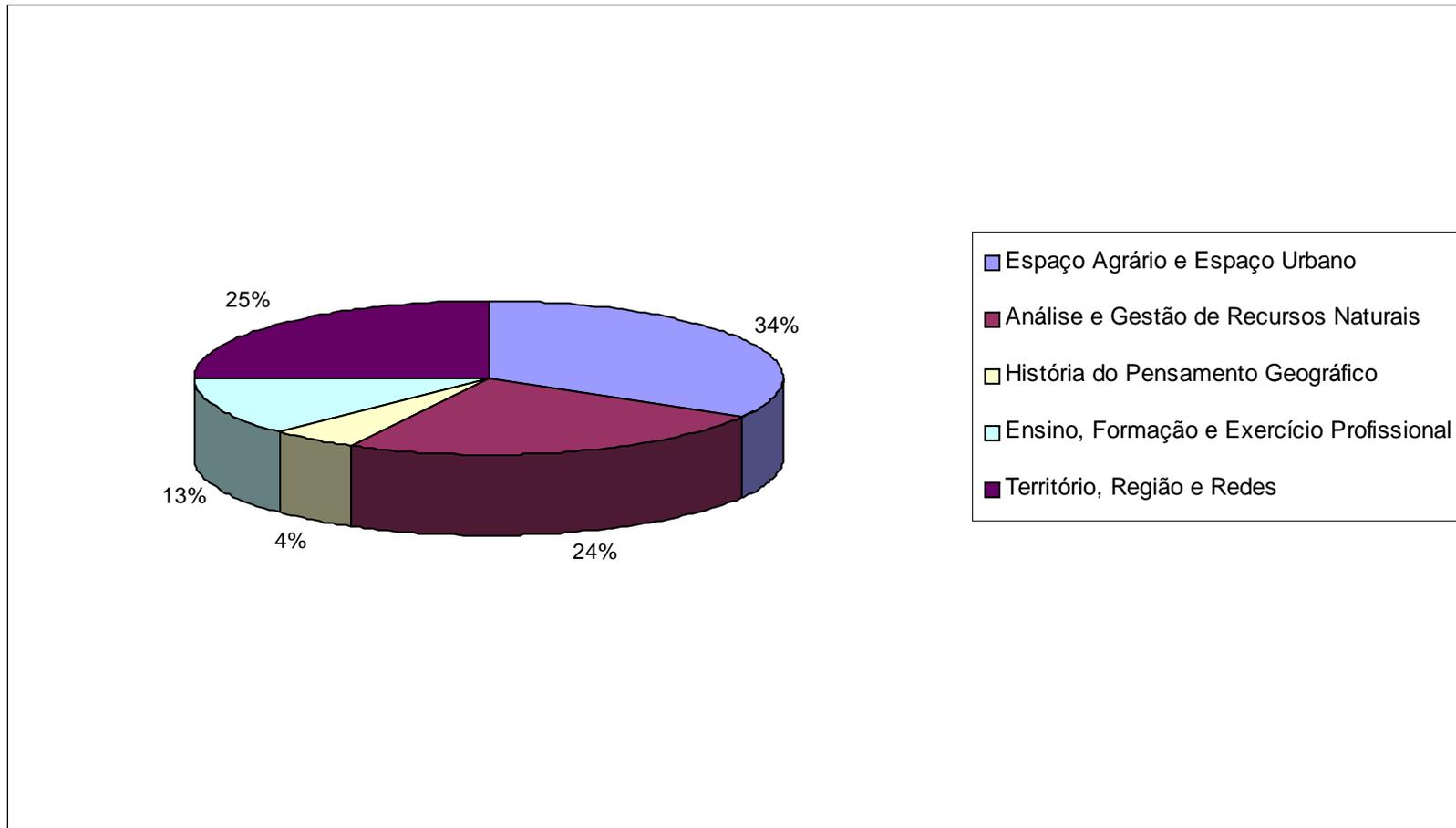
Analisando o quadro acima pode ser notado que o evento foi distribuído em eixos temáticos, aonde são agrupados os trabalhos nas diversas

subáreas/temas do conhecimento geográfico, sendo que os trabalhos voltados para a área da Geografia Física foram apresentados na temática “Análise e Gestão dos Recursos Naturais”, com predominância das subáreas/temas de Geomorfologia, Climatologia e Questão Ambiental.

Considerando os modelos de organização dos eventos da Associação dos Geógrafos Brasileiros, distribuídos em eixos temáticos não é possível classificar os trabalhos nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico, uma vez que os mesmos poderiam ser classificados em mais de uma subárea, isto devido a interdisciplinaridade que tem ocorrido na produção geográfica.

O Gráfico 6 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 6 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 6º Congresso Brasileiro de Geógrafos (2004)**



Fonte: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. Curitiba. **Anais...** Goiânia: AGB, 2004b. 1 CD-ROM.  
CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. **Caderno de Resumos...** Goiânia: AGB, 2004b. 671p.

Analisando o gráfico acima se pode verificar que a temática “Gestão de Recursos Naturais” representou 25% dos trabalhos publicados. Nesta temática estão agrupados os trabalhos ligados à Geografia Física, como “Geomorfologia”, “Climatologia”, “Biogeografia”, “Qualidade Ambiental”, dentre outros.

Nota-se, ainda, que está havendo um relativo aumento na quantidade de trabalhos ligados à Geografia Física apresentados e publicados nos Anais dos eventos científicos organizados pela Associação dos Geógrafos Brasileiros. Considerando a forma de distribuição das atividades dos eventos científicos em Eixos Temáticos não é possível classificar os trabalhos em subáreas/temas, como acontecia em eventos anteriores.

É inegável o papel da Associação dos Geógrafos Brasileiros na difusão e evolução do conhecimento geográfico brasileiro, como pode ser verificado nesta categoria de evento, aonde reúne os pesquisadores e são traçados os rumos da Geografia brasileira. Os Anais e Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas constataam o grande volume de trabalhos que foram produzidos e publicados, podendo ser notado a diversidade de assuntos tratados nas diferentes subáreas/temas e temas da Geografia. Os geógrafos e/ou pesquisadores da área da Geografia Física, vêm retornando a participação nestes eventos, principalmente na última década do século XX, conforme pode ser verificado nos Anais destes eventos, sendo que a temática Ambiental engloba os trabalhos produzidos e publicados na área da Geografia Física.

## **6.2 Encontro Nacional de Geógrafos**

O **1º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Presidente Prudente, Estado de São Paulo, no período de 01 a 08 de julho de 1972, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, sendo a primeira grande reunião de geógrafos promovida por esta Associação após a reforma estatutária de 1970. O evento foi realizado na antiga Faculdade de Filosofia, instituição vinculada aos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo.

Segundo Alegre (1973), Coordenador de Publicações da Associação dos Geógrafos Brasileiros naquele período,

Esta publicação – ANAIS da Associação dos Geógrafos Brasileiros – é corolário e o coroamento do I Encontro Nacional de Geógrafos pois enfaixa em suas páginas as comunicações apresentadas, tanto no Simpósio como no Plenário Geral, deste certame que foi um significativo momento da Geografia brasileira ao mesmo tempo que um marco decisivo na vida da AGB. O I Encontro Nacional de Geógrafos realizado na cidade de Presidente Prudente, SP., no período de 1 a 8 de julho de 1972, constituiu a primeira grande reunião de geógrafos promovida pela AGB, após a reforma estatutária de 1970.

O artigo 28 do novo Estatuto da Associação diz: “A Associação dos Geógrafos Brasileiros promoverá a cada dois anos a sua Assembléia Geral, reunião de caráter administrativo, simultaneamente com um Encontro Nacional de Geógrafos, de caráter cultural”.

Ficou decidido, logo após a reforma, que o primeiro encontro seria realizado em 1972, concomitantemente com a XXVI Assembléia Geral. Escolhido esse ano para o início da nova fase de atividades da nossa associação por ser 1972 um ano histórico: o do sesquicentenário da Independência do Brasil. Assim, a AGB contribuiria de forma condigna para o maior brilho das comemorações programadas.

Vale dizer que essa nova modalidade de reunião veio substituir nas Assembléias da AGB, o trabalho de pesquisa que durante muito tempo se fez através de grupos que se organizavam e saíam a campo para, durante 3 ou 4 dias, em verdadeiras mutirões estudar os variados aspectos da Geografia local e regional. Estudos de vulto realizados e posteriormente publicados fornecem cabal demonstração da importância que essas atividades tiveram e da imensa contribuição que deram para o progresso da Geografia no Brasil.

Mas esses estudos e pesquisas de campo, tradicionais na AGB a partir da década de quarenta, desempenharam ainda outra relevante papel: contribuíram, e muito, para a formação de alguns dos maiores nomes da Geografia brasileira já que, nessas reuniões e grupos, estudantes e jovens licenciados tiveram a oportunidade de trabalhar ao lado dos mais experientes e renomados geógrafos não só do país, como, não raro, do exterior. Foram, portanto, verdadeiras escolas de Geografia.

Todavia, nas assembléias, pela própria natureza dos trabalhos, o número de participantes não poderia ser muito grande. É sabido que as equipes numerosas para pesquisa de campo não são funcionais e daí a limitação do número de pessoas nas assembléias que resultaram em mais ou menos fechadas e restritas.

Entretanto, a criação de diversos cursos de geografia no país trazia como conseqüência, substancial aumento do número de estudantes, logo professores de geografia e geógrafos, ao mesmo tempo que o próprio quadro associativo da AGB também se ampliava. Tudo estava a indicar que não mais seria produtora a realização de assembléias segundo aquele esquema de trabalho restrito e de pequena repercussão.

Considere-se ainda que o progresso geral das ciências, muito rápido nos últimos anos, contribuía para estreitar mais e mais os laços que unem os campos de estudo ou ramos das ciências afins aumentando a interdependência que acaba por forçar, em benefício do próprio desenvolvimento de cada uma, a comunicação interdisciplinar, a troca de informações e experiências.

Desta maneira, as antigas assembleias, que relevante papel desempenharam na evolução da geografia em nosso país, poderiam agora exercer função inversa contribuindo para um absurdo retrocesso que acabaria por provocar, inclusive, o estrangulamento da própria AGB. Inclusive já se notava, principalmente da parte de muitos geógrafos efetivos (titulares) que em realidade sentiam o problema, certo desinteresse pela participação nas assembleias.

Urgia, portanto, que se reformulassem os estatutos da Associação. Novo esquema de trabalho precisava ser encontrado de modo a promover abertura dinamizadora para as reuniões periódicas da AGB e que, tanto quanto possível deveriam ter caráter nacional.

E foi assim que, durante a reforma estatutária de 1970 decidiu-se instituir os Encontros em substituição ao antigo esquema marcando-se, desde logo, o primeiro para 1972 quando se realizaria também a XXVI Assembleia Geral.

Após uma série de colocações, em reuniões sucessivas, o Conselho Diretor da AGB escolheu, como tema central desse primeiro Encontro, o estudo da Colonização no Brasil. Atingiria, assim, a Associação, duplo objetivo: realizaria reunião de repercussão nacional, e por isso mesmo aberta a todos aqueles que desejassem participar, tendo em vista a relevância do tema, ao mesmo tempo proporcionaria aos geógrafos a oportunidade de oferecer também sua contribuição ao estudo do palpitante assunto num momento em que as preocupações de todos, neste país, voltam-se para o problema da ocupação dos imensos vazios do interior.

Decidiu-se ainda, como complementação dos estudos que se fariam durante o Encontro, pela realização de algumas excursões. Escolhida a sede para o I Encontro – Presidente Prudente, no sudoeste do Estado de São Paulo – delinearam-se desde logo os grandes rumos dessas excursões que, em número de três, ficaram assim acertadas: Oeste de São Paulo, Noroeste do Paraná e Sul do Mato Grosso.

Desta forma teriam os participantes do Encontro o ensejo de ver ‘in loco’ três aspectos diferentes de ocupação do solo refletindo situações diversas de colonização e, até certo ponto, estágios sucessivos de evolução:

- Oeste de São Paulo onde se insere a própria cidade de Presidente Prudente, área de colonização mais antiga, ocupada principalmente em função do café e que, após passar por uma fase onde a agricultura predominou largamente, encontra-se agora com a pecuária em estágio mais avançado;
- Noroeste do Paraná, de colonização mais recente e também baseada no café e que, em parte decorrente da melhor qualidade dos solos, tem ainda na agricultura a atividade predominante;
- Sul do Mato Grosso, possui áreas onde o ‘front’ pioneiro ainda permanece e as iniciativas de colonização, particulares e governamentais explicam o explosivo aumento da população.

Para possibilitar aos excursionistas melhor compreensão do quadro que iriam ver ficou decidido também que se fariam roteiros ou guias

de excursões cabendo a um grupo de agebeanos a pesquisa e elaboração dos mesmos e que foram publicados sob o título geral de Guias de Excursões, volume com 256 páginas, ilustrado. A parte referente ao Oeste de São Paulo, a mais extensa, coube aos professores: José Martin Suarez, Hideo Sudo, Marcos Alegre, Fernando Carlos Fonseca Salgado, José Ferrari Leite, todos do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente; o Noroeste do Paraná esteve a cargo dos professores Aluizio Capdeville Duarte e Ney Strauch, da Fundação IBGE e o Sul de Mato Grosso – responsabilidade do Prof. Alvanir de Figueiredo, também da Faculdade de Filosofia de Presidente Prudente.

Tomadas estas decisões, ficou por fim estabelecido que caberia ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia de Presidente Prudente, integrado na sua totalidade por agebeanos, encarregado, em colaboração com a Comissão Executiva da AGB, da organização do I Encontro e sob a coordenação deste professor.

Após estudos de viabilidade ficou assentado que o Encontro se desenvolveria de acordo com o seguinte esquema geral:

1. Simpósio – tema: “Perspectivas da Colonização no Brasil”
2. Mesa-redonda – tema: “Presidente Prudente e sua Região”
3. Teses e Comunicações (assuntos variados)
4. Assembléia Geral (Reunião Administrativa)
5. Exposição Geo-cartográfica
6. Feira de Livros

A partir de novembro de 1971 teve início intensa movimentação e correspondência dando-se ciência a centenas de entidades ainda que remotamente ligadas à geografia ou ao tema central do Encontro, da realização deste conclave.

Tudo caminhou muito bem e, em verdade, o êxito alcançado superou as mais otimistas expectativas: maciça e entusiasta participação de geógrafos, professores e estudantes representando praticamente todos os Estados da Federação e mesmo de outros países, incluindo-se também diversos antigos agebeanos de há muito afastados das reuniões; o elevado número de trabalhos apresentados muito dos quais revelando alto nível podendo-se dizer o mesmo dos debates travados; a belíssima e sugestiva Exposição Geo-Cartográfica que teve a visitá-la, sempre grande público; a Feira de Livros que possibilitou ampla divulgação de obras interessando à geografia, incluindo-se publicações da própria AGB; o volume Guia de Excursões, publicado pouco antes do início do Encontro e agora os presentes ANAIS tudo, enfim, nos leva a crer ter sido a nossa Associação a grande beneficiada pois ela, sem dúvida, saiu do Encontro bastante fortalecida.

Esse fato é testemunho inelutável do acerto que representou a introdução do Encontro como modalidade de reunião periódica da AGB.

Que os próximos Encontros confirmem o êxito alcançado pelo primeiro que a Associação dos Geógrafos Brasileiros possa continuar no caminho que se propôs de promover o desenvolvimento da Geografia no Brasil, são nossos mais sinceros votos” (p. 11-15).

O Quadro 8 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 8 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Encontro Nacional de Geógrafos (1972)**

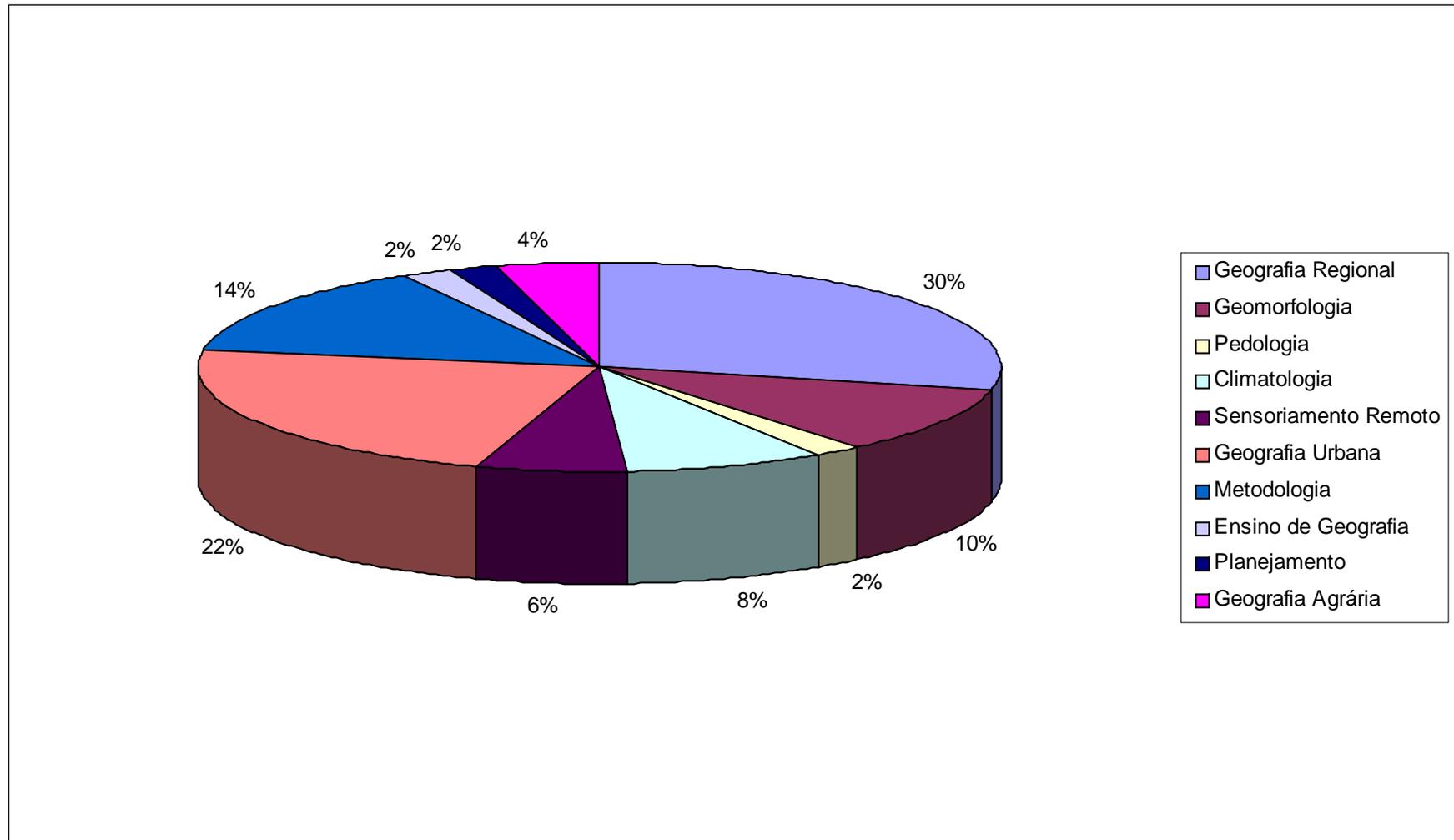
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Simpósios</u>	
- Geografia Regional	9
<u>Mesa-Redonda</u>	
- Geografia Regional	1
<u>Comunicações</u>	
- Geomorfologia	5
- Pedologia	1
- Climatologia	4
- Sensoriamento Remoto	3
- Geografia Regional	4
- Geografia Urbana	11
- Metodologia	7
- Ensino de Geografia	1
- Planejamento	1
- Geografia Agrária	2
<b>Total</b>	<b>49</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1., 1972, Presidente Prudente. **Anais...** São Paulo: AGB, 1973. 330p.

Analisando os Anais do referido evento constatou-se que foram publicados 49 trabalhos (simpósios, mesa-redonda e comunicações), sendo que 13 trabalhos na área de Geografia Física, predominando os estudos sobre Geomorfologia (5), Climatologia (4), Sensoriamento Remoto (3) e Pedologia (1).

O Gráfico 7 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

Gráfico 7 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Encontro Nacional de Geógrafos (1972)



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1., 1972, Presidente Prudente. **Anais...** São Paulo: AGB, 1973. 330p.

Analisando o gráfico acima pode ser constatado que os trabalhos ligados à área de Geografia Física (Geomorfologia, Climatologia, Pedologia e Sensoriamento Remoto) representaram 26% dos trabalhos publicados, sendo que as subáreas/temas Geomorfologia (10%) e Sensoriamento Remoto (8%) predominaram.

O **2º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, no período de julho de 1976, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado na Universidade Federal de Minas Gerais.

Este evento foi organizado através das diversas subáreas/temas e temas da Geografia, conforme segue: 1) Geografia Urbana; 2) População; 3) Geografia Física; 4) Regionalização e Geografia Regional; 5) Geografia Agrária; e 6) Outros Temas.

O Quadro 9 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados no Caderno de Resumos de Comunicações e guias de Excursões deste evento.

**Quadro 9 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Resumos de Comunicações e Guias de Excursões do 2º. Encontro Nacional de Geógrafos (1976)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. De Trabalhos Publicados</b>
<b>Comunicações</b>	
- Geografia Física	25
- Geografia Agrária	7
- Geografia Urbana	20
- Geografia Regional	6
- População	7
- Outros Temas	16
<b>Total</b>	<b>81</b>

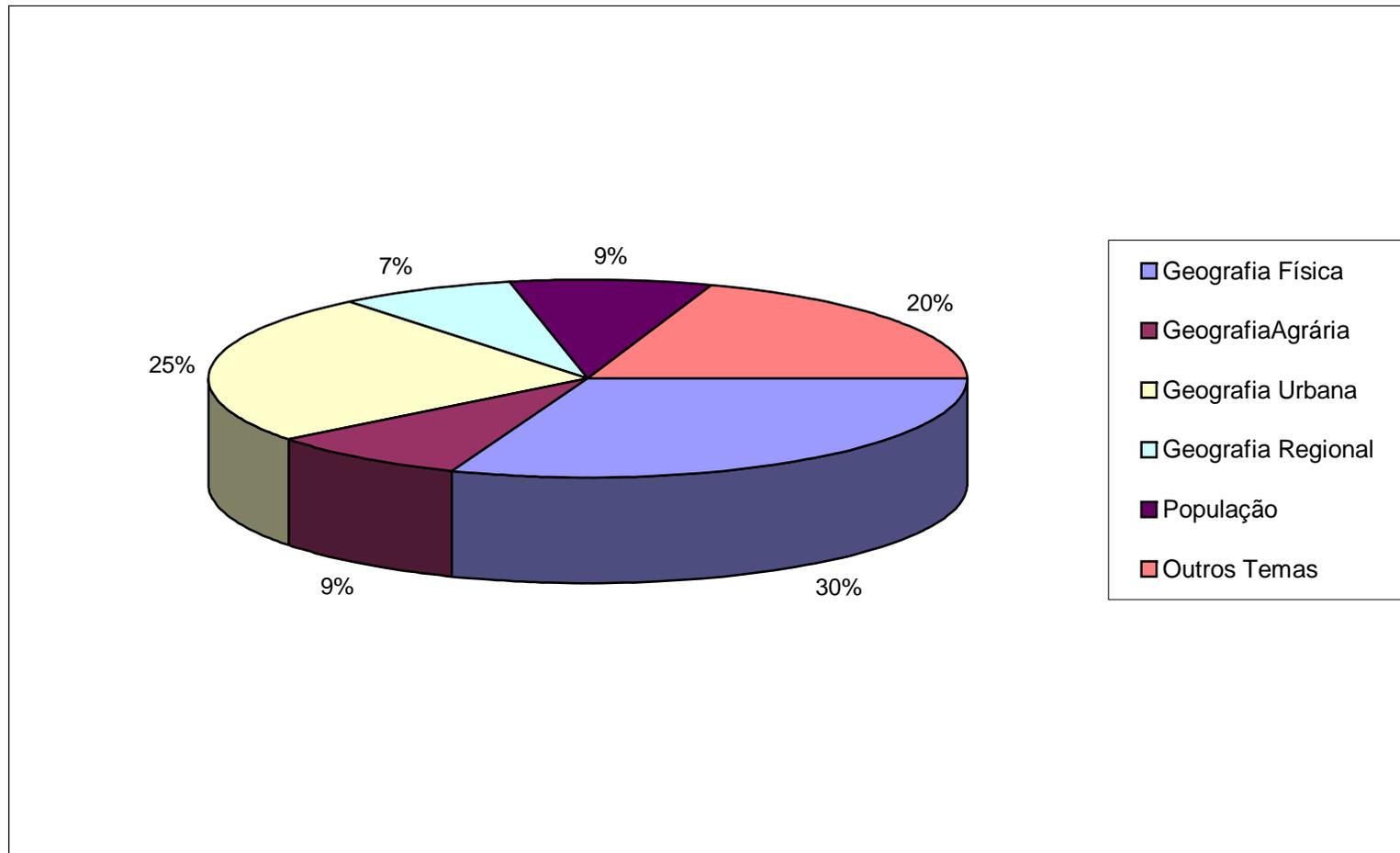
Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2., 1976, Belo Horizonte. **Resumos de comunicações e guias de excursões...** Belo Horizonte: AGB, 1976. 600p.

Analisando o caderno de resumos de comunicações e guias de excursões do referido evento pode ser constatado que foram publicados 81

trabalhos (comunicações), sendo 24 dedicados aos estudos na subárea de “Geografia Física”, com predomínio da “Geomorfologia” (15), da “Climatologia” (08), da “Hidrologia” (1) e da “Geologia” (1), notando-se que as temáticas “Geomorfologia” e “Climatologia” eram as mais discutidas e produzidos pelos geógrafos dedicados à Geografia Física.

O Gráfico 8 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 8 – Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Resumos de Comunicações e Guias de Excursões do 2º. Encontro Nacional de Geógrafos (1976)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2., 1976, Belo Horizonte. **Resumos de comunicações e guias de excursões...** Belo Horizonte: AGB, 1976. 600p.

Pode-se observar no gráfico que 30% dos trabalhos publicados pertenceram à subárea de “Geografia Física”, sendo que predominaram a “Geomorfologia”, a “Climatologia”, a “Hidrologia” e a “Geologia”, demonstrando a preocupação com relação à questão ambiental, presentes nos trabalhos, especialmente na “Geomorfologia” e na “Climatologia”, que tratam dos problemas relacionados à intervenção humana no meio ambiente.

O **3º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, no período de 19 a 27 de julho de 1978, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado na Universidade Federal do Ceará.

Segundo Magalhães Filho (1978, p. 7-9), presidente da AGB e da Coordenação de Publicações naquele período,

A Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB através de sua Coordenação de Publicações ao publicar o presente número do Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, retoma a seriação interrompida desde 1972, quando saíram os Anais referentes ao 1º. Encontro Nacional de Geógrafos, realizado na cidade de Presidente Prudente.

A não publicação dos volumes XVI e XVII referentes, respectivamente ao 2º. Congresso Brasileiro de Geógrafos, realizado no Rio de Janeiro em 1965 e às Assembléias Gerais de Blumenau, Franca, Montes Claros e Vitória, deve-se, naturalmente, às dificuldades enfrentadas pela Associação ao longo desses anos: falta de verbas e a não entrega por alguns autores, dos artigos que seriam inseridos nestes volumes.

Em virtude do tempo decorrido, muitos capítulos perderam sua atualização e são hoje em dia rejeitados pelos seus autores que não desejam mais vê-los publicados; e outros ainda foram publicados em diversas revistas geográficas, não se justificando agora sua reedição. Após a reforma dos Estatutos da AGB em 1970, as antigas reuniões culturais, denominadas de Assembléias Gerais, passaram a denominar-se Encontros ou extraordinariamente congressos como o foi o de Belém, realizado em 1974, para comemorar o 40º. Aniversário da associação.

Os temas apresentados nesses eventos, passaram a ser publicados em dois volumes, divididos em duas seções: o primeiro com as matérias referentes aos simpósios e comunicações e outro referente às excursões, este substituindo os antigos números avulsos referentes às equipes de pesquisas de campo.

O Quadro 10 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nas sessões dirigidas e comunicações deste evento.

**Quadro 10 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Sessões Dirigidas e Comunicações do 3º. Encontro Nacional de Geógrafos (1978)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. De Trabalhos Publicados</b>
<u>Sessões Dirigidas</u>	
- Geografia Urbana	4
- Geografia Agrária	3
- Meio Ambiente e Qualidade Ambiental	1
<u>Comunicações</u>	
- Geomorfologia	11
- Climatologia	6
- Hidrografia	4
- Solos	1
- Meio Ambiente e Qualidade Ambiental	8
- População	5
- Povoamento	5
- Geografia Agrária	10
- Indústrias	3
- Geografia Urbana	25
- Estrutura e Desenvolvimento Regional	3
- Metodologia	5
- Ensino de Geografia	2
- Outros Temas	8
<b>Total</b>	<b>104</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. **Comunicações...** Fortaleza: AGB, 1978a. 416p.

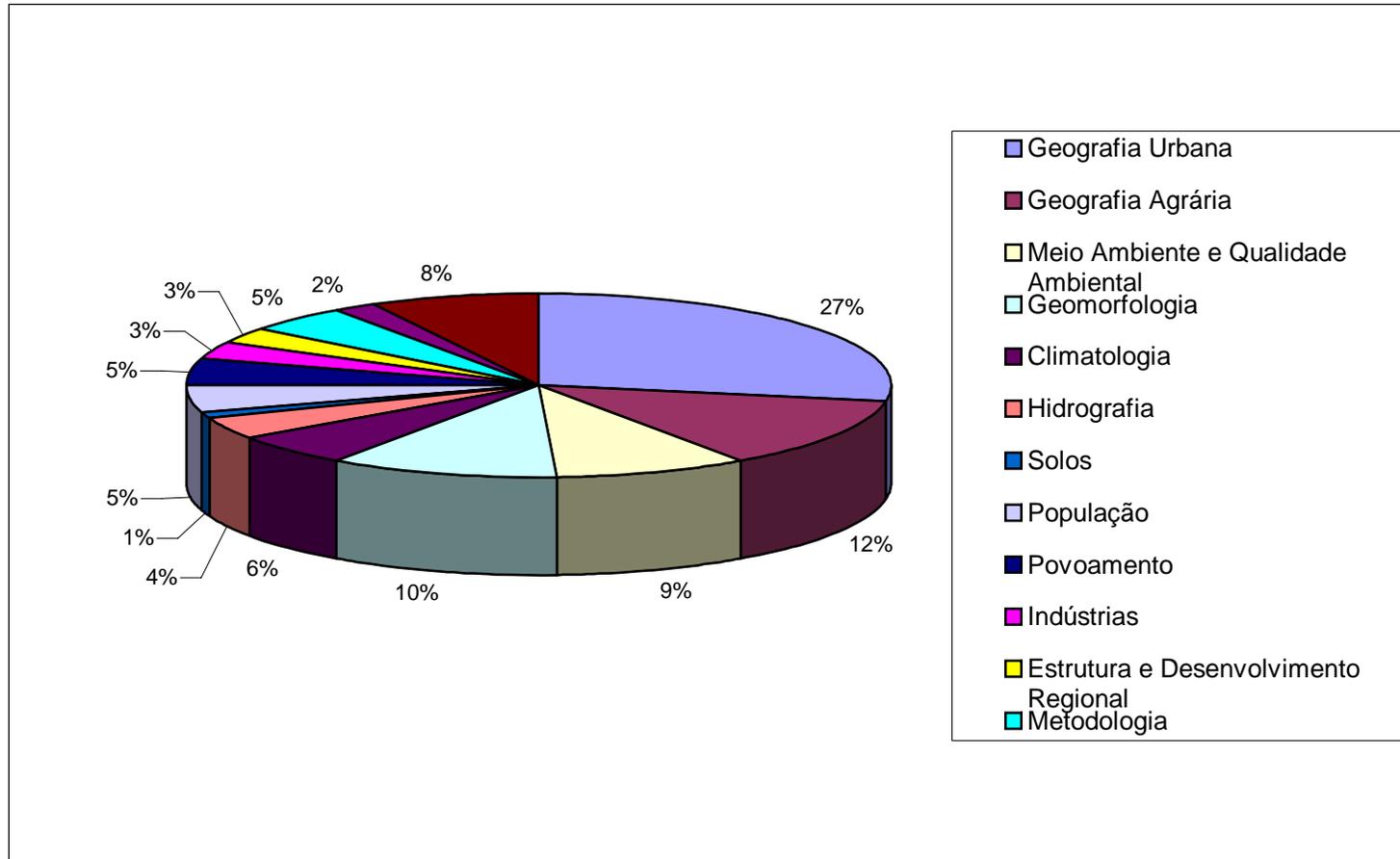
ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. **Sessões dirigidas...** Fortaleza: AGB, 1978b. 104p.

Analisando os cadernos de Sessões Dirigidas e Comunicações do referido evento pode ser constatado que foram publicados 104 trabalhos (sessões dirigidas e comunicações – estudos de temas livres).

Dentre os trabalhos ligados à área de Geografia Física nota-se o predomínio de trabalhos nas subáreas/temas “Geomorfologia” (11), “Climatologia” (6) e “Meio Ambiente e Qualidade Ambiental” (8), que continuavam, como se verificou nos eventos anteriores, sendo as áreas mais pesquisadas, evidenciando a preocupação com a questão ambiental.

O Gráfico 09 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 9 – Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Sessões Dirigidas e Comunicações do 3º. Encontro Nacional de Geógrafos (1978)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. **Comunicações...** Fortaleza: AGB, 1978b. 416p.  
 ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. **Sessões dirigidas...** Fortaleza: AGB, 1978b. 104p.

Neste gráfico nota-se o predomínio de trabalhos sobre “Geomorfologia” (10%), “Meio Ambiente e Qualidade Ambiental” (9%), “Climatologia” (6%), “Hidrologia” (4%) e “Solos” (1%), dentre os trabalhos ligados à subárea de “Geografia Física”, representando 30% dos trabalhos publicados neste evento.

**O 4º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, no período de 13 a 19 de julho de 1980, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado no Campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este evento foi dividido em: mesas-redondas, simpósio e comunicações orais, com um total de 99 trabalhos publicados.

Segundo a Comissão Organizadora do evento,

Entregamos com este volume os ANAIS DO IVº ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS – IVº ENG, realizado na PUC do Rio de Janeiro, no período de 13 a 19 de julho de 1980.

Contém os textos relativos a Mesas Redondas, Comunicações Orais e Simpósio. Os textos de Mesas Redondas constituem parte do total das intervenções, aquela que recebemos até o momento final da impressão, passados quatro meses do Encontro. Não foi-nos possível esperar mais. Os textos das Comunicações Orais constituem na quase totalidade aqueles que foram entregues no próprio período do IVº ENG. Os que recebemos posteriormente, foram então incorporados. Nenhum texto recebido deixou de ser impresso. Os Anais saem, nesse plano, completos.

O material recebido foi organizado em conjuntos, reordenando-se, pelo exposto, a estrutura da programação do IVº ENG, reunido sob títulos que exprimem linguagem mais universal para a Geografia: Meio Ambiente, Campo, Cidade, População, lugar, Estado, Ensino, Teoria.

Uma análise do material contido neste volume indica as primeiras linhas de pesquisa e reflexão na Geografia brasileira do final da década de 70. A re-descoberta da geografia física, agora considerada dentro da ótica ecológica, onde a história se faz presente, constitui-se em uma tendência que se cristalizou através de numerosos trabalhos. Temas como impacto ambiental, qualidade ambiental, potencial do quadro físico, recursos energéticos e equilíbrio ecológico, foram abordados em numerosas Comunicações Orais e Mesas Redondas.

A geografia agrária aparece através de textos que enfatizam as transformações recentes no campo, como as mudanças nas relações sociais de produção, as frentes de expansão agrícola, mudanças no uso da terra, incluindo, ainda, textos sobre abastecimento e armazenagem.

Os geógrafos preocupados com o fenômeno urbano discutiram, a partir de suas intervenções, questões relativas às grandes cidades brasileiras, privilegiando o Rio de Janeiro. Classes sociais e

habitação, e o Estado e o urbano, constituem temas que, ao lado de apresentações sobre descentralização, características de redes urbanas regionais, e a urbanização no campo, foram apresentados. Outras intervenções incluíram uma gama temática que engloba desde assuntos pertinentes às migrações, aos transportes, saúde, comercialização, reflorestamento, a assuntos relativos à ação política, ensino e teoria em Geografia.

De fundamental importância para a Geografia brasileira foram as apresentações e debates sobre a natureza da Geografia e as mudanças que afetaram-na no Brasil nos últimos vinte anos. As perspectivas apontadas, e claramente evidenciadas nas apresentações, indicam uma geografia crítica, nova, não mais uma ideologia que serve à dominação interna e externa de poucos, mas uma Geografia que sirva aos interesses da maioria (ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1980, p. 9-10).

O Quadro 11 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos anais deste evento.

**Quadro 11 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Encontro Nacional de Geógrafos (1980)**

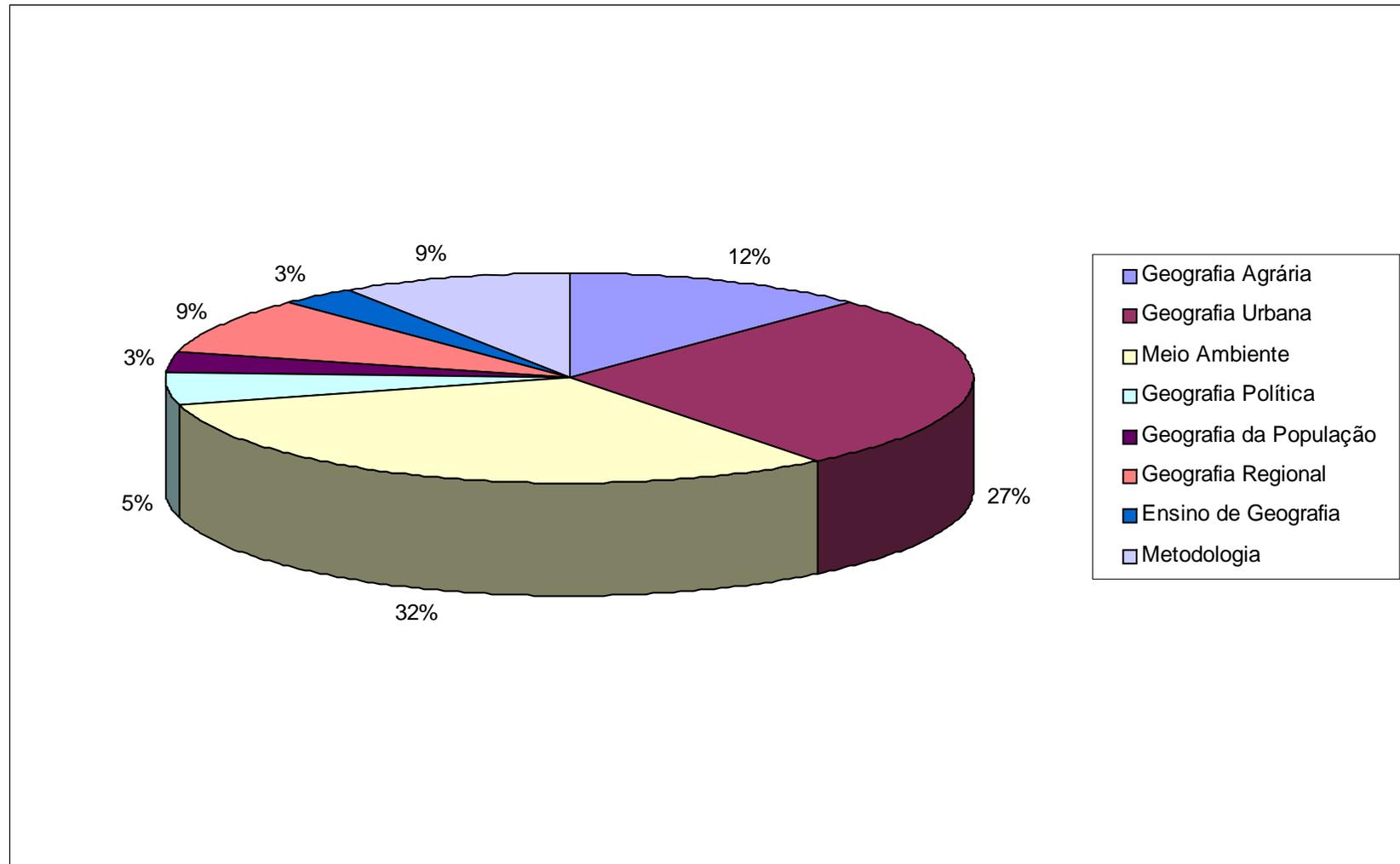
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Mesas-Redondas</u>	
- Meio Ambiente	8
- Geografia Política	3
- Geografia Agrária	3
- Geografia Urbana	11
- Geografia Regional	4
- Ensino de Geografia	1
- Metodologia	4
<u>Simpósio</u>	
- Metodologia	1
<u>Comunicações</u>	
- Geografia Agrária	9
- Geografia Urbana	16
- Meio Ambiente	23
- Geografia Política	2
- Geografia da População	3
- Geografia Regional	5
- Ensino de Geografia	2
- Metodologia	4
<b>Total</b>	<b>99</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: AGB, 1980.

A redescoberta da Geografia Física, agora considerada dentro da ótica ecológica, onde a história se fez presente, constituiu-se em uma tendência que se cristalizou através de numerosos trabalhos. Temas como “Impacto Ambiental”, “Qualidade Ambiental”, “Potencial do Quadro Físico”, “Recursos Energéticos” e “Equilíbrio Ecológico” foram abordados em um grande número de comunicações e mesas-redondas, porém todos os trabalhos foram agrupados na temática “Meio Ambiente”.

O Gráfico 10 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 10 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Encontro Nacional de Geógrafos (1980)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: AGB, 1980.

Nota-se neste gráfico que a temática “Meio Ambiente” predominou no evento, com 32% dos trabalhos publicados, demonstrando uma preocupação dos pesquisadores com essa temática que se encontra inserida na subárea “Geografia Física”.

O **5º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, no período de 17 a 23 de julho de 1982, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este evento foi dividido em: conferências, mesas-redondas, simpósios e comunicações livres.

Segundo a Comissão Organizadora Local do evento, com relação aos Anais,

Este volume – “Contribuições Científicas”, volume II – é composto por resumos de Comunicações Livres, Mesas-Redondas, Simpósios e Conferências apresentados durante o 5º. Encontro Nacional de Geógrafos. Com este documento completa-se, quase que em sua totalidade, a abordagem dos assuntos que foram apresentados e debatidos pela comunidade geográfica do país, que se fez presente no 5º. ENG. Mais do que um mero informativo, esperamos que os Anais sirvam de estímulo ao aprofundamento dos temas neles contidos, propiciando um constante desenvolvimento da Geografia (ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1982, p. 7).

O Quadro 12 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos anais (contribuições científicas) deste evento.

**Quadro 12 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Encontro Nacional de Geógrafos (1982)**

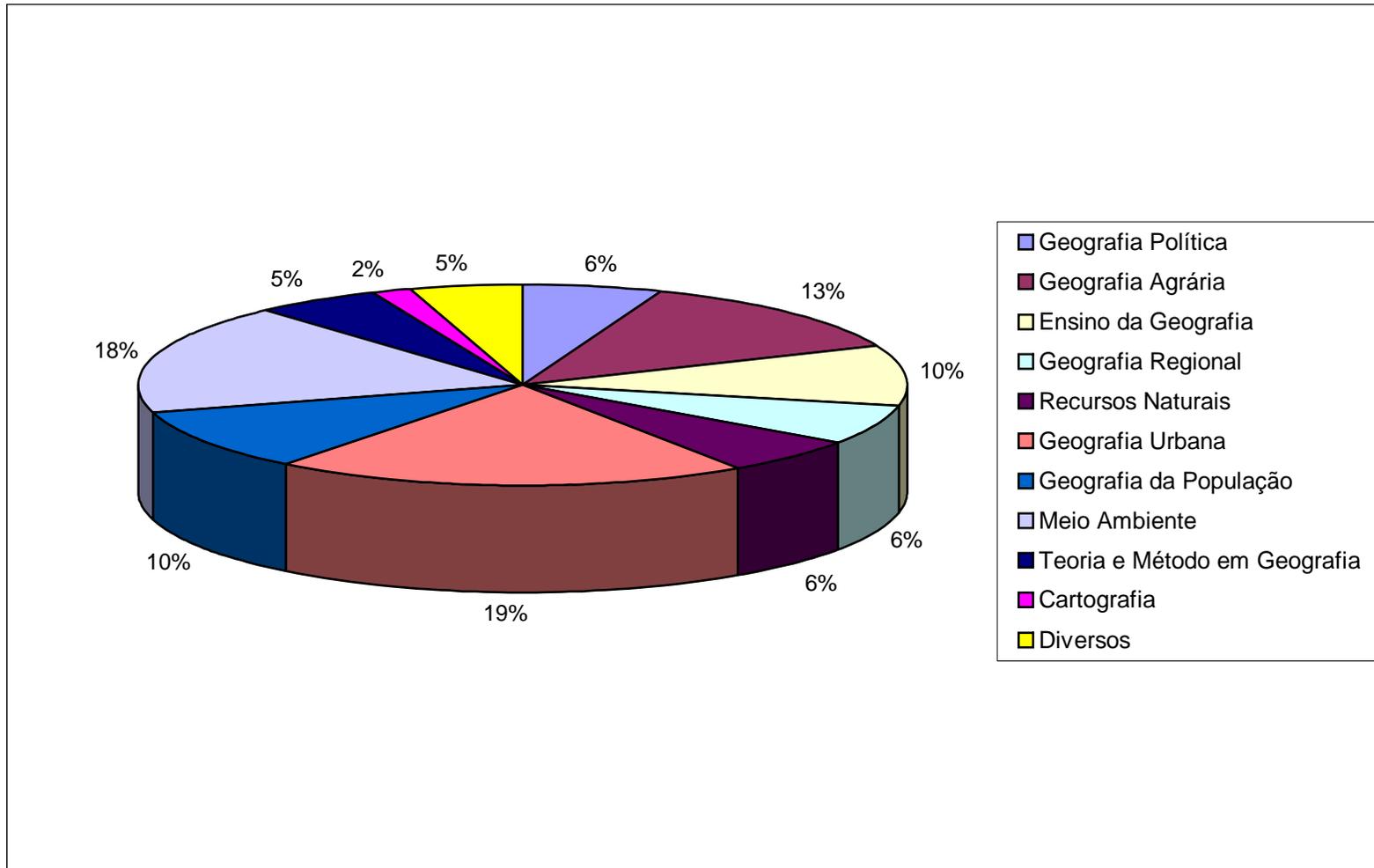
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. De Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferências e Mesas-Redondas</u>	
- Geografia Política	5
- Geografia Agrária	6
- Ensino de Geografia	8
- Geografia Regional	8
- Meio Ambiente	6
- Geografia Urbana	8
- Recursos Naturais	5
<u>Simpósios</u>	
- Geografia Política	2
- Geografia Agrária	1
- Ensino da Geografia	2
<u>Comunicações Livres</u>	
- Geografia Agrária	15
- Geografia Urbana	27
- Geografia da População	17
- Meio Ambiente	25
- Recursos Naturais	5
- Ensino de Geografia	7
- Geografia Política	3
- Teoria e Método em Geografia	9
- Geografia Regional	2
- Cartografia	3
- Diversos	8
<b>Total</b>	<b>173</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. **Anais: contribuições científicas...** Porto Alegre: AGB, 1982. 2v.

Ao analisar o quadro acima se evidencia, na área da Geografia Física, a predominância de trabalhos voltados às seguintes temáticas: “Meio Ambiente” (31), destacando “Zoneamento Ecológico”, “Estudos Climatológicos”, “Fitossociologia”, “Meteorologia”, “Parques e Reservas Florestais”, “Áreas Degradadas”, “Qualidade da Água”, “Poluição das Águas”, dentre outros; e “Recursos Naturais” (10), destacando “Reservas de Carvão”, “Reservas de Óleos e Petróleo”, dentre outros.

O Gráfico 11 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 11 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Encontro Nacional de Geógrafos (1982)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. **Anais: contribuições científicas...** Porto Alegre: AGB, 1982. 2v.

Nota-se mais uma vez o predomínio de trabalhos ligados à temática “Meio Ambiente”, que foi responsável por 18% dos trabalhos publicados e a temática “Recursos Naturais” que representou 6% dos trabalhos publicados.

O **6º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Campo Grande, Estado do Mato Grosso do Sul, no período de 16 a 22 de julho de 1986, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, com co-participação da Fundação Universidade Católica do Mato Grosso (UCMT) / Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (FUFMS) e realizado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Este evento foi dividido nos seguintes temas: 1) Geopolítica na América Latina; 2) Questão da Terra; 3) Movimentos Sociais; 4) Ensino e Prática da Geografia; 5) Democracia e Meio Ambiente; 6) Teoria da Geografia; 7) O Urbano; 8) Indústria e Comércio; e 9) Saúde e Turismo.

O Quadro 13 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados no caderno de contribuições científicas (resumos) deste evento.

**Quadro 13 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 6º. Encontro Nacional de Geógrafos (1986)**

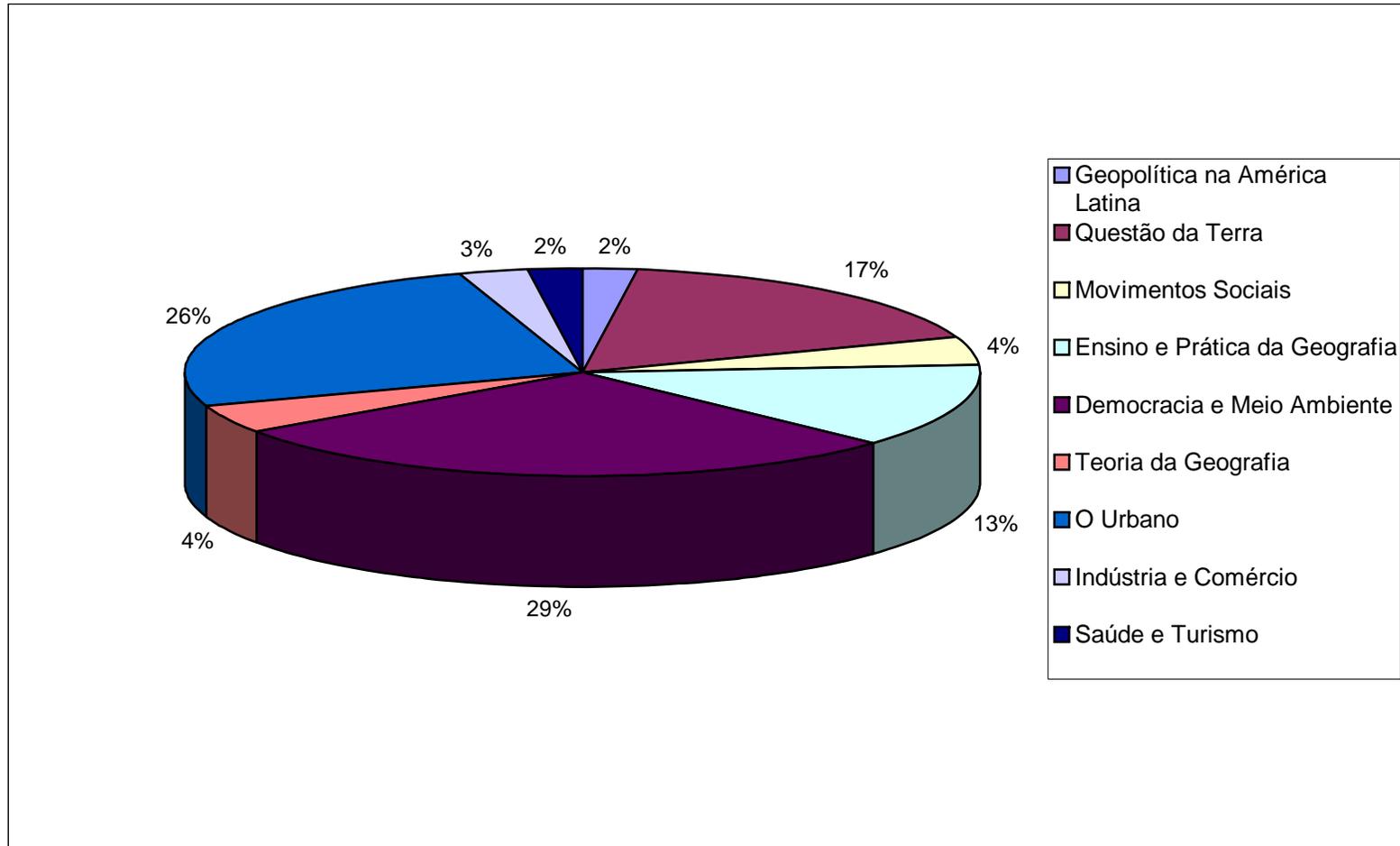
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Contribuições Científicas</u>	
- Geopolítica na América Latina	4
- Questão da Terra	31
- Movimentos Sociais	8
- Ensino e Prática da Geografia	23
- Democracia e Meio Ambiente	51
- Teoria da Geografia	8
- O Urbano	45
- Indústria e Comércio	5
- Saúde e Turismo	4
<b>Total</b>	<b>179</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. **Contribuições científicas: resumos...** Campo Grande: AGB, 1986.

Neste evento foram publicados 179 trabalhos (resumos de contribuições científicas), sendo na que área de Geografia Física predominaram trabalhos voltados para à temática “Democracia e Meio Ambiente” (51), notando-se que todos trabalhos tratam da questão ambiental, como: “Zoneamento de Riscos” (1), “Impactos Sócio-Ambientais” (2), “Degradação Ambiental” (5), “Desequilíbrio Ambiental” (1), “Recursos Hídricos” (2), “Poluição” (1), “Aterro Sanitário” (1), “Planejamento Ambiental” (7), “Recursos Naturais” (6), “Qualidade Ambiental” (5), “Gerenciamento Costeiro” (1), “Processos Geomorfológicos” (2), “Estudo do Clima” (3), “Estudo da Chuva” (4), “Bacia Hidrográfica” (5), “Conservação do Solo” (4) e “Desertização” (1).

O Gráfico 12 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 12 – Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 6º. Encontro Nacional de Geógrafos (1986)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. **Contribuições científicas: resumos...** Campo Grande: AGB, 1986.

Analisando o gráfico verificou-se que a temática “Democracia e Meio Ambiente” representou 29% dos trabalhos publicados, demonstrando o interesse por pesquisas nesta temática da Geografia Física. Apesar da amplitude da temática, que envolve “Democracia” e “Meio Ambiente”, todos os trabalhos publicados tratam especificamente da questão ambiental.

O **7º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Maceió, Estado de Alagoas, no período de 23 a 29 de julho de 1988, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado na Universidade Federal de Alagoas.

O tema deste evento foi “Geografia e Realidade Brasileira: Formas de Resistência”, sendo conveniente destacar que 1988 foi o ano da Constituinte do Brasil.

As temáticas deste evento foram: 1) Cartografia; 2) Ensino de Geografia; 3) Espaço e Política; 4) Geografia Física; 5) Geografia Humana; 6) Questão Agrária; 7) Questão Ambiental; 8) Questão Regional; 9) Questão Urbana; e 10) Teoria, Filosofia e Metodologia.

O Quadro 14 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados no caderno de contribuições científicas (resumos) deste evento.

**Quadro 14 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 7º. Encontro Nacional de Geógrafos (1988)**

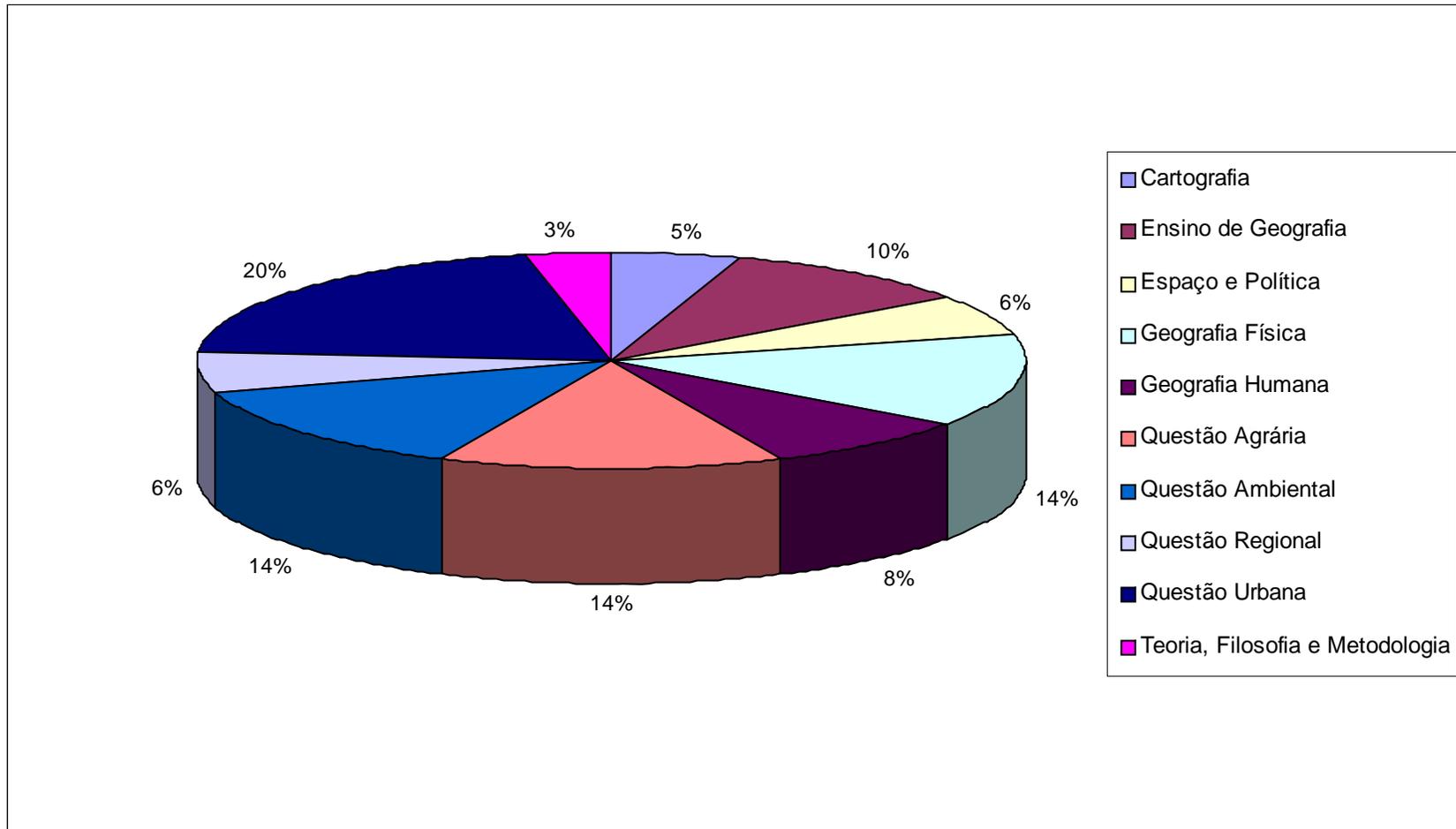
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Contribuições Científicas</u>	
- Cartografia	9
- Ensino de Geografia	19
- Espaço e Política	11
- Geografia Humana	26
- Geografia Agrária	15
- Questão Ambiental	24
- Questão Regional	25
- Questão Urbana	11
- Teoria, Filosofia e Metodologia	37
<u>Vídeos</u>	
- Questão Agrária	1
- Questão Urbana	1
- Teoria, Filosofia e Metodologia	1
<b>Total</b>	<b>185</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 7., 1988, Maceió. **Contribuições científicas: resumos...** Maceió: AGB, 1988.

Neste evento foram publicados 185 trabalhos, sendo que na área de Geografia Física foram 25 trabalhos sobre a temática “Questão Ambiental” e 26 sobre a temática “Geografia Física”, evidenciando “Geomorfologia” (9), “Geossistema” (1), “Climatologia” (7), “Geologia” (1) e “Biogeografia” (8).

O Gráfico 13 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 13 – Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 7º. Encontro Nacional de Geógrafos (1988)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 7., 1988, Maceió. **Contribuições científicas: resumos...** Maceió: AGB, 1988.

Analisando o gráfico pode ser constatado que a temática “Questão Ambiental” representou 14% dos trabalhos publicados, sendo que a temática “Geografia Física” representou 14% dos trabalhos publicados. Na temática “Geografia Física” foram evidenciados trabalhos relacionados à “Geomorfologia”, ao “Geossistema”, à “Climatologia”, à “Geologia” e à “Biogeografia”.

O **8º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Salvador, Estado da Bahia, no período de 15 a 20 de julho de 1990, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado na Universidade Federal da Bahia.

O tema escolhido para este evento foi “Mo(vi)mento Brasileiro, Mo(vi)mento Geográfico: Território, Ambiente, Cidadania”.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) A Produção do Espaço Brasileiro; 2) Cartografia e Sensoriamento Remoto; 3) Estudos dos Processos Naturais; 4) História do Pensamento Geográfico e Teoria do Espaço; 5) Movimentos Sociais no Campo e na Cidade; 6) O Ensino de Geografia; 7) Planejamento e Política Ambiental; 8) Regionalização e Estudos da População; e 9) Outros Temas.

Este evento foi distribuído entre mesas-redondas, debates e comunicações livres, com um total de 140 trabalhos publicados.

Segundo a Comissão Organizadora (Diretoria Executiva Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros – gestão 1988/1990),

Entregamos com este volume os resumos das Comunicações Livres, entregues até a data da publicação, que serão apresentadas no 8º Encontro Nacional de Geógrafos em Salvador. Representam parte dos trabalhos desenvolvidos pelos associados da AGB. As Comunicações Livres constituem lugar privilegiado do debate da produção científica em andamento, propiciando a troca entre os associados do Brasil inteiro e a possibilidade de, no movimento da sociedade, analisarmos o movimento da produção e da prática da Geografia no Brasil.

O material recebido foi organizado por índice geral e serão apresentados reunidos em títulos que expressam a linguagem mais universal da Geografia, considerando a própria temática do Encontro: MO(VI)MENTO BRASILEIRO, MO(VI)MENTO GEOGRÁFICO: TERRITÓRIO, AMBIENTE, CIDADANIA.

Os Anais com os textos das Mesas Redondas e dos Debates serão publicados após a realização do 8º Encontro, quando então teremos em mãos, junto com este caderno de Resumos, a melhor e a mais atualizada fonte de análise sobre o momento e o movimento da Geografia no Brasil (ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1990, p. 1).

Segundo Rodrigues e Crocetti (1990, p. 3-4), presidentes da Diretoria Executiva Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros, gestões 1988/1990 e 1992/1994, respectivamente,

O 8º. Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Salvador, só foi possível porque contamos com a colaboração de muitos companheiros. Num ano marcado pela recessão, pela crise econômica, mais de dois mil participantes estiveram presentes neste evento da AGB. A solidariedade permeou nosso Encontro, tanto dos órgãos financiadores de pesquisa como FINEP, CNPq e MEC – que com recursos reduzidos do Governo Federal, partilharam do evento como de companheiros que apresentaram trabalhos em debates e mesas-redondas, custeando suas despesas e dos soteropolitanos que nos acolheram.

O processo para viabilizar o 8º. Encontro explicitou-nos muitos aspectos sobre as características do território e da cidadania. As dificuldades, superadas pela solidariedade, demonstraram com clareza que o território da(s) cidade(s) não é produzido para a plena realização da cidadania da maioria, que o debate científico, que é político, seja vivenciado pelos cidadãos. A cidade de Salvador é produzida hoje prioritariamente visando o turismo e os turistas. Foi visível para os que organizaram e também que estiveram presentes no encontro o que diz Chico de Oliveira: a Bahia das 365 igrejas do séc. XVI, hoje é a dos 365 hotéis, que estão relacionados à capacidade de pagar para usufruir de suas amenidades ou do 'templo' da contemplação da natureza. Significa que para quem vem de fora participar de um debate científico só encontrará lugar nos interstícios ou nos subterrâneos da cidade turística. A AGB partilha com sociólogos, como sede, um porão de um bar freqüentado por intelectuais e boêmios. São exemplos do momento para demonstrar o movimento da Sociedade e da Geografia. Estas frases foram retiradas do discurso de abertura do 8º. ENG, pela então presidente da AGB, porque demonstraram um momento e um movimento.

O momento da produção científica geográfica apresentada no Encontro, é representativo da pluralidade e da unidade no âmbito da AGB. Pluralidade porque todas as correntes do pensamento, todas as atividades científicas de geógrafos – professores, técnicos, estudantes, pesquisadores – podem e devem expressar-se. Unidade porque busca-se a compreensão do mo(vi)mento da Sociedade e da Geografia, construindo: território(s), ambiente(s) e cidadania. Os Anais contém a diversidade e a unidade do debate científico.

O momento para a publicação destes anais, transformou-se, no movimento, num longo período. Acreditamos que embora defasados no tempo estamos cumprindo com nosso dever por não podemos deixar de honrar compromissos com aqueles que entregaram os textos na forma e época combinada, com a FINEP, que honrou-nos com recursos para a edição dos Anais, com todos que participaram do Encontro, mas principalmente com nossa própria ética e moral no cumprimento de tarefas que nos propusemos a realizar. Pois recursos públicos precisam ser publicizados. Assim esperamos continuar construindo nossa cidadania e honrando termos sido eleitos presidentes da AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros

que, desde 1934, debate a Sociedade e a Geografia.

O Quadro 15 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) deste evento.

**Quadro 15 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 8º. Encontro Nacional de Geógrafos (1990)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Mesas-Redondas</b>	
- Produção do Espaço Brasileiro	1
- Regionalização e Estudos da População	5
- Planejamento e Política Ambiental	4
- Movimentos Sociais no Campo e na Cidade	1
- Ensino de Geografia	7
<b>Comunicações Livres</b>	
- Produção do Espaço Brasileiro	21
- Cartografia e Sensoriamento Remoto	21
- Estudos dos Processos Naturais	10
- História do Pensamento Geográfico e Teoria do Espaço	8
- Movimentos Sociais no Campo e na Cidade	7
- Ensino de Geografia	18
- Planejamento e Política Ambiental	20
- Regionalização e Estudos da População	10
- Outros Temas	7
<b>Total</b>	<b>140</b>

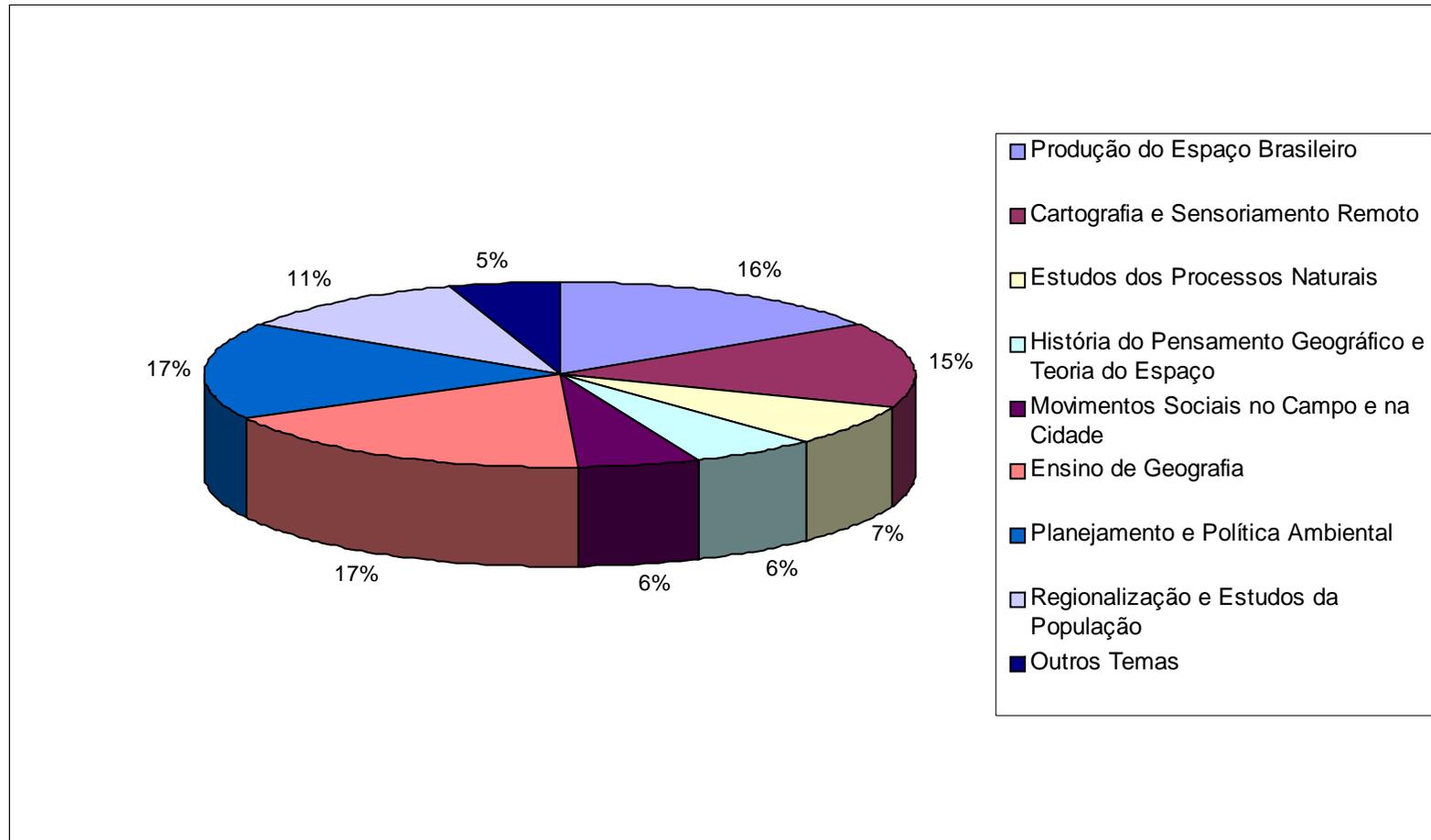
Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 8., 1990, Salvador. **Anais...** Salvador: AGB, 1990a. 2 v.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 8., 1990, Salvador. **Contribuições científicas: resumos...** Salvador: AGB, 1990b. 106p.

Analisando o quadro acima pode ser verificado que predominaram trabalhos voltados, na área de Geografia Física, às seguintes temáticas: “Planejamento e Política Ambiental” (24); “Cartografia e Sensoriamento Remoto” (21); e “Estudos dos Processos Naturais” (10).

O Gráfico 14 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 14 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 8º Encontro Nacional de Geógrafos (1990)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 8., 1990, Salvador. **Anais...** Salvador: AGB, 1990a. 2 v.  
 ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 8., 1990, Salvador. **Contribuições científicas: resumos...** Salvador: AGB, 1990b.

Nota-se, através do gráfico acima, que as temáticas “Planejamento e Política Ambiental” (17%), “Cartografia e Sensoriamento Remoto” (15%) e “Estudos dos Processos Naturais” (7%), representaram 39% dos trabalhos apresentados na subárea da Geografia Física, sendo que, na sua maioria, estão ligados à “Questão Ambiental”, demonstrando uma crescente preocupação com essa temática.

O **9º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Presidente Prudente, Estado de São Paulo, no período de 19 a 24 de julho de 1992, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Presidente Prudente.

O tema deste evento foi “Geografia, Democracia e a (Des)Ordem Mundial”.

Este evento foi distribuído entre conferências, mesas-redondas, painéis, espaço memória, comunicações livres, trabalhos orientados, vídeos e workshop.

Os eixos temáticos propostos na programação do evento foram os seguintes: 1) Ciência e Tecnologia no Contexto Mundial; 2) Ambiente: Questões e Propostas; 3) América Latina: Passado, Presente e Futuro; 4) A Crise do Estado Brasileiro; 5) Perspectivas da Geografia no Final do Século; 6) O Ensino de Geografia e a Crise Mundial; e 7) Movimentos Sociais no Campo e na Cidade.

Os eixos temáticos que constaram no Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) foram os seguintes: 1) Produção do Espaço no Litoral e a Pesca; 2) Abordagens Regionais; 3) Agentes e Processos na Produção do Espaço Urbano; 4) Estudo dos Processos Naturais; 5) Estudos Populacionais; 6) Geopolítica Mundial Contemporânea; 7) Industrialização; 8) Movimentos Sociais e Produção do Espaço Agrário; 9) O Ensino de Geografia em Questão; 10) Teoria e História da Geografia; e 11) Teorias, Métodos e Técnicas Cartográficas Aplicadas à Geografia.

Este evento comemorou os vinte anos de reuniões desta natureza e os cinqüenta e oito anos de existência da Associação dos Geógrafos Brasileiros, sendo que o evento se realizou em um momento decisivo da vida nacional e internacional, ou seja, um momento de crise econômica, política e social.

Segundo a Comissão Organizadora deste evento (Diretoria Executiva Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros – gestão 1990/1992),

Este caderno contém os resumos dos trabalhos de Comunicação Livre, Trabalho Orientado, Mesa Redonda, Painel e Conferência que foram enviados até o final de junho, conforme programação do evento. O material recebido foi reunido por temas.

Essa produção técnico-científica e cultural reflete o momento atual da Geografia brasileira. Contamos ainda com a colaboração enriquecedora de nossos colegas da América Latina.

A Diretoria Executiva Nacional espera que essas contribuições contemplem as expectativas de todos os participantes deste Encontro.

O IX encontro Nacional de Geógrafos comemora os 20 anos de reuniões desta magnitude e os 58 anos de existência da AGB. É importante ressaltar que o evento se realiza num momento decisivo da vida nacional e internacional.

Nos editoriais publicados no AGB em Debate procuramos acompanhar e refletir o andamento da vida interna do país e da AGB. É chegado o momento da avaliação por todos nós, que praticamos a Geografia, dos rumos da política nacional no que se refere às questões educacional; da habitação, dos transportes; da migração; dos trabalhadores; da produção da ciência e tecnologia; agrária; urbana e ecológica, enfim de temas conjunturais e estruturais que representam lutas do povo brasileiro no exercício da cidadania.

Aliás, conduzimos nossos esforços neste sentido, participando do Fórum da Reforma Urbana, do Fórum Brasileiro das Organizações Não Governamentais Preparatório para a Rio/92, da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CNUMAD, no Fórum Internacional das Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais, no Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, para aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, no processo Constituinte do Sistema CONFEA-CREAs, na efetivação da II Fala Professor, e, internamente, viabilizando nossas publicações, RGCs, e a condução do processo de reforma estatutária da Entidade.

Na expectativa do atual quadro nacional a Diretoria Executiva Nacional se posiciona, firmemente, em favor da solução legal e legítima da crise em que se encontra o governo.

Ao desvendar o espaço na sua organização e produção social, estaremos contribuindo para o fortalecimento da Democracia (ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1992).

O Quadro 16 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) deste evento.

**Quadro 16 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 9º. Encontro Nacional de Geógrafos (1992)**

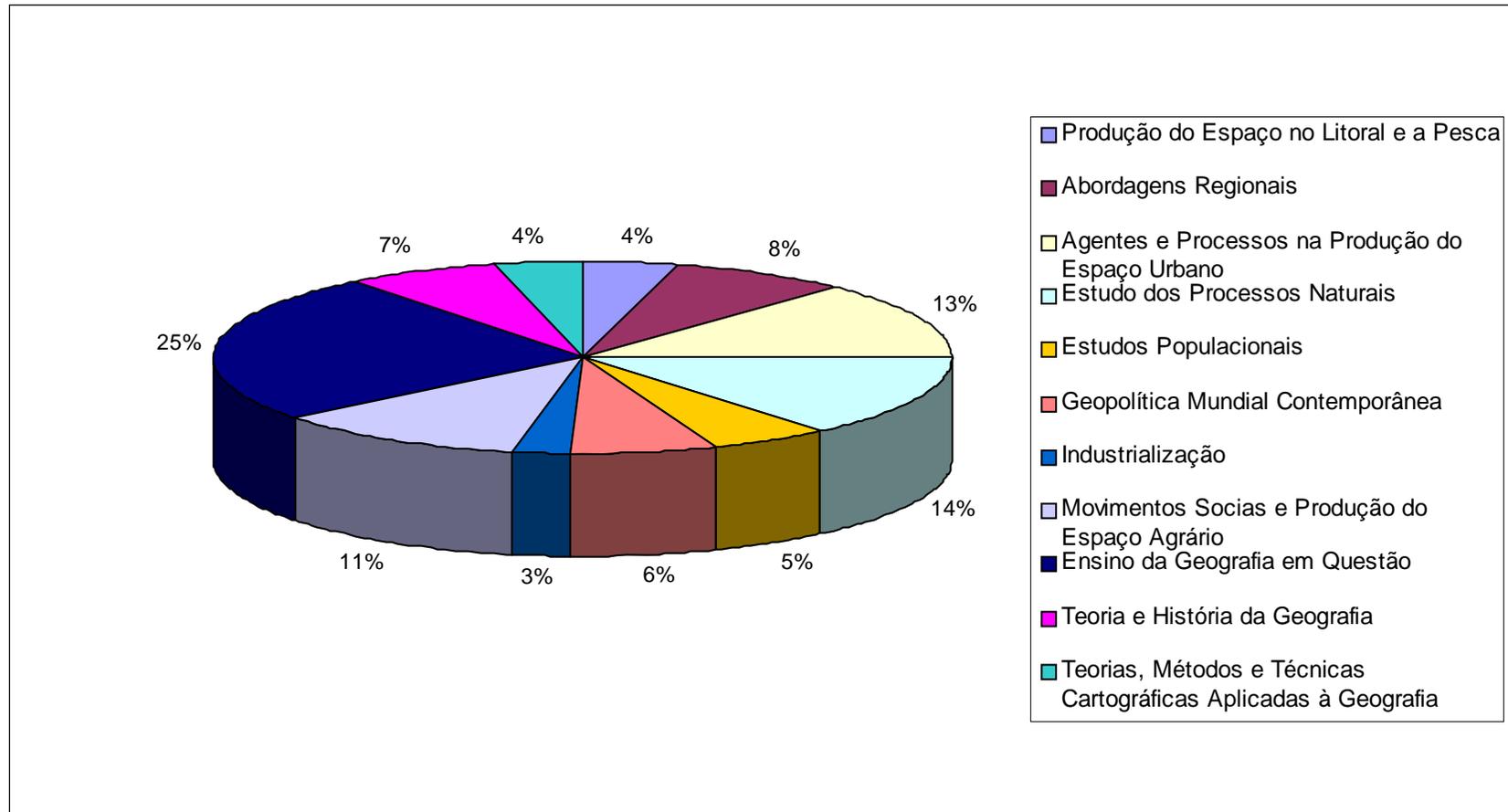
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferências, Mesas-Redondas e Painéis</u>	
- Agentes e Processos na Produção do Espaço Urbano	6
- Estudo dos Processos Naturais	4
- Geopolítica Mundial Contemporânea	9
- Movimentos Sociais e Produção do Espaço Agrário	1
- O Ensino de Geografia em Questão	8
- Teoria e História da Geografia	2
<u>Trabalhos Orientados</u>	
- Agentes e Processos na Produção do Espaço Urbano	1
- Estudo dos Processos Naturais	5
- Geopolítica Mundial Contemporânea	2
- Movimentos Sociais e Produção do Espaço Agrário	2
- O Ensino de Geografia em Questão	12
- Teorias, Métodos e Técnicas Cartográficas Aplicadas à Geografia	1
<u>Comunicações Livres</u>	
- Produção do Espaço no Litoral e a Pesca	9
- Abordagens Regionais	18
- Agentes e Processos na Produção do Espaço Urbano	24
- Estudo dos Processos Naturais	24
- Estudos Populacionais	13
- Geopolítica Mundial Contemporânea	3
- Industrialização	6
- Movimentos Sociais e Produção do Espaço Agrário	23
- O Ensino de Geografia em Questão	40
- Teoria e História da Geografia	14
- Teorias, Métodos e Técnicas Cartográficas Aplicadas à Geografia	8
<u>Vídeos</u>	
- Geopolítica Mundial Contemporânea	1
- Produção do Espaço no Litoral e a Pesca	1
<b>Total</b>	<b>237</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 9., 1992, Presidente Prudente. **Contribuições científicas: resumos...** Presidente Prudente: AGB, 1992a. 151p.  
ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 9., 1992, Presidente Prudente. **Programa...** Presidente Prudente: AGB, 1992b.

Pode ser observado no quadro acima que foram publicados 237 trabalhos neste evento. Os trabalhos relacionados às temáticas “Estudos dos Processos Naturais” (24), “Teorias, Métodos e Técnicas Cartográficas Aplicadas à Geografia” (9) e “Produção do Espaço no Litoral e a Pesca” (10), demonstram o crescente interesse em estudos sobre a “Questão Ambiental”, na subárea da Geografia Física.

O Gráfico 15 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 15 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 9º. Encontro Nacional de Geógrafos (1992)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 9., 1992, Presidente Prudente. **Contribuições científicas: resumos...** Presidente Prudente: AGB, 1992a. 151p.  
 ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 9., 1992, Presidente Prudente. **Programa...** Presidente Prudente: AGB, 1992b.

Analisando o gráfico acima se nota que, dentre os trabalhos relacionados à Geografia Física, encontra-se a temática “Estudo dos Processos Naturais”, que representou 14% dos trabalhos publicados, predominando trabalhos em “Educação Ambiental”, “Riscos Ambientais”, “Proteção de Mananciais”, “Bacias Hidrográficas”, “Tendências Climáticas”, “Clima”, “Balanço Hídrico”, “Ritmo Fluvial” e “Erosão”.

**O 10º. Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade do Recife, Estado do Pernambuco, no período de 14 a 19 de julho de 1996, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizado na Universidade Federal de Pernambuco.

O tema deste evento foi a “Espacialidade e Territorialidade: Limites da Simulação”.

Este evento foi dividido em: conferências, mesas-redondas, comunicação coordenada, simpósios e trabalhos orientados.

Os eixos que nortearam este evento foram: 1) Economia Política do Espaço; 2) A Natureza Natural do Mundo; 3) Geografia(s) Pura(s), Geografia(s) Impura(s); 4) Representações do Espaço: A Cartografia na Geografia; 5) Regionalismo e Globalização; 6) Ambiente, Recursos e Reciclagem; e 7) Educação, Formação e Questão Profissional.

Segundo a Comissão Organizadora do evento (Diretoria Executiva Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros - gestão 1994/1996),

Estamos aqui reunidos no 10º. ENG, estudantes, profissionais de Geografia, professores de 1º., 2º. e 3º. graus, pesquisadores e técnicos para expor nossas produções científicas, comunicar nossas experiências e contrapor diferentes concepções da teoria e da prática do fazer Geografia. Com nosso trabalho homenageamos o Professor Manuel Correia de Andrade por sua trajetória e realizações na Geografia Brasileira.

Este Encontro tem por tema ‘Espacialidade e Territorialidade: Limites da Simulação’, é uma oportunidade para elaborar idéias, construir entendimentos, atualizar a temática geral da Geografia, vivenciando os confrontos das Geografias que praticamos.

É uma oportunidade também para analisar e compreender como a mundialização dos mercados se articula e redefine o “local” e o “mundial” no interior dos sistemas de estados.

Como as relações reais, aquelas que não se pode iludir nem simular, expõem com veemência a problemática do território e das múltiplas territorialidades para cada um e para todos porque há uma dimensão

do território que se liga ao vivido, onde ainda as relações são diretas, imediatas e sem o que não há vida. Enfim é necessário e urgente que nesse Encontro, com toda ênfase, esteja em nossa pauta a problemática das novas raridades: do espaço, do tempo, da água, do ar... elas traduzem os enigmas do nosso tempo (ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1996a).

O Quadro 17 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições de Resumos e Mesas Redondas deste evento.

**Quadro 17 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados no Caderno de Resumos – Mesas Redondas do 10º. Encontro Nacional de Geógrafos (1996)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b><u>Conferências e Mesas Redondas</u></b>	
- Economia Política do Espaço	12
- A Natureza Natural do Mundo	3
- Geografia(s) Pura(s), Geografia(s) Impura(s)	11
- Representações do Espaço: A Cartografia na Geografia	4
- Regionalismo e Globalização	3
- Ambiente, Recursos e Reciclagem	9
- Educação, Formação e Questão Profissional	1
<b><u>Comunicação Coordenada</u></b>	
- Geografia(s) Pura(s), Geografia(s) Impura(s)	6
<b><u>Simpósios</u></b>	
- Economia Política do Espaço	13
- Ambiente, Recursos e Reciclagem	5
- Educação, Formação e Questão Profissional	5
<b><u>Comunicações Livres</u></b>	
- Economia Política do Espaço	105
- A Natureza Natural do Mundo	10
- Geografia(s) Pura(s), Geografia(s) Impura(s)	8
- Representações do Espaço: A Cartografia na Geografia	33
- Regionalismo e Globalização	182
- Ambiente, Recursos e Reciclagem	86
- Educação, Formação e Questão Profissional	52
<b>Total</b>	<b>548</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 10. Recife, 1996. **Caderno de resumos e mesas redondas...** Recife: AGB, 1996a.

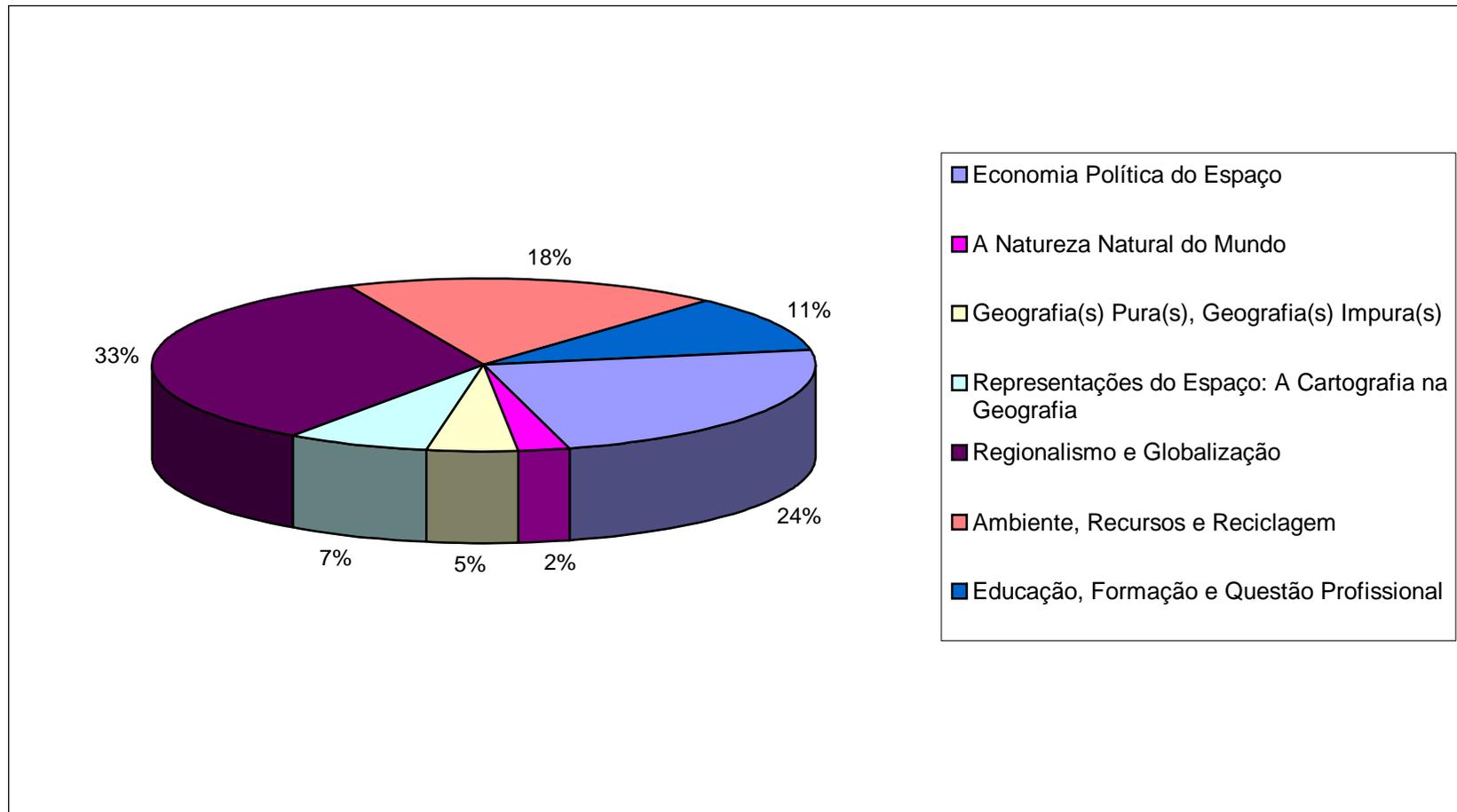
ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 10. Recife, 1996. **Resumos...** Recife: AGB, 1996b. v. 2.

Como pode ser observado no quadro acima os trabalhos apresentados nos eixos temáticos “A Natureza Natural do Mundo” (13), “Ambiente, Recursos e Reciclagem” (100) e “Representações do Espaço: A Cartografia na Geografia” (37) estão voltados para a área da Geografia Física, sendo que demonstra a preocupação com a Questão Ambiental no Brasil.

Temas como: Recursos Hídricos, Estudos Ambientais, Relevo, Cartografia do Meio Ambiente, Geotecnologias, Cartografia Temática, Problemática Sócio-Ambiental, Áreas Protegidas, Turismo e Planejamento, Recursos Naturais, dentre outros, foram abordados nos trabalhos apresentados nos eixos temáticos relacionados à área de Geografia Física.

O Gráfico 16 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 16 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 10º. Encontro Nacional de Geógrafos (1996)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 10. Recife, 1996. **Caderno de resumos e mesas redondas...** Recife: AGB, 1996a.  
ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 10. Recife, 1996. **Resumos...** Recife: AGB, 1996b. v. 2.

Os eixos temáticos relacionados à subárea de Geografia Física representaram 27% dos trabalhos publicados, conforme segue: “A Natureza Natural do Mundo” (2%), “Ambiente, Recursos e Reciclagem” (18%) e “Representações do Espaço: A Cartografia na Geografia” (7%).

**O 11º. Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Vitória da Conquista, Estado da Bahia, no período de 05 a 11 de julho de 1998, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, na Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB).

O tema deste evento foi “A Geografia Brasileira e as Transformações no Trabalho e no Espaço”.

Segundo Thomaz Junior (1998), presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (Nacional) naquele período e membro da Comissão Organizadora do evento,

Em tempos atuais, a assertiva posta (Comunicar-se para que? Comunicando-se por quê?) é tão mais verdade, quando os referenciais são cada vez mais amplos, na escala da planetariedade da comunicação em tempo real, com o desfrute das ondas tais e quais, do computador, da mídia eletrônica, da intermania, enfim... Nem sempre, porém, tudo isso nos permite pensar que as pessoas se comunicam livremente. Tendo em vista pois, que o acesso aos veículos de informações é regado por preceitos e normas estabelecidas sob os vínculos do mercado de consumo de informações, como uma mercadoria pura e simplesmente, então, tem preço e dessa forma, nem todos podem comprar e há gradações que regulam patamares de consumo. Se acreditarmos na boa máxima de que informação é sinônimo de poder, temos que rever rápida e profundamente os mecanismos que tentamos, ao longo dos anos, assegurar para garantir a comunicação e a circulação de informações entre os geógrafos brasileiros. O fato das Comunicações serem livres, não garante importância, qualidade e merecimento devidos. Deixar ao “Deus dará” ou assumir que é difícil a organização dessa seção, de nada resolver ou aponta caminhos alternativos. Com isso quer-se dizer, que para nós, as Comunicações Livres é momento privilegiado do XI ENG e para tanto, deve ser prestigiada, não só pelos colegas que apresentarão trabalhos, mas também e, em especial, pelo conjunto dos participantes do evento. Garantir qualidade, seriedade e liberdade – felizmente elementos endossados pela comunidade – nos possibilita afirmar que vale a pena apostar que o caminho para o aprofundamento teórico dos grandes temas geográficos, a melhoria das relações profissionais entre nós, bem como o fortalecimento da capacitação e performance do profissional em Geografia e da formação acadêmica de qualidade, passa pela adoção, nas atividades organizadas pela AGB, dos

princípios e critérios anunciados acima, sob a pena de não efetivarmos o projeto político de construção de uma AGB voltada para a pluralidade e disposta para o trabalho com as diferenças e, conseqüentemente, de uma sociedade liberta não só da opressão e da dominação de classe, mas sobretudo que seja erguida pelos critérios da igualdade de direitos e liberdade de pensamento. Eis essa brochura com mais de 400 resumos de trabalhos que deverão, na sua maioria, serem apresentados. Que esses trabalhos irriguem nossas mentes de provocações, novas alternativas, novas formas e procedimentos teórico-metodológicos mais eficientes. Que vençam aqueles que, como nós, apostam no debate e na qualificação da atividade intelectual e política do Geógrafo, na sociedade de classes, como instrumento de libertação.

O Quadro 18 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) deste evento.

**Quadro 18 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 11º. Encontro Nacional de Geógrafos (1998)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Comunicações</b>	
- Geografia Agrária	58
- Geografia Política	18
- Geografia Física	83
- Geografia Urbana	72
- Metodologia e Ensino de Geografia	113
- Turismo	14
- Geografia Regional	97
<b>Pôsteres</b>	
- Geografia Agrária	5
- Geografia Física	18
- Geografia Urbana	9
- Metodologia e Ensino de Geografia	7
- Geografia Regional	4
<b>Total</b>	<b>498</b>

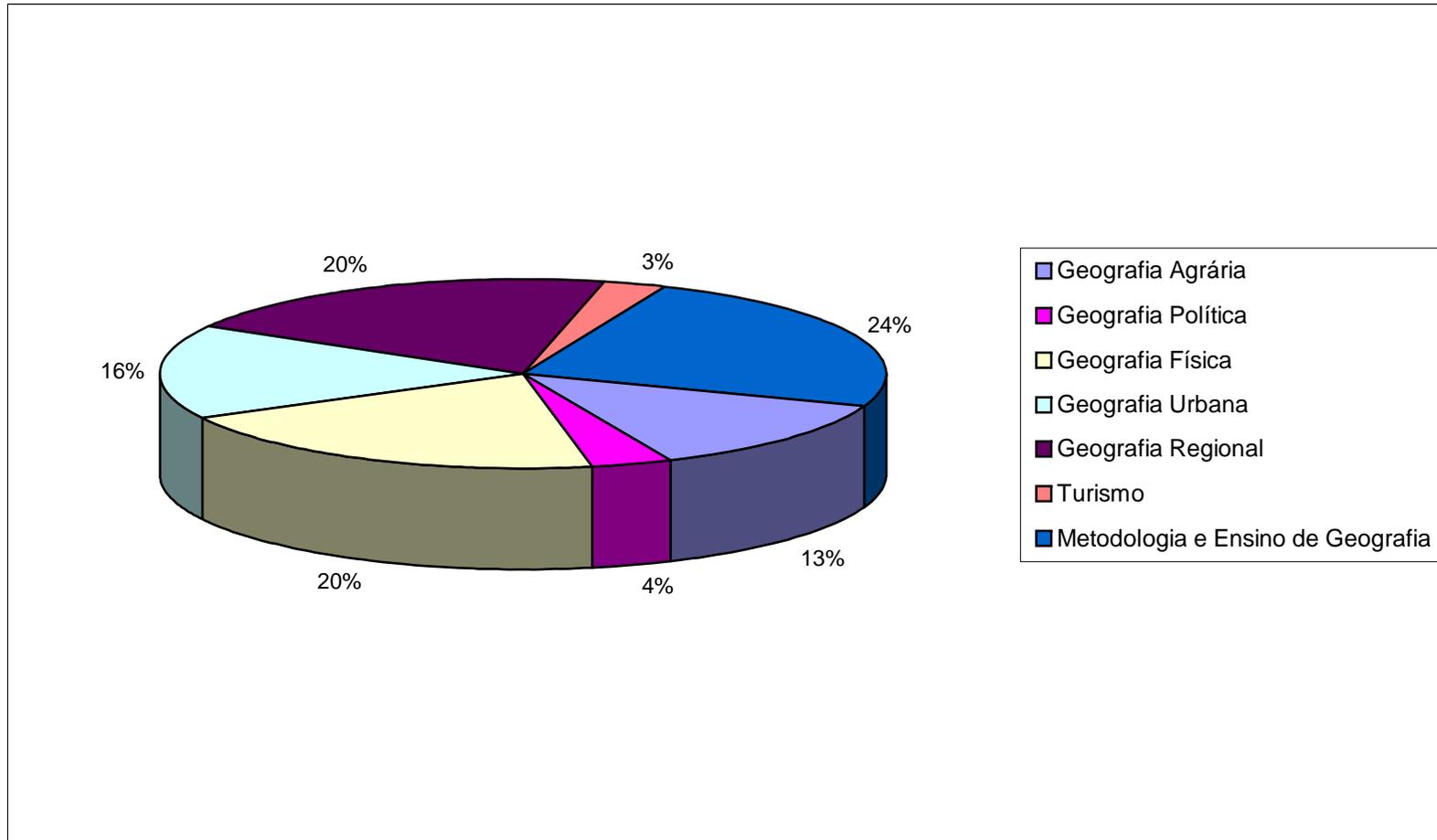
Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 11. Vitória da Conquista, 1998. **Comunicações livres e pôsteres: caderno de resumos...** Vitória da Conquista: AGB, 1998. 2 v.

É possível ser observado no quadro acima que a temática “Geografia Física” foi responsável pela apresentação de 101 trabalhos, sendo que predominaram trabalhos nas seguintes subáreas/temas: “Pedologia”, “Geobiologia”,

“Meio Ambiente”, “Bacias de Drenagem”, “Degradação Ambiental”, “Qualidade Ambiental”, “Gerenciamento Costeiro”, “Hidrografia”, “Recursos Hídricos”, “Climatologia”, “Meteorologia”, “Biogeografia”, “Impactos Ambientais”, “Geomorfologia” e “Paisagem”, dentre outros.

O Gráfico 17 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 17 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 11º. Encontro Nacional de Geógrafos (1998)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 11. Vitória da Conquista, 1998. **Comunicações livres e pôsteres: caderno de resumos...** Vitória da Conquista: AGB, 1998. 2 v.

Nota-se no gráfico acima que a temática “Geografia Física” representou 20% dos trabalhos publicados nos anais do evento, podendo ser evidenciado que os trabalhos estão direcionados à preocupação com a “Questão Ambiental”.

O **12º. Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, no período de 16 a 23 de julho de 2000, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, realizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Geografia, com o Departamento de Geografia e com o Centro de Filosofia e Ciências.

O tema deste evento foi “Os outros 500 na formação do território brasileiro”.

O evento foi dividido em: mesas redondas, mini-cursos, grupos de trabalhos, espaços de diálogo, espaço da cultura – lançamento de livros, conferências, plenárias (plenárias das seções locais, plenária da AGB, assembléia da UGI, política da AGB) e saídas de campo.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) Natureza, Espaço e Política; 2) Sociedade, Espaço e Política; 3) Pensamento Geográfico Brasileiro; e 4) Ensino da Geografia.

Segundo Gonçalves (2000, p. 5-10), Coordenador da Subcomissão Científica do XI ENG e Presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (gestão 1998/2000),

Nesta série “Estado da Arte da Geografia Brasileira” constam os textos de referência das mesas redondas do XII ENG – “Os outros 500 na formação do território brasileiro” – e todas as comunicações dos Espaços de Diálogo. Trata-se, na verdade, de uma ampla reunião de trabalhos que oferece uma visão de conjunto da produção da comunidade geográfica brasileira. Aqui, tanto as diferentes temáticas que vêm interessando à comunidade geográfica, está presente, como as diferentes abordagens teórico-metodológicas se apresentam ao lado de trabalhos referidos aos mais diferentes contextos locais, regionais, nacionais e internacionais”.

Felizmente já constitui uma tradição o fato da comunidade geográfica, através da Associação dos Geógrafos Brasileiros, se reunir a cada dois anos seja através de Encontros, seja através de Congressos, esses a cada 10 anos, que podem ser considerados como o melhor momento de qualquer comunidade científica, quando temos o debate e o confronto de teorias, e aproximação de grupos de pesquisas, a divulgação de idéias, o aperfeiçoamento e atualização

cada dia mais necessários, haja vista a velocidade com que as transformações societárias se desenvolvem nos dias que correm.

Afora esses objetivos que caracterizam eventos dessa natureza queremos destacar nesta apresentação alguns aspectos que acreditamos relevantes diante do momento em que nos encontramos na trajetória da comunidade de geógrafos.

Sabemos que a Geografia vive nesses últimos 20 anos talvez o seu melhor momento enquanto campo específico de conhecimento. O interesse por temas tradicionalmente geográficos é cada dia maior, não só nos meios acadêmicos, mas na sociedade como um todo, tanto no Brasil como no mundo. A visibilidade de alguns geógrafos, como os Professores Aziz Ab'Saber e Milton Santos, perante um público amplo se dá não só pelo inegável brilhantismo desses intelectuais mas, com certeza, também pela abordagem geográfica que oferecem à sociedade.

Destaque-se, por outro lado, a presença cada vez mais significativa de profissionais de Geografia em entidades da sociedade civil, movimentos sociais e organizações não-governamentais demonstrando uma capilaridade social para além dos lugares tradicionais a que nos achávamos confinados, isto é, quase sempre restrito aos limites das escolas e dos aparelhos burocráticos do Estado onde, sem dúvida, a Geografia tem uma contribuição insubstituível.

A responsabilidade de organizar um evento que reúna toda a comunidade geográfica nessas circunstâncias é grande. Afinal, cresce o número daqueles que se interessam pela Geografia, inclusive, profissionais de outras áreas. Temos hoje no Brasil 192 (cento e noventa e dois) endereços de Cursos de Geografia, além de 21 Cursos de Pós-Graduação, para só ficarmos com os Cursos de Mestrado e/ou Doutorado. Há, assim, uma comunidade ampla, assim como uma ampla produção técnico-científica, de Geografia, o que pode ser atestado pelo número de publicações de livros, Boletins e Revistas, para que a AGB, particularmente, continua dando uma contribuição inegável.

Diante do exposto os Encontros da AGB vêm adquirindo um caráter de massa. Apesar das particularidades com que cada setor específico da comunidade científica vem lidando com esse fato, é preciso reconhecer que vem ocorrendo em todo o mundo, desde os anos 70, uma massificação do ensino superior. Colocam-se, assim, novos e mais complexos desafios à comunidade intelectual até então restrita a grupos pequenos. É preciso levar esse fato em consideração posto que, assim, quem sabe?, uma série de imbróglios, como dizem os italianos, com que vimos tratando muitas controvérsias possam encontrar alguma luz para superar impasses que, nos marcos em que se acham enquadrados, se mostram insuperáveis.

Com a massificação do ensino superior há uma inevitável pressão para que as entidades científicas e outras se abram a uma participação mais ampla, sobretudo dos mais jovens, que não encontram onde se expressar. No interior da comunidade geográfica, sem dúvida, 1978 tornou-se um marco dessa transformação no sentido de democratizar a comunidade, em particular, sua entidade maior, a AGB. É preciso que tenhamos claro que o que vem se passando com a comunidade geográfica não lhe é específico. Trata-se de um fenômeno inteiramente novo que é o de universalizar o

conhecimento científico num sentido não pensado tradicionalmente por essa mesma comunidade, o que a coloca diante de uma situação inusitada que é a de ter que se ver debatendo conceitos do campo da política, como o Direito e a Democracia, num campo onde o debate ficava restrito exclusivamente ao campo da Ética e da Lógica inerentes ao conhecimento científico.

A massificação do Ensino Superior é, por um lado, parte do processo de massificação do ensino de 1º. e 2º. graus que, de um outro ângulo, é parte do processo de democratização do conhecimento enquanto patrimônio da humanidade. Todo o problema consiste em não opor massificação/democratização à qualidade necessária aos diferentes campos do conhecimento humano, com suas especificidades. Estamos diante de um complexo problema que, sabemos, já incomodava os gregos na época Clássica, onde também havia a tentativa de desqualificação dos Sofistas, quando a razão se quis A e Única razão e a Idéia se pretendeu livre da mundanidade (Platão).

No interior da comunidade geográfica vimos coincidir esse esforço de ampliação e democratização e, ao mesmo tempo, de qualificação técnico-científica, com a emergência de uma série de encontros temáticos, e até mesmo de entidades que os abrigassem, onde diversos grupos de geógrafo(s) procuravam dar conta da sua legítima busca de aperfeiçoamento filosófico, científico e técnico. Por outro lado, com a própria ampliação do número daqueles que praticam profissionalmente Geografia, aumentou, consideravelmente, nosso contato com as mais diferentes camadas da sociedade trazendo, inevitavelmente, novas demandas sociais e políticas para o conhecimento geográfico cujo desagradouro passou a ser, no caso da geografia brasileira, os Encontros Nacionais de Geógrafos promovidos pela AGB.

Produziu-se, assim, uma falsa dicotomia entre encontros científicos e encontros políticos que, acreditamos, precisa ser superada e que esse XII Encontro Nacional de Geógrafos procura contribuir para a sua superação. Aceitar essa dicotomia entre o Científico e o Político é, sem dúvida, dar um passo atrás exatamente na demanda de democratização do conhecimento que se acha subjacente a todo um processo que, sem dúvida, transcende qualquer comunidade científica em particular, posto que trata-se de um fenômeno social e político, e não somente acadêmico, que marca o nosso tempo. Toda a questão passa a ser, portanto, como tratar com a necessária qualidade acadêmica um fenômeno que coloca para essa comunidade fatos novos que, do ponto de vista ético e político são, sem dúvida, também legítimos.

De parte da AGB e da Comissão Organizadora desse XII ENG partiram algumas iniciativas, que, acreditamos, podem contribuir para elevar o patamar de debates na comunidade geográfica, onde destacamos:

- 1- O convite formalmente formulado às diferentes entidades e grupos de geográfica(o)s existentes para que viessem, enquanto tais, participar junto com a AGB do XII ENG. Assim é que, pela primeira vez, estão apoiando e participando do evento: a ANPEGE – Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia; a UGI – União Geográfica Internacional; o ENGA – Encontro Nacional de Geografia Agrária; o SNGU – Simpósio Nacional de Geografia Urbana (este sempre organizado sob os auspícios da AGB); o

GTHPG – Grupo de Trabalho de História do Pensamento Geográfico e a CONEG – Coordenação Nacional dos Estudantes de Geografia. Com essa iniciativa acreditamos estar aliando a qualidade acadêmica que se aninha nesses grupos e entidades àquela que vem se desenvolvendo nos marcos da AGB. Com isso queremos sinalizar que a AGB recusa a dicotomia entre o Político e o Científico indo buscar, onde quer que seja, a qualidade científica necessária para que a comunidade geográfica apure a sua capacidade de compreensão da complexa realidade que vivemos, exatamente para que possamos oferecer à sociedade posicionamentos qualificados a partir da geograficidade inscrita na realidade;

2- A rica proposta inscrita nos Espaços de Diálogo posto que ela surge pela consideração de sucessivas avaliações de práticas que vinham recebendo críticas pertinentes. Trata-se de uma proposta que vai ao encontro daquele diálogo necessário, acima identificado, entre a legítima democratização do conhecimento científico (as dimensões ética, filosófica, social e política) e a legítima necessidade de seu refinamento epistêmico (as dimensões teórica, conceitual e técnica). Trata-se de uma proposta que aponta para a prática de Construção Coletiva do Conhecimento considerando a riqueza diferenciada das experiências dos participantes, tanto no que diz respeito à produção científica no sentido estrito, como da experiência vivida no contato diário com a sala de aula e com experiências comunitárias destes que, sempre é bom lembrar, pensam e sentem o mundo como geógrafos e, por isso, freqüentam os Encontros Nacionais da comunidade geográfica;

3- O significado dos Cursos nos Encontros Nacionais de Geógrafos apontando claramente no sentido de que devemos, enquanto AGB, nos constituir como um verdadeiro Banco Nacional de Cursos, uma Universidade Livre de Geografia contemplando, assim, a necessária formação permanente dos nossos profissionais. Para isso, sem dúvida, precisamos pensar e trabalhar para tornar a nossa entidade mais estruturada em sua logística;

4- O cuidado com o envolvimento explícito de todo um segmento da Geografia que vinha acusando sua discriminação no interior da comunidade agebeana, sobretudo nos últimos anos, qual seja, o segmento dos geógrafos físicos. O fato do Professor Aziz Ab'Saber proferindo a Conferência de Abertura do XII ENG deve servir como um convite aberto a que toda a comunidade geográfica se faça amplamente presente, fazendo com que os Encontros da AGB sejam a referência maior de toda a comunidade geográfica;

5- A presença de geógrafos reconhecidos por toda a comunidade científica, como os Professores Milton Santos, Aziz Ab'Saber, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Roberto Lobato Correa, Dirce Suertegaray, Nidia Pontuschka entre outro(a)s, como também, de cientistas e pensadores destacados como o Prof. Paulo Sobroza, da FIOCRUZ, um dos maiores epidemiologistas do mundo; do sociólogo Ricardo Antunes – da Unicamp; da filósofa Otília Arantes – da USP; dos economistas Paulo de Tarso e Sérgio Buarque de Hollanda Filho – ambos da FEA; da historiadora Silvia Figuerôa, da Unicamp, nos garantem, com toda certeza, um nível elevadíssimo de diálogo interdisciplinar.

Por que “Os Outros 500 na Formação do Território Brasileiro”

Há momentos em que a sociedade, por suas próprias invenções imaginárias, e mesmo que atravessada por antagonismos estruturais,

se vê diante da necessidade de se pensar, de refletir sobre seus fundamentos, seus destinos, como se de uma refundação se desse. Eis o momento dos números em que lhe empresta a sociedade – aqui o 500 – estará tendo que se haver com esse marco do encontro, malencontro diria Etienne la Boétie, entre a cultura ocidental e as culturas indígenas. Sabemos como a ocasião se oferece para o espetáculo, para a festa e para as comemorações. Que seja. Mas há outros, como nós, que queremos ir um pouco além, ver outros quinhentos, como diz a expressão popular bem adequada à ocasião, que estiveram presentes na nossa formação territorial e que atuam, seja enquanto memória que pode virar ato a partir das circunstâncias, seja como história reificada enquanto objetos – habitat –, seja enquanto história incorporada, nos hábitos, nos costumes, nos gestos – habitus.

Herdamos um dos maiores territórios entre as sociedades contemporâneas, um belo trunfo, para usar a expressão de Claude Raffestin. No entanto muito haveremos de refletir até mesmo para resignificar os símbolos com que construímos nossa contraditória identidade de brasileiros:

- do verde de nossas matas, que da Tropical Atlântica, onde mais nos afirmamos como brasileiros, não restaram mais do que 4% ou 6% da área total existente quando aqui aportou o primeiro conquistador português. Do pau cor de brasa que servia para tinturas, que haveria de emprestar o nome ao Brasil – o pau-brasil – nos restou a brasa das queimadas. Como não havia matas sem gentes, matou-se e desmatou-se ao mesmo tempo;

- do amarelo do nosso ouro, de nossas riquezas naturais, restaram rejeitos nas Minas Gerais, no Pará ou no Amapá, nossas melhores e maiores províncias minerais, e estradas de ferro que levam a algum porto para serem exportados, como proveitos, para a Europa, o Japão ou os Estados Unidos e para alguns daqui mesmo que sempre foram liberais para fora e autoritários para dentro;

- do branco, símbolo de uma paz que se construiu encobrendo a Cabanagem, a Balaiada, a Revolta dos Malês, Canudos e Contestado, atua enquanto Eldorado de Carajás, Candelária, Vigário Geral, Favela Naval, Carandiru ... e, felizmente, porque o espaço-tempo concreto de cada dia teima em se movimentar contraditoriamente, também se atualiza como Reservas Extrativistas, Assentamentos de Trabalhadores Rurais Sem Terra, Reservas Indígenas, Estações e Reservas Ecológicas e autoconstruções, responsáveis por mais de 70% das habitações urbanas brasileiras. Posses, Raps, Breaks e Grafites Hip Hop como outros territórios possíveis e, aqui nesses casos, reais;

- o azul era do nosso céu hoje não mais visto, porque cinzento, por mais de 75% de uma população que se urbanizou sem cidadania, mas que hoje da periferia, categoria que foi atribuída pelos do centro e hoje resignificada pelos próprios protagonistas quando dizem: 'eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela em que nasci e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar'.

A natureza, essa eterna fonte do imaginário social, no Brasil fortíssimo, foi transformada em riqueza, infelizmente para 2/3 dos brasileiros, concentrada numa proporção não-vista em nenhum outro país do mundo. Só muito recentemente, entre os anos 30 e 70 deste século, conseguimos minimamente centrar a organização do nosso espaço em torno de um eixo interno às nossas próprias fronteiras,

com uma industrialização substantiva de importações. Mesmo assim, sabemos, sob um quadro tutelado, onde a lógica do favor (o populismo) se impôs à lógica do direito (cidadania) que haveria de rebrantar nos finais dos anos 70 e início dos anos 80 num dos momentos mais plenos de cidadania que o nosso país conheceu, quando 'novos personagens entram em cena' tentando reinventar um Brasil que sonha com o direito de ter direitos.

Se o espaço é, como sugere Milton Santos, uma acumulação de tempos é disso, dessas diferenças espaço-temporalidade contraditoriamente inscritas nesse território Brasil ou, se assim o preferem, nesse espaço escritas como paisagem, que convidamos cada geógrafa(o), cada professor(a), cada estudante de Geografia e todos aqueles que sabem como o espaço com-forma nossas vidas, a lerem a série 'Estágios das Arte da Geografia Brasileira' ora iniciada neste XII Encontro Nacional de Geógrafos que, tenham certeza, preparamos com todo o carinho.

O Quadro 19 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) deste evento.

**Quadro 19 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) do 12º. Encontro Nacional de Geógrafos (2000)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferências e Mesas Redondas</u>	
- Natureza, Espaço e Política	4
- Sociedade, Espaço e Política	7
- Pensamento Geográfico Brasileiro	6
- Ensino da Geografia	6
<u>Mini-Cursos</u>	
- Natureza, Espaço e Política	10
- Sociedade, Espaço e Política	14
- Pensamento Geográfico Brasileiro	8
- Ensino da Geografia	13
<u>Espaços de Diálogo</u>	
- Natureza, Espaço e Política	387
- Sociedade, Espaço e Política	509
- Pensamento Geográfico Brasileiro	59
- Ensino da Geografia	161
<b>Total</b>	<b>1184</b>

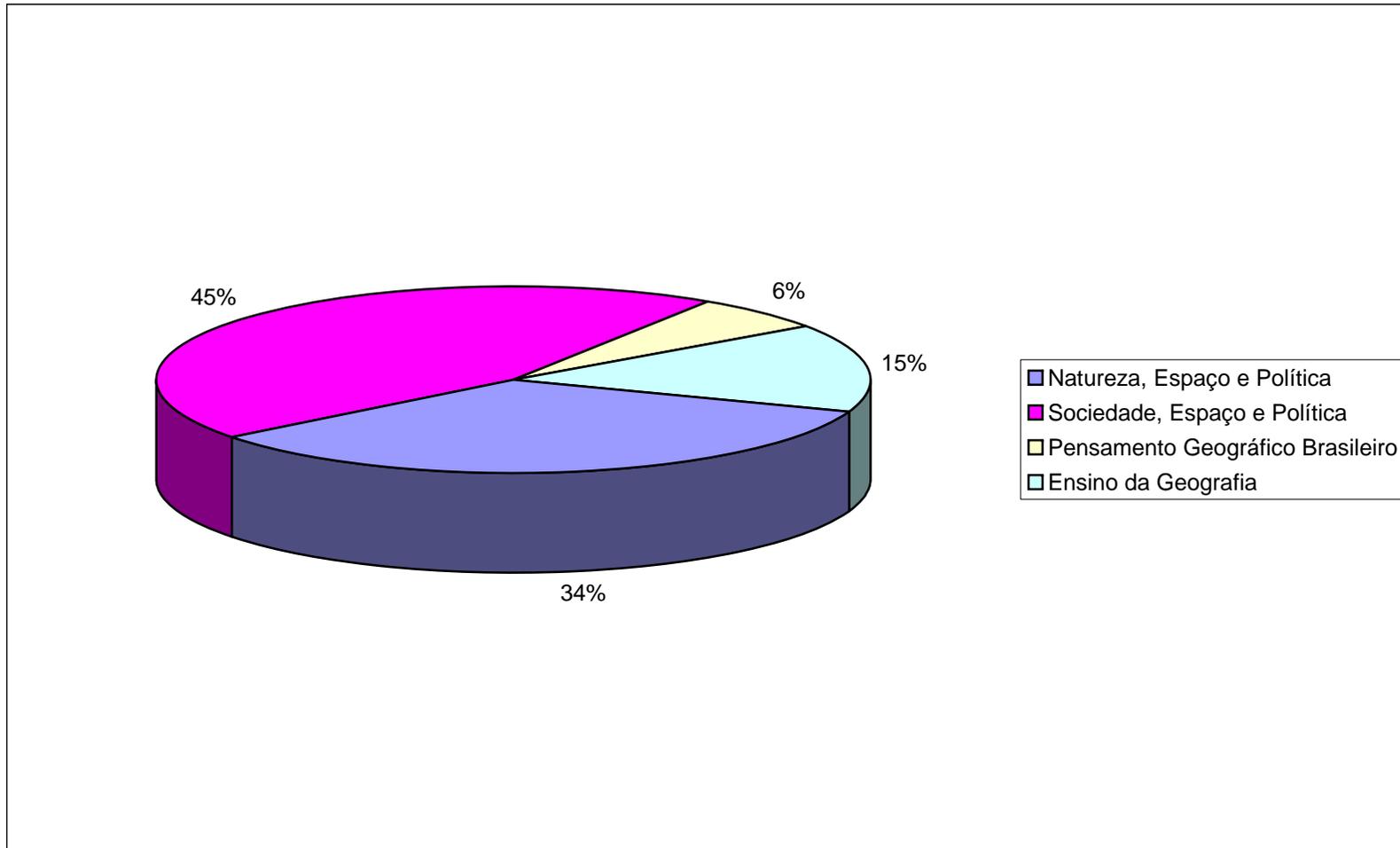
Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 12. Florianópolis, 2000. **Programas & resumos...** Florianópolis: AGB, 2000. 633p.

Nota-se que neste evento, na subárea de Geografia Física, que compreendeu a temática “Natureza, Espaço e Política”, foram publicados 401 trabalhos.

Após análise dos trabalhos publicados nos Anais do evento, foi possível identificar diversas subáreas/temas que englobaram a temática “Natureza, Espaço e Política”, conforme relacionadas a seguir: Impactos Ambientais, Pedologia, Qualidade Ambiental, Unidades de Conservação, Recursos Naturais, Zoneamento Geoecológico, Preservação Ambiental, meio Ambiente, Hidrografia, Climatologia, Bacias Hidrográficas, Análise da Paisagem, Turismo Ambiental, Meteorologia, Diagnóstico Ambiental, Cartografia Ambiental, Geotecnologias, Geoprocessamento, Planejamento Ambiental, Sistemas de Informação Geográfica, Geomorfologia, Reservas Florestais, Reservas Biológicas, Poluição Ambiental, Biogeografia, Sensoriamento Remoto, Aterros Sanitários, Resíduos Sólidos, Clima Urbano, dentre outros.

O Gráfico 18 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 18 – Porcentagem de trabalhos publicados no Caderno de Programas & Resumos do 12º. Encontro Nacional de Geógrafos (2000)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 12. Florianópolis, 2000. **Programas & resumos...** Florianópolis: AGB, 2000. 633p.

Como pode ser observado no gráfico acima a temática “Natureza, Espaço e Política” representou 34% dos trabalhos publicados nos Anais do evento, podendo ser concluído que esta temática, integrante da Geografia Física, vem sendo produzida e discutida amplamente.

O **13º Encontro Nacional de Geógrafos** ocorreu na cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba, no período de 21 a 26 de julho de 2002, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, em parceria com o Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas e da Natureza e com o Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba e realizado na Universidade Federal da Paraíba.

O tema deste evento foi “Por uma Geografia nova na construção do Brasil”.

O evento foi organizado em cinco eixos temáticos: 1) Natureza, Espaço e Política; 2) Sociedade, Espaço e Política; 3) Pensamento Geográfico no Brasil; 4) Ensino de Geografia; e 5) Geotecnologias.

Segundo a Comissão Científica do evento (Diretoria Executiva Nacional – gestão 2000/2002),

Este Caderno de Resumos do XIII Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) é uma síntese da produção acadêmica, técnica, educacional e marginal da Geografia Brasileira. Somente a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), consegue produzir este panorama com a riqueza de detalhes exposta nesse caderno. Aqui estão os resumos de cerca de 1200 trabalhos, nas modalidades Espaço de Diálogo, Grupo de Trabalho e Comunicação Coordenada, cuja edição completa está no CD-ROM do XIII ENG (Volume I – Contribuições Científicas).

A divisão da estrutura do ENG em cinco eixos temáticos: Natureza, Espaço e Política; Sociedade, Espaço e Política; Pensamento Geográfico no Brasil; Ensino de Geografia e Geotecnologias, constitui a expressão do esforço da AGB em apreender o conjunto da produção geográfica brasileira. Temos também a honra de contar com trabalhos de colegas latino-americanos e europeus, o que demonstra a importância deste evento a nível continental e internacional.

A pluralidade política, temática e metodológica, marca da AGB, é uma outra face deste imenso leque de ‘geografias’ aqui apresentado. Esta pluralidade é também reflexo dos compromissos da prática democrática dominante na entidade. Estamos diante de um ciclo, onde a abertura da entidade aos diversos caminhos da geografia, retorna na forma de ampla e diversificada produção científica. Assim, a AGB colhe e acolhe, nesse e em diversos outros eventos que

realiza, os frutos dessa pluralidade. Na atualidade, os temas clássicos de justiça social, solidariedade, fome, exclusão e cidadania são dissimulados pela grande mídia, inclusive pelas redes virtuais, e substituídos por falácias como estabilidade monetária e fundamentos econômicos. A par disso, vendem-se ilusões e espetáculos de consumo, dentro de um modelo individualista da sociedade. No entanto, o momento difícil que passa o Brasil e boa parte do mundo – globalização excludente e perda de valores humanitários – afoga os sonhos de uma sociedade mais justa. Por outro lado, aqui neste ENG discute-se e propõe-se um Brasil verdadeiro, aquele onde nascemos, vivemos, amamos e buscamos, através da nossa geografia pluralista, a felicidade.

Os recursos para a elaboração do XIII ENG e desse Caderno de Resumos resultaram sobretudo do trabalho voluntário dos agebeanos em todos os níveis, principalmente da Comissão Organizadora Local, para a qual devemos contabilizar muitas horas de trabalho. Além disso, tivemos o esforço da Direção da AGB Nacional e de todas as Seções Locais, responsáveis pela arrecadação e primeira seleção dos trabalhos. Também foram importantes as contribuições financeiras da CAPES, do CNPq, da UFPB, do Banco do Nordeste e do Banco do Brasil.

Resta-nos acrescentar, que podemos viver neste XIII ENG a pluralidade e a vitalidade, expressas na alegria e na tristeza, na força e na fraqueza de nossa Geografia, numa contribuição para a construção do Brasil (ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2002b, p. 7).

A Comissão Organizadora Local (AGB – Seção João Pessoa), relata no Caderno de Programação que,

Nós geógrafos, professores e estudantes, de ofício e de coração, estamos realizando mais um Grande Encontro da Geografia Brasileira. A comunidade geográfica e acadêmica de João Pessoa, assim como toda a cidade sentem-se honradas em receber o XIII Encontro Nacional de Geógrafos – ENG. 'Por uma Geografia Nova na construção do Brasil' é mais que um título para o Encontro, é a expressão de parte de nossas utopias, tão esquecidas nestes dias de globalização individualista e uma homenagem de todos nós à pessoa e à obra do nosso ilustre colega, Prof. Milton Santos. É um tema e também um lema, que nos incentivam a refletir sobre nosso papel na construção da cidadania e do país. Quando melhor, mais aberta, comprometida com a sociedade, precisa e orientada for a geografia brasileira, melhor e mais justo poderá ser o Brasil.

Neste caderno, você encontrará informações úteis, mapas e indicações de como melhor aproveitar este Evento Maior da Geografia Brasileira. Também terá à sua disposição mapas e informações sobre a cidade e sobre o campus da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Além de poderem vivenciar o campus universitário, é importante que também caminhem pela cidade e seu entorno, com seu passado marcado e demarcado no seu centro histórico, suas praias, ruas e periferias, com suas contradições sócio-espaciais. Pois, como já foi dito: o fazer geografia acompanha o

geógrafo em todos os cantos e recantos.

Esta semana de 21 a 26 de julho de 2002, será portanto um grande momento da geografia brasileira e certamente ficará marcado na história e na vida da cidade e de todos nós (ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2002a, p. 3).

O Quadro 20 apresenta as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais e Caderno de Contribuições Científicas (Resumos) deste evento.

**Quadro 20 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Caderno de Resumos e de Contribuições Científicas do 13º. Encontro Nacional de Geógrafos (2002)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferências e Mesas-Redondas</u>	
- Natureza, Espaço e Política	8
- Sociedade, Espaço e Política	10
- Pensamento Geográfico no Brasil	6
- Ensino de Geografia	3
- Geotecnologias	4
<u>Comunicações Coordenadas</u>	
- Natureza, Espaço e Política	11
- Sociedade, Espaço e Política	62
- Pensamento Geográfico no Brasil	3
- Ensino de Geografia	3
- Geotecnologias	1
<u>Espaços de Diálogo</u>	
- Natureza, Espaço e Política	280
- Sociedade, Espaço e Política	654
- Pensamento Geográfico no Brasil	37
- Ensino de Geografia	185
- Geotecnologias	56
<u>Mini-Cursos</u>	
- Natureza, Espaço e Política	6
- Sociedade, Espaço e Política	13
- Pensamento Geográfico no Brasil	2
- Ensino de Geografia	8
- Geotecnologias	6
<u>Grupos de Trabalho</u>	
- Natureza, Espaço e Política	2
- Sociedade, Espaço e Política	3
- Pensamento Geográfico no Brasil	2
- Ensino de Geografia	2
- Geotecnologias	1
<b>Total</b>	<b>1.368</b>

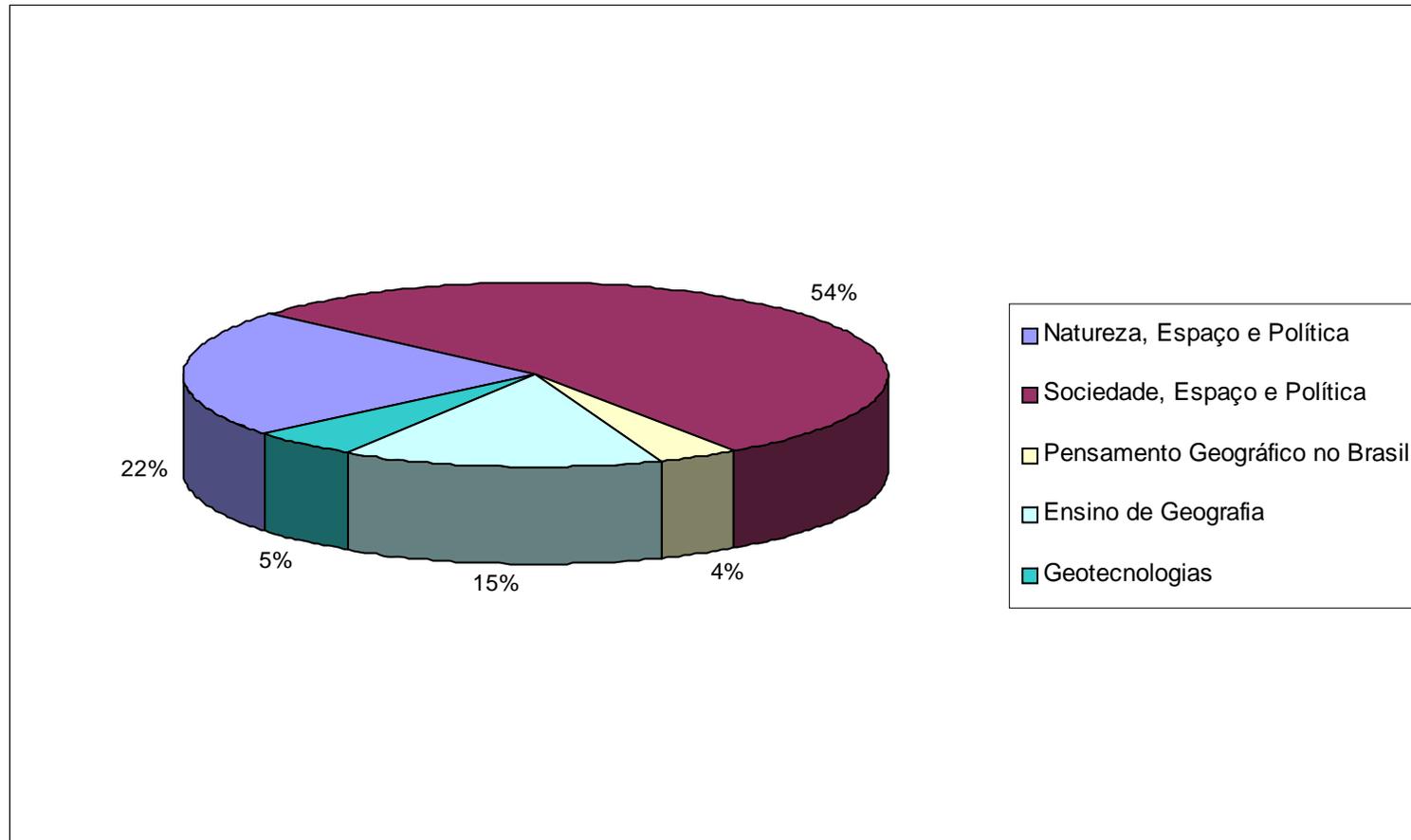
Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13. João Pessoa, 2002. **Caderno de programação...** João Pessoa: AGB, 2002a. 53p.  
 ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13. João Pessoa, 2002. **Caderno de resumos...** João Pessoa: AGB, 2002b. 361p.  
 ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13. João Pessoa, 2002. **Contribuições científicas...** João Pessoa: AGB, 2002c. 1 CD-ROM.

Conforme pode ser verificado no quadro acima houve um aumento significativo no número de trabalhos publicados, sendo que a divisão do evento em eixos temáticos facilitou a distribuição dos trabalhos. Os trabalhos na área de

Geografia Física foram distribuídos nas seguintes temáticas: “Natureza, Espaço e Política” (307), destacando trabalhos nas subáreas/temas de Biogeografia, Diversidade Biológica, Degradação Ambiental, Meteorologia, Climatologia, Paisagem, Percepção Ambiental, Questão Ambiental, Agroecologia, Análise Ambiental, Geomorfologia, Desertificação, Diagnóstico Ambiental, Impactos Ambientais, Ambiente Litorâneo, Poluição Ambiental, Recursos Hídricos, Ecoturismo, Unidades de Conservação, Pedologia, Zoneamento Ecológico, dentre outras; e “Geotecnologias” (68), destacando trabalhos nas subáreas/temas de Análise Ambiental, Cartografia Temática, Bases Digitais para Hidrografia, Geotecnologias Aplicadas ao Planejamento Urbano e Rural, Mapeamento de Uso do Solo, Mapeamento Turístico, Mapeamento Urbano Ambiental, Monitoramento de Cobertura Vegetal, Sistemas de Informações Geográficas, Geoprocessamento, Técnicas de Análise de Relevo, dentre outras.

O Gráfico 19 apresenta a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 19 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Caderno de Resumos e de Contribuições Científicas do 13º. Encontro Nacional de Geógrafos (2002)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13. João Pessoa, 2002. **Caderno de programação...** João Pessoa: AGB, 2002a. 53p.  
ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13. João Pessoa, 2002. **Caderno de resumos...** João Pessoa: AGB, 2002b. 361p.  
ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13. João Pessoa, 2002. **Contribuições científicas...** João Pessoa: AGB, 2002c (CD-ROM).

Nota-se no gráfico acima que, na subárea de Geografia Física as temáticas “Natureza, Espaço e Política” e “Geotecnologias”, representaram 22% e 5% respectivamente, dos trabalhos publicados, dentre os diversos eixos temáticos do evento.

Os Encontros Nacionais de Geógrafos, promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros vem alcançando os objetivos propostos, conforme descrito nesta pesquisa, sendo considerado como referência para a discussão dos problemas geográficos, sendo que a área de Geografia Física, conforme também ocorre nos Congressos Brasileiros de Geógrafos, está inserida na temática “Ambiental”. É importante ressaltar a importância destes eventos para a discussão e a evolução do pensamento geográfico. Os geógrafos que produzem na área de Geografia Física têm participado com relativa frequência nestes eventos, em maior número na década de noventa do século XX, conforme pode ser verificado nos Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas analisados.

### **6.3 Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**

O **1º Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade de Rio Claro, Estado de São Paulo, no período de 03 a 07 de dezembro de 1984, promovido pela Associação de Geografia Teorética e realizado nas dependências do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP – Campus de Rio Claro.

O evento foi organizado em conferência, mesas redondas, depoimentos, comunicações, notas e resenhas.

Os temas que nortearam este evento foram: 1) O campo de ação da Geografia Física; 2) A Geografia Física e a Análise Ambiental; 3) Depoimentos sobre o ensino universitário e as pesquisas desenvolvidas em Geografia Física; e 4) O futuro da Geografia Física e suas linhas de pesquisa.

Christofolletti (1985, p. 9-13), coordenador da Comissão Organizadora do evento, relata que,

[...] Nas duas circulares pré-Simpósio salientava-se como proposição a evidência da necessidade crescente de conhecer e manejar os fenômenos que se desenrolam no meio físico. No sistema do meio ambiente físico estão envolvidos as características e a dinâmica das condições climáticas, da vegetação, das águas superficiais e fluviais e do uso do solo. Isso corresponde ao setor analisado pela Geografia Física. Por essa razão, tornava-se premente reunir os especialistas e os interessados em Geografia Física para avaliar o desenvolvimento ocorrido nesse setor e as pesquisas realizadas, nas várias instituições brasileiras, e traçar algo para orientar e entrosar os projetos de pesquisa a curto e médio prazo.

[...] Para esse evento científico, a participação estaria aberta aos integrantes dos Cursos de Geografia, aos pesquisadores geógrafos trabalhando com instituições e empresas públicas e privadas, aos pós-graduandos e alunos em Geografia, bem como a outras categorias profissionais que trabalhassem em áreas conexas. Almejava-se, portanto, contar com representantes de todas as entidades envolvidas no ensino e na pesquisa em Geografia Física.

[...] Em sua estrutura, o Simpósio previa a realização de Mesas Redondas e Sessões para Depoimentos e apresentação de trabalhos. As mesas redondas e a sessão de depoimentos seriam compostas por convidados especiais, e possivelmente ampliadas com a colaboração de trabalhos enviados por outros participantes. Os temas das mesas redondas foram propostos como sendo (incluindo os itens sugeridos pela Comissão Organizadora, a fim de servir como guias para a reflexão e elaboração dos trabalhos. Os itens sugeridos não esgotavam os assuntos e os participantes poderiam desenvolver suas comunicações em itens similares, pertinentes ao contexto do Simpósio):

A) O campo de ação da Geografia Física:

Itens sugeridos: - O que se entende por Geografia Física? Sob qual conceituação de Geografia ela se coloca? Essa denominação é correta na atualidade? Qual seria seu campo de ação?; - A Geografia Física é praticada ao nível de ensino e/ou da pesquisa?; - Qual o significado da setorização da Geografia Física ao nível de ensino e da pesquisa? A Geografia Física representa um conjunto de setores científicos (geomorfologia, climatologia, biogeografia, hidrografia, etc.) ou é um setor específico, com características individualizadas? Qual a escala espacial (ou nível de hierarquização) em que é possível tratar a Geografia Física?

B) A Geografia Física e a Análise Ambiental

Itens sugeridos: - Qual a abordagem conceitual mais adequada para a análise do meio ambiente físico? Quais as vantagens e desvantagens do uso da análise de sistemas? O que se pode esperar do uso das técnicas de análise multivariada? Qual a contribuição geográfica para avaliar os impactos ambientais? Quais os critérios empregar (sic) para propor soluções aos eventos catastróficos? Qual o planejamento para amenizar os riscos de eventos ambientais futuros de alta magnitude?; - Na última década houve a expansão, no âmbito das Geociências, da denominada “geologia ambiental”. Considerando os livros textos recentemente publicados, qual a diferenciação entre “Geografia Física” e “Geologia Ambiental”?

C) Depoimentos sobre o ensino universitário e as pesquisas desenvolvidas em Geografia Física

Os depoimentos devem mostrar apanhado sobre o desenvolvimento

da respectiva instituição no tocante ao ensino e às pesquisas em Geografia Física, assim, como fazer avaliação do envolvimento dos resultados obtidos e do ritmo de evolução que se planeja atingir.

D) O futuro da Geografia Física e suas linhas de pesquisa

Itens sugeridos: - Qual a posição da 'Geografia Física' perante as tarefas constantes na regulamentação da Profissão de Geógrafo?; - Como se deve estabelecer a formação do geógrafo dedicado à análise do meio ambiente físico? Essa formação deve-se processar no nível da graduação ou da pós-graduação? Quais seriam as disciplinas mais adequadas a essa formação (e sugestões para as respectivas ementas)?; - Como se deve concatenar as linhas de pesquisa observadas entre as demais instituições de pesquisa? Quais as linhas de pesquisa mais necessárias à conjuntura brasileira? Como se poderia organizar e efetivar convênios de colaboração técnica entre as instituições?

[...] A necessidade crescente de conhecer e manejar os fenômenos que se desenrolam no meio físico torna-se evidente. Por essa razão, procuramos reunir os especialistas e os interessados em Geografia Física para avaliar o desenvolvimento ocorrido nesse setor e as pesquisas realizadas nas várias instituições brasileiras, e traçar algo para orientar e entrosar os projetos de pesquisa e o ensino a curto e médio prazo.

Acredito que alguns poderia aproveitar a oportunidade para tecer considerações críticas sobre a validade da denominação "Geografia Física Aplicada". No envolvimento contemporâneo da Geografia, a expressão "geografia física" pode ainda ser mantida e considerada adequada ao contexto geográfico? Mas se o nome do Simpósio pode ser polemizado, não resta dúvida que o sentido profundo da mensagem enviada foi plenamente percebido, e o interesse demonstrado pela comunidade geográfica é resposta explícita a esta iniciativa.

Não há razão para que este evento venha a receber a acusação de diversionista, separatista ou incentivador de dicotomias. Acima de tudo somos geógrafos, profissionais interessados com a análise global dos sistemas do meio ambiente – os geossistemas – e com o estudo dos seus elementos, relações e funcionamento. Esse conjunto que surge como parcela de organização espacial é a base para toda a atividade sócio-econômica. Embora individual e profissionalmente possamos endereçar atenção maior para um ou outro aspecto, o objetivo básico e significativo reside em orientar nossas pesquisas e esforços para que os grupos humanos possam adequadamente auferir dessas potencialidades ambientais. Devemos procurar conhecer cada vez melhor os sistemas do meio ambiente para que, como seres humanos e engajados em uma sociedade, possamos analisar as atividades humanas e avaliar se os modos de uso do solo (urbano, agrícola, exploração mineral, uso das águas, do ar, etc.) são benéficos ou prejudiciais. A conotação de valor humano é implícita e inerente ao campo da Geografia Física.

Não chego a dizer que houve transformação ou mudança radial para essa valorização dos "elementos do quadro natural" como fonte de potencialidades e de interesse para o bem-estar dos homens. Não, o que houve foi a ocorrência paulatina de explicitar e mencionar mais amiúde essa "perspectiva de valor", como se necessário fosse maior engajamento e profissão de fé social do geógrafo. São características e nuances que vão ganhando colorido diverso em função da

problemática que se vive no âmbito geral da sociedade, mas cujas raízes e arcabouço estrutural permanecem os mesmos. [...]

Seria pretensioso esperar que nesse Simpósio se pretenda resolver os problemas e os dilemas da pesquisa e do ensino da Geografia Física no Brasil. Os objetivos são mais modestos: a) avaliar o estado atual do ensino e a pesquisa em Geografia Física, considerando o que se desenvolve no país; b) elaborar o quadro de ação dos geógrafos, no tocante ao estudo do meio ambiente físico; e c) traçar as orientações que visem concatenar e coordenar as atividades de ensino e as pesquisas nas diversas universidades e instituições brasileiras. Enfim, criar oportunidade para que se comece a conversar e a debater sobre determinados temas, a perceber que se necessita de algo mais adequado para a análise do meio ambiente em suas implicações teóricas, metodológicas, técnicas e aplicativas.

O Quadro 21 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 21 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1984)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Mesas-Redondas</b>	
- Campos de Ação da Geografia Física	5
- A Geografia Física e a Análise Ambiental	8
- O Futuro da Geografia Física	7
- Geografia Física em Instituições de Ensino e Pesquisa	11
<b>Comunicações, Notas e Resenhas</b>	
- Campos de Ação da Geografia Física	15
- A Geografia Física e a Análise Ambiental	10
- O Futuro da Geografia Física	6
- Geografia Física em Instituições de Ensino e Pesquisa	8
<b>Total</b>	<b>70</b>

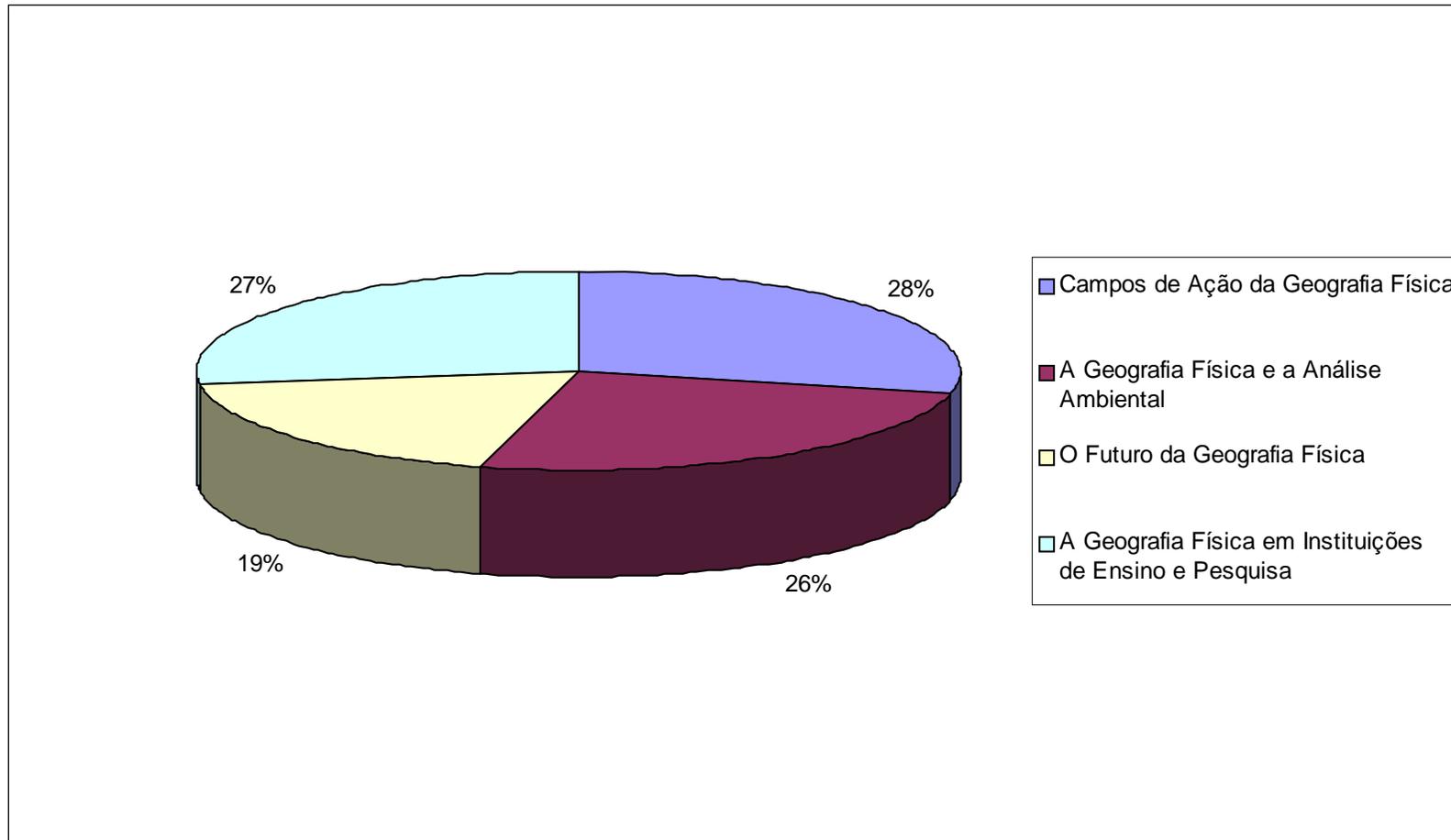
Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 1., 1984, Rio Claro. Anais... **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 15, n. 29-30, p. 9-484, 1985.

Analisando o quadro acima pode ser verificado que houve um predomínio de trabalhos ligados às seguintes temáticas: “Campos de Ação da Geografia Física” (20), “Geografia Física em Instituições de Ensino e Pesquisa” (19), “A Geografia Física e a Análise Ambiental” (18) e “O Futuro da Geografia Física” (13).

Nota-se, após análise, que as subáreas/temas “Geomorfologia”, “Climatologia”, “Biogeografia”, “Hidrografia”, “Ensino de Geografia Física”, dentre outras, estão presentes nos trabalhos publicados neste evento.

O Gráfico 20 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 20 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1984)**



Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 1., 1984, Rio Claro. Anais... **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 15, n. 29-30, p. 9-484, 1985.

Analisando o gráfico pode ser verificado que: a temática “Campos de Ação da Geografia Física” representou 28% dos trabalhos publicados; a temática “A Geografia Física em Instituições de Ensino e Pesquisa” representou 27% dos trabalhos publicados; a temática “A Geografia Física e a Análise Ambiental” representou 26% dos trabalhos publicados; e a temática “O Futuro da Geografia Física” representou 19% dos trabalhos publicados.

**O 2º Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade de Diamantina, Estado de Minas Gerais, no ano de 1986.

Não foi possível fazer a análise dos trabalhos deste evento considerando que os Anais não foram publicados, de acordo com informações recebidos de docentes da Universidade Federal de Minas Gerais, que participaram da Comissão Organizadora do evento. Um dos motivos para a não publicação dos Anais foi a falta de recursos financeiros, somado com a demora dos pesquisadores que apresentaram trabalhos no envio dos trabalhos completos.

A Profa. Dra. Cristina Helena Ribeiro Rocha Augustin, docente do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, através de contatos iniciais via telefone e após por meio eletrônico, enviou resumo com referência ao evento, que encontra-se descrito abaixo.

Penso que a primeira observação é que este Encontro representou um marco na Geografia Física, porque deu andamento ao realizado em Rio Claro em 1984, consolidando a iniciativa de Rio Claro. Inclusive foi no Encontro de Rio Claro que nos comprometemos com Regina Mousinho, da UFRJ, a realizar o próximo Encontro. Naquele momento, além do Christofolletti, do Queiroz e Bigarella, era a Regina Mousinho, com suas pesquisas sobre as rampas de colúvio, uma das principais pesquisadoras no cenário brasileiro. Do seu grupo surgiram: Ana Luiza Coelho Neto, Josilda, Nelson Pereira, na UFRJ, além do Oliveira, da Universidade Federal de Santa Catarina. Aqui em Minas Gerais, começávamos a dar ênfase às nossas pesquisas sobre dinâmica de vertentes, com ênfase no estudo de voçorocas. A escolha de Diamantina como local do Evento estava relacionado ao fato de que esta cidade se encontra próxima a nossa área de pesquisa (Gouveia), o que favoreceu o campo. A temática dos meus alunos que apresentaram seus resultados no encontro talvez lhe dêem uma idéia do que estávamos fazendo e da abordagem mais geral do encontro, embora eu tenha quase a certeza de que o pessoal da USP, sob a liderança do Queiroz tenha apresentado resultados sobre mapeamento das coberturas superficiais de Marília, projeto em andamento na época e que o pessoal da UFRJ tenha apresentado muita coisa sobre

aloestratigrafia e rampas de colúvio, muito embora Coelho Neto já estivesse envolvida com processos de vertente. Aí vai a temática dos meus alunos: Aspectos hidrológicos das voçorocas (Maura Bartolozzi); Estudo preliminar das micro-formas e erosão superficial nas encostas da região do Alto Paraúna, Serra do Espinhaço (Raquel Matos Cardoso); Estudo preliminar sobre a morfologia das vertentes na porção ocidental do município de Gouveia (Luciana Maria de Oliveira); Análise morfológica das redes de drenagem das voçorocas do Alto Paraúna Gouveia (Maura Bartolozzi); Análise preliminar da morfologia das bordas das voçorocas na região do Alto Paraúna - Serra do Espinhaço, Gouveia, MG (Daphne Diniz Malheiros); Estudo sobre a capacidade de infiltração dos solos no Alto Paraúna – Gouveia - Espinhaço Meridional - MG.

Estes foram alguns dos trabalhos apresentados por alunos meus. Espero que este breve relato lhe auxilie na tarefa de recuperar parte da memória daquele encontro.

**O 3º Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, no período de 29 de maio a 03 de junho de 1989, promovido pelo Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com apoio e colaboração do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI - Rio) e da Secretaria de Turismo de Nova Friburgo (RJ).

O evento foi organizado em: mesas redondas, debates, palestras, conferências, apresentações de painéis e comunicações, homenagens e excursões.

A Comissão Organizadora do evento relata que,

[...] no uso das funções que lhe foram delegadas pelo Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desenvolveu todos os esforços no sentido de que, mais uma vez, o evento atingisse os objetivos a que se destinava, dentre os quais se destaca o compromisso de promover o aprimoramento da ciência geográfica, no que concerne à Geografia Física.

Os Anais deste Simpósio, abrangendo contribuição dos diversos participantes, compreendem: Volume 1 – Sessões Técnicas; Volume 2 – Mesas Redondas; Volume 3 – Debates, Atas e Conclusões [...] (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 1989).

O Quadro 22 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 22 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1989)**

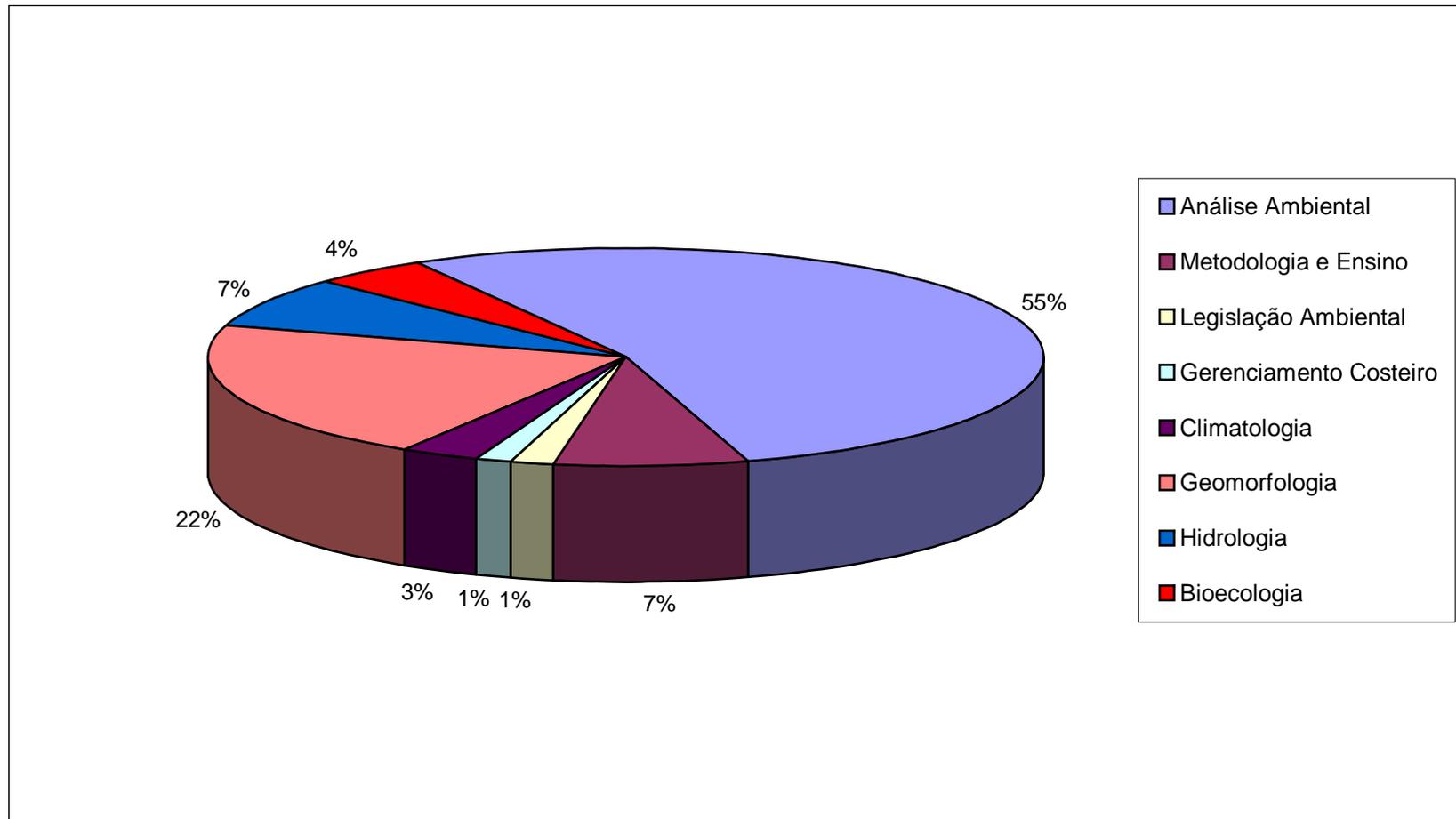
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Mesas Redondas, Palestras e Conferências</u>	
- Análise Ambiental	6
- Metodologia e Ensino	5
- Legislação Ambiental	1
- Gerenciamento Costeiro	1
<u>Artigos</u>	
- Análise Ambiental	21
- Climatologia	2
- Geomorfologia	6
- Hidrologia	2
- Bioecologia	3
<u>Comunicações Orais e Painéis</u>	
- Hidrologia	8
- Análise Ambiental	45
- Geomorfologia	22
- Metodologia e Ensino	5
- Legislação Ambiental	1
- Gerenciamento Costeiro	1
- Climatologia	2
- Bioecologia	3
<b>Total</b>	<b>134</b>

Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 3., 1989, Nova Friburgo. **Anais: sessões técnicas, mesas redondas, debates, palestras, homenagens, excursões e relatórios...** Nova Friburgo: UFRJ, 1989. 3 v.

Analisando o quadro acima se verifica que foram publicados 134 trabalhos, predominando as seguintes subáreas/temas: “Análise Ambiental” (72); “Geomorfologia” (28); “Hidrologia” (10) e “Metodologia e Ensino” (10), dentre outras.

O Gráfico 21 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 21 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1989)**



Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 3., 1989, Nova Friburgo. **Anais: sessões técnicas, mesas redondas, debates, palestras, homenagens, excursões e relatórios...** Nova Friburgo: UFRJ, 1989. 3 v.

O gráfico demonstra que: a subárea/tema “Análise Ambiental” foi responsável por 55% dos trabalhos publicados, em seguida das subáreas/temas “Geomorfologia” (22%), “Metodologia e Ensino” (7%) e “Hidrologia” (7%), indicando que na área de Geografia Física havia uma preocupação com os estudos e pesquisas na temática “Análise Ambiental”.

O **4º Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, no período de 10 a 14 de novembro de 1991, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este evento foi dividido em sessões técnicas e comunicações.

O Quadro 23 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 23 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1991)**

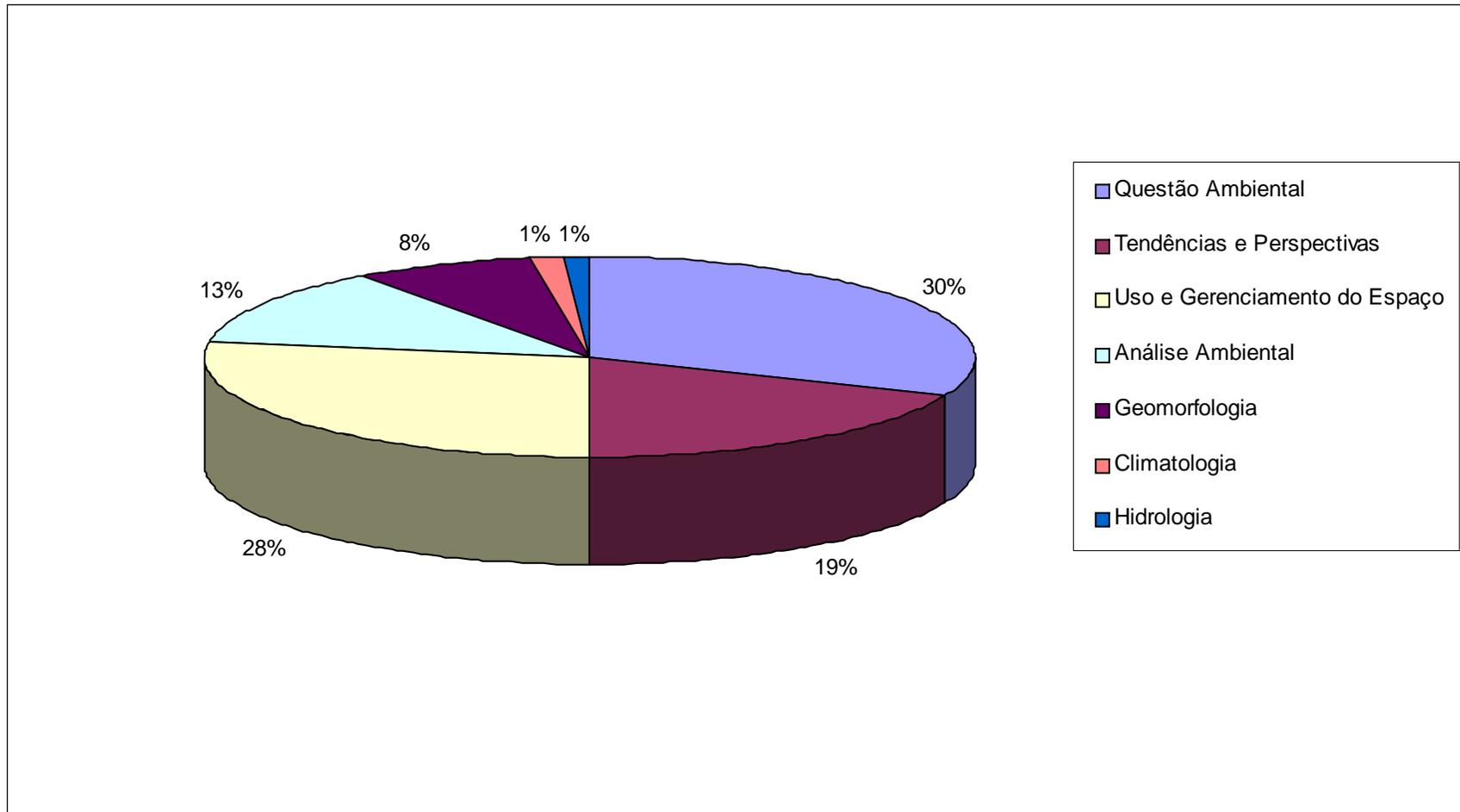
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Sessões Técnicas</u>	
- Questão Ambiental	25
- Tendências e Perspectivas	15
- Uso e Gerenciamento do Espaço	22
<u>Comunicações</u>	
- Análise Ambiental	10
- Geomorfologia	6
- Climatologia	1
- Hidrologia	1
<b>Total</b>	<b>80</b>

Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 4., 1991, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 1991.

Analisando o quadro acima pode ser verificado que foram publicados 80 trabalhos, predominando estudos sobre as seguintes temáticas: “Questão e Análise Ambiental” (35); “Uso e Gerenciamento do Espaço” (22); “Tendências e Perspectivas” (15); e “Geomorfologia” (6).

O Gráfico 22 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 22 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1991)**



Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 4., 1991, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 1991.

Nota-se neste gráfico que a temática “Questão Ambiental” representou 30% dos trabalhos apresentados e publicados, seguido da temática “Uso e Gerenciamento do Espaço” (28%) e da temática “Geomorfologia” (13%). Nota-se, ainda, uma preocupação com o futuro da Geografia Física, ao incluir a temática “Tendências e Perspectivas”, que representou 19% dos trabalhos publicados.

O **5º Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, no período de 07 a 11 de dezembro de 1993, promovido pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em colaboração com a Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Este evento foi distribuído em: sessões temáticas (palestras, conferências e debates) e sessões técnicas (comunicações orais, painéis e vídeos),

O Quadro 24 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 24 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1993)**

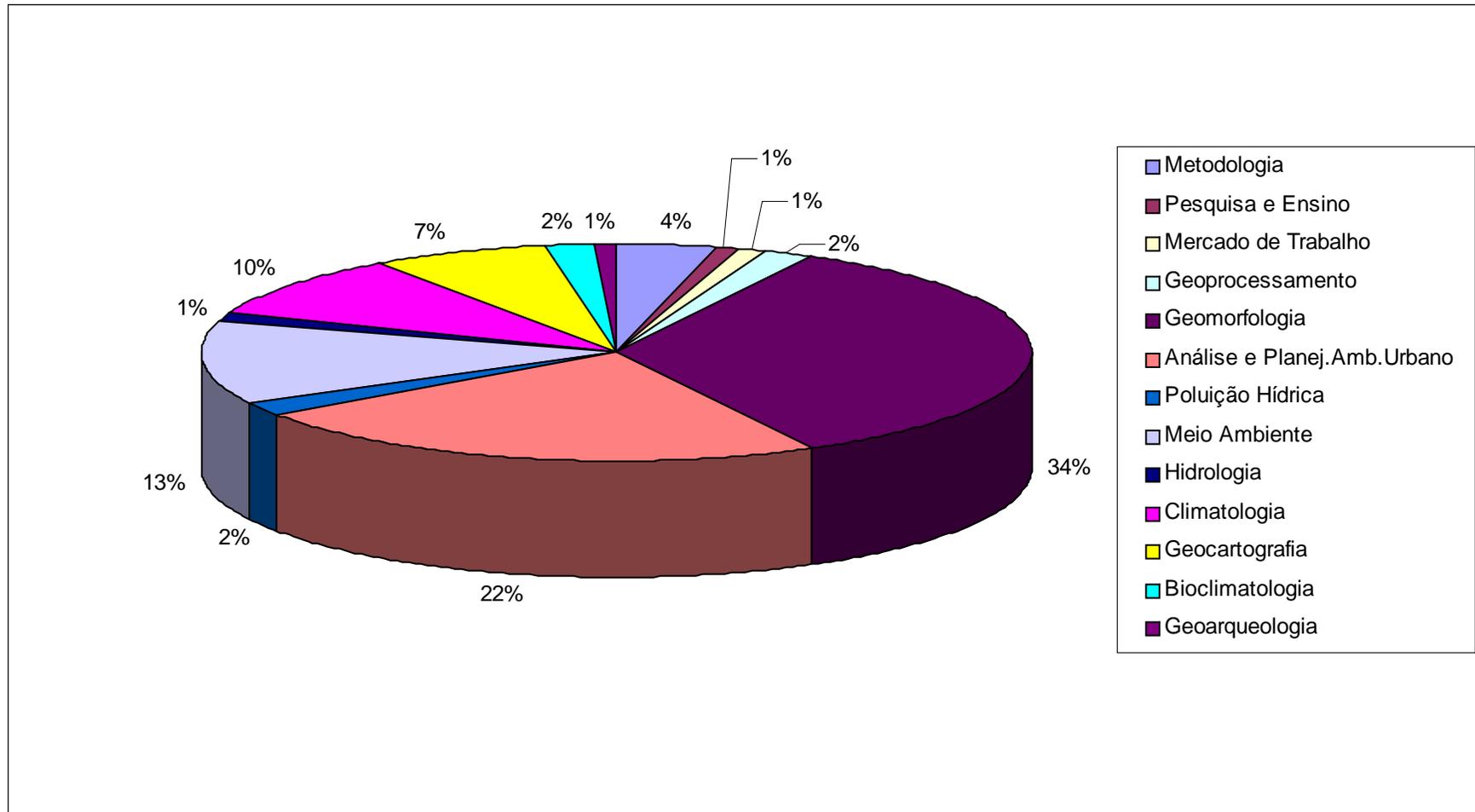
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Sessões Temáticas (Palestras, Conferências e Debates)</u>	
- Metodologia	1
- Pesquisa e Ensino	1
- Mercado de Trabalho	1
- Geoprocessamento	1
- Análise e Planejamento Ambiental Urbano	1
- Geomorfologia	1
<u>Sessões Técnicas (Comunicações Orais, Painéis e Vídeos)</u>	
- Metodologia	3
- Geoprocessamento	1
- Geomorfologia	35
- Análise e Planejamento Ambiental Urbano	23
- Poluição Hídrica	2
- Meio Ambiente	13
- Hidrologia	1
- Climatologia	10
- Geocartografia	7
- Bioclimatologia	2
- Geoarqueologia	1
<b>Total</b>	<b>104</b>

Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 5., 1993, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 1993.

Analisando o quadro acima pode ser verificado que foram publicados 104, com predomínio de trabalhos sobre as seguintes temáticas: “Geomorfologia” (36); “Análise e Planejamento Ambiental Urbano” (24); “Meio Ambiente” (13); e “Climatologia” (10).

O Gráfico 23 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 23 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1993)**



Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 5., 1993, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 1993.

Analisando o gráfico acima se pode verificar que a temática “Geomorfologia” representou 34% dos trabalhos publicados, seguido da temática “Análise e Planejamento Ambiental Urbano” (22%), da temática “Meio Ambiente” (13%) e da temática “Climatologia” (10%).

O **6º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade de Goiânia, Estado de Goiás, no período de 15 a 21 de outubro de 1995, realizado no Centro de Cultura e Convenções Gercina Borges Teixeira, promovido pelo Departamento de Geografia do Instituto de Química e Geociências da Universidade Federal de Goiás.

O evento foi organizado em: mesas redondas e comunicações.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) Geografia Física e Meio Ambiente; 2) Geografia Física Urbana; 3) Geoprocessamento; e 4) Ensino.

Segundo a Comissão Organizadora do evento,

Com a realização desse VI SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA tem-se a consolidação de um espaço permanente de discussão e divulgação da produção científica em Geografia Física e áreas afins.

É inegável o significado que o referido evento assume para a integração e intercâmbio do conhecimento científico, contribuindo enormemente com os avanços epistemológicos assistidos, além da tendência cada vez maior de permitir uma interação dialética, pela participação efetiva dos pesquisadores, em estudos de Geografia Física vinculados ou aplicados a questões de natureza social. Este fato pode ser perfeitamente justificado pelo crescente número de trabalhos de cunho ambiental, que representam, neste evento, praticamente oitenta por cento da produção constante nestes anais (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 1995).

Ainda, segundo a Comissão Organizadora, a estrutura apresentada no evento permitiu

[...] o exame do estado atual da investigação nas diferentes áreas abarcadas pela Geografia Física, numa perspectiva interdisciplinar, tendo o meio ambiente como temário de convergência; discussões sobre forma e conteúdo da Geografia Física no contexto didático-pedagógico, considerando o significado da mesma na produção do conhecimento, tendo como expectativa a formação de uma consciência crítica; avaliação sobre os avanços científicos

produzidos na Geografia Física com a introdução do Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto; análise dos problemas urbanos decorrentes, sobretudo, da apropriação espontaneísta de espaços de risco, implicando desequilíbrio nas relações processuais; perspectivas de uma discussão epistemológica para um projeto geográfico global, partindo do princípio que os sistemas de produção e as forças produtivas dão à natureza sua existência social (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 1995).

O Quadro 25 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 25 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 6º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1995)**

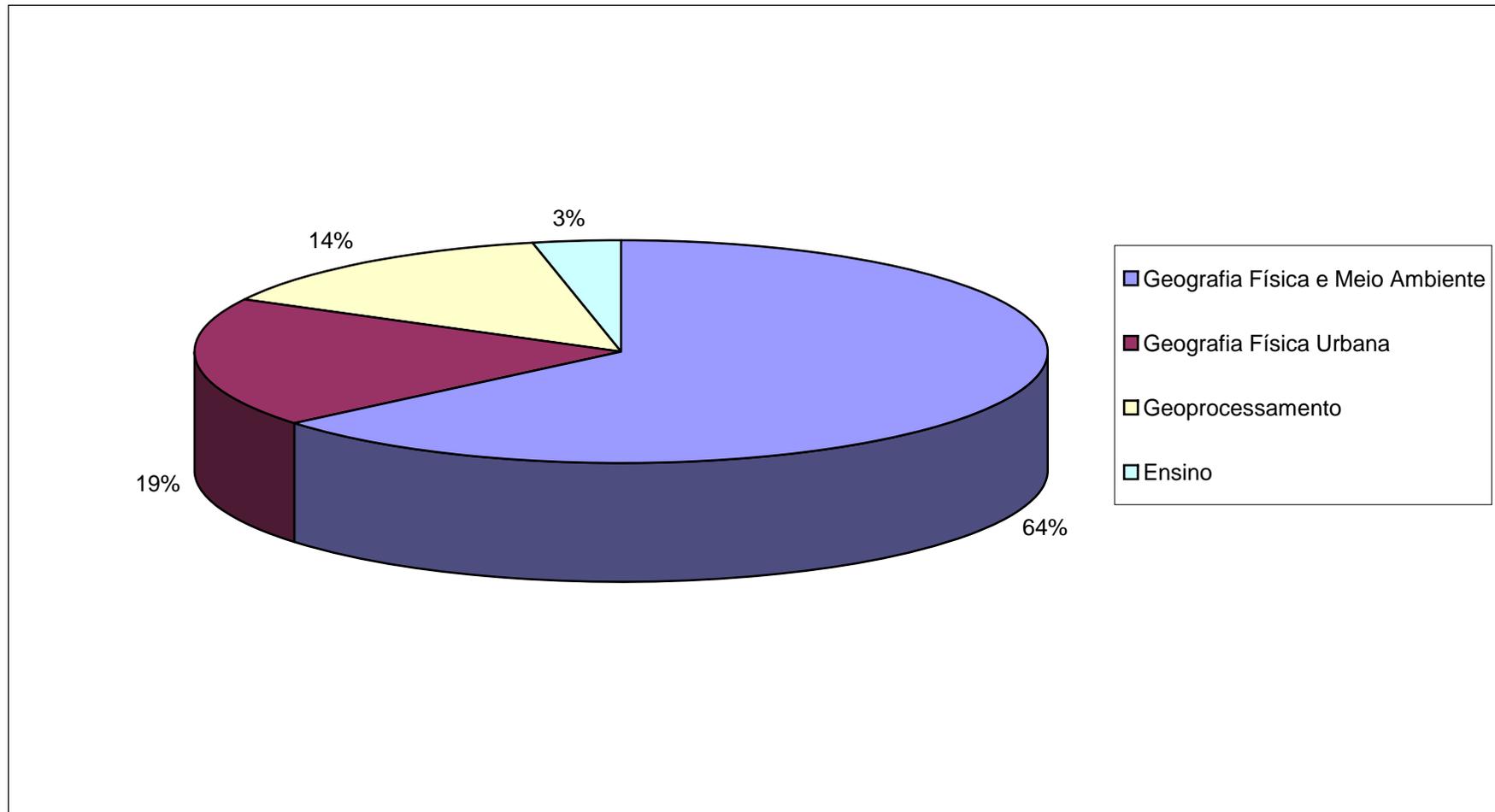
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Mesas Redondas</u>	
Geografia Física e Meio Ambiente	3
Geografia Física Urbana	2
Geoprocessamento	1
Ensino	1
<u>Comunicações</u>	
Geografia Física e Meio Ambiente	108
Geografia Física Urbana	31
Geoprocessamento	23
Ensino	5
<b>Total</b>	<b>174</b>

Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 6., 1995, Goiânia. **Anais...**, Goiânia: UFG, 1995. 2 v.

Analisando o quadro acima pode ser verificado que foram publicados 59 trabalhos nas diversas subáreas/temas, conforme segue: “Geografia Física e Meio Ambiente” (111), “Geografia Física Urbana” (33), “Geoprocessamento” (24) e “Ensino” (6).

O Gráfico 24 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 24 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 6º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1995)**



Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 6., 1995, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 1995. 2 v.

Nota-se no gráfico acima que, dentre os trabalhos publicados, houve predomínio das seguintes subáreas/temas: “Geografia Física e Meio Ambiente” (64%), “Geografia Física Urbana” (19%), “Geoprocessamento” (14%) e “Ensino” (3%).

O 7º. **Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade de Curitiba, Estado do Paraná, no período de 11 a 15 de outubro de 1997, promovido pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná.

O tema deste evento foi “Tecnologia e Globalização: Novos Cenários, Novas Paisagens, Nova Sociedade... Velha Ciência?”.

O evento foi organizado em: conferência, mesas redondas e apresentações de comunicações livres, painéis e vídeos.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) Epistemologia, Metodologia e Técnicas de Pesquisa em Geografia Física; 2) O Emprego de Novas Técnicas em Geografia Física; 3) O Ensino de Geografia Física e Educação Ambiental; 4) Geografia Física e Meio Ambiente; e 5) As Especializações no Campo da Geografia Física.

Segundo Mendonça (1997), coordenador da Comissão Organizadora do evento,

O Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná sente-se honrado em promover o VII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA – I FÓRUM LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, e sente também enorme prazer em acolher os profissionais e estudantes de Geografia e áreas afins na cidade de Curitiba... Sejam todos bem vindos!

A realização deste VII Simpósio dá continuidade à uma série iniciada em 1985, constituindo-se eles em eventos que tem criado excelentes oportunidades para a reflexão e o debate acerca do conhecimento na Geografia brasileira, em especial na Geografia Física.

Ao observar o teor dos debates e o conteúdo dos trabalhos apresentados nos seis simpósios já realizados, a Comissão Organizadora do presente elegeu como temática balizadora do mesmo “Tecnologia e Globalização: Novos cenários, novas paisagens, nova sociedade... Velha ciência?”, pois objetiva centralizar a atenção dos congressistas na reflexão acerca da produção científico-técnica desta área do conhecimento. O debate epistemológico e, por conseguinte, metodológico e técnico, sobre o conhecimento físico-geográfico, sua evolução e perspectivas urge como uma necessidade candente dos pesquisadores e estudiosos envolvidos com a Geografia Física, pois os graves problemas ambientais que caracterizam o espaço-sociedade contemporâneo,

além de sua expansão resultante das novas conquistas do homem neste limiar de Terceiro Milênio, demandam tanto o aprimoramento deste conhecimento quanto sua maior inserção na tomada de decisões.

O VII Simpósio foi organizado na perspectiva de ampliar a participação de colegas latino-americanos, ao mesmo tempo em que almeja iniciar um processo de organização dos geógrafos no âmbito da América Latina, reivindicação que tem se tornado cada vez mais expressiva nos últimos eventos. Para atender a esta demanda realiza-se, paralelamente a este VII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, o I FÓRUM LATINO-AMERICANO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA. Neste sentido foram convidados eminentes geógrafos latino-americanos para comporem as mesas-redondas e ministrarem alguns mini-cursos, além do envio de uma chamada geral para a participação no mesmo a centenas de instituições de toda a América Latina.

A calorosa aprovação da programação estabelecida pela Comissão Organizadora por parte da comunidade brasileira e latino-americana refletiu-se nos cerca de 500 trabalhos enviados para análise (dos quais cerca de 400 aprovados) no pronto aceite dos convidados especiais (conferencistas, homenageados, coordenadores e atividades especiais, ministrantes de mini-curso, etc.) bem como no elevado número de participantes do evento. Além dos resumos e textos completos dos referidos trabalhos, também foram publicadas as conferências enviadas em tempo hábil, formando dois volumes de Anais do SIMPÓSIO-FÓRUM (Volume I em papel e Volume II em CD-ROM).

Antes mesmo do início oficial do VII SIMPÓSIO – I FÓRUM sentimo-nos bastante contentes com os resultados já obtidos e com o apoio recebido de várias instituições e de muitas pessoas, o que é compensador ante aos cerca de dois anos de trabalho dedicados à organização de um evento deste porte. Estamos confiantes na colaboração de todos os participantes para tornar este evento um momento ímpar e de profícua produção intelectual... um momento alegre e de intenso intercâmbio cultural, de experiências diversas, de coleguismo e de amizade (p. v).

O Quadro 26 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 26 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 7º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1997)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferência e Mesas-Redondas</u>	
- Epistemologia, Metodologia e Técnicas de Pesquisa em Geografia Física	4
- O Emprego de Novas Técnicas em Geografia Física	3
- O Ensino de Geografia Física e Educação Ambiental	4
- Geografia Física e Meio Ambiente	4
<u>Comunicações-Livres, Painéis e Vídeos</u>	
- Epistemologia, Metodologia e Técnicas de Pesquisa em Geografia Física	31
- O Emprego de Novas Técnicas em Geografia Física	51
- O Ensino de Geografia Física e Educação Ambiental	43
- Geografia Física e Meio Ambiente	159
- As Especializações no Campo da Geografia Física	106
<b>Total</b>	<b>405</b>

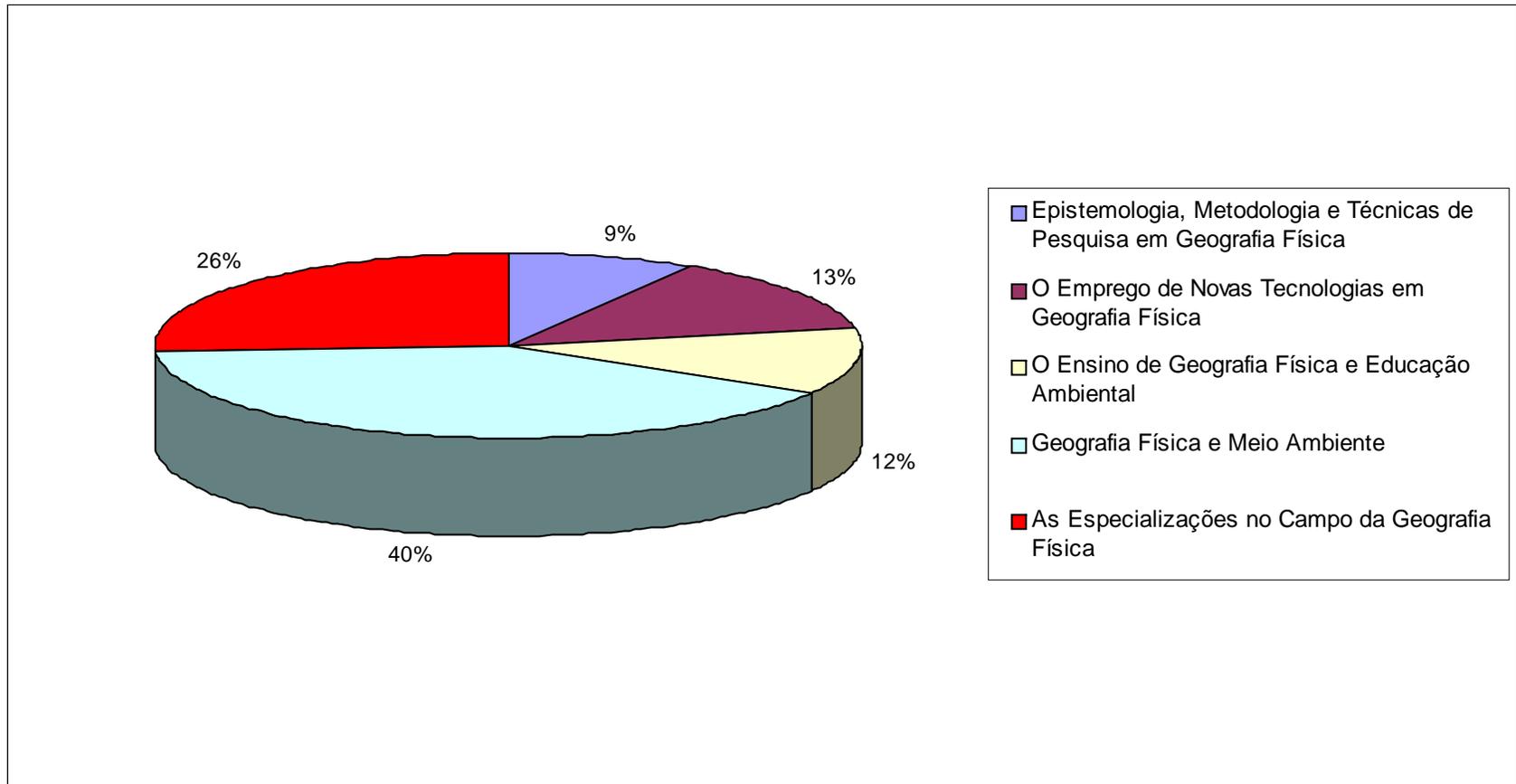
Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 7., 1997, Curitiba. **Anais: conferência de abertura, mesas-redondas e resumos de comunicações-livres, painéis e vídeos...** Curitiba: UFPR, 1997a.  
 SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 7., 1997, Curitiba. **Anais: conferência de abertura, mesas-redondas, comunicações-livres – resumos e trabalhos expandidos, resumos de painéis e vídeos...** Curitiba: UFPR, 1997b. 1 CD-ROM.

Verifica-se no quadro acima que, dentre os 405 trabalhos publicados, houve predomínio nas seguintes temáticas: “Geografia Física e Meio Ambiente” (163); “As Especializações no Campo da Geografia Física” (106); e “O Emprego de Novas Técnicas em Geografia Física” (54).

Nota-se, ainda, que houve trabalhos nas diversas subáreas/temas da Geografia Física, como: “Impactos Ambientais”; “Geossistemas”; “Meio Ambiente Urbano”; “Geoprocessamento”; “Cartografia Ambiental”; “Sensoriamento Remoto”; “Sistemas de Informações Geográficas”; “Processamento Digital de Imagens”; “Percepção e Educação Ambiental”; “Climatologia”; “Gestão Ambiental”; “Biogeografia”; “Degradação Ambiental”; “Bacias Hidrográficas”; “Pedologia”; “Geologia”; “Meteorologia”, dentre outros.

O Gráfico 25 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 25 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 7º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1997)**



Fonte: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 7., 1997, Curitiba. **Anais: conferência de abertura, mesas-redondas e resumos de comunicações-livres, painéis e vídeos...** Curitiba: UFPR, 1997a.  
 SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 7., 1997, Curitiba. **Anais: conferência de abertura, mesas-redondas, comunicações-livres – resumos e trabalhos expandidos, resumos de painéis e vídeos...** Curitiba: UFPR, 1997b. 1 CD-ROM.

Conforme pode ser visualizado no gráfico acima predominaram trabalhos nas seguintes temáticas: “Geografia Física e Meio Ambiente” (40%); “As Especializações no Campo da Geografia Física” (26%); e “O Emprego de Novas Técnicas em Geografia Física” (13%).

O **8º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, no período de 25 a 31 de outubro de 1999, promovido pelo Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

O tema deste evento foi “Uso múltiplo dos recursos naturais”.

O evento foi organizado em conferências, mesas redondas e sessões de painéis.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) Aplicabilidade da Geografia Física aos Grandes Empreendimentos; 2) Potencialidade de Uso Racional das Paisagens; 3) A Geografia Física no Planejamento Urbano e Regional; 4) Ensino de Geografia Física e Educação Ambiental.

SAADI (1999, p. 5), coordenador da Comissão Organizadora do evento, relatou que,

Na proximidade da realização deste VIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, recebemos uma notícia carregada da maior dose de tristeza possível: o falecimento repentino do Professor Antonio Christofolletti.

O mesmo Professor Christofolletti que, em 1984, instalava a pedra fundamental deste simpósio, num ato de sabedoria e inovação, características permanentes do amigo que deixa saudades em todo e qualquer ‘geógrafo físico’.

Não me foi dada a missão e nem a liberdade de saudar o Professor Christofolletti, nesta apresentação. No entanto, não conseguiria ir adiante, se eu não puder expressar o profundo sentimento de perda irreparável que me causa a idade das pessoas que fazem. As pessoas que fazem, de todos os jeitos e maneiras, deixam expostas as nossas fraquezas fundamentais. Ou seja, o que resta para fazer. O que deixou de ser feito. O muito que não será feito por qualquer um: refletir, fomentar, incentivar, encorajar, publicar, ler, escrever, viajar, palestrar, criticar, sugerir, e ... ensinar, orientar, projetar e ...

Tempos difíceis, tempos novos, tempos estranhos, tempos incompreensíveis. Os grandes mestres se vão, com seu rigor, mas também seu amor pelo trabalho, seu desejo de um futuro coletivo melhor. Receio que pouco nos venha em troca.

Tempos de vaidades, de palavras e pouca ação. A política da geografia cede seu lugar à geografia da política. Não estou me referindo à política enquanto ideologia, mas aos prematuros e imaturos exercícios de projeção.

Tempos de oportunidades, de visões distorcidas da função

universitária no sentido do coletivo.

Na oportunidade da organização deste simpósio me vem à mente a lembrança de que tanto o Professor Christofoletti, quanto a Professora Regina Mousinho de Meis, faleceram de maneira repentina, de alguma maneira no exercício da função, seja no laboratório ou na rua. Que diferença faz? Faz que não estão mais aqui alguns dos que melhor poderiam resgatar o sentido do coletivo. É muita saudade.

Na realidade é muito medo do que vejo. E pensar que vai ser ainda mais difícil dizer as coisas. As coisas duras sobre o sentido que a universidade tem de ter. As coisas sobre o sentido de nós nela estarmos.

Faço votos para que os debates deste simpósio, muito mais do que pelos trabalhos nele expostos, assume o papel de discutir os rumos do futuro imediato. Pois urge discutir a situação da Geografia Física no Brasil. A situação da Geografia, muito além de seu palavreado, muito além de seus pequenos gestos.

Aos que ficam conosco coragem e resolução. Não é amargura. É pensamento profundo, oriundo do que vejo e que tenho de expressar.

O Quadro 27 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 27 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 8º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1999)**

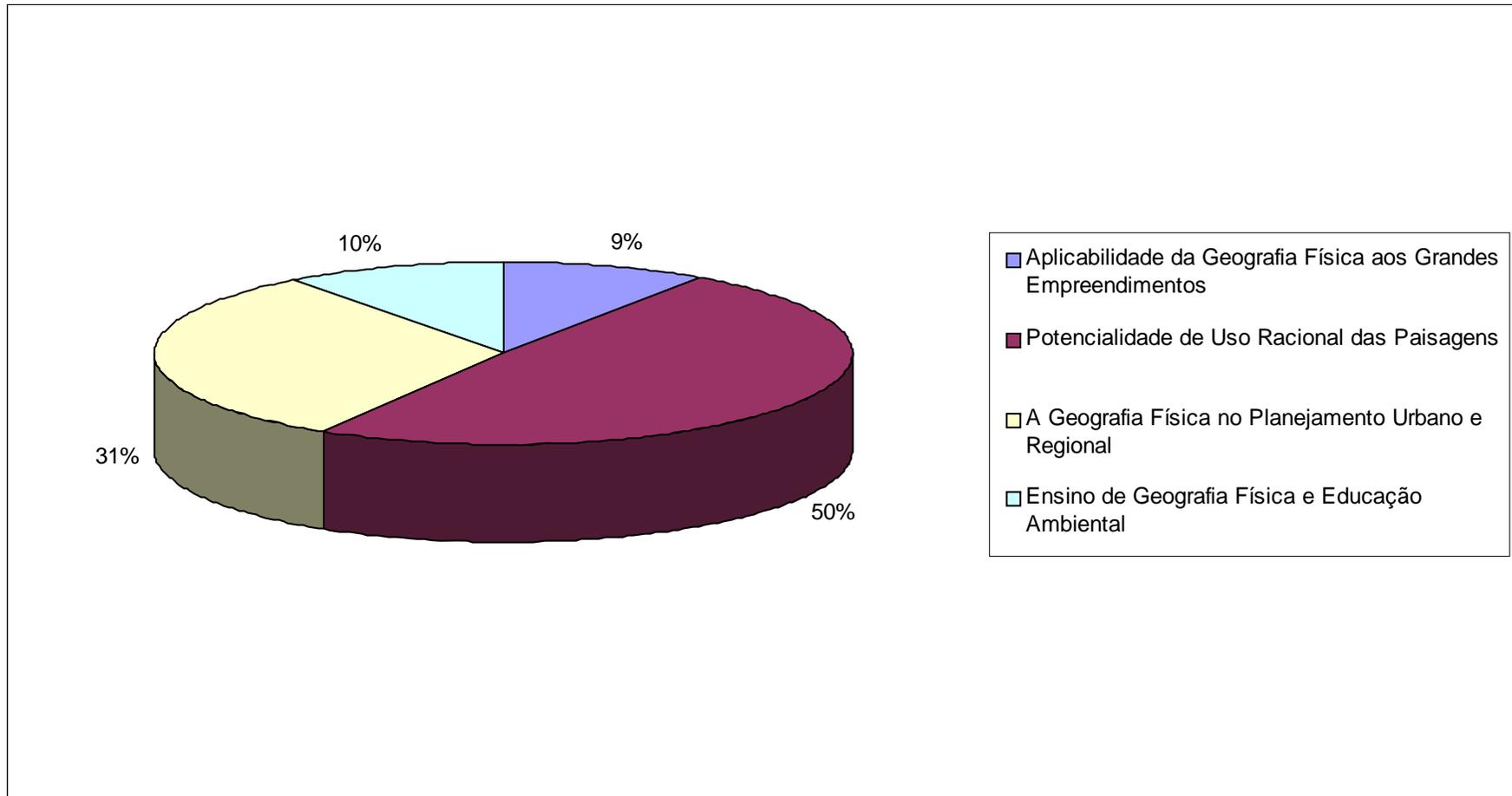
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferências e Mesas Redondas</u>	
- Aplicabilidade da Geografia Física aos Grandes Empreendimentos	2
- Potencialidade de Uso Racional das Paisagens	2
- A Geografia Física no Planejamento Urbano e Regional	2
- Ensino de Geografia Física e Educação Ambiental	2
<u>Painéis</u>	
- Aplicabilidade da Geografia Física aos Grandes Empreendimentos	22
- Potencialidade de Uso Racional das Paisagens	122
- A Geografia Física no Planejamento Urbano e Regional	77
- Ensino de Geografia Física e Educação Ambiental	24
<b>Total</b>	<b>253</b>

Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 8., 1999, Belo Horizonte. Anais: resumos dos trabalhos..., Belo Horizonte: UFMG, 1999. v. 1. 552p..

Analisando o quadro acima pode ser verificado que na temática “Potencialidade de Uso Racional das Paisagens” houve 124 trabalhos publicados, seguido da temática “A Geografia Física no Planejamento Urbano e Regional” com 79 trabalhos publicados.

O Gráfico 26 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 26 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 8º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (1999)**



Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 8., 1999, Belo Horizonte. **Anais: resumos dos trabalhos...** Belo Horizonte: UFMG, 1999. v. 1. 552p.

No gráfico acima nota-se que a temática “Potencialidade de Uso Racional das Paisagens” representou 50% dos trabalhos publicados, seguido da temática “A Geografia Física no Planejamento Urbano e Regional”, que representou 31% dos trabalhos publicados.

O **9º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade de Recife, Estado de Pernambuco, no período de 14 a 18 de novembro de 2001, promovido pelo Departamento de Ciências Geográficas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, pela Universidade de Pernambuco e pela Universidade Católica de Pernambuco.

O tema escolhido para este evento foi “Construindo a Geografia para o Século XXI”.

Os eixos temáticos deste evento foram: 1) Teoria e Métodos em Geografia Física; 2) Movimentos de Massa em Encostas e Manejo dos Recursos Naturais; 3) Geografia Física Aplicada aos Ambientes Úmidos, Subúmidos e Semi-áridos; 4) Geoprocessamento Aplicado à Geografia Física; 5) Gestão Ambiental e Geografia Física; 6) Metodologia do Ensino de Geografia Física; 7) Descrição e Análise de Metodologias; e 8) Outros.

Com relação à estrutura e organização do evento foram contempladas as seguintes atividades: conferências, mesas redondas, sessões temáticas com comunicações livres, mini-cursos, sessão de pôsteres e trabalhos de campo em áreas do Estado de Pernambuco, coordenados por professores da Universidade Federal de Pernambuco.

Segundo a Comissão Organizadora,

O Departamento de Ciências Geográficas da UFPE teve uma importante participação na história da Geografia Física brasileira. Nele foram desenvolvidas muitas das pioneiras pesquisas, levadas a efeito no país, referentes à Climatologia Dinâmica, à Geomorfologia e à Fitogeografia. Nomes como Gilberto Osório de Andrade, Dárdano de Andrade Lima, Rachel Caldas Lins e tantos outros contribuíram consideravelmente para o avanço dos estudos da estruturação natural das paisagens, particularmente dessa grande porção do território brasileiro que é a Região Nordeste. A esses nomes o IX SBGFA rende as suas homenagens.

O IX SBGFA não pretende acentuar a dicotomia existente entre a Geografia Física e a Geografia Humana. A unidade da Geografia é o seu ponto central e espera-se que esse evento, dos mais importantes do mundo acadêmico geográfico da América do Sul, contribua à

construção de uma Geografia mais dinâmica e científica para o século que se inicia.

A Geografia Física, por tratar fundamentalmente de assuntos ligados ao meio ambiente, tem tido uma participação cada vez mais significativa na atualidade, especialmente nos estudos aplicados. Assim, o IX SBGFA abordará uma temática abrangente, onde profissionais e estudantes de Geografia e áreas correlatas poderão participar, discutir e expor os resultados de suas pesquisas. Enfatiza-se, portanto, no Simpósio, a interdisciplinaridade, que é algo indispensável para o desenvolvimento da Geografia Física Aplicada (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2001a).

Pereira e Jatobá (2001), respectivamente presidente da Comissão Organizadora e coordenador da Comissão Executiva deste evento, relatam que,

O Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (SBGFA) teve a sua primeira versão ocorrida na cidade de Rio Claro (SP), no ano de 1984, mais especificamente no período de 3 a 7 de dezembro, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita. O 1º. SBGFA, idealizado pelo saudoso Antonio Christofolletti, a quem rendemos as nossas homenagens, se constituiu num dos mais importantes eventos da Geografia brasileira. Desde então, o conclave vem acontecendo de forma regular. Esta, contudo, é a primeira vez em que ocorre numa cidade do Nordeste brasileiro, cidade esta que gerou em décadas passadas alguns dos mais expressivos nomes da Geografia Física brasileira.

O VIII SBGFA verificou-se na cidade de Belo Horizonte (MG), em 1999. Naquela ocasião, foram escolhidas, por aclamação, na Reunião Plenária de Encerramento, a cidade do Recife e a Universidade Federal de Pernambuco para sediarem o IX Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Aceitamos o desafio, conscientes das dificuldades que representam, na atualidade, organizar um evento científico, especialmente no que concerne à obtenção do indispensável apoio financeiro. A vontade de ver retomada a tradição da Geografia Física no Departamento de Ciências Cartográficas da Universidade Federal de Pernambuco superou qualquer expectativa sombria que poderia advir dos diversos obstáculos. O IX SBGFA é agora uma realidade e extrapolou todas as nossas mais otimistas previsões, o que para nós é motivo de júbilo! Sentimo-nos gratificados.

O Simpósio foi estruturado em oito grandes eixos temáticos, todos eles idealizados de maneira a evitar a polêmica dicotomia Geografia Física X Geografia Humana, extremamente maléfica à Geografia. Dicotomia que não soma, apenas enfraquece, subtrai. Esses eixos foram assim designados: 01 Teoria e Métodos em Geografia Física, 02 Movimentos de Massa em Encostas e Manejo dos Recursos Naturais, 03 Geografia Física Aplicada aos Ambientes Úmidos, Subúmidos e Semi-áridos, 04 Geoprocessamento Aplicado à Geografia Física, 05 Gestão Ambiental e Geografia Física, 06 Metodologia do Ensino de Geografia Física, 07 Discrção e Análise de Metodologias, e 08 Outros.

São objetivos principais do IX SGBFA, dentre outros, os seguintes: a) congregar profissionais e estudantes de Geografia e áreas afins com o intuito de proceder a uma troca de informações e experiências com vistas a um maior desenvolvimento científico e tecnológico dos assuntos relativos ao espaço geográfico; b) analisar as aplicações da Geografia Física à análise dos ambientes úmidos, subúmidos e semi-áridos; c) discutir aspectos relativos aos movimentos de massa em encostas, particularmente em meios tropicais úmidos, e suas conseqüências socioeconômicas; d) examinar novos métodos e técnicas de ensino de Geografia Física; e e) abordar questões relacionadas a gestão de bacias hidrográficas, sob a ótica da Geografia Física.

Centenas de trabalhos, vindos das diversas regiões do País e do exterior, foram encaminhados à Comissão Organizadora do IX SGBFA, tendo ocorrido, no entanto, uma predominância das comunicações mais relacionadas ao eixo temático “Gestão Ambiental e Geografia Física”. Nos Resumos do SGBFA, o leitor irá encontrar inúmeros trabalhos de excelente qualidade, que denunciam, de forma inequívoca, o avanço dos estudos de Geografia Física Aplicada no Brasil. Mostram também que essa parte da Geografia vem recebendo uma particular atenção dos pesquisadores brasileiros, em especial dos jovens geógrafos e estudantes de Geografia e áreas afins.

Colhemos o ensejo para agradecer a todas as pessoas que nos ajudaram nesta árdua tarefa de estruturação do Simpósio e, especialmente, aos órgãos de fomento, em particular à CAPES e ao CNPq, que acreditaram no nosso projeto, fornecendo a ajuda financeira para que o IX SGBFA fosse viabilizado. Especial agradecimentos dedicamos à Universidade Federal de Pernambuco, com particular menção ao Magnífico Reitor Mozart Neves Ramos, que não mediu esforços para apoiar, recebendo a Comissão com muita cordialidade, e sempre atento às nossas solicitações. Restamos dar as boas-vindas aos geógrafos e outros profissionais, professores e estudantes presentes ao conclave, desejando-lhes um bom proveito nas ricas discussões que certamente ocorrerão nas inúmeras sessões científicas programadas.

Que o IX Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada represente uma contribuição marcante para a construção de uma Geografia para o século XXI! Este é o nosso maior desejo.

O Quadro 28 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 28 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 9º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2001)**

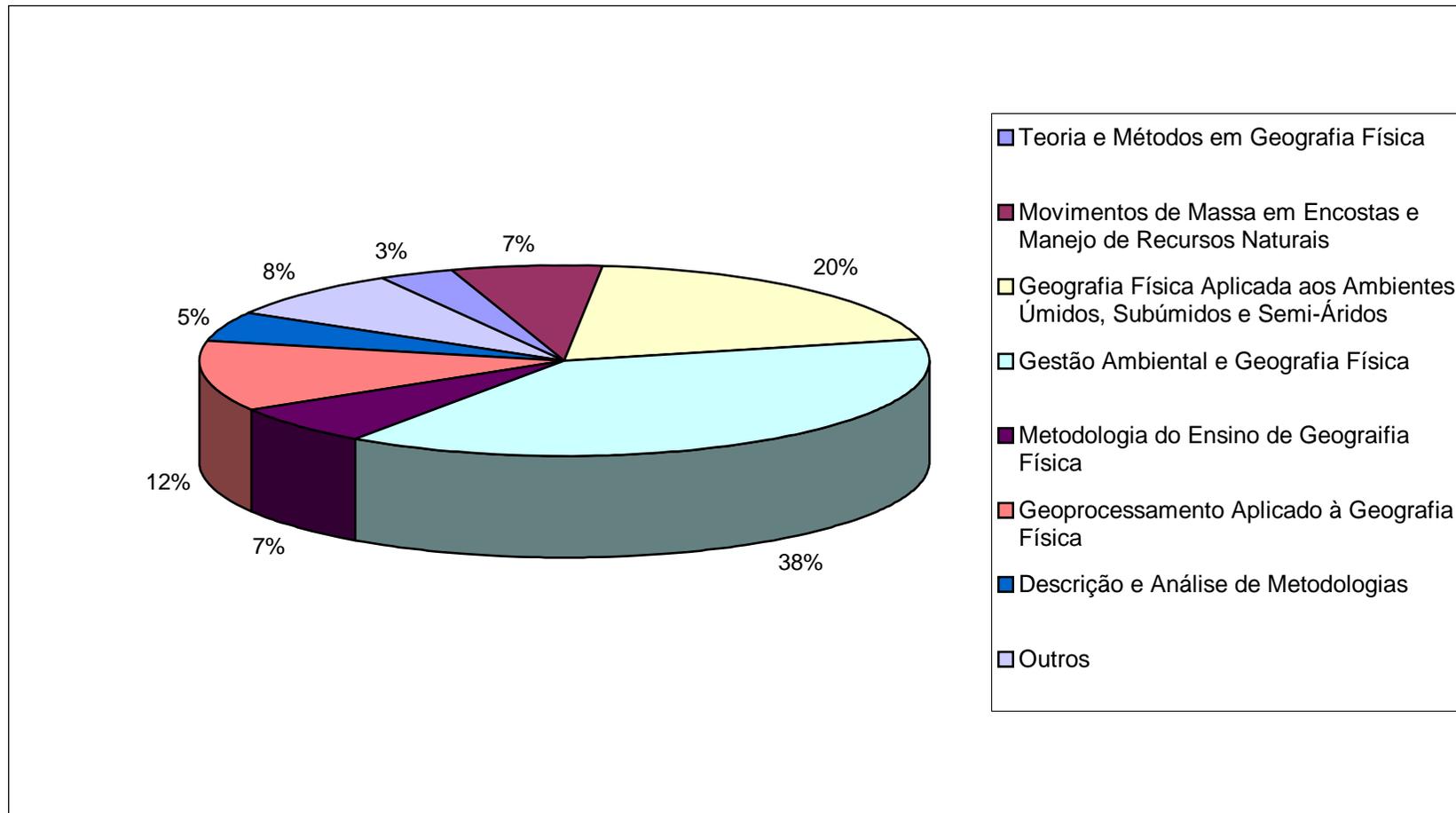
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferências e Mesas Redondas</u>	
- Teoria e Métodos em Geografia Física	1
- Movimentos de Massa em Encostas e Manejo dos Recursos Naturais	1
- Geografia Física Aplicada aos Ambientes Úmidos, Subúmidos e Semi-áridos	1
- Gestão Ambiental e Geografia Física	1
- Metodologia do Ensino de Geografia Física	1
<u>Sessões Temáticas (Comunicações Livres, Mini-Cursos, Pôsteres)</u>	
- Teoria e Métodos em Geografia Física	13
- Movimentos de Massa em Encostas e Manejo dos Recursos Naturais	27
- Geografia Física Aplicada aos Ambientes Úmidos, Subúmidos e Semi-áridos	81
- Geoprocessamento Aplicado à Geografia Física	49
- Gestão Ambiental e Geografia Física	159
- Metodologia do Ensino de Geografia Física	27
- Descrição e Análise de Metodologias	21
- Outros	35
<b>Total</b>	<b>417</b>

Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 9., 2001, Recife. **Resumos...** Recife: UFPE, 2001a.  
SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 9., 2001, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2001b. 1 CD-ROM.

Ao analisar o quadro acima é possível notar que a temática “Geografia Ambiental e Geografia Física” registrou 160 trabalhos, seguida das temáticas “Geografia Física Aplicada aos Ambientes Úmidos, Subúmidos e Semi-Áridos”, com 82 trabalhos e “Geoprocessamento Aplicado à Geografia Física”, com 49 trabalhos, evidenciando a preocupação com estudos voltados à “Questão Ambiental”, dominante nos trabalhos da Geografia Física.

O Gráfico 27 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 27 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 9º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2001)**



Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 9., 2001, Recife. **Resumos...** Recife: UFPE, 2001a.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 9., 2001, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2001b. 1 CD-ROM.

Analisando o gráfico acima se verifica que a temática “Geografia Ambiental e Geografia Física” representou 38% dos trabalhos publicados, onde estão inseridos os trabalhos que tratam de questões ambientais. Em seguida a temática “Geografia Física Aplicada aos Ambientes Úmidos, Subúmidos e Semi-Áridos” representou 20% dos trabalhos publicados, sendo que nesta temática também estão incluídos trabalhos que tratam de questões ambientais e que retratam considerável parcela do região Nordeste do Brasil.

**O 10º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada** ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, no período de 11 a 16 de novembro de 2003, promovido pelo Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O tema deste evento foi “Temas e Debates da Geografia Física na Contemporaneidade”.

O evento foi dividido em conferências, mesas redondas, comunicações (orais e painéis), cursos e excursões.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) Aplicação da Geografia Física ao Ensino; 2) Aplicação de Geografia Física à Extensão; e 3) Aplicações da Geografia à Pesquisa. Estes eixos temáticos foram divididos em sub-eixos, conforme segue: 1.1) Ensino fundamental e médio; 1.2) Pós-graduação e formação profissional; 1.3) Educação ambiental; 1.4) Novas tecnologias aplicadas a processos educacionais; 2.1) Projetos e ações junto à comunidade; 2.2) Aplicação de novas tecnologias; 2.3) Parcerias governo/sociedade; 2.4) História e participação da geografia física na sociedade; 3.1) Perspectivas inter e transdisciplinar; 3.2) Propostas teóricas e metodológicas; 3.3) Gestão e planejamento ambiental; 3.4) Aplicações temáticas em estudos de caso.

Segundo a Comissão Organizadora deste evento,

Ao longo de duas décadas de realização de um dos encontros científicos mais relevantes no campo da Geografia Física no Brasil, novas abordagens, técnicas, métodos e aplicação da Geografia Física foram desenvolvidos nos campos da pesquisa, do ensino e da extensão. Essa evolução vem se evidenciando no decorrer dos encontros por meio da inserção de novos eixos temáticos e das discussões estabelecidas, voltados para uma abordagem ambiental, portanto holística e integradora, e que busca contribuir efetivamente para o planejamento e gestão territorial.

O X SBGFA, além de dar prosseguimento ao processo de discussão e de disseminação da pesquisa e de estudos no Brasil, tem uma importante missão a cumprir: servir de espaço de discussão de novas propostas e perspectivas, objetivando-se definir o que se deseja para o futuro, a partir da incorporação dos temas e dos debates presentes na atual Geografia Física.

Nessa oportunidade, registramos nossos agradecimentos a todos que contribuíram para a realização desse evento e, especialmente, aos órgãos de fomento a seguir nomeados, que, sensibilizados com a importância do X SBGFA para a Geografia brasileira, deram o seu efetivo apoio, como o CNPq, a CAPES, a FINEP e a FAPERJ (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2003b, p. iii).

O Quadro 29 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 29 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 10º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2003)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Conferências e Mesas Redondas</b>	
- Ensino Fundamental e Médio	1
- Pós-Graduação e Formação Profissional	1
- Educação Ambiental	1
- Novas Tecnologias Aplicadas a Processos Educacionais	1
- Projetos e Ações Junto à Comunidade	1
- Aplicação de Novas Tecnologias	1
- Parcerias Governo/Sociedade	1
- História e Participação da Geografia Física na Sociedade	1
- Perspectivas Inter e Transdisciplinar	1
- Propostas Teóricas e Metodológicas	1
- Gestão e Planejamento Ambiental	2
- Aplicações Temáticas em Estudos de Caso	1
<b>Comunicações (Orais e Painéis)</b>	
- Ensino Fundamental e Médio	15
- Pós-Graduação e Formação Profissional	5
- Educação Ambiental	11
- Novas Tecnologias Aplicadas a Processos Educacionais	5
- Projetos e Ações Junto à Comunidade	7
- Aplicação de Novas Tecnologias	4
- Parcerias Governo/Sociedade	2
- História e Participação da Geografia Física na Sociedade	1
- Perspectivas Inter e Transdisciplinar	12
- Propostas Teóricas e Metodológicas	26
- Gestão e Planejamento Ambiental	98
- Aplicações Temáticas em Estudos de Caso	154
<b>Total</b>	<b>353</b>

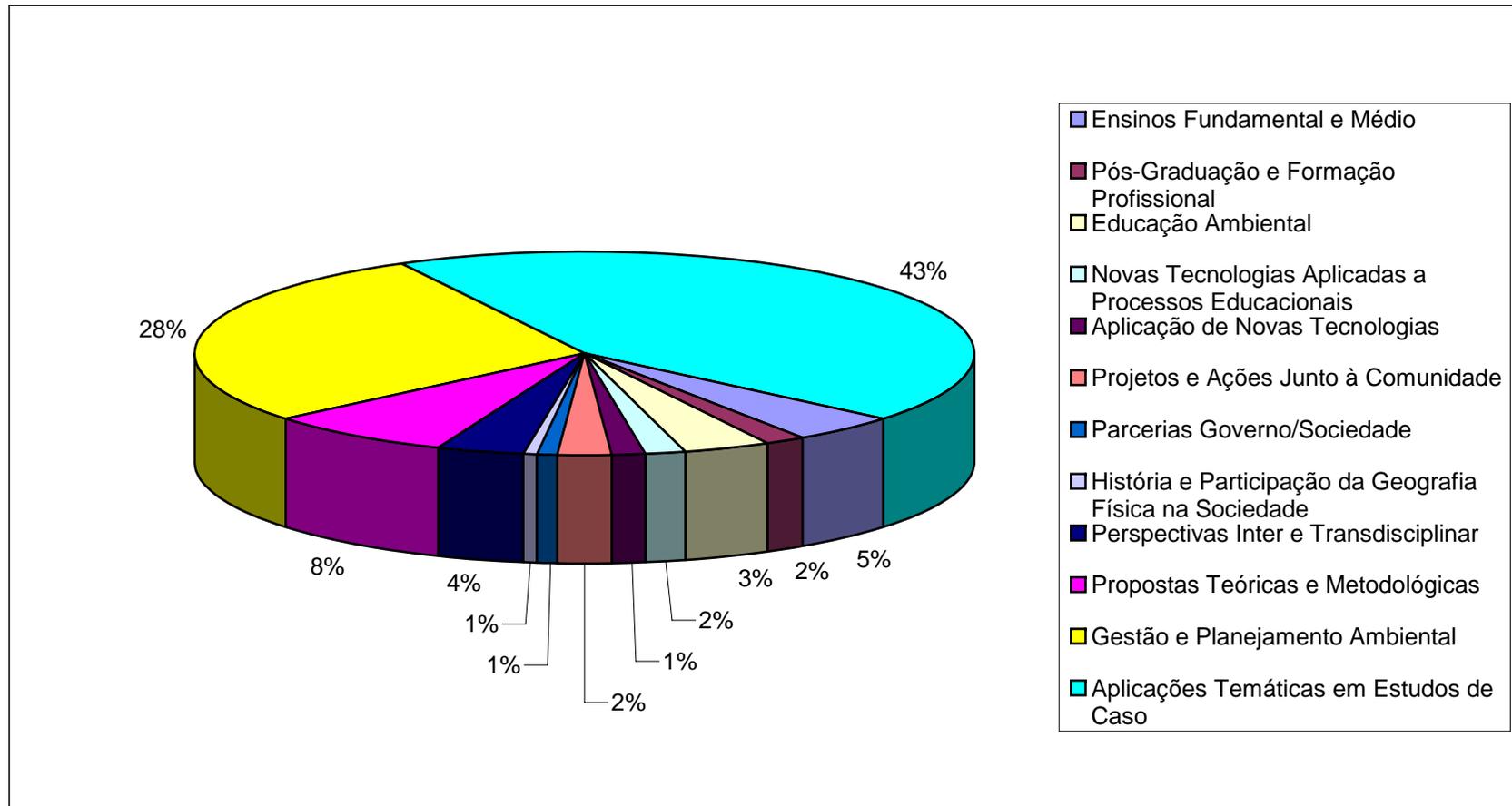
Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Programação...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003a.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Livro de resumos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003b.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003c. 1 CD-ROM.

Conforme pode ser verificado no quadro acima houve predomínio de trabalhos publicados na temática “Aplicações da Geografia à Pesquisa” (295), seguida da temática “Aplicações da Geografia Física ao Ensino” (40) e da temática “Aplicação da Geografia Física à Extensão” (18).

Nos sub-eixos foram publicados trabalhos conforme segue: Ensino fundamental e médio (16); Pós-graduação e formação profissional (6); Educação ambiental (12); Novas tecnologias aplicadas a processos educacionais (6); Projetos e ações junto à comunidade (8); Aplicação de novas tecnologias (5); Parcerias governo/sociedade (3); História e participação da geografia física na sociedade (2); Perspectivas inter e transdisciplinar (13); Propostas teóricas e metodológicas (27); Gestão e planejamento ambiental (100); Aplicações temáticas em estudos de caso (155).

O Gráfico 28 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 28 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 10º. Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2003)**



Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Programação...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003a.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Livro de resumos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003b.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003c. 1 CD-ROM.

Analisando o gráfico se pode notar que as temáticas “Aplicações Temáticas em Estudos de Caso” (43) e “Gestão e Planejamento Ambiental” (28%) representaram 71% dos trabalhos apresentados.

Os Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada abriram espaço para que os geógrafos que trabalham na área de Geografia Física pudessem se reunir e trocar experiências, além de apresentarem os trabalhos produzidos, sendo estes alguns dos objetivos da primeira edição destes eventos. Conforme pode ser verificado nos Anais a quantidade de trabalhos apresentados e a quantidade de pesquisadores que participam destes eventos demonstram a importância alcançada e a consolidação entre a sociedade científica e os pesquisadores da área de Geografia Física.

#### **6.4 Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente**

**O 1º Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente** ocorreu na cidade de Recife, Estado de Pernambuco, no período de 06 a 11 de outubro de 1986, promovido pelo Departamento de Ciências Geográficas do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco.

O evento foi dividido em conferências, mesas-redondas e comunicações.

Jatobá (1986, p. 4), na qualidade de organizador, elaborou publicação em comemoração ao evento, sendo entregue aos participantes. Na Apresentação desta publicação o autor relata que,

Este livro que apresentamos aos participantes do 1º. Encontro Nacional de Estudos sobre Meio Ambiente, realizado no período de 06 a 11 de outubro de 1986, em Garanhuns (PE), reúne ensaios e artigos que tratam de assuntos relacionados com a questão ambiental, escritos por autores nordestinos, no presente século. A preocupação em analisar as interações entre os seres vivos – particularmente o homem – e seu meio não pode ficar restrita apenas à Ecologia. Na época atual, em face da Revolução Técnico-Científica, observa-se que vem ocorrendo um aumento brusco da intensidade da influência exercida pelas atividades humanas sobre a natureza, do que decorre, muitas vezes, efeitos imprevisíveis que

chegam até a ameaçar o desenvolvimento da sociedade humana. A solução de grande parte dos problemas ambientais só se torna exequível a partir da cooperação interdisciplinar, onde todos conjuguem os seus esforços no sentido de deter a degradação do meio ambiente.

Os trabalhos dos autores aqui reunidos foram escritos em épocas diversas, sob óticas distintas, o que consideramos muito importante.

Esperamos que da leitura deste volume resulte um melhor conhecimento das investigações realizadas sobre o meio ambiente na Região Nordeste do Brasil.

O Quadro 30 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 30 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1986)**

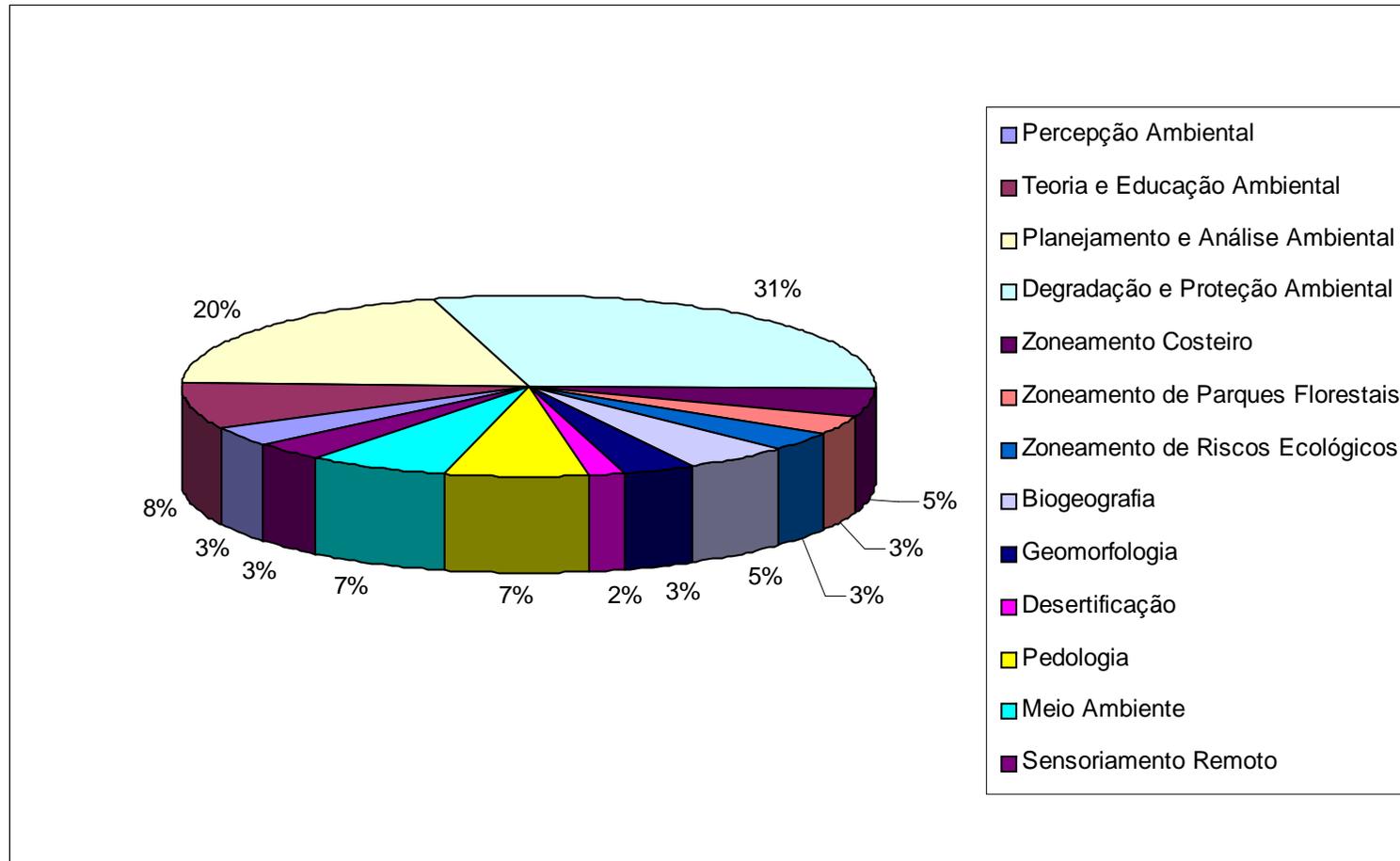
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Comunicações</b>	
- Percepção Ambiental	2
- Teoria e Educação Ambiental	5
- Planejamento e Análise Ambiental	12
- Degradação e Proteção Ambiental	18
- Zoneamento Costeiro	3
- Zoneamento de Parques Florestais	2
- Zoneamento de Riscos Ecológicos	2
- Biogeografia	3
- Geomorfologia	2
- Desertificação	1
- Pedologia	4
- Meio Ambiente	4
- Sensoriamento Remoto	2
<b>Total</b>	<b>60</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 1., 1986, Recife. **Comunicações...** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1986. 444p.

Conforme pode ser verificado no quadro acima neste evento, ligado aos estudos sobre o meio ambiente, foram publicados 60 trabalhos, com destaques para as temáticas “Degradação e Proteção Ambiental” (18), “Análise e Planejamento Ambiental” (12) e “Teoria e Educação Ambiental” (5).

O Gráfico 29 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 29 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1986)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 1., 1986, Recife. **Comunicações...** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1986. 44p.

Analisando o gráfico acima pode ser notado que as temáticas “Degradação e Proteção Ambiental” (31%), “Análise e Planejamento Ambiental” (20%) e “Teoria e Educação Ambiental” (8%) se destacaram dentre os trabalhos publicados.

**O 2º Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente** ocorreu na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, no período de 24 a 29 de setembro de 1989, promovido pelo Centro de Ciências Humanas, Departamento de Geociências, Coordenadora de Pós-Graduação em Geografia e Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Este evento foi organizado em: conferências, painéis, comunicações e excursões.

O evento foi distribuído em cinco temas: 1) Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural e Urbano; 2) Mineração e Meio Ambiente: A Bacia Carbonífera de SC; 3) Degradação de Áreas Costeiras; 4) Recursos Hídricos: Erosão, Vegetação e Enchentes; e 5) Políticas de Gestão Ambiental: Gerenciamento de Recursos Naturais.

Este evento representou um espaço aonde os pesquisadores pudessem discutir e apresentar suas pesquisas e trocar idéias e informações sobre a temática Ambiental.

A Comissão Organizadora relata que,

O 1º. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE MEIO AMBIENTE foi promovido pela Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, em 1986.

Com os objetivos de:

- propiciar um fórum interdisciplinar de debates e comunicações científicas, visando a integração e o avanço das ciências ligadas ao meio ambiente;

- contribuir, através do melhor conhecimento da realidade ambiental, na definição de políticas e ações relativas ao meio ambiente, está sendo promovido este 2º. ENCONTRO, pelo Curso de Mestrado em Geografia, mantido pela Coordenadoria de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Diversas outras entidades ligadas ao setor colaboraram também para sua organização, como a ACARESC, a CAPES, o CNPq, o 11º. DISTRITO DO DNPM, a ELETROSUL, a FATMA, o IPUF, o 10º. DISTRITO REGIONAL DO SPHAN/PROMEMORIA, a SANTUR, a SBPC, a SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, DAS MINAS E ENERGIA, a SEDUMA.

Deve ser mencionada em particular a colaboração do setor gráfico da ELETROSUL, da Coordenadoria de Apoio a Eventos da Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade, e o grande empenho e dedicação da

direção e funcionários da Imprensa Universitária da UFSC, que permitiu a conclusão dos trabalhos de impressão dos anais do evento.

O auxílio financeiro prestado pela FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL foi por sua vez decisivo para a viabilização do evento.

Queremos finalmente agradecer toda a equipe de colaboradores cuja dedicação tornou possível a realização deste 2º. Encontro, bem como a afável acolhida de todos os nossos convidados para participarem do mesmo.

Resta apresentar a todos nossos votos de boas vindas e o desejo de uma participação profícua, além de uma estada das mais agradáveis nesta Ilha de Santa Catarina (ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 1989, p. 1-2).

O Quadro 31 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 31 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1989).**

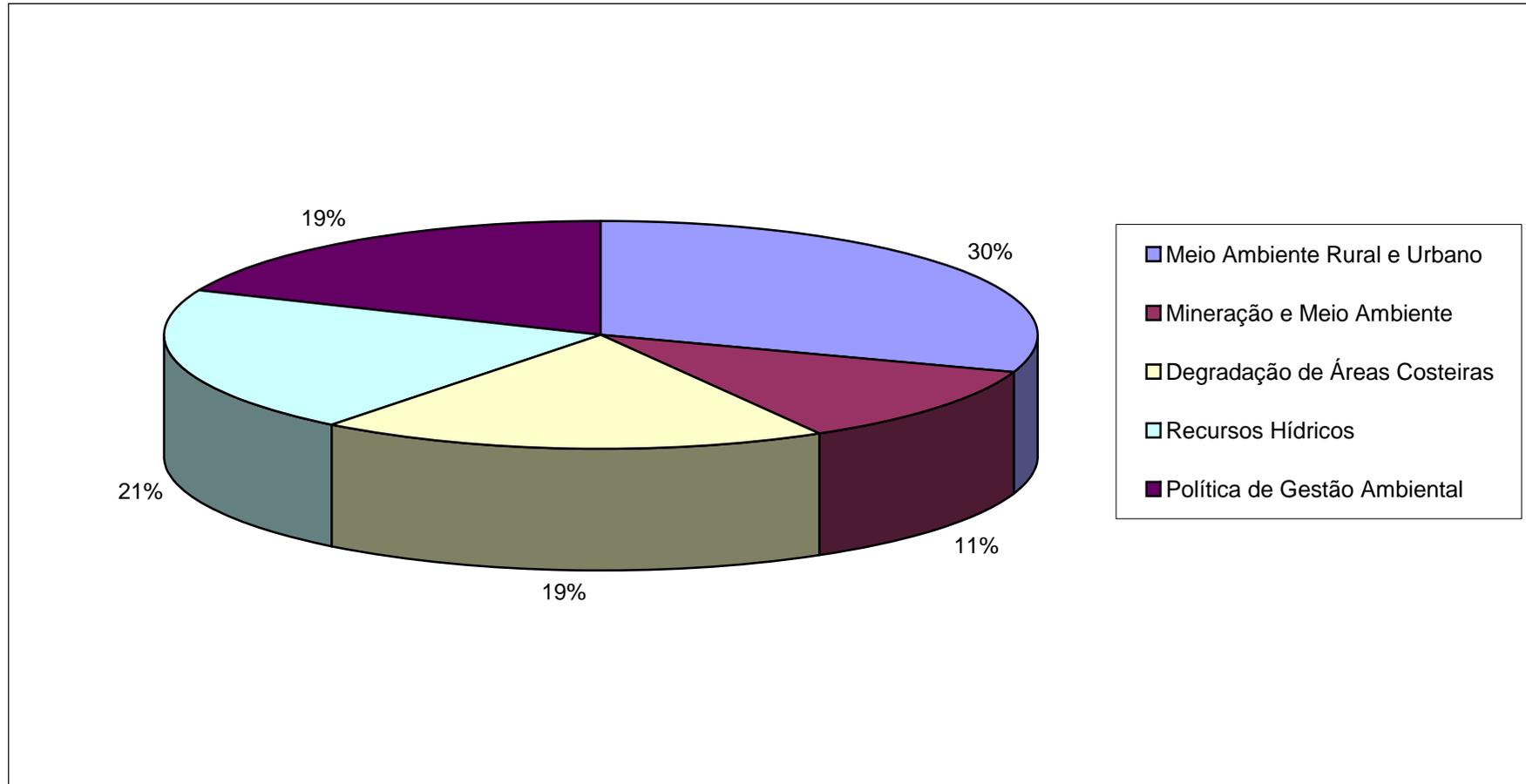
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferências</u>	
- Meio Ambiente Rural e Urbano	3
- Mineração e Meio Ambiente	5
- Degradação de Áreas Costeiras	5
- Recursos Hídricos	6
- Política de Gestão Ambiental	4
<u>Comunicações</u>	
- Meio Ambiente Rural e Urbano	26
- Mineração e Meio Ambiente	6
- Degradação de Áreas Costeiras	13
- Recursos Hídricos	14
- Política de Gestão Ambiental	14
<b>Total</b>	<b>96</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 2., 1989, Florianópolis. **Anais: comunicações, excursões, conferências e painéis...** Florianópolis: UFSC, 1989. 3 v.

Percebe-se, através dos trabalhos publicados, que houve uma preocupação muito grande com o Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural e Urbano (29), seguido dos Recursos Hídricos (20), Política de Gestão Ambiental (18) e Mineração e Meio Ambiente (6).

O Gráfico 30 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 30 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1989)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 2., 1989, Florianópolis. **Anais: comunicações, excursões, conferências e painéis...** Florianópolis: UFSC, 1989. 3 v.

Analisando o gráfico pode-se verificar, neste evento ligado à temática Ambiental, uma preocupação dos pesquisadores sobre o “Meio Ambiente Rural e Urbano”, que representou 30% dos trabalhos publicados. Outra preocupação considerável é com os “Recursos Hídricos”, que representaram 21% dos trabalhos publicados.

O **3º Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente** ocorreu na cidade de Londrina, Estado do Paraná, no período de 22 a 27 de setembro de 1991, promovido pela Universidade Estadual de Londrina.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) Degradação Ambiental em Bacias Hidrográficas; 2) Universidade e a Questão Ambiental; 3) Legislação e Política Ambiental; 3) Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural; 5) Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano; 6) Degradação de Áreas Costeiras; 7) Gerenciamento de Recursos Naturais; 8) Química Ambiental; e 9) Educação Ambiental.

O Quadro 32 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 32 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1991)**

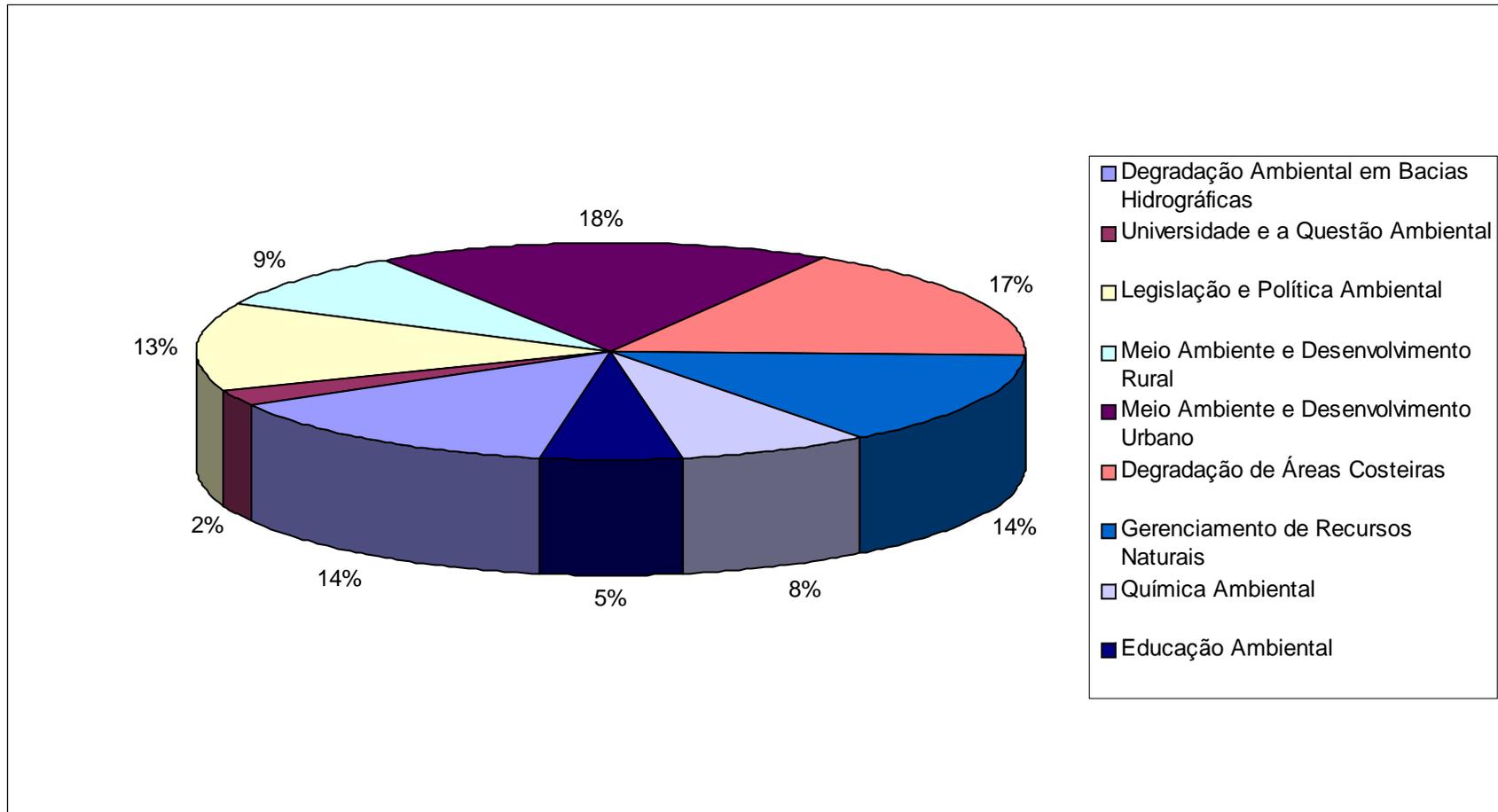
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Comunicações</b>	
- Degradação Ambiental em Bacias Hidrográficas	18
- Universidade e a Questão Ambiental	
- Legislação e Política Ambiental	3
- Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural	17
- Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano	11
- Degradação de Áreas Costeiras	23
- Gerenciamento de Recursos Naturais	22
- Química Ambiental	18
- Educação Ambiental	10
	7
<b>Total</b>	<b>129</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 3., 1991, Londrina. **Anais: comunicações, conferências e painéis...**, Londrina: UEL, 1991. 3 v.

Este evento foi estruturado em nove eixos onde foram distribuídos as comunicações, com um total de 129 trabalhos publicados, sendo que houve predomínio de trabalhos relacionados ao “Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano” (23), à “Degradação de Áreas Costeiras” (22), ao “Gerenciamento de Recursos Naturais” (18) e à “Degradação Ambiental em Bacias Hidrográficas” (18).

O Gráfico 31 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 31 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1991)**



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 3., 1991, Londrina. **Anais: comunicações, conferências e painéis...** Londrina: UEL, 1991. 3 v.

O gráfico acima demonstra que, dentre os trabalhos publicados, houve uma preocupação relevante com as temáticas Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (18%), Degradação de Áreas Costeiras (17%), Gerenciamento de Recursos Naturais (14%) e Degradação Ambiental em Bacias Hidrográficas (14%).

O **4º Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente** ocorreu na cidade de Cuiabá, Estado do Mato Grosso, no período de 04 a 08 de outubro de 1993, promovido pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Este evento foi organizado em conferências, mesas redondas e comunicações, distribuídas entre os sete eixos temáticos: 1) Mineração e Energia; 2) Questões Agrárias e Meio Ambiente; 3) Direito e Legislação Ambiental; 4) Biodiversidade; 5) Recursos Hídricos e Meio Ambiente; 6) Problemática Urbana e Meio Ambiente; e 7) Planejamento e Controle Ambiental.

O Quadro 33 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 33 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1993).**

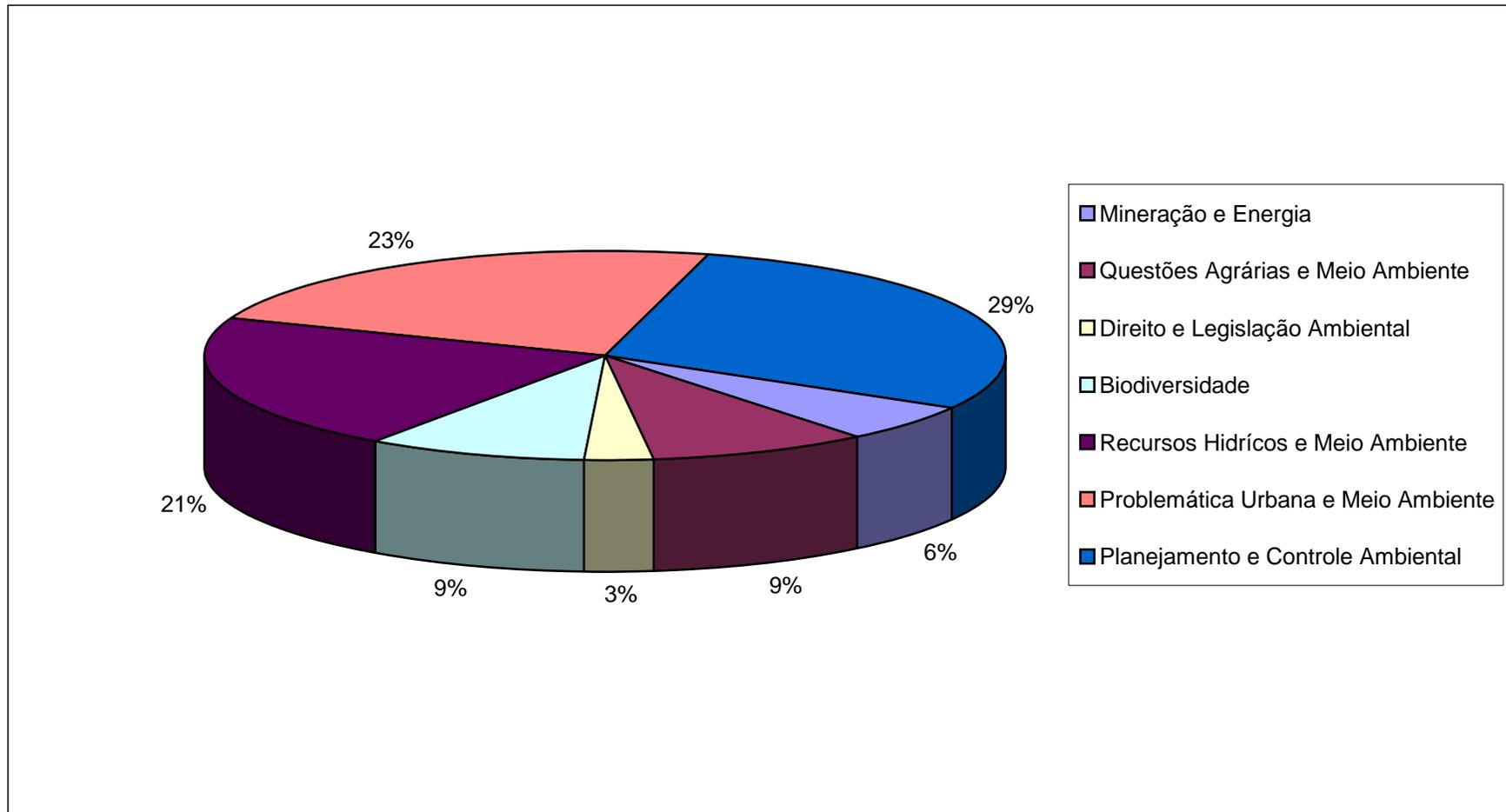
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Conferências e Mesas Redondas</b>	
- Mineração e Energia	1
- Questões Agrárias e Meio Ambiente	2
- Direito e Legislação Ambiental	1
- Biodiversidade	1
- Recursos Hídricos e Meio Ambiente	1
- Problemática Urbana e Meio Ambiente	2
- Planejamento e Controle Ambiental	1
<b>Comunicações</b>	
- Mineração e Energia	7
- Questões Agrárias e Meio Ambiente	10
- Direito e Legislação Ambiental	3
- Biodiversidade	11
- Recursos Hídricos e Meio Ambiente	28
- Problemática Urbana e Meio Ambiente	30
- Planejamento e Controle Ambiental	39
<b>Total</b>	<b>137</b>

Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 4., 1993, Cuiabá. Anais... Cuiabá: UFMT, 1993.

Analisando o quadro acima se pode notar que foram publicados 137 trabalhos, distribuídos entre os eixos temáticos, havendo predomínio de trabalhos ligados ao “Planejamento e Controle Ambiental” (40), “Problemática Urbana e Meio Ambiente” (32) e “Recursos Hídricos e Meio Ambiente” (29).

O Gráfico 32 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

Gráfico 32 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente (1993)



Fonte: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 4., 1993, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: UFMT, 1993.

Analisando o gráfico acima se pode verificar que houve predomínio de trabalhos relacionados às temáticas “Planejamento e Controle Ambiental” (29%), “Problemática Urbana e Meio Ambiente” (23%) e “Recursos Hídricos e Meio Ambiente” (21%).

A distribuição ou divisão dos eventos nas diversas temáticas representa a preocupação com os problemas que ocorrem no momento da realização do evento, sendo que a temática “Ambiental” vem sendo discutida desde a década de setenta, com maior ênfase a partir das décadas de oitenta e noventa.

Os Encontros Nacionais de Estudos Sobre o Meio Ambiente representou, durante o pouco tempo em que ocorreram os eventos, local para que os pesquisadores pudessem apresentar trabalhos produzidos e que envolvessem o meio ambiente, conforme pode ser verificados nos Anais destes eventos.

## **6.5 Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica**

O **1º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica** foi realizado no período de 01 a 04 de dezembro de 1992, na cidade de Rio Claro, Estado de São Paulo, promovido pelo Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP – Campus de Rio Claro.

O evento foi organizado em conferência, mesas redondas, sessões de comunicações, exposições técnicas e visitas complementares.

As linhas temáticas do evento foram direcionadas para: Mudanças Climáticas, Metodologia e Instrumentalização, Climatologia Urbana, Climatologia Regional e Climatologia Agrícola.

Segundo Santos (1993), coordenadora da Comissão Organizadora do evento,

[...] A proposta para a realização do referido Simpósio foi lançada em outubro de 1991, pelo Departamento de Geografia do IGCE, tendo como objetivo estabelecer condições, pela primeira vez, para encontro de climatólogos e interessados no estudo das características e mudanças climáticas, visando avaliar o estado atual do conhecimento. Nessa oportunidade, o Conselho do Departamento

de Geografia atribuiu à Profa. Dra. Maria Juraci Zani dos Santos a função de coordenadora.

[...] Em suas reuniões iniciais, a Comissão Organizadora considerou que a história dos estudos sistemáticos em Climatologia, no Brasil, registra contribuições que datam desde as décadas iniciais do século XX. Posteriormente, com a institucionalização universitária e implantação dos Cursos de Geografia, o ensino e a pesquisa em Climatologia sempre apresentaram importância no âmbito dos Departamentos de Geografia. A literatura geográfica brasileira apresenta amplo rol de publicações a respeito do assunto, embora de modo disperso, e atualmente, há pesquisadores ativamente produzindo em diversas instituições de ensino e pesquisa. Não somente em instituições ligadas com a Geografia, mas também em muitas outras direcionadas para as pesquisas agrônômicas e meteorológicas.

No decorrer das últimas décadas, devido a tomada-de-consciência e aos debates em torno das questões ambientais, os aspectos relacionados com a Climatologia ganharam maior realce e relevância, considerando as características do fenômeno climático, os fatores causais de mudanças e as implicações dessas mudanças no cenário de circulação e no conjunto das áreas urbanizadas. Embora pesquisas específicas possam e devam ser direcionadas para categorias de impactos mostrando os efeitos das mudanças climáticas no meio ambiente, ou nos efeitos das ações antrópicas para as mudanças climáticas, a abordagem climatológica completa-se quando se torna possível delinear estas interações bidirecionais.

Reconheceu-se a necessidade de ampliar e concatenar as pesquisas em Climatologia, no Brasil, a fim de melhor conhecer as características dos componentes climáticos e da dinâmica atmosférica, tanto espacial nas escalas global, regional e local, como temporal através dos estudos sobre a variabilidade, a periodicidade e as tendências. Estes conhecimentos rapidamente inserem-se no quadro aplicativo, subsidiando as demandas relacionadas com o gerenciamento ambiental e programas de desenvolvimento sustentável.

Em face dessas circunstâncias, a Comissão Organizadora optou por painel temático amplo, a fim de que o simpósio pudesse ser um desencadeador, estimulando que outros eventos semelhantes sejam organizados no futuro. Por essa razão, os temas escolhidos visavam salientar as contribuições envolvidas com as mudanças climáticas globais e regionais, climatologia de áreas urbanas, implicações entre climatologia e agricultura, aspectos metodológicos e da instrumentalização, além da visão geral sobre a Climatologia desenvolvida na área da Geografia no Brasil.

No que se refere à estrutura do Simpósio, a Comissão Organizadora utilizou de três procedimentos: organização de mesas redondas, convidando especialistas para a participação; organização de sessões de comunicações, englobando as contribuições enviadas pelos pesquisadores interessados, procurando reuni-las em torno de assuntos similares, e exposições técnicas e visitas complementares.

O presente relatório oferece informações sobre diversos itens, considerando a sessão de abertura, as mesas redondas, as sessões de comunicações, as exposições complementares, a sessão de encerramento e o quadro descritivo da procedência dos participantes [...] (p. 9-10).

Segundo a Comissão Organizadora do evento,

O Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica tem por objetivo estabelecer condições, pela primeira vez, para encontro de climatólogos e interessados no estudo das características e mudanças climáticas, visando avaliar o estado atual do conhecimento.

A história dos estudos sistemáticos em Climatologia, no Brasil, registra contribuições que datam desde as décadas iniciais do século XX. Posteriormente, com a institucionalização universitária e implantação dos Cursos de Geografia, o ensino e a pesquisa em Climatologia sempre apresentaram importância no âmbito dos Departamentos de Geografia. A literatura geográfica brasileira apresenta amplo rol de publicações a respeito do assunto, embora de modo disperso, e atualmente há pesquisadores ativamente produzindo em diversas instituições de ensino e pesquisa. No decorrer das últimas décadas, devido a tomada-de-consciência e aos debates em torno das questões ambientais, os aspectos relacionados com a Climatologia ganharam maior realce e relevância, considerando as características do fenômeno climático, os fatores causais de mudança e as implicações dessas mudanças no cenário do meio ambiente, nos recursos hidrológicos, nas atividades agrícolas e industriais, nos meios de circulação e no conjunto das áreas urbanizadas. Embora pesquisas específicas possam e devam ser direcionadas para categorias de impactos mostrando os efeitos da mudança climática no meio ambiente, ou nos efeitos das ações antrópicas para as mudanças climáticas, a abordagem climatológica completa-se quando se torna possível delinear estas interações bidirecionais.

Reconhece-se a necessidade de ampliar e concatenar as pesquisas em Climatologia, no Brasil, a fim de melhor conhecer as características dos componentes climáticos e da dinâmica atmosférica, tanto espacial nas escalas global, zonas, regional e local, como temporal, através dos estudos sobre a variabilidade, a periodicidade e as tendências. Estes conhecimentos rapidamente inserem-se no quadro aplicativo, subsidiando as demandas relacionadas com o gerenciamento ambiental e programas de desenvolvimento sustentável.

Com painel temático amplo, o simpósio surge como desencadeador, estimulando que outros eventos semelhantes sejam organizados no futuro. Por essa razão optou-se, nesse momento, por salientar as contribuições envolvidas com as mudanças climáticas globais e regionais, climatologia de áreas urbanas, as implicações entre climatologia e agricultura, aspectos metodológicos e da instrumentalização, além da visão geral sobre a climatologia desenvolvida na área da Geografia no Brasil.

No presente Simpósio, além das contribuições envolvidas nas Mesas Redondas, registra-se a presença de comunicações provenientes de pesquisadores de diversas regiões brasileiras. O Volume de Resumos enfeixa o conteúdo propositivo dessas comunicações (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1992).

O Quadro 34 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 34 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1992)**

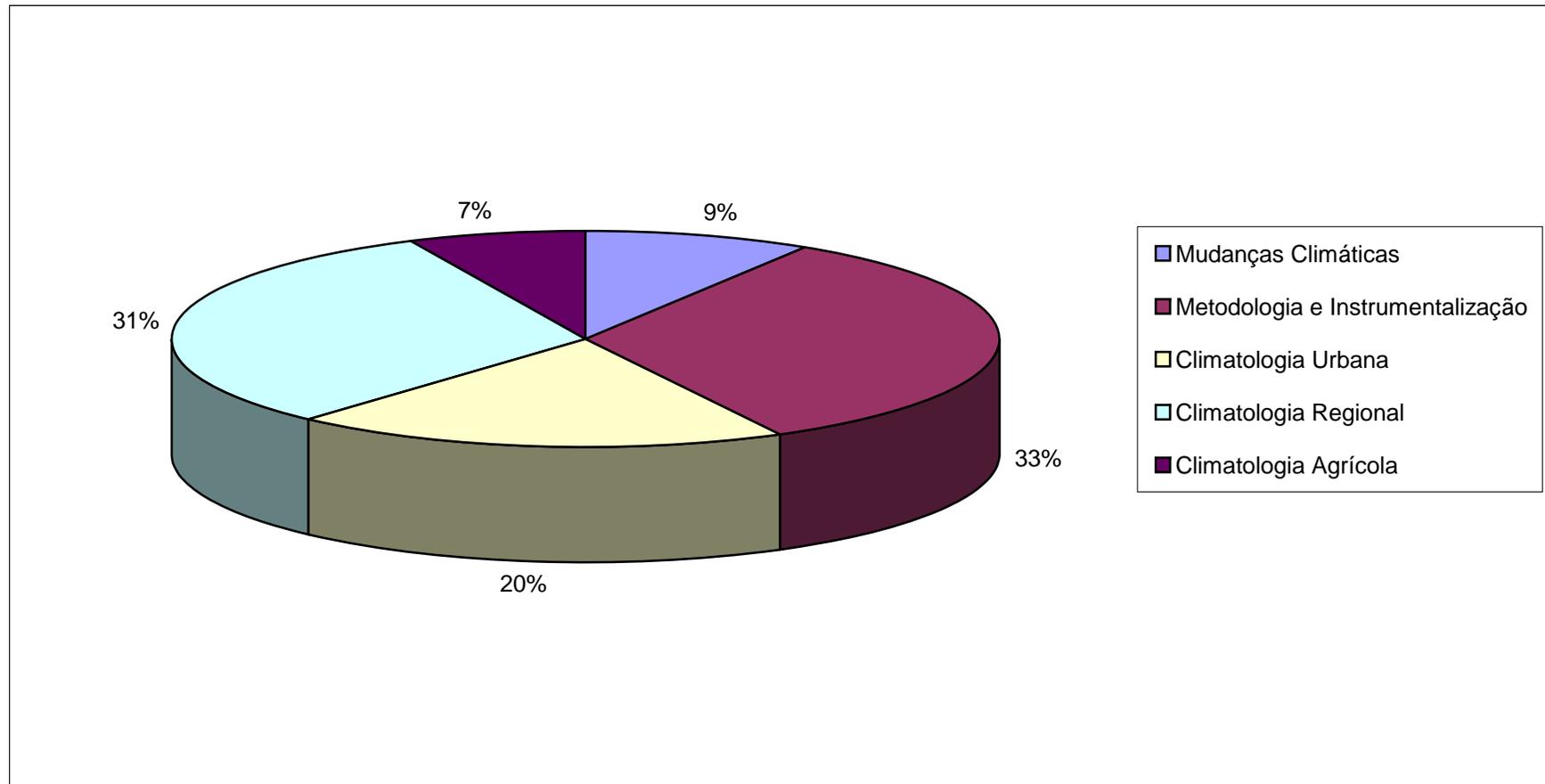
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. De Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferência e Mesas Redondas</u>	
- Mudanças Climáticas	1
- Metodologia e Instrumentalização	1
- Climatologia Urbana	1
- Climatologia Regional	1
- Climatologia Agrícola	1
<u>Comunicações</u>	
- Mudanças Climáticas	9
- Metodologia e Instrumentalização	34
- Climatologia Urbana	20
- Climatologia Regional	32
- Climatologia Agrícola	7
<b>Total</b>	<b>107</b>

Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1., 1992, Rio Claro. **Resumos...** Rio Claro: UNESP, 1992.  
SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1., 1992, Rio Claro. Anais... Rio Claro: UNESP, 1993. **Boletim de Geografia Teórica**, v. 23, n. 45-46, 1993.

Analisando o quadro acima se pode notar que houve predomínio de trabalhos apresentados neste evento nas seguintes temáticas: “Metodologia e Instrumentalização”, “Climatologia Regional”, “Climatologia Urbana”, “Mudanças Climáticas” e “Climatologia Agrícola”.

O Gráfico 33 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 33 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1992)**



Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1., 1992, Rio Claro. **Resumos...** Rio Claro: UNESP, 1992.  
SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1., 1992, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 1993. **Boletim de Geografia Teórica**, v. 23, n. 45-46, 1993.

Analisando o gráfico acima se nota que a temática “Metodologia e Instrumentalização” representou 33% dos trabalhos publicados, a temática “Climatologia Regional” representou 31% dos trabalhos publicados, a temática “Climatologia Urbana” representou 20% dos trabalhos publicados, a temática “Mudanças Climáticas” representou 9% dos trabalhos publicados e a temática “Climatologia Agrícola” representou 7% dos trabalhos publicados.

O **2º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica** ocorreu na cidade de Presidente Prudente, Estado de São Paulo, no período de 26 a 30 de novembro de 1996, promovido pelo Laboratório de Climatologia e pelos Departamentos de Geografia e Ciências Ambientais da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – Campus de Presidente Prudente.

O tema central deste evento foi a questão das “Mudanças Climáticas: Implicações na Dinâmica Natural e no Desenvolvimento Econômico – Perspectivas para o Século XXI”.

Os objetivos deste evento foram congrega especialistas em Climatologia e áreas afins interessados no estudo das características e mudanças climáticas, bem como suas conseqüências em áreas urbanas, rurais e nas diversas atividades do homem visando avaliar o estado atual do seu conhecimento. Pretendeu-se, ainda, a divulgação de resultados de pesquisas e/ou experiências profissionais, possibilitando importante intercâmbio científico, tecnológico e didático.

Este evento foi distribuído em: conferência, mesas redondas, sessões de comunicações, sessões de pôsteres/painéis, debates, mini-cursos e excursão científica.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) O Clima e a Cidade; 2) Clima e Agricultura; 3) Metodologia e Instrumentalização; 4) Clima e Meio Ambiente; 5) Adversidades Climáticas; 6) Climatologia Dinâmica e Regional; 7) Bioclimatologia; 8) Microclimatologia; 9) Climatologia Estatística; 10) Mudanças Climáticas; e 11) Ensino de Climatologia e Outros.

Segundo a Comissão Organizadora do evento, ao final do 1º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica,

[...] foi decidido, em plenária, a realização do 2º. Simpósio na cidade de Uberlândia, sob o patrocínio da Universidade Federal de

Uberlândia, no ano de 1994. Entretanto, vários motivos de ordem operacional e a falta de apoio institucional levou aquela comissão provisória a desistir de sua realização.

Desta forma, em 1995, foi encaminhado ao Departamento de Geografia da FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente, pedido para que realizássemos o 2º. Simpósio. Após várias reuniões envolvendo professores dos Departamentos de Geografia e Ciências Ambientais, aceitamos a indicação e determinamos o mês de novembro de 1996 para a sua realização.

Em função dos rumos da climatologia brasileira, verificados a partir da produção científica de seus pesquisadores, foi escolhido como tema central para este 2º. Simpósio a questão das “Mudanças Climáticas: implicações na dinâmica natural e no desenvolvimento econômico – perspectivas para o século XXI”.

A realização do 1º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica patrocinada pelo IGCE/UNESP em Rio Claro demonstrou de forma incontestável e cabal, não só o acerto da iniciativa que atendia aos anseios da comunidade científica, como a importância do encontro para os pesquisadores e professores que tem na Climatologia seu principal tema de pesquisa, como geógrafos, meteorologistas e agrônomos, entre outros.

A expressiva participação de cerca de 230 pesquisadores, professores e estudantes de 17 estados da federação, que apresentaram mais de 70 comunicações orais publicadas no Caderno de resumos e 28 artigos publicados (como anais) no Boletim de Geografia Teórica (vol. 23, no. 45-46, de 1993), demonstram o significativo interesse que o Simpósio despertou.

A Climatologia Brasileira já tem história. Os estudos pioneiros datam do final do século XIX, a partir das contribuições de Delgado de Carvalho e de Edgard Morize (Esboço Climatológico do Brasil).

Nas primeiras décadas de nosso século, com a institucionalização universitária e a implantação de cursos de Geografia, a Climatologia sempre teve papel de destaque no ensino e na pesquisa nos Departamentos de geografia criados e instalados, principalmente, nas Universidades Públicas.

Entretanto, principalmente a partir das contribuições e do legado de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, nas décadas de 60 e 70 é que o desenvolvimento teórico e metodológico da Climatologia Geográfica no Brasil se afirma como importante área de conhecimento. Este eminente geógrafo brasileiro foi responsável pela formação e iniciação de dezenas de pesquisadores e, desde então, resultaram num expressivo conjunto de pesquisas e trabalhos científicos.

Não somente na Geografia os estudos em Climatologia apresentam importantes contribuições. Tanto nas instituições de pesquisa e ensino ligadas à Agronomia quanto na Meteorologia, esta área do conhecimento ganhou relevância.

No decorrer das últimas décadas, devido a tomada de consciência e aos debates em torno das questões ambientais, os aspectos relacionados com a Climatologia ganharam maior realce e relevância, considerando as características do fenômeno climático, os fatores causais de mudanças e as implicações dessas mudanças no cenário de circulação e no conjunto das áreas urbanizadas.

Neste contexto é expressiva a obra de José Bueno Conti, que pela sua contribuição à Climatologia Geográfica no Brasil, estará sendo

homenageado neste Simpósio.

Embora pesquisas específicas possam e devam ser direcionadas para categorias de impactos mostrando os efeitos das mudanças climáticas no meio ambiente, ou no efeito das ações antrópicas para as mudanças climáticas, a abordagem climatológica completa-se quando se torna possível delinear estas interações bidirecionais.

A partir do reconhecimento da necessidade de se ampliar e concatenar as pesquisas em Climatologia no Brasil, principalmente no escopo da Geografia, é que se propõe a realização deste Simpósio, em sua segunda versão (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1996a, p. 2).

O Quadro 35 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 35 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1996)**

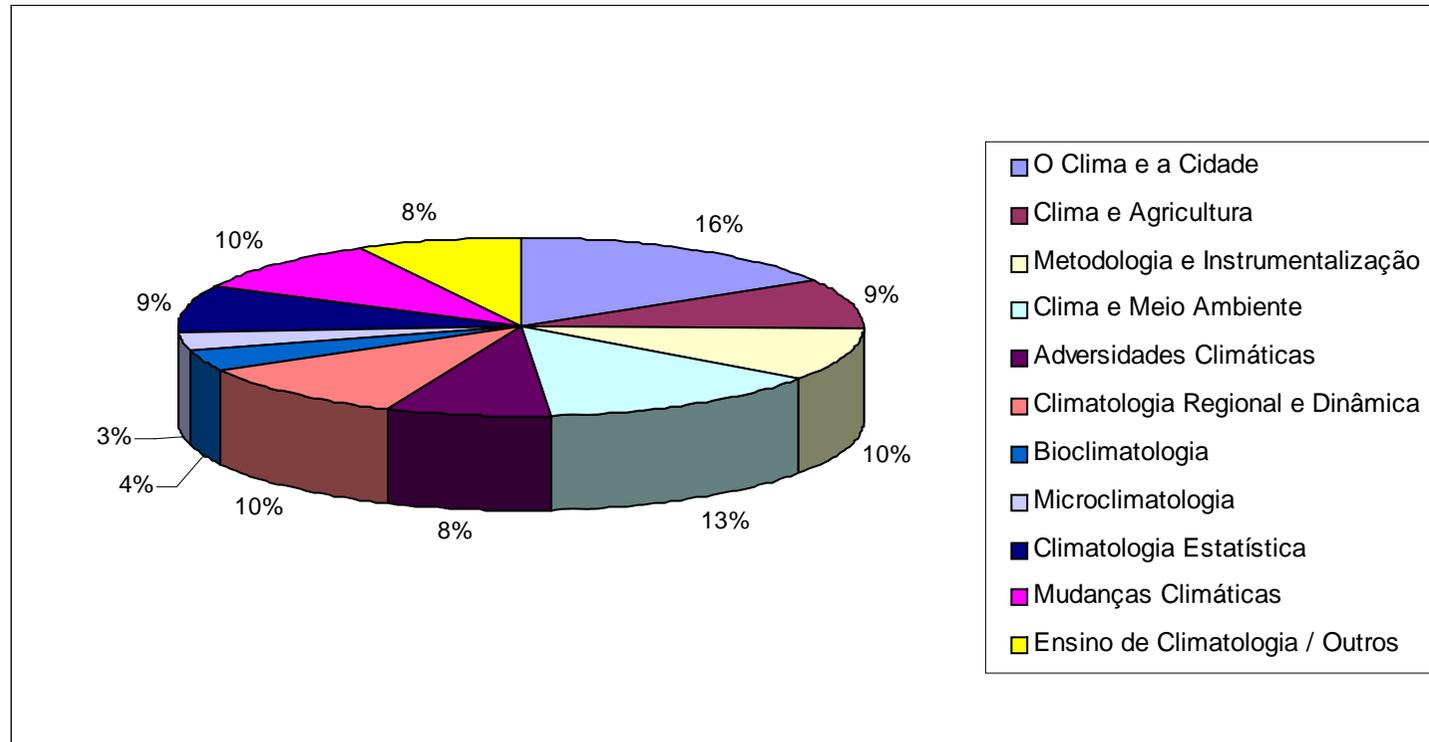
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Conferência e Mesas Redondas</b>	
- O Clima e a Cidade	2
- Clima e Agricultura	2
- Metodologia e Instrumentalização	2
- Clima e Meio Ambiente	1
- Adversidades Climáticas	1
- Climatologia Regional e Dinâmica	1
- Climatologia Estatística	1
- Mudanças Climáticas	2
<b>Comunicações Oraís e Pôsteres/Painéis</b>	
- O Clima e a Cidade	15
- Clima e Agricultura	7
- Metodologia e Instrumentalização	8
- Clima e Meio Ambiente	13
- Adversidades Climáticas	7
- Climatologia Regional e Dinâmica	10
- Bioclimatologia	4
- Microclimatologia	3
- Climatologia Estatística	8
- Mudanças Climáticas	8
- Ensino de Climatologia e Outros	8
<b>Total</b>	<b>103</b>

Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. **Resumos...** Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996a. 106p.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. **Programa...** Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996b. 26p.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. Anais..., Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996. **Boletim Climatológico**, v. 1, n. 2, nov. 1996c.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. Anais..., Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996. **Boletim Climatológico**, v. 2, n. 2, jul. 1997.

Ao analisar o quadro acima nota-se predomínio das seguintes temáticas: “O Clima e a Cidade”, com 17 trabalhos apresentados; “Clima e Meio Ambiente”, com 14 trabalhos apresentados; “Climatologia Regional e Dinâmica”, com 11 trabalhos publicados; “Metodologia e Instrumentalização”, com 10 trabalhos publicados; e “Mudanças Climáticas”, com 10 trabalhos publicados.

O Gráfico 35 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 34 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1996)**



Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. **Resumos...** Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996a. 106p.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. **Programa...** Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996b. 26p.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. Anais..., Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996. **Boletim Climatológico**, v. 1, n. 2, nov. 1996c.  
 SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. Anais..., Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996. **Boletim Climatológico**, v. 2, n. 2, jul. 1997.

Analisando o gráfico acima nota-se predomínio das seguintes temáticas: “O Clima e a Cidade” (16%); “Clima e Meio Ambiente” (13%); “Climatologia Regional e Dinâmica” (10%); “Metodologia e Instrumentalização” (10%); e “Mudanças Climáticas” (10%).

O **3º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica** ocorreu na cidade de Salvador, Estado da Bahia, no período de 10 a 13 de outubro de 1998, promovido pelo Departamento de Geografia e pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia.

O tema central deste evento foi “O Clima e a Sociedade Brasileira: Impactos e Prognose para o Século XXI”.

Este evento foi distribuído em: conferências, mesas redondas, minicursos, comunicações e painéis, com um total de 129 trabalhos publicados.

Os eixos temáticos desenvolvidos no evento foram: 1) O Clima nos Estudos Geoambientais; 2) Clima, Saúde e Agricultura; 3) Estudos de Clima Urbano Metodologia, Técnica, Pesquisa e Ensino da Climatologia; 4) Estudos Climáticos, Regionais e Locais; e 5) Dinâmica Atmosférica e o Fenômeno El Niño.

Segundo a Comissão Organizadora do evento,

*A realização do III Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica reveste-se de grande expectativa não só pelo temário em questão, mas, também, pelo nível dos profissionais participantes, pelo grande número de trabalhos inscritos e por acontecer pela primeira vez no Nordeste, cenário de grande diversidade/desigualdade climática/social. Salvador, terceira cidade do país em população (2.500.000 habitantes), metrópole regional em rápido processo de transformação socioeconômica, vem, nas últimas décadas, passando de uma base comercial e administrativa para uma realidade industrial e de serviços mais complexos. Centro cultural e de lazer, por excelência, constitui-se, atualmente, num dos grandes pólos do turismo brasileiro. Pela sua posição geográfica, apresenta um clima quente e úmido sem estação seca definida. As temperaturas médias anuais situam-se em torno de 24°C e as chuvas totalizam, em média, 1.950 mm/ano, concentradas, principalmente, no período de outono – inverno (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1998).*

O Quadro 36 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 36 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1998)**

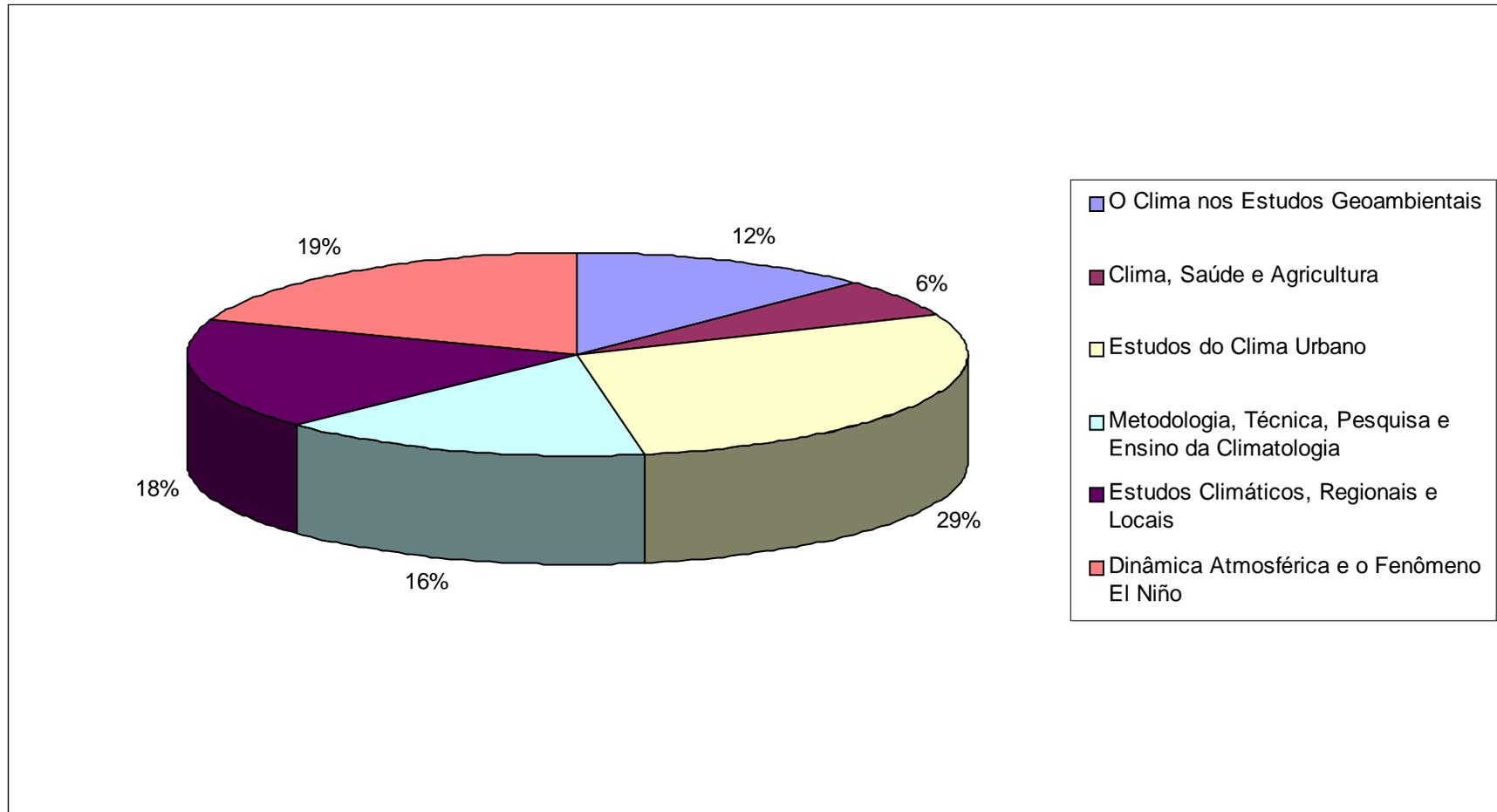
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Conferências e Mesas Redondas</b>	
- O Clima nos Estudos Geoambientais	1
- Clima, Saúde e Agricultura	1
- Estudos de Clima Urbano	1
- Metodologia, Técnica, Pesquisa e Ensino da Climatologia	2
- Estudos Climáticos, Regionais e Locais	3
- Dinâmica Atmosférica e o Fenômeno El Niño	2
<b>Comunicações</b>	
- O Clima nos Estudos Geoambientais	14
- Clima, Saúde e Agricultura	6
- Estudos de Clima Urbano	31
- Metodologia, Técnica, Pesquisa e Ensino da Climatologia	15
- Estudos Climáticos, Regionais e Locais	16
- Dinâmica Atmosférica e o Fenômeno El Niño	18
<b>Painéis</b>	
- O Clima nos Estudos Geoambientais	1
- Clima, Saúde e Agricultura	1
- Estudos de Clima Urbano	5
- Metodologia, Técnica, Pesquisa e Ensino da Climatologia	3
- Estudos Climáticos, Regionais e Locais	4
- Dinâmica Atmosférica e o Fenômeno El Niño	5
<b>Total</b>	<b>129</b>

Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 3., 1998, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 1998. 1 CD-ROM.

Nota-se no quadro acima que houve um predomínio de trabalhos nas temáticas “Estudos de Clima Urbano” (37), “Dinâmica Atmosférica e o Fenômeno El Niño” (25), “Estudos Climáticos Regionais e Locais” (23) e “Metodologia, Técnica, Pesquisa e Ensino da Climatologia” (20).

O Gráfico 35 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 35 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (1998)**



Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 3., 1998, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 1998. 1 CD-ROM.

Analisando o gráfico acima é possível verificar que a temática “Estudos do Clima Urbano” representou 29% dos trabalhos publicados, seguido das temáticas “Dinâmica Atmosférica e o Fenômeno El Niño”, representando 19% e “Estudos Climáticos, Regionais e Locais”, representando 18%, o que evidencia a preocupação dos pesquisadores com o clima urbano e sua dinâmica com o meio ambiente.

O **4º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica** ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, no período de 27 de novembro a 01 de dezembro 2000, promovido pelo Laboratório de Climatologia e Análise Ambiental da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CLIMAGEO/UFRJ) e pelo Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Rio de Janeiro (CREA-RJ).

O tema central deste evento foi “Clima & Ambiente: Riscos, Impactos e Sustentabilidade”.

As atividades do evento foram distribuídas em: conferências, mesas-redondas, espaço de diálogo, trabalhos técnicos, atividades culturais, homenagens, workshop e fóruns regionais de debates.

Os eixos temáticos deste evento foram: 1) Estudos Geográficos do Clima: Teorias e Metodologias; 2) Climatologia Geográfica: Avanços e Perspectivas no Planejamento Urbano e Rural; 3) O Clima na Interação Sociedade/Natureza: Empreendimentos e Sustentabilidade Ambiental; e 4) Climatologia Geográfica e Educação Ambiental: Aplicações e Desafios.

Brandão (2000), presidente da Comissão Organizadora do evento, relata que,

O Laboratório de Climatologia e Análise Ambiental, do Departamento de Geografia, do Instituto de Geociências, da Universidade Federal do Rio de Janeiro sente-se honrado em promover o IV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA e quer deixar registrado o seu enorme prazer em acolher os colegas e estudantes de Geografia e profissionais de áreas afins na cidade do Rio de Janeiro para esta profícua jornada.

Um breve resgate acerca do teor dos debates, do conteúdo dos trabalhos apresentados e do crescente número de participantes nos Simpósios já realizados, nós dá uma idéia clara da importância que esta área do conhecimento ocupa na agenda de discussões, principalmente, nesta última década do século XX. Os graves problemas ambientais que afligem a sociedade mundial e, a brasileira em participar, neste novo milênio, demandam o

aprimoramento do conhecimento na área de Climatologia e sua maior inserção na tomada de decisões.

A realização do IV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA (IV SBCG) pelo Laboratório de Climatologia e Análise Ambiental (CLIMAGEO/UFRJ), ratifica a tradição da pesquisa climatológica pelos Geógrafos e representa uma excelente oportunidade para a reflexão e o debate acerca do conhecimento dessa área na Geografia Brasileira.

A Comissão Organizadora do IV SBCG elegeu como tema central “Clima & Ambiente: Riscos, Impactos e Sustentabilidade” e centraliza a atenção na reflexão acerca da produção técnico-científica desta área do conhecimento.

O IV Simpósio foi organizado na perspectiva de ampliar o intercâmbio entre a comunidade brasileira estendendo-o a colegas estrangeiros, em especial, latino-americanos. Sua estrutura compreende quatro eixos temáticos nos quais convidados especiais, nacionais e estrangeiros, através de conferências, mesas redondas e trabalhos técnicos focalizam suas atenções para a Climatologia Geográfica Abordando Questões Teóricas e Metodológicas; Clima e Planejamento Urbano e Rural; Clima e Interação Sociedade/Natureza e o Ensino da Climatologia e educação Ambiental. A opção pela apresentação dos trabalhos técnicos na forma de Painéis visou possibilitar aos congressistas o contato direto com um maior número de trabalhos em sua área de interesse.

Decorridos oito anos da realização da Rio-92, consideramos oportuno propor um workshop para tratar do tema: “Empreendimentos e Sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro: desafios, obstáculos e possibilidades para o desenvolvimento sustentável”, visando reunir os atores sociais envolvidos com esta temática – poder público, sociedade civil organizada e a comunidade em geral – que possam contribuir com sugestões para o alcance deste objetivo no Estado.

Para atender, ainda, a um anseio que tem se tornado cada vez mais evidente nos últimos eventos, neste IV SBCG foi criada a SOCIEDADE BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA (SBCLIMA) com o objetivo de reunir os profissionais, Geógrafos e de áreas afins, que têm a Climatologia como seu objeto de estudo.

A aceitação da programação proposta refletiu-se no elevado número de participantes ao evento e de trabalhos publicados.

Neste CD-ROM, totalmente patrocinado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), incluem-se os trabalhos expandidos, os textos das conferências e das mesas redondas enviados pelos autores, os quais se acham distribuídos nos 4 Eixos Temáticos: Eixo Temático 1: Estudos Geográficos do Clima: Teorias e Metodologia; Eixo Temático 2: Climatologia Geográfica: Avanços e Perspectivas no Planejamento Urbano e Rural; Eixo Temático 3: O Clima na Interação Sociedade/Natureza: Empreendimentos e Sustentabilidade Ambiental; Eixo 4: Climatologia Geográfica e Educação Ambiental: Aplicações e Desafios. Encontram-se, ainda, algumas fotografias da área central da cidade do Rio de Janeiro, expostas pelo CLIMAGEO/UFRJ no evento e um vídeo com fragmentos das atividades realizadas, incluindo a sessão solene da Assembléia Universitária da UFRJ para a entrega do título de Doutor Honoris Causa ao professor Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. [...].

Segundo a Comissão Organizadora do evento,

A interação sociedade x clima tem apresentado múltiplos desafios aos estudiosos da baixa atmosfera. Os impactos daí derivados, como a contaminação da atmosfera e as ilhas de calor, são fortes indícios de que o sistema climático encontra-se seriamente afetado pelas atividades antrópicas. O agravamento dos riscos e a busca de sustentabilidade da vida na Terra, demandam um esforço coletivo da sociedade em alcançar soluções visando evitar a irreversível degradação do clima, o que comprometeria a qualidade de vida das gerações, presente e futuras. Daí a importância de fóruns de discussão que busquem incorporar novos conhecimentos, progressos científicos e tecnológicos. Sob tal perspectiva o IV Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica elegeu como tema central 'CLIMA & AMBIENTE: Riscos, Impactos e Sustentabilidade', que se desdobrará em diversos eixos temáticos, nos quais se propõem avaliar a contribuição da climatologia brasileira, no contexto geográfico, com suas repercussões sociais e econômicas no espaço geográfico brasileiro, bem como delinear perspectivas para o século XXI. O IV SBCG será realizado na cidade do Rio de Janeiro na sede do CREA-RJ, localizado na Área Central de Negócios (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2000).

O Quadro 37 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 37 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2000)**

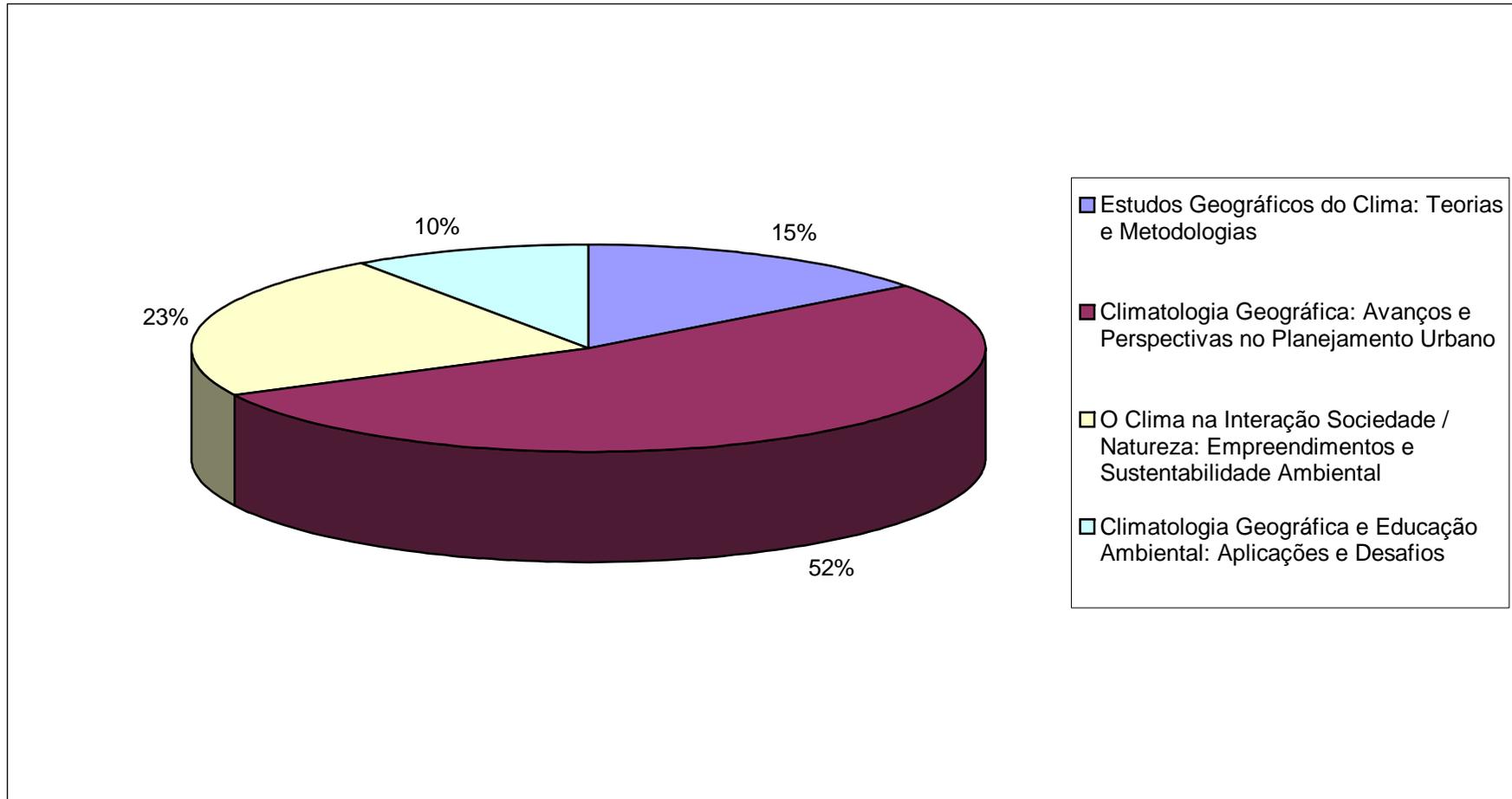
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Conferências e Mesas-Redondas</b>	
- Estudos Geográficos do Clima: Teorias e Metodologias	3
- Climatologia Geográfica: Avanços e Perspectivas no Planejamento Urbano e Rural	4
- O Clima na Interação Sociedade/Natureza: Empreendimentos e Sustentabilidade Ambiental	3
- Climatologia Geográfica e Educação Ambiental: Aplicações e Desafios	4
<b>Trabalhos Técnicos (Comunicações)</b>	
- Estudos Geográficos do Clima: Teorias e Metodologias	18
- Climatologia Geográfica: Avanços e Perspectivas no Planejamento Urbano e Rural	71
- O Clima na Interação Sociedade/Natureza: Empreendimentos e Sustentabilidade Ambiental	29
- Climatologia Geográfica e Educação Ambiental: Aplicações e Desafios	10
<b>Total</b>	<b>142</b>

Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 4., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. 1 CD-ROM.

Analisando o quadro acima é possível notar que a temática “Climatologia Geográfica: Avanços e Perspectivas no Planejamento Urbano” foi responsável pela publicação de 75 trabalhos, evidenciando a preocupação dos pesquisadores em produzir e discutir trabalhos da “Climatologia Geográfica” voltados ao “Planejamento Urbano”. A temática “O Clima na Interação Sociedade / Natureza: Empreendimentos e Sustentabilidade Ambiental”, responsável pela publicação de 32 trabalhos, evidencia a preocupação com a “Questão Ambiental”.

O Gráfico 36 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 36 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2000)**



Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 4., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. 1 CD-ROM.

No gráfico acima se nota que a temática “Climatologia Geográfica: Avanços e Perspectivas no Planejamento Urbano” correspondeu a 52% dos trabalhos publicados, seguida da temática “O Clima na Interação Sociedade / Natureza: Empreendimentos e Sustentabilidade Ambiental”, que correspondeu a 23% dos trabalhos publicados.

**O 5º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica** ocorreu na cidade de Curitiba, Estado do Paraná, no período de 04 a 06 de dezembro de 2002, promovido pelo Laboratório de Climatologia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná.

O evento teve como temática as “Mudanças globais e especificidades climáticas regionais e locais: avanços e desafios da climatologia contemporânea”.

O evento foi desenvolvido a partir do credenciamento, da abertura do evento, de conferências, mesas redondas, exposição de painéis, de atividades culturais e da assembléia de encerramento. As conferências e mesas redondas ficaram sob a responsabilidade de parcela dos profissionais da área que têm comprovada contribuição ao desenvolvimento da climatologia no país. A sessão de painéis foi composta por trabalhos inscritos no evento por profissionais e estudantes afins, e submetidos à seleção da Comissão Científica do evento.

Os eixos temáticos deste evento foram: 1) Dinâmica e Especificidades dos Climas no Brasil; 2) Mudanças Globais, Regionais e Locais: Estado da Arte e Desafios; 3) A Climatologia na Gestão do Território; 4) Climatologia Aplicada: Saúde Pública, Turismo e Educação Ambiental; e 5) Outros.

Os objetivos deste evento foram: propiciar a discussão do estado da arte da produção climatologia brasileira; conduzir a análise das especificidades climáticas regionais e locais ante as questões sócio-ambientais e de saúde no Brasil; aprofundar a discussão da inserção das pesquisas brasileiras no âmbito das mudanças climáticas globais e locais; permitir o intercâmbio teórico-metodológico entre estudantes, pesquisadores e técnicos no que concerne à percepção dos eventos atmosféricos pela população, à contribuição da climatologia junto à educação ambiental e ao desenvolvimento do turismo; subsidiar o desenvolvimento de ações de gerenciamento público a partir das discussões e resultados apresentados no evento, de forma a minimizar os efeitos climáticos adversos.

Este evento visa reunir entorno da discussão por ele proposta,

profissionais e estudantes que estejam comprometidos com o estudo e pesquisa de assuntos ligados às feições e derivações climáticas brasileiras em face das interações com o ambiente e a sociedade nacional.

Segundo a Comissão Organizadora do evento,

Embora tenhamos farta literatura que trata da diversidade regional dos climas do Brasil e suas especificidades temporo-espaciais, estes estudos estão longe de serem esgotados, tornando-se assuntos permanentes de discussão. As implicações das mudanças globais e das manifestações cada vez mais irregulares do fenômeno ENOS, conclamam, por sua vez, a necessidade de se trazer ao debate as questões referentes as dinâmicas climáticas regionais. A par de tais fatos, somam-se os efeitos da urbanização do país sobre os climas de suas cidades, no que diz respeito aos aspectos de conforto ambiental, saúde pública e azares climáticos. Assim, busca-se com o tema preparado para este evento, oportunizar a discussão a respeito da dinâmica climática regional brasileira e suas particularidades, bem como apresentar os resultados obtidos na identificação das mudanças climáticas locais e os avanços alcançados nos estudos sobre as implicações das mudanças globais nos climas do país e como se dá sua inserção em face desta questão (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2002).

O Quadro 38 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 38 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2002)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Conferências e Mesas-Redondas</b>	
- Dinâmica e Especificidades dos Climas no Brasil	1
- Mudanças Globais, Regionais e Locais: Estado da Arte e Desafios	1
- A Climatologia na Gestão do Território	2
- Climatologia Aplicada: Saúde Pública, Turismo e Educação Ambiental	2
<b>Painéis</b>	
- Dinâmica e Especificidades dos Climas no Brasil	26
- Mudanças Globais, Regionais e Locais: Estado da Arte e Desafios	31
- A Climatologia na Gestão do Território	27
- Climatologia Aplicada: Saúde Pública, Turismo e Educação Ambiental	20
- Outros	30
<b>Total</b>	<b>140</b>

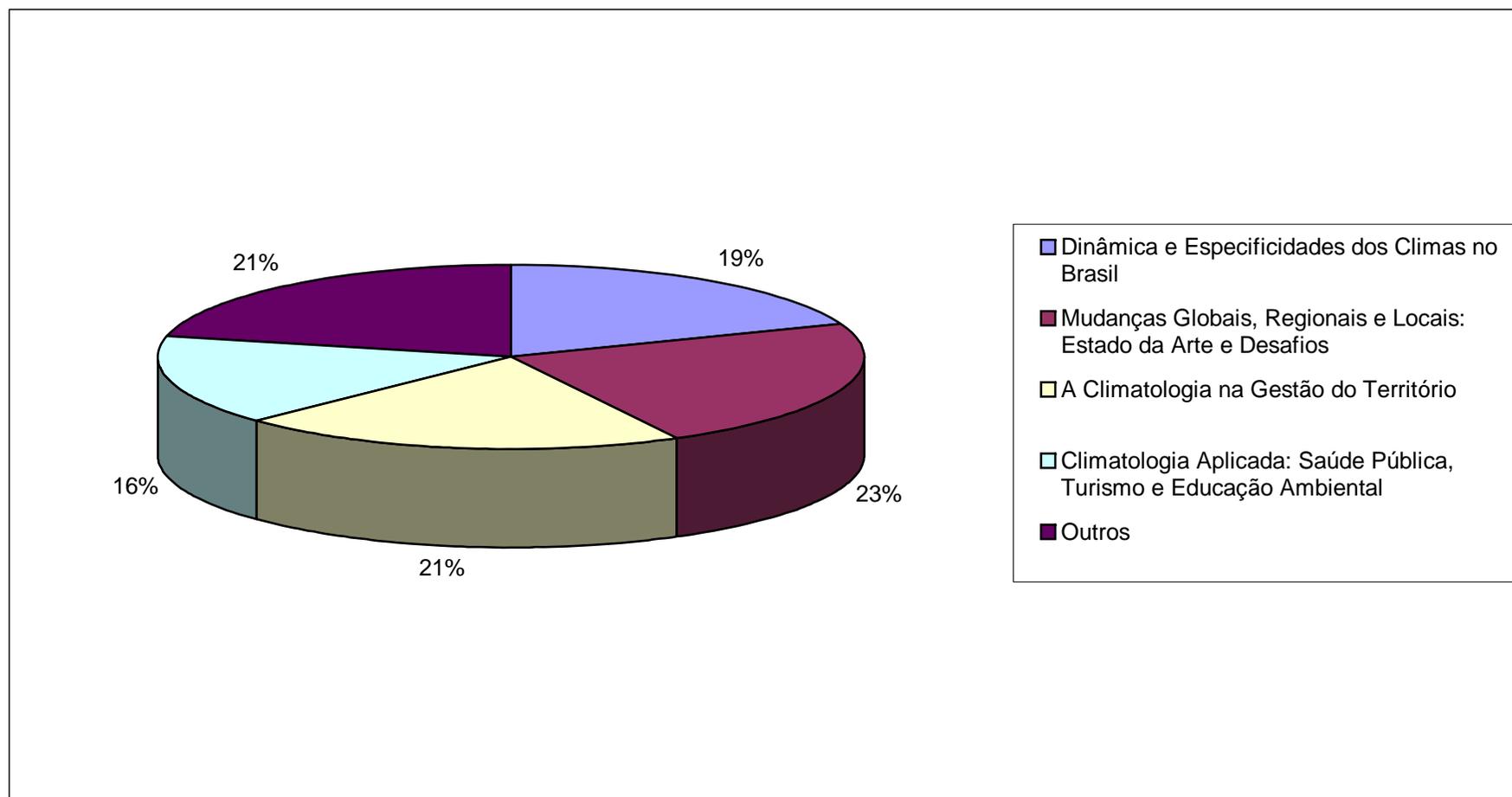
Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 5., 2002, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2002. 1 CD-ROM.

Analisando o quadro acima é possível verificar que houve predomínio de trabalhos publicados nas seguintes temáticas: “Mudanças Globais, Regionais e Locais: Estado da Arte e Desafios” (32) e “A Climatologia na Gestão do Território” (29).

Neste evento foi destinada uma temática denominada “Outros”, para incluir os trabalhos que não se encaixavam nas demais temáticas do evento, totalizando 30 trabalhos. Ao analisar os trabalhos verificou-se que estão relacionados ao “Ensino”, à “Meteorologia”, às “Bacias Hidrográficas”, à “Hidroclimatologia” e ao “Geoprocessamento”.

O Gráfico 37 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

Gráfico 37 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2002)



Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 5., 2002, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2002. 1 CD-ROM.

Verifica-se no gráfico acima que houve destaque na porcentagem de trabalhos publicados nas temáticas “Mudanças Globais, Regionais e Locais: Estado da Arte e Desafios” (23%) e “A Climatologia na Gestão do Território” (21%), sendo que na temática “Outros”, que englobam os trabalhos não classificados nas demais temáticas do evento houve 21% de trabalhos publicados.

O **6º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica** ocorreu na cidade de Aracaju, Estado de Sergipe, no período de 13 a 16 de outubro de 2004, promovido pelo Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe.

O tema central deste evento foi “Diversidades Climáticas”.

O evento foi organizado em: conferências, mesas redondas e contribuições científicas.

Os eixos temáticos que nortearam o evento foram: 1) Dinâmica dos Climas Regionais; 2) Clima e Recursos Hídricos; 3) Teorias e Métodos em Climatologia Geográfica; 4) Climatologia Aplicada e Interações; e 5) Outros.

Segundo a Comissão Organizadora do evento,

Esta é a sexta edição do Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, tendo principiado em Rio Claro, São Paulo, em 1992. Neste ano, a Universidade Federal de Sergipe, através do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, realiza, no período de 13 a 16 de outubro de 2004, na cidade de Aracaju, no Hotel Del Mar, o VI SBCG, com o tema DIVERSIDADES CLIMÁTICAS.

É mister salientar a adoção da sistemática, bi-anual e o compromisso anterior de outras Universidades, tais como a Universidade Federal do Paraná, em 2002, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2000 e anteriormente a Universidade Federal da Bahia. O interesse maior que tem despertado este modelo de reunião advém de seu grau de especialização e concentração, tornando as discussões mais profícuas.

O objetivo principal a que nos propomos é o de contribuir com ampla discussão sobre especificidades dos climas regionais, interações, desafios e perspectivas para a Climatologia Geográfica, visando levar à sociedade contribuições sobre a diversidade dos climas brasileiros.

O debate das diversidades climáticas se inicia pela questão climática do Nordeste do Brasil, culminando com discussão ampla sobre os diversos climas regionais brasileiras (sic). Com o intuito de aprimorar o debate, abriu-se espaço para outros campos de conhecimento que

tenham interação com a Climatologia.

A expectativa é de reunir pesquisadores de todo Brasil e até do exterior com interesse na questão climática ampliando as discussões de outros saberes, tais como a Engenharia Agrônoma e a Meteorologia, além de estudos específicos da Geografia, no caso a Biogeografia.

As conferências foram selecionadas com abrangência de outros temas, igualmente interessantes para nossa comunidade e bastante atuais. Programada uma conferência de abertura, com temática relativa ao aquecimento global e saúde, e outra, com o Secretário da Sociedade Internacional de Climatologia, constando sobre Climatologia e Satélites.

Constituímos três mesas redondas, envolvendo quatorze pesquisadores convidados pela expressividade de sua produção e a pertinência com as temáticas.

Foi reservado um dia inteiro para as comunicações livres, com expositores orais e em painel, contando com a participação integral de todos os congressistas, concentrados nas contribuições e pondo em evidência a produção científica da climatologia brasileira, da Geografia e da Meteorologia.

Durante o VI SBCG, haverá lançamento de livro, uma Assembléia da Sociedade Brasileira de Climatologia. E, no ápice da programação, uma apreciação dos Simpósios. Nossa programação culmina com uma excursão ao semi-árido sergipano, incluindo uma programação turística e passeio pelo rio São Francisco.

O espaço de diálogo se constitui uma inovação, pois se propõe a momentos de conversa informal entre graduandos e pós-graduandos com o Professo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro que se propôs, outrossim, a atuar como observador do evento, devendo se manifestar ao término dos trabalhos, no âmbito de sua sabedoria (SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2004a, p. 5).

O Quadro 39 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

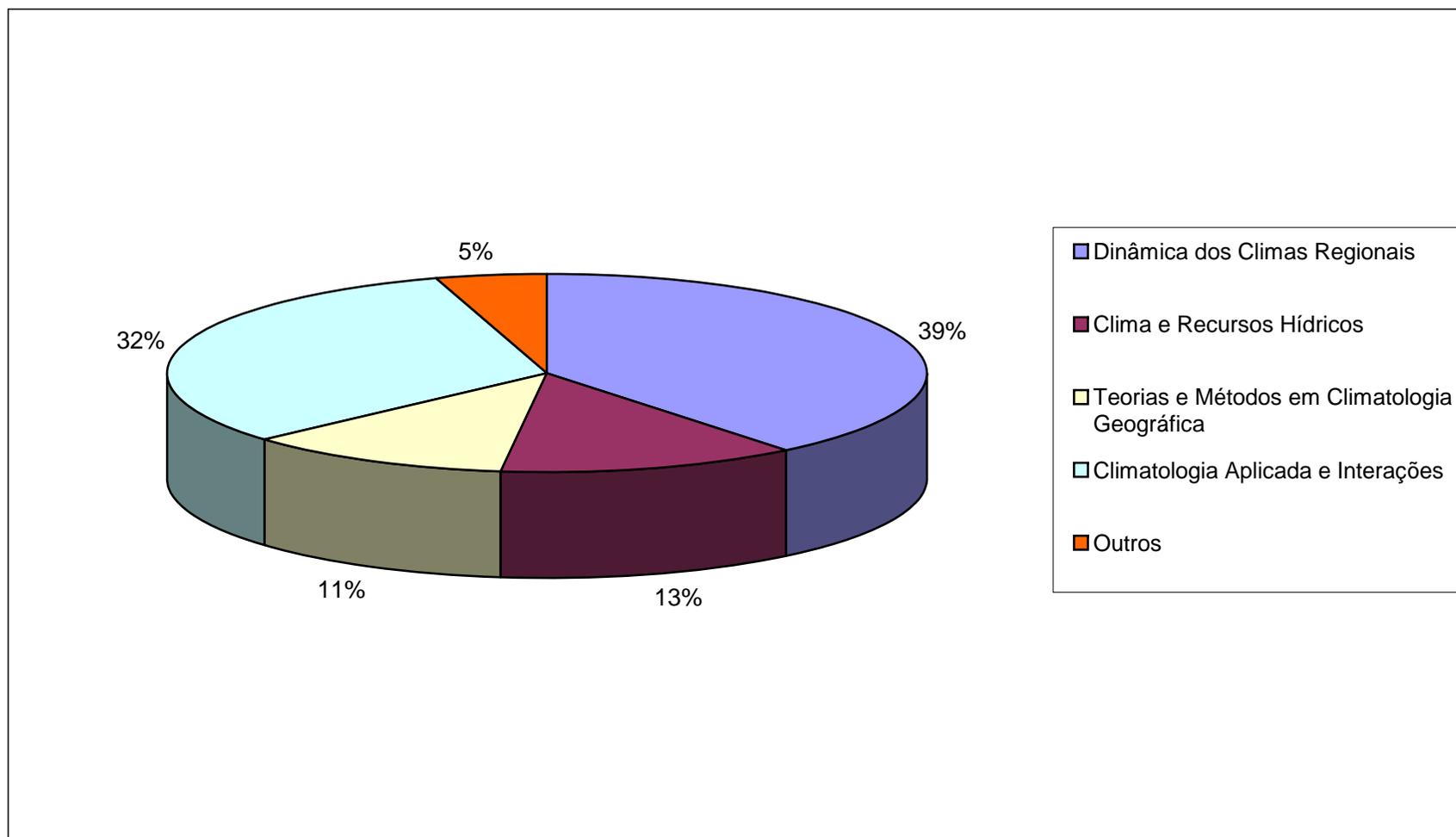
**Quadro 39 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 6º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2004)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Conferências e Mesas Redondas</b>	
- Dinâmica dos Climas Regionais	6
- Teorias e Métodos em Climatologia Geográfica	4
- Climatologia Aplicada e Interações	4
<b>Contribuições Científicas</b>	
- Dinâmica dos Climas Regionais	77
- Clima e Recursos Hídricos	27
- Teorias e Métodos em Climatologia Geográfica	20
- Climatologia Aplicada e Interações	64
- Outros	10
<b>Total</b>	<b>212</b>

Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 6., 2004, Sergipe. **Programação e resumos...** Aracaju: UFS, 2004a. 235p.  
SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 6., 2004, Sergipe. **Anais...** Aracaju: UFS, 2004b. 1 CD-ROM.

Analisando o quadro acima se verifica que houve predomínio de trabalhos publicados nas seguintes temáticas: “Dinâmica dos Climas Regionais” (83 trabalhos) e “Climatologia Aplicada e Interações” (68 trabalhos), evidenciando a preocupação em estudos sobre a dinâmica do clima e sua interações com o meio ambiente.

O Gráfico 38 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 38 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 6º. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (2004)**

Fonte: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 6., 2004, Sergipe. **Programação e resumos...** Aracaju: UFS, 2004a. 235p.  
SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 6., 2004, Sergipe. **Anais...** Aracaju: UFS, 2004b. 1 CD-ROM.

Analisando o gráfico acima é possível verificar que a temática “Dinâmica dos Climas Regionais” representou 39% dos trabalhos publicados, seguido da temática “Climatologia Aplicada e Interações”, que representou 32% dos trabalhos publicados, evidenciando a preocupação dos estudos sobre climas regionais, bem como as interações com o meio ambiente.

A realização dos Simpósios Brasileiros de Climatologia Geográfica vem cumprindo com seus objetivos iniciais, citados no decorrer desta pesquisa, demonstrando que, mesmo com as subdivisões da Geografia em humana e física, os geógrafos físicos que se dedicam aos estudos da climatologia sentiram necessidade de se reunirem em um evento específico. Isso talvez tenha ocorrido devido aos avanços nesta área nos últimos anos e o grande número de participantes em eventos mais amplos da Geografia (Congressos e Encontros promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros e os Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada), apesar de que muitos dos pesquisadores que participam dos Simpósios Brasileiros de Climatologia Geográfica parece participarem dos demais eventos.

## **6.6 Simpósio Nacional de Geomorfologia**

O **1º. Simpósio Nacional de Geomorfologia** ocorreu na cidade de Uberlândia, Estado de Minas Gerais, no período de 25 a 28 de novembro de 1996, promovido pelo Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia.

O evento foi organizado em: conferências, mesas-redondas, palestras e apresentações de painéis.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) Evolução e Contribuição da Geomorfologia nos Estudos das Paisagens Tropicais; 2) A Geomorfologia das Áreas de Cerrado; 3) Processos Erosivos e Técnicas de Monitoramento; 4) Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto Aplicados à Geomorfologia; 5) Geomorfologia Aplicada aos Estudos Ambientais; e 6) Indicadores Geomorfológicos na Sustentabilidade Ambiental.

Segundo Baccaro (1996, p. 3), presidente da Comissão Organizadora do evento,

A Geomorfologia vem apresentando uma crescente contribuição de trabalhos científicos, abordando as diversidades morfoclimáticas do nosso país. A ciência geomorfológica, dado seu caráter interdisciplinar, importância e extensão dos riscos ambientais e conseqüente diminuição da qualidade de vida nas mais diversas regiões do Brasil, tem um desempenho muito significativo na busca de alternativas para as questões nacionais.

A idéia de realizar o I Simpósio Nacional de Geomorfologia teve origem nas amplas e profícuas discussões realizadas no I Encontro de Geomorfologia do Sudeste – IEGS, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, em novembro de 1995.

Nesse sentido, o I Simpósio Nacional de Geomorfologia tem como objetivo promover amplas discussões sobre a temática e as questões sócio-ambientais, bem como permitir intercâmbio de idéias e metodologias adotadas e aplicadas aos estudos geomorfológicos. Nesse evento serão formuladas também as diretrizes para a criação da União dos Geomorfólogos Brasileiros (UGB), proposta esta já discutida no IEGS com o objetivo de representar os profissionais da área em atividade no Brasil.

A prova da grande receptividade por parte dos geomorfólogos do Brasil está no número e na qualidade dos artigos científicos apresentados neste I Simpósio Nacional de Geomorfologia.

Para a realização desse evento foi importante o apoio recebido do CNPq, FAPEMIG e Universidade Federal de Uberlândia – UFU. A Comissão Organizadora agradece a todos os que direta e indiretamente tornaram isto possível e dá as boas vindas a todos os participantes, esperando que cada um aproveite ao máximo o Simpósio e tenha uma excelente estadia em Uberlândia.

O Quadro 40 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 40 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (1996)**

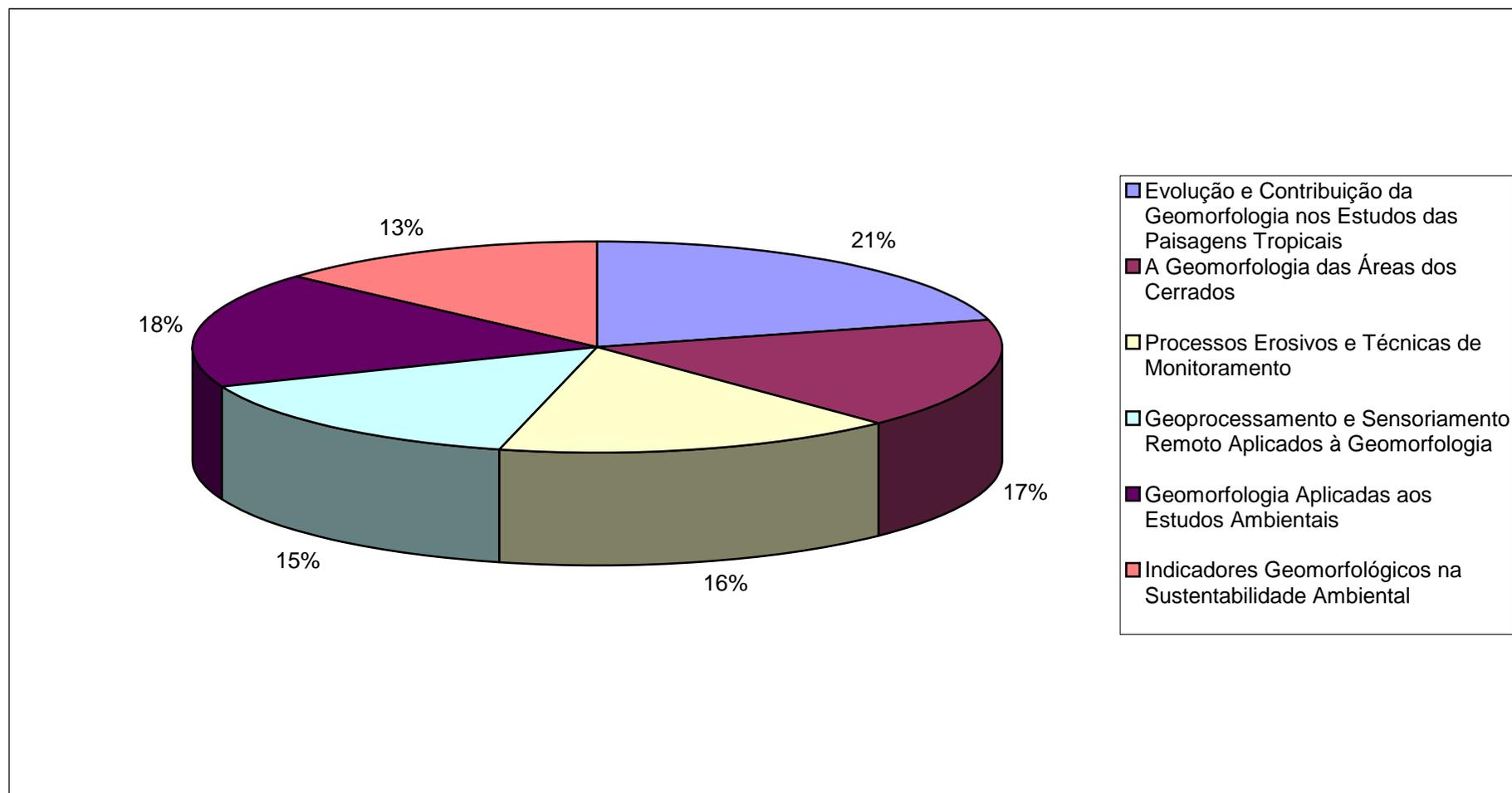
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Conferências, Mesas-Redondas e Palestras</b>	
- Evolução e Contribuição da Geomorfologia nos Estudos das Paisagens Tropicais	2
- A Geomorfologia das Áreas de Cerrado	2
- Processos Erosivos e Técnicas de Monitoramento	1
- Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto Aplicados à Geomorfologia	1
- Geomorfologia Aplicada aos Estudos Ambientais	2
- Indicadores Geomorfológicos na Sustentabilidade Ambiental	2
<b>Painéis</b>	
- Evolução e Contribuição da Geomorfologia nos Estudos das Paisagens Tropicais	20
- A Geomorfologia das Áreas de Cerrado	16
- Processos Erosivos e Técnicas de Monitoramento	16
- Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto Aplicados à Geomorfologia	15
- Geomorfologia Aplicada aos Estudos Ambientais	17
- Indicadores Geomorfológicos na Sustentabilidade Ambiental	12
<b>Total</b>	<b>106</b>

Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 1., 1996, Uberlândia. Anais..., Uberlândia: UFU, 1996. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 8, n. 15, 1996. Edição especial.

Analisando o quadro acima pode ser verificado predomínio de trabalhos nas seguintes temáticas: “Evolução e Contribuição da Geomorfologia nos Estados das Paisagens Tropicais” (22); “Geomorfologia Aplicada aos Estudos Ambientais” (19); “A Geomorfologia das Áreas de Cerrado” (18); e “Processos Erosivos e Técnicas de Monitoramento” (17).

O Gráfico 39 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 39 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 1º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (1996)**



Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 1., 1996, Uberlândia. Anais..., Uberlândia: UFU, 1996. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 8, n. 15, 1996. Edição especial.

No gráfico acima pode ser verificado o predomínio de trabalhos nas seguintes temáticas: “Evolução e Contribuição da Geomorfologia nos Estados das Paisagens Tropicais” (21%); “Geomorfologia Aplicada aos Estudos Ambientais” (18%); “A Geomorfologia das Áreas de Cerrado” (17%); e “Processos Erosivos e Técnicas de Monitoramento” (16%).

O **2º. Simpósio Nacional de Geomorfologia** ocorreu na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, no período de 03 a 08 de novembro de 1998, promovido pela União da Geomorfologia Brasileira (UGB). Contou, ainda, com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Gabinete do Reitor, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, além da FINEP, FAPEU e Fundação de Ciência e Tecnologia (FUNCITEC).

O evento foi organizado em mesas-redondas e apresentações de painéis, distribuídos entre cinco eixos temáticos: 1) Geomorfologia e Ambiente Urbano; 2) Geomorfologia Costeira; 3) Magnitude e Frequência de Perturbações Naturais e Antrópicas; 4) Pedogênese e Geomorfologia do Quaternário; e 5) Epistemologia da Geomorfologia, Métodos e Interfaces.

Segundo Oliveira (1998, p. 7), presidente da Comissão Organizadora do evento,

É com grande satisfação que a Comissão Organizadora do II Simpósio Nacional de Geomorfologia vem apresentar esta Edição Especial da Revista GEOSUL.

A partir da realização do I Simpósio Nacional de Geomorfologia em 1996, em Uberlândia, ficou expressa a vontade dos participantes de criar um fórum privilegiado de debate sobre a geomorfologia e suas interfaces. Este fórum se concretizou a partir da criação da União da Geomorfologia Brasileira (UGB).

O II Simpósio Nacional de Geomorfologia pretende dar continuidade ao trabalho de criação e de afirmação da UGB, na qual geógrafos, geólogos, engenheiros, arquitetos, biólogos e outros profissionais afins possam fortalecer os laços de interdisciplinaridade que envolvem o estudo e a utilização da superfície do nosso planeta.

As comunicações selecionadas para publicação neste volume contribuem duplamente para a plena realização dos objetivos do II Simpósio Nacional de Geomorfologia. Primeiro, porque a qualidade e procedência dos trabalhos apresentados honram o potencial científico da comunidade geomorfológica nacional. Segundo, porque o grande número de trabalhos selecionados demonstra a vitalidade desta comunidade, produzindo, em relação ao I Simpósio Nacional de Geomorfologia, um acréscimo de trabalhos publicados na ordem de 45%.

Os trabalhos aqui apresentados estão organizados de acordo com a sua aglutinação em torno dos eixos temáticos propostos para o simpósio. Estes eixos foram definidos, juntamente com a UGB, tendo

como critério suscitar a discussão de temas considerados relevantes para o desenvolvimento da geomorfologia nacional. Fazemos votos de que nossas discussões aprofundem o conhecimento dos temas propostos e fortaleçam nossa união.

A Comissão Organizadora do II Simpósio Nacional de Geomorfologia agradece ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, à Direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, ao Gabinete do Reitor da UFSC, à FINEP, À FUNCITEC e à FAPEU pelo apoio prestado para a realização deste evento. A todos os que colaboraram com seu trabalho e dedicação, expressamos nossos sinceros agradecimentos.

O Quadro 41 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 41 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (1998).**

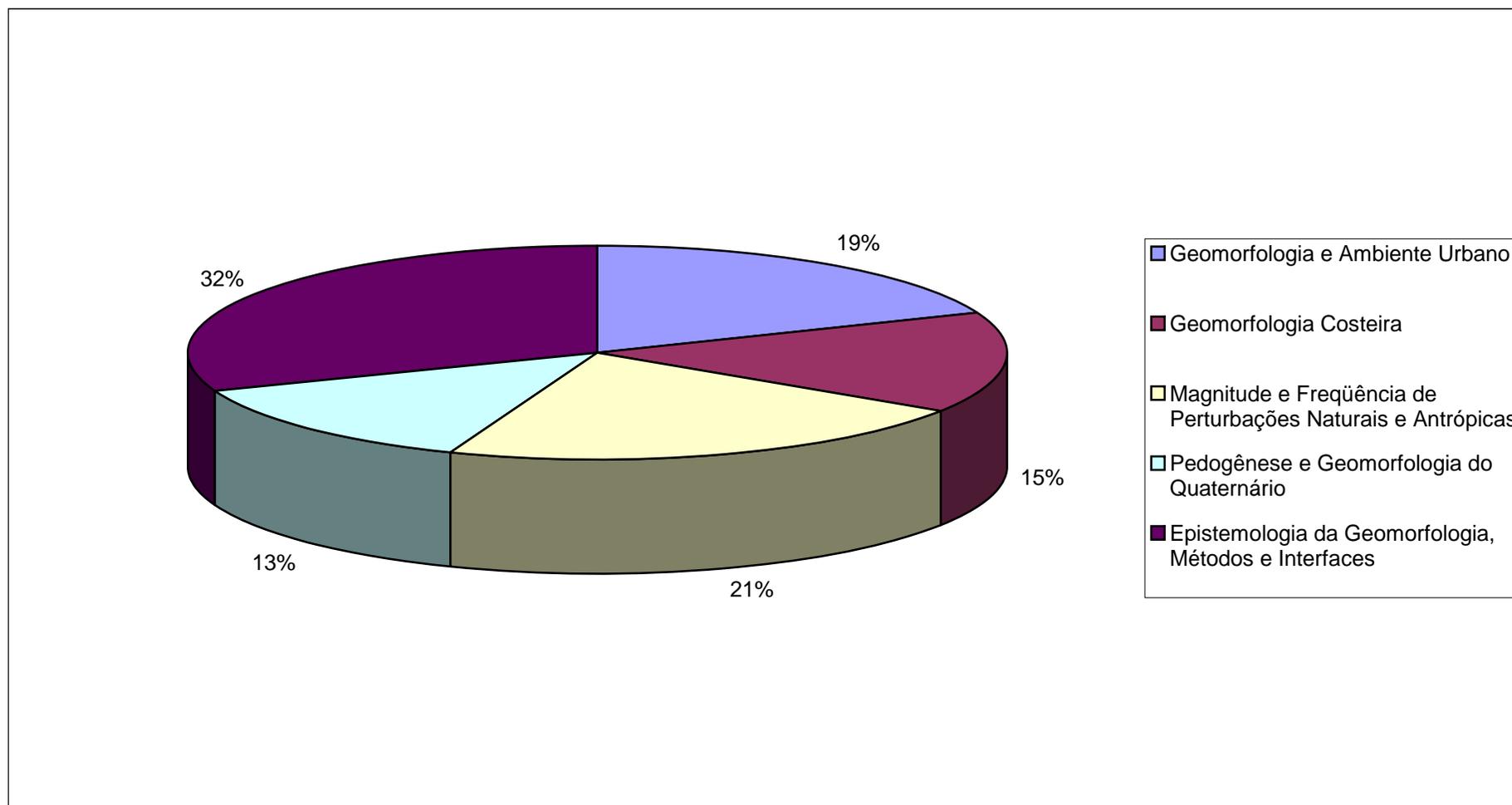
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<b>Mesas-Redondas</b>	
- Geomorfologia e Ambiente Urbano	2
- Geomorfologia Costeira	2
- Magnitude e Freqüência de Perturbações Naturais e Antrópicas	1
- Pedogênese e Geomorfologia do Quaternário	1
- Epistemologia da Geomorfologia, Métodos e Interfaces	3
<b>Painéis</b>	
- Geomorfologia e Ambiente Urbano	26
- Geomorfologia Costeira	21
- Magnitude e Freqüência de Perturbações Naturais e Antrópicas	31
- Pedogênese e Geomorfologia do Quaternário	19
- Epistemologia da Geomorfologia, Métodos e Interfaces	43
<b>Total</b>	<b>149</b>

Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 2., 1998, Florianópolis. Anais..., Florianópolis: UFSC, 1998. **Geosul**, Florianópolis, v. 14, n. 27, 1998. Edição especial.

Nota-se no quadro acima que as temáticas “Epistemologia da Geomorfologia, Métodos e Interfaces” (46), “Magnitude e Freqüência de Perturbações Naturais e Antrópicas” (32) e “Geomorfologia e Ambiente Urbano” (28) predominaram neste evento.

O Gráfico 40 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

Gráfico 40 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 2º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (1998)



Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 2., 1998, Florianópolis. Anais..., Florianópolis: UFSC, 1998. **Geosul**, Florianópolis, v. 14, n. 27, 1998. Edição especial.

Nota-se no gráfico acima predomínio de trabalhos publicados nas seguintes temáticas: “Epistemologia da Geomorfologia, Métodos e Interfaces” (32%), “Magnitude e Frequência de Perturbações Naturais e Antrópicas” (21%) e “Geomorfologia e Ambiente Urbano” (19%).

O **3º. Simpósio Nacional de Geomorfologia** ocorreu na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, no período de 03 a 06 de setembro de 2000, promovido pela União da Geomorfologia Brasileira, com o apoio do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas.

O tema central deste evento foi “Geomorfologia 2000: o relevo, a água e o homem”.

Este evento foi organizado em: conferência, mesas-redondas, palestras, apresentações de trabalhos orais e painéis, trabalho de campo, mini-curso e homenagens.

Os eixos temáticos que nortearam este evento foram: 1) Desequilíbrios, Riscos e Recuperação em Sistemas Geomorfológicos; 2) Geomorfologia de Áreas Naturais e/ou Antropicamente Frágeis; 3) Instrumentalização, Medidas e Modelos em Geomorfologia: Tendências Atuais; e 4) Magnitude e Frequência de Episódios Climáticos, Associados a Eventos Geomorfológicos.

Segundo Perez Filho (2000, p. iii), coordenador da Comissão Organizadora deste evento,

A realização do III Simpósio Nacional de Geomorfologia, sediado pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – SP, acontece como primeiro evento da área após a criação do curso de graduação em Ciências da Terra, que envolve a formação de profissionais nas modalidades de Geografia e Geologia. O elevado número de trabalhos inscritos para apresentação em seções orais e de painéis demonstra a crescente demanda, sobretudo de jovens acadêmicos e pesquisadores, pelo tema abordado. A programação do evento, complementada pela realização de mesas redondas e palestras, possibilitará a promoção e a divulgação de discussões teórico-metodológicas no âmbito da Geomorfologia.

Desta forma, a temática proposta para o III SINAGEO tem como objetivo o aprofundamento das reflexões a respeito das relações da geomorfologia com as transformações ambientais no território brasileiro, analisando os processos responsáveis pela morfodinâmica, incluindo-se aqueles produzidos ou acelerados pela ação antrópica.

Esperando que o evento atenda os objetivos propostos, em nome da Comissão Organizadora desejo a todos, boas vindas.

O Quadro 42 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 42 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2000)**

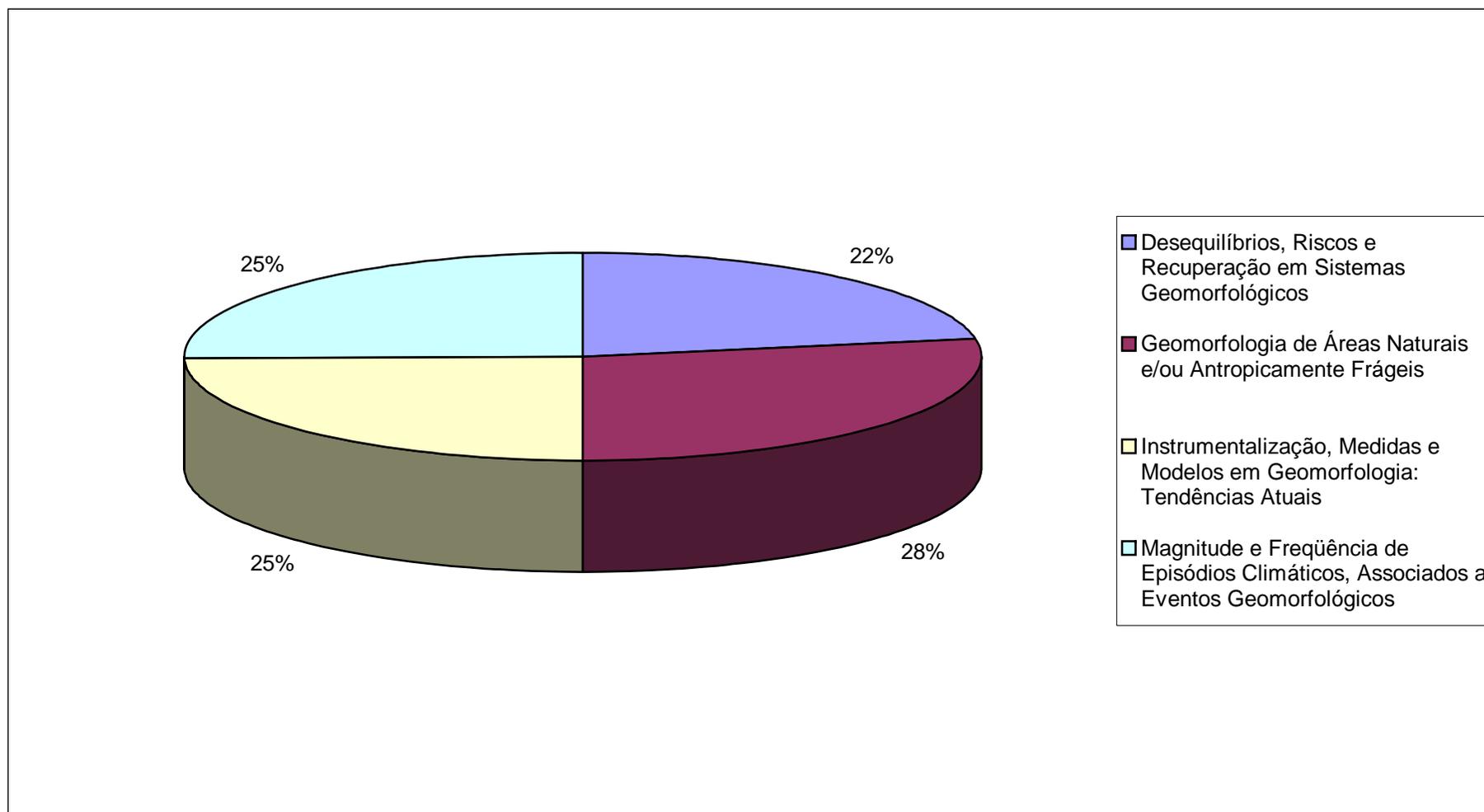
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferência e Mesas-Redondas e Palestras</u>	
- Desequilíbrios, Riscos e Recuperação em Sistemas Geomorfológicos	2
- Geomorfologia de Áreas Naturais e/ou Antropicamente Frágeis	2
- Instrumentalização, Medidas e Modelos em Geomorfologia: Tendências Atuais	4
- Magnitude e Frequência de Episódios Climáticos, Associados a Eventos Geomorfológicos	2
<u>Apresentações Orais e Painéis</u>	
- Desequilíbrios, Riscos e Recuperação em Sistemas Geomorfológicos	53
- Geomorfologia de Áreas Naturais e/ou Antropicamente Frágeis	66
- Instrumentalização, Medidas e Modelos em Geomorfologia: Tendências Atuais	57
- Magnitude e Frequência de Episódios Climáticos, Associados a Eventos Geomorfológicos	60
<b>Total</b>	<b>246</b>

Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 3., 2000, Campinas. **Anais: programa e resumos...** Campinas: UGB/UNICAMP, 2000. v. 1.

No quadro acima se verifica que as temáticas “Geomorfologia de Áreas Naturais e/ou Antropicamente Frágeis” (68), “Magnitude e Frequência de Episódios Climáticas, Associados a Eventos Geomorfológicos” (62) e “Instrumentalização, Medidas e Modelos em Geomorfologia: Tendências Atuais” (61) predominam neste evento.

O Gráfico 41 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

Gráfico 41 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 3º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2000)



Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 3., 2000, Campinas. **Anais: programa e resumos...**, Campinas: UGB/UNICAMP, 2000. v. 1

No gráfico acima é possível ser verificado que houve predomínio nas seguintes temáticas: “Geomorfologia de Áreas Naturais e/ou Antropicamente Frágeis” (28%), “Magnitude e Freqüência de Episódios Climáticas, Associados a Eventos Geomorfológicos” (25%) e “Instrumentalização, Medidas e Modelos em Geomorfologia: Tendências Atuais” (25%).

O **4º. Simpósio Nacional de Geomorfologia** ocorreu na cidade de São Luis, Estado do Maranhão, no período de 29 de outubro a 07 de novembro de 2002, promovido pela União da Geomorfologia Brasileira e pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPA) do Departamento de Geociências da Universidade Federal do Maranhão.

O tema deste evento foi “Geomorfologia: Interfaces, Aplicações e Perspectivas”.

O evento foi distribuído em conferência, mesas redondas, palestras, mini-cursos, apresentações de trabalhos (comunicações orais e painéis), programação cultural e excursões (pré e pós-simpósio).

O Quadro 43 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

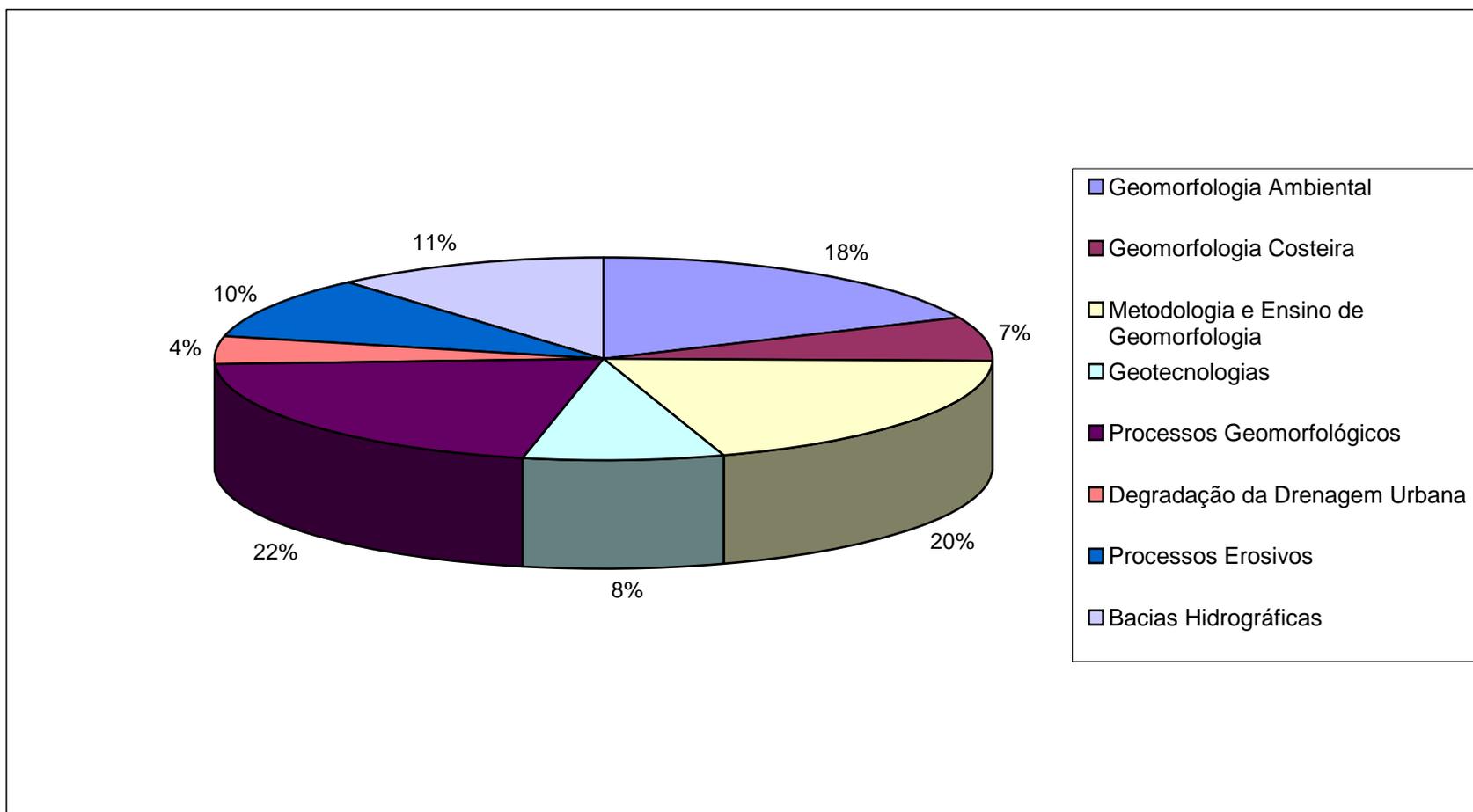
**Quadro 43 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2002)**

<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. de Trabalhos Publicados</b>
<u>Conferência, Mesas Redondas e Palestras</u>	
- Geomorfologia Ambiental	3
- Geomorfologia Costeira	2
- Metodologia e Ensino de Geomorfologia	2
- Geotecnologias	2
- Processos Geomorfológicos	3
- Degradação da Drenagem Urbana	2
<u>Apresentações de Trabalhos (Comunicações Orais e Painéis)</u>	
- Geomorfologia Ambiental	34
- Geomorfologia Costeira	12
- Metodologia e Ensino de Geomorfologia	38
- Geotecnologias	15
- Processos Geomorfológicos	39
- Degradação da Drenagem Urbana	7
- Processos Erosivos	20
- Bacias Hidrográficas	23
<b>Total</b>	<b>202</b>

Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 4., 2002, São Luis. **Anais: programas e resumos...** São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2002. v. 1.  
 SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 4., 2002, São Luis. **Anais: trabalhos completos...** São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2004. v. 2. 1 CD-ROM.

Analisando o quadro acima se foram predominantes neste evento as temáticas “Processos Geomorfológicos”, com 42 trabalhos publicados, “Metodologia e Ensino de Geomorfologia”, com 40 trabalhos publicados “Geomorfologia Ambiental”, com 37 trabalhos publicados, o que ressalta o interesse dos pesquisadores em abordarem temas voltados para as transformações que ocorrem no meio ambiente e as possíveis formas de recuperação, sendo preocupações importantes para o Geógrafo Físico.

O Gráfico 42 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 42 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 4º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2002)**

Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 4., 2002, São Luis. **Anais: programas e resumos...** São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2002. v. 1.  
SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 4., 2002, São Luis. **Anais: trabalhos completos...** São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2004. v. 2. 1 CD-ROM.

Analisando este gráfico é possível notar uma preocupação acentuada dos geógrafos físicos que se dedicam aos estudos da Geomorfologia no desenvolvimento de pesquisas sobre “Processos Geomorfológicos”, que representou 22% dos trabalhos publicados, seguido da temática “Metodologia e Ensino de Geomorfologia”, que representou 20% dos trabalhos publicados, além da temática “Geomorfologia Ambiental”, que representou 18% dos trabalhos publicados.

O **5º. Simpósio Nacional de Geomorfologia** ocorreu no período de 04 a 10 de agosto de 2004, na cidade de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul, promovido pela União da Geomorfologia Brasileira, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências do Centro de Ciências Naturais e Exatas da Universidade Federal de Santa Maria e pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Concomitante ao 5º. SINAGEO foi realizado o I ESAGEO (Encontro Sul-Americano de Geomorfologia).

O tema central do 5º. Simpósio Nacional de Geomorfologia foi “Geomorfologia e Riscos Ambientais”.

O evento foi organizado em: palestras, mesas redondas e apresentação de trabalhos, todos distribuídos entre os eixos temáticos.

Os eixos temáticos destes eventos foram: 1) Ensino da Geomorfologia e Epistemologia; 2) Gestão de Bacias Hidrográficas; 3) Geomorfologia Costeira; 4) Cartografia Geomorfológica; 5) Análise e Diagnóstico de Processos Erosivos; e 6) Geomorfologia em Áreas Rururbanas.

O Quadro 44 mostra as subáreas/temas e quantidade de trabalhos publicados nos Anais deste evento.

**Quadro 44 – Subáreas/temas e número de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2004)**

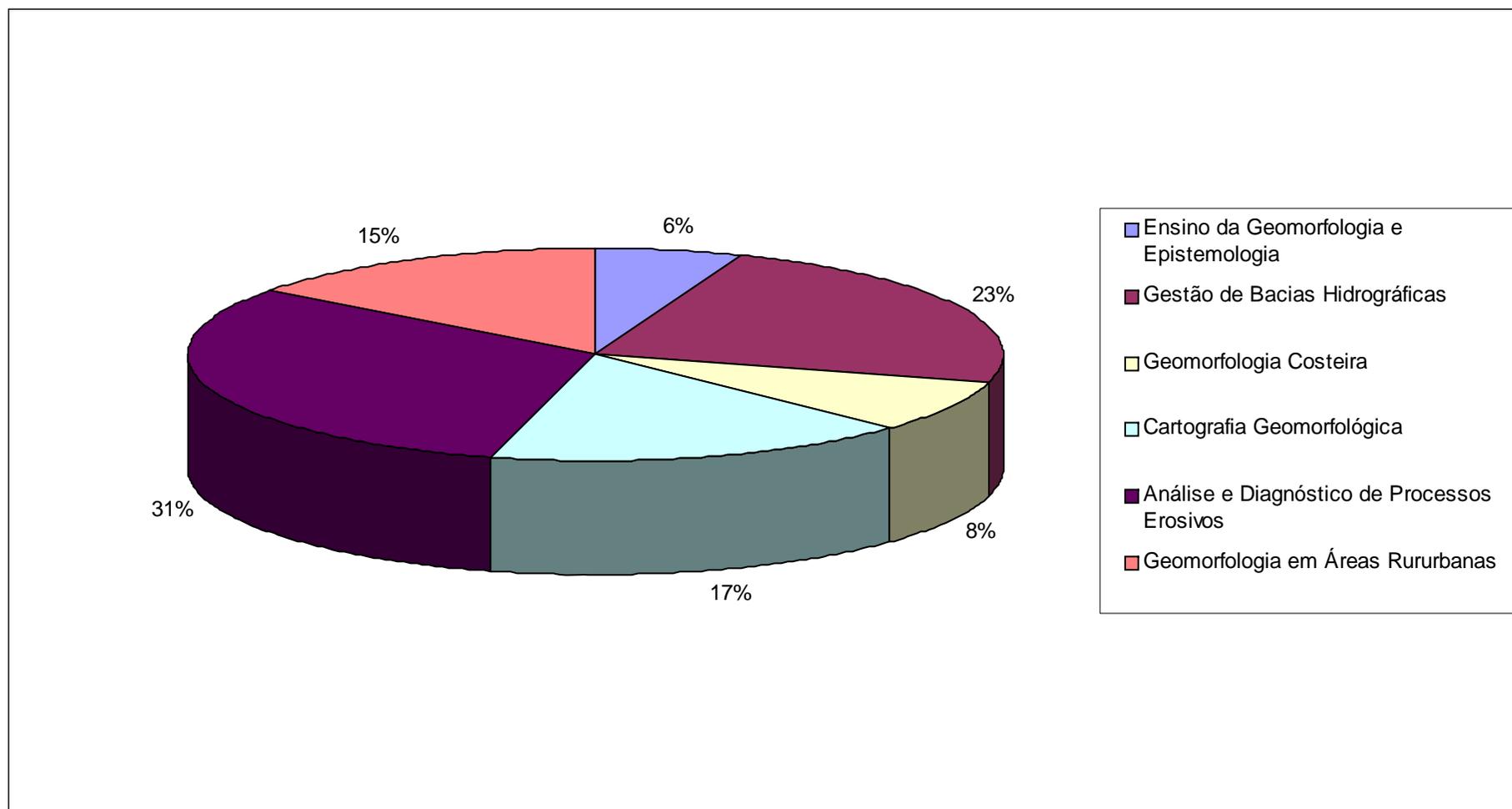
<b>Subáreas/temas</b>	<b>No. De Trabalhos Publicados</b>
<b><u>Palestras e Mesas Redondas</u></b>	
- Ensino da Geomorfologia e Epistemologia	2
- Gestão de Bacias Hidrográficas	2
- Geomorfologia Costeira	2
- Cartografia Geomorfológica	2
- Análise e Diagnóstico de Processos Erosivos	2
- Geomorfologia em Áreas Rururbanas	2
<b><u>Trabalhos Apresentados</u></b>	
- Ensino da Geomorfologia e Epistemologia	13
- Gestão de Bacias Hidrográficas	58
- Geomorfologia Costeira	19
- Cartografia Geomorfológica	41
- Análise e Diagnóstico de Processos Erosivos	78
- Geomorfologia em Áreas Rururbanas	36
<b>Total</b>	<b>257</b>

Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 5., Santa Maria. **Anais de trabalhos completos...** Santa Maria: UGB/UFMS/UFRRGS, 2004. 1 CD-ROM.

Analisando o quadro acima se nota que houve predomínio de trabalhos nas seguintes temáticas: “Análise e Diagnóstico de Processos Erosivos” (80); “Gestão de Bacias Hidrográficas” (60); “Cartografia Geomorfológica” (43); e “Geomorfologia em Áreas Rururbanas” (38).

O Gráfico 43 mostra a porcentagem de trabalhos publicados nas diversas subáreas/temas do conhecimento geográfico.

**Gráfico 43 – Porcentagem de trabalhos publicados nos Anais do 5º. Simpósio Nacional de Geomorfologia (2004)**



Fonte: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 5., Santa Maria. **Anais de trabalhos completos...** Santa Maria: UGB/UFSM/UFRGS, 2004. 1 CD-ROM.

Analisando o gráfico acima é possível notar que as temáticas “Análise e Diagnóstico de Processos Erosivos” (31%), “Gestão de Bacias Hidrográficas” (23%), “Cartografia Geomorfológica” (17%) e “Geomorfologia em Áreas Rururbanas” (15%) predominaram neste evento.

Os Simpósios Nacionais de Geomorfologia têm cumprido com seus objetivos já citados nesta pesquisa e têm reunido, no decorrer de suas edições, um maior número de geógrafos físicos que se dedicam aos estudos da Geomorfologia.

As especializações no campo de conhecimento da Geografia Física estão se tornando mais evidentes, fazendo com que os pesquisadores e demais profissionais se reúnam e possam discutir os avanços nas subáreas.

Além disso, os pesquisadores parecem sentir necessidade de criarem associações ou sociedades, como ocorreu com a União de Geomorfologia Brasileira e a Associação Brasileira de Climatologia, surgidas nos últimos anos do século XX.

## 7 GEÓGRAFOS E UMA VISÃO DA GEOGRAFIA FÍSICA

Neste capítulo encontram-se analisadas as entrevistas realizadas com os membros de comissões organizadoras de eventos científicos e geógrafos que se destacaram como pesquisadores da Geografia Física.

Buscou-se essa interlocução, pois a organização dos eventos sempre é reflexo de debates e tomada de muitas decisões. Para entender o modo como os eventos foram organizados é interessante uma retrospectiva histórica da atuação de seus organizadores.

O relato de Geógrafos Físicos de grande expressão no Brasil é de significativa importância, pois representam uma parcela significativa do pensamento teórico expresso nas publicações científicas.

Os pesquisadores foram contatados por meio de entrevistas diretas ou pelo preenchimento de questionário (Anexo 1).

Os interlocutores desta parte da pesquisa foram selecionados conforme sua participação e relevância para geografia brasileira. Evidente que muitos outros nomes poderiam constar desta seleção, mas o tempo que dispusemos e também a dificuldade de contato nos permitiu apenas discutir com os nomes relacionados a seguir, cuja escolha está descrita no capítulo referente aos “Procedimentos metodológicos”.

- Antonio José Teixeira Guerra (UFRJ-RJ)
- Aziz Nacib Ab’Saber (USP-SP)
- Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (USP-SP)
- Dirce Maria Antunes Suertegaray (UFRGS-RS)
- Dora do Amarante Romariz (IBGE-RJ)
- Hideo Sudo (UNESP-SP)
- Jorge Luiz Marques (UERJ-RJ)
- José Bueno Conti (USP-SP)
- Jurandyr Luciano Sanches Ross (USP-SP)
- Marcos José Nogueira de Souza (UECE-CE)
- Nilza Aparecida Freres Stipp (UEL-PR)

Ao serem questionados sobre “Qual era a preocupação da Geografia Física na época em que começaram a participar dos eventos ligados à Geografia e, especificamente, da Geografia Física”, bem como a “importância dos congressos e reuniões científicas”, houve respostas variadas.

Antonio José Teixeira Guerra respondeu que,

Comecei a participar de eventos ligados à Geografia em meados da década de 70, quando me formei em Geografia pela UFRJ. Após me formar trabalhei como estagiário do IBGE e depois prestei concurso na UFRJ.

Naquela época não existia estudos sobre processos geomorfológicos, sendo que a Geografia Física era ligada ao clima, à biogeografia, à geologia, à caracterização geológica.

Os eventos científicos são fundamentais para se reunir formalmente os especialistas da área sendo que o Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada é o mais importante, na área de Geografia Física. Tenho participado das últimas edições do Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada e do Simpósio Nacional de Geomorfologia.

Aziz Nacib Ab'Saber relatou que,

Quando fui aluno o curso de geografia estava ligado ao livro de Emmanuel De Martonne. A Geografia Física estava dando os primeiros passos. Começou devagar e evoluiu em função da presença dos Cursos de Introdução à Geologia, que completava a teoria que estava sendo estudada.

Emmanuel De Martonne veio ajudar a desenvolver o Curso de Geografia e as pesquisas, sendo que foram realizadas pesquisas importantes, principalmente das superfícies aplainadas.

Os geólogos americanos fizeram pesquisas sobre drenagens para entender a geologia. A Geologia Elementar influenciou os estudos da Geografia Física. Os primeiros contatos com pesquisadores estrangeiros foram com Emmanuel De Martonne, Francis Ruellan e Kaster.

Comecei a participar da AGB no período em que os sócios eram pesquisadores com referências e produção bibliográfica. As reuniões anuais eram realizadas em diversas partes do Brasil, com trabalhos de campo (excursões). Foram de importância essencial para realizar pesquisas de Geografia Física e ocupações do território.

Me interessei muito pelas excursões das reuniões anuais da AGB e também em excursões/viagens isoladas. Acompanhei muitos geógrafos franceses e demais estrangeiros que vinham ao Brasil participar de eventos da AGB, em excursões e trabalhos de campo.

Com a mudança do Estatuto da AGB a partir da década de 70 quando se abriu a AGB para estudantes e outros profissionais, ela perdeu muito e, então, deixei de participar dos eventos.

Atualmente participo de eventos como conferencista e palestrante, como convidado.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro relatou que,

Minha participação nos eventos à geografia – como simples “assistente” – ocorreu desde o meu tempo de estudante do Curso de Geografia e História na Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, hoje UFRJ. O que se insere no período que eu designo como de formação (1947-1956).

Em decorrência da tutela que recebemos da escola francesa de Geografia, a Geografia Física era tida como algo fundamental à formação do geógrafo. Malgrado os compêndios que, naquela época já tratavam de setores da Geografia Física (G.F.) imperava ainda o Tratado de Geografia Física de Emmanuel de Martonne (3 volumes). Embora a escola francesa houvesse apresentado declarados geógrafos interessados no Humano (Paul Vidal de La Blache, à frente), o primeiro tratado de Geografia Humana – prudentemente apresentado como fundamentos (técnicos, biológicos) por Maximilian Sorre, só iria aparecer no final dos anos quarenta, duas décadas após aquele da Geografia Física.

Na vigência dos currículos do Curso de Geografia e História (que só iriam separar-se em 1957) faltava um suporte à Geografia Física (geologia, meteorologia, biogeografia), mas não se negava a importância do conhecimento da natureza.

Os eventos de geografia naquela época eram realizados pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em suas Assembléias anuais. É preciso assinalar que a própria composição dos membros da Associação que acolhia os jovens já enumerados pela Faculdade de Filosofia, era composta por cientistas provenientes de vários outros campos, o que denotava o seu caráter de “abertura”. A ela se juntaram historiadores (Caio Prado Junior), geólogos (Otávio Barbosa, Fernando Flores Marques de Almeida, Osório de Freitas, dentre outros), químicos (João José Bigarela). Geógrafos que se tornariam notáveis vieram do Direito, como os pernambucanos Gilberto Osório de Andrade – um notável geomorfólogo, Manuel Correia de Andrade que antes de sua projeção em Geografia Humana, deu colaboração em geomorfologia; o baiano Milton Santos, nosso geógrafo de maior projeção internacional.

No campo da Geografia Física, naquele período destacava-se a Geomorfologia, conduzida brilhantemente por Aziz Nacib Ab’Saber, que se destacava nas reuniões da AGB antes mesmo de sua licenciatura. Climatologia tinha pouco destaque na geografia, sendo conduzida mais por engenheiros (os franceses meteorologistas) e agrônomos. A Biogeografia era incipiente.

A data de 1956 (marco no meu período de formação) já me encontrava licenciado, complementado por dois anos de estudos na França (Sorbonne, Paris) e já principiando meu trabalho como professor de Geografia Física em Santa Catarina. Foi o ano da realização do Congresso Internacional de Geografia da UGI, no Rio de Janeiro. Pela primeira vez no hemisfério sul. A comunidade geográfica brasileira já se revelou capaz não só de organizar o evento, mas de exibir a sua produção.

Dirce Maria Antunes Suertegaray afirmou que,

Minha primeira participação em eventos da AGB em nível nacional ocorreu em 1982. Em 1978 não estive em Fortaleza por motivos particulares. Em 1982 foi um dos eventos que praticamente não foi discutido Geografia Física. A cara dos eventos, em particular nos anos 80, era mais proveniente das humanidades, isto pode ser avaliado em relação aos temas discutidos.

Os congressos e reuniões são fundamentais e fazem parte da discussão acadêmica, através deles podemos ter conhecimento da pesquisa em desenvolvimento, da discussão teórica e das implicações sociais do trabalho feito. É fundamental a socialização do conhecimento e este espaço é uma das formas de realizar a divulgação e, portanto, socializar.

Dora de Amarante Romariz relatou que,

Naquela época não havia uma divisão específica da Geografia, sendo que todos trabalhavam em todas as áreas, conforme era solicitado.

A importância dos congressos e reuniões científica é a possibilidade de trocar idéias, verificar o que está sendo produzido pelos demais colegas, encontrar, conhecer pessoas que queiram estabelecer contatos para entrevistas ou orientações. É um local para aprendizado.

Hideo Sudo informou que,

Falar em Geografia Física sempre foi e será uma tarefa difícil. Primeiro é preciso entender o que é Geografia. Para Hettner (1925) Geografia é a ciência da diferenciação das áreas e ainda o estudo da diferenciação regional da superfície terrestre. Já Hartshorne (1939) conclui que é supérfluo afirmar que a Geografia estuda diferenças porquanto todas as ciências procuram estudar diferenças. Chorley e Kennedy (1971) vão mais longe ao dizer que o objeto da Geografia é o conhecimento da Terra. Entretanto, essa conceituação é discutível porquanto não explica no que consiste este conhecimento da Terra. O entendimento do que é a Geografia se complica mais ainda quando vemos a definição dada por Demangeon (1942) para quem a Geografia é o estudo dos grupos humanos nas suas relações com o meio geográfico. Mas o que vem a ser o meio geográfico? Ainda não há um consenso sobre esse assunto.

Há muitas outras definições, mas o que mais influenciou a Geografia Física, principalmente nas décadas de 50 a 70, sobretudo na França e Brasil, foi a obra, em três volumes, de Emmanuel De Martonne (1959 – última edição) denominada Tratado de Geografia Física Geral (Traité de Géographie Physique Générale), segundo a qual a “Geografia estuda a distribuição à superfície do globo terrestre dos

fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas dessa distribuição e as relações locais desses fenômenos.

A exemplo do que aconteceu na França, sua influência foi muito grande também no Brasil, como disciplina nos cursos de Geografia das antigas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, como foi o caso de Presidente Prudente, onde me graduei. Esta obra servia de base bibliográfica para introdução à Geografia Física ensinada no curso de graduação em Geografia.

Modernamente, muitos outros autores têm apresentado suas contribuições desenvolvendo e divulgando conceitos e definições sobre uma Geografia Física mais próxima das questões ambientais e da sociedade, destacando-se Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e K. J. Gregory. Não se pode deixar de mencionar também as contribuições de Aziz Nacib Ab'Saber sobre as condições de tropicalidade da geomorfologia do Brasil.

Os Congressos e Reuniões Científicas têm importância por constituírem em fóruns de discussões e divulgação de tais contribuições.

Jorge Soares Marques relatou que,

Comecei a participar dos eventos em 1974. Tenho participação ampla na Geografia, fiz estágio no IBGE, na Geografia Agrária com ênfase em meio ambiente. Tive influência de alguns geógrafos, como Jorge Xavier da Silva. Trabalhei em várias áreas da Geografia, me dedicando mais à Geomorfologia, com interesse especial pela quantificação (sensoriamento remoto, SIG).

Participei de eventos da AGB, da Geomorfologia, da Geografia Física.

Participei mais ativamente dos eventos até o início da década de 90. Após, tive participações administrativas e de pós-graduação, diminuindo a participação nos eventos.

A produção e a participação em eventos dependem do contexto em que a pessoa se encontra.

Aposentei na UFRJ em 1998 e iniciei em 2000 na UERJ.

José Bueno Conti, sobre o assunto, relatou que,

Os eventos eram apenas os programados pela AGB. A minha primeira participação foi na Assembléia Geral da AGB em 1957. Este evento fazia os estudos do local onde estava sendo realizado o evento. Os eventos eram mais ativos, pois se fazia os estudos diretos no local aonde acontecia o evento. O relatório definitivo era publicado posteriormente.

A AGB se reunia em locais remotos e sem estudos para dar sua contribuição aos estudos do local. Era chamada de pesquisa direta no campo.

Os eventos eram anuais.

Essa prática deixou de ocorrer a partir da década de 70, considerando a reforma do estatuto da AGB e o aumento do número de participantes. O Encontro de Fortaleza foi aonde aconteceu a

ruptura da Geografia, dividindo-se em Geografia Humana e Geografia Física, em decorrência da chamada Geografia Crítica, deixando de lado todos os estudos referente à Geografia Física. Considero que foi um retrocesso e desserviço para a Geografia. Foi a chamada Década Perdida.

A importância é para estabelecer contatos e trocas de informações entre os diferentes pesquisadores. Porém não são fundamentais para o crescimento da ciência. O crescimento avança na pesquisa realizada no dia-a-dia. Com a globalização os eventos acabam perdendo a importância.

Jurandyr Luciano Sanches Ross relatou que,

Comecei a participar de eventos na década de 70 e havia preocupação com a Geografia voltada para a pesquisa acadêmica, com viés de uma fragmentação científica grande, destacando geomorfologia, climatologia e pedologia em menor escala.

Eram fortes nas décadas de 70 e 80 os eventos da Geografia ligados ao urbano, à agrária, à geopolítica. A Geografia Física era muito pouco discutida.

A Geografia Física Aplicada, iniciada em Rio Claro em 1984, por iniciativa de Antonio Christofolletti foi uma resposta ou reação a uma Geografia que estava em foco (crítica), foi uma reação contra a Geografia Crítica.

Até a década de 70 era uma geografia fragmentada, de pedaços.

No início da década de 70 predominou a Geografia Quantitativa (modelos matemáticos).

No final da década de 70 teve início a Geografia Crítica, marxista. Visão dialética, marxista e a parte da natureza não eram vistas como parte da Geografia.

A partir de década de 80 a Geografia Física começou a se redescobrir, pelo viés da Geografia Física Aplicada, aplicada aos estudos ambientais, devido ao movimento ambientalista mundial. Nesse período a Geografia Física se revitalizou. A Geografia Física está forte devido a essa onda ambientalista.

A regulamentação da profissão de geógrafo, por iniciativa da UFMG, no final da década de 60 e aprovada (lei) em 1979, através do Deputado Federal Itamar Franco.

O General Golbery foi um elemento importante para aprovação da lei, devido ao viés geográfico em sua formação.

A profissionalização foi um reforço para a Geografia.

O IBGE e o Projeto Radambrasil (trabalhei neste projeto) foram instituições que agregavam os geógrafos.

Com isso, nas décadas de 80 e 90 foi necessário criar massa crítica para aplicar aos movimentos ambientais urbanos e rurais, dentre outros.

A importância dos eventos seria de que, ao publicarem os trabalhos, vão gerando marcar e no decorrer do tempo vão mostrar como estão indo as pesquisas e a produção. Também são locais para trocas de idéias, realimentando os processos de informação, aumentando a produção de trabalhos. Auxilia no direcionamento de alunos no final da formação.

Os Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada tiveram início na década de 80 com pouco mais de 50 pessoas participando e atualmente congregam entre 500 e 1000 pessoas.

Marcos José Nogueira de Souza relatou que,

À época de nossa participação nesses eventos já se constatava uma nítida segmentação entre a Geografia Física e a Geografia Humana, com evidente primazia desta última. Também nítida era a fragmentação da Geografia Física. Havia então, como há no presente, uma preponderância mais significativa pelos geógrafos dedicados à Geomorfologia.

Contudo, a concepção de uma Geografia Física global começava a ser revitalizada, principalmente com a difusão da abordagem conceitual dos geossistemas e a valorização dos estudos ambientais. Propugnava-se então pela aplicação da teoria dos sistemas ao conhecimento geográfico, especialmente da Geografia Física. Com isso, as possibilidades de aplicações práticas dos estudos se viabilizavam, tanto no que tange aos estudos de áreas rurais como urbanas. Além disso, a participação do geógrafo físico em equipes multidisciplinares se tornava cada vez mais conspícua em nível de universidade ou de instituições governamentais.

Já Nilza Aparecida Freres Stipp informou que,

A preocupação da Geografia Física na época em que iniciei meus estudos de graduação se prendia ao tratamento dos aspectos naturais (físicos) das paisagens. Nessa época havia uma acentuada separação entre os aspectos físico-naturais e os aspectos humano-sociais das paisagens.

Os congressos e reuniões científicas são de grande importância principalmente para os pesquisadores da Geografia, devido ao grande intercâmbio de idéias que proporcionam.

Nos depoimentos acima relatados nota-se críticas aos eventos ligados à Geografia Física, principalmente na década de 70, pois a Associação dos Geógrafos Brasileiros foi responsável pelos eventos científicos (reuniões anuais, congressos e encontros) e a partir da década de 80, com a chamada “ruptura” da Geografia que distanciou ou geógrafos que trabalhavam com a parte física, fazendo com que estes profissionais buscassem outros eventos ou então criassem eventos específicos deste ramo do conhecimento.

Porém, todos relatam a importância da participação em eventos científicos por serem locais de trocas de idéias, informações e contatos entre os pesquisadores e fundamentalmente de debate teórico e metodologia da pesquisa

em geografia física. O papel da geografia como conhecimento para sociedade também aparece como preocupação a partir da década de 70.. Destacamos também a importância da obra de De Martonne na formação dos geógrafos físicos. Neste sentido afirmamos a importância do estudo de obras clássicas da geografia física, uma tradição que se perdeu nas gerações mais recentes.

Com relação à “Geografia Física vivida na época de formação e atuação” dos geógrafos entrevistados, os relatos foram os seguintes.

Antonio José Teixeira Guerra relata que a produção acadêmica no período era composta por “Artigos publicados nos Boletins de Geografia, publicações do IBGE, pesquisas sobre Geomorfologia, poucos livros escritos sobre o tema/área. “Organizei livro sobre Geomorfologia convidando vários pesquisadores da área. Após escrevi vários outros livros relacionados à área”. Os principais autores foram: Antonio Christofolletti, Margarida Penteado, Antonio Teixeira Guerra, Bigarella, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Antonio José Pereira de Queiroz Neto, dentre outros.

Os temas de pesquisa sob a orientação deste pesquisador foram: Erosão e conservação de solos, Gestão ambiental, Diagnóstico de áreas degradadas, Pesquisa básica, Classificação. Segundo ele “A maior contribuição da Geomorfologia, na Geografia Física, é a recuperação de áreas degradadas” .

A Geografia Física na minha instituição (UFRJ) tem produção científica de respeito nacional e internacional. Vários pesquisadores/docentes da UFRJ fizeram doutorado e pós-doutorado no exterior. Muitos são pesquisadores do CNPq. Também são muito atuantes, participando de eventos científicos tanto no Brasil como no exterior. Poderia afirmar que a Geomorfologia, a Climatologia, o Geoprocessamento, o Sensoriamento Remoto, dentre outros, são significativos nas pesquisas da área de Geografia Física, na UFRJ.

Aziz Nacib Ab'Saber relata que, em relação à produção acadêmica “eram realizados trabalhos de campo e excursões pelo interior do Brasil que resultavam em publicações (livros e artigos para revistas), sobre Geomorfologia, Geografia Humana, dentre outros, não sendo exclusivamente na Geografia Física”. Segundo Ab'Saber os principais autores foram: Emannuel de Martonne, Francis

Ruellan, Pierre de Fontaines, Max Sorre, Jean Tricart, dentre outros estrangeiros. Os autores brasileiros foram: Ary Franca, Aroldo de Azevedo, Nilo Peçanha, Lysia Carvalcanti Bernardes, dentre outros.

Com as reuniões anuais da AGB e seus trabalhos de campo / excursões havia uma contribuição muito importante para a sociedade porque eram realizados estudos e pesquisas sobre a área/região aonde os eventos/reuniões eram realizados.

Sobre a sua época Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro relata que,

Se a produção acadêmica dirige-se a GF não seria viável dar-lhe o meu levantamento pessoal. Mesmo em se tratando da minha graduação não caberia aqui nesta entrevista fazer o levantamento completo de uma produção que não é pequena. Na minha obra “O estudo geográfico do clima”, (in: Cadernos Geográficos no. 1, maio de 1999, editado pelo Departamento de Geociências da UFSC, Florianópolis), encontra-se uma tentativa de levantamento da minha obra produzida entre 1951-1998. Já constatei várias lacunas o que, junto a produção pós-1998, está sendo uma das tarefas em que estou presentemente empenhado.

Sobre os principais autores,

[...] Poderia assinalar as grandes figuras de geógrafos que me influenciaram. Acima de tudo há o fascínio que Alexandre von Humboldt (1769-1859) – naturalista e humanista – exerceu sobre mim.

Francis Ruellan, meu mestre na UB no Rio de Janeiro, que me fez deslocar da História para a Geografia. Helgard Sternberg, professor de Geografia, brilhante em suas aulas e em seus trabalhos. Emmanuel de Martonne, com o seu tratado de Geografia Física. André Cholley, meu professor no Instituto de Geografia, Sorbonne, França, ano de 1951-1952. Jean Tricart, cuja obra me foi muito valiosa. Max Sorre cuja crítica à climatologia vigente levou-me ao paradigma ritmo climático para o estudo geográfico do clima. Aziz Nacib Ab'Saber, orientador do meu doutorado, pelo seu estatuto de geografia completo (não apenas geomorfologia).

Sobre os temas de pesquisa sob sua orientação, relata que,

[...] encaixa-se na minha fase de produção. Consegui estimar – num vasto número de orientandos na USP, 13 mestrados e 8 doutorados. Grande parte deles em temas de climatologia sempre relacionados a problemas humanos. O rótulo de GF nunca me impediu de procurar geografia. Na minha obra Clima e Excepcionalismo, encontra-se a relação desses trabalhos.

[...] Os feitos físicos abordados sempre estavam ligados a aspectos humanos, sociais, agrícolas, urbanos, industriais, etc. etc. Impactos pluviiais concentrados à cidade de São Paulo foi um dos meus temas de pesquisa. Clima e Organização do Espaço no Estado de São Paulo, uma de minhas obras editada pelo IGEOG/USP. Assinava os projetos de pesquisa junto à Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (1975-1985), foram exemplos de estudos de dimensão social.

[...] Ente 1968 e 1984 trabalhei na cadeira de Geografia Física na FFLCH/USP sob a direção de Ab`Saber. Cheguei a titular em 1985.

Dirce Maria Antunes Suertegaray relata que,

[...] Durante minha graduação a produção acadêmica era muito pequena, os projetos e os produtos praticamente não existiam (isto varia de instituição para instituição estou falando da Universidade onde estudei - UFSM). De maneira geral fiz um curso onde não apreendi pesquisar. Agora, nessa época, iniciavam-se formalmente, os cursos de Pós-graduação e estes, sem dúvida, promoveram a qualificação e a pesquisa de forma mais ampliada.

Os principais autores foram: os clássicos como Paul Vidal de La Blache, Emmanuel De Martonne, Pierre George, Jean Tricart, Aziz Nacib Ab`Saber, Bigarella, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Manuel Correia de Andrade, dentre tantos outros.

Atualmente oriento na temática da arenização e principalmente na área ambiental no que se relaciona aos problemas urbanos. Também oriento na perspectiva da Epistemologia da Geografia.

Eu tenho mais recentemente evitado de falar em Geografia Física, falo de natureza. Penso que os geógrafos trabalham com essas duas dimensões natureza e sociedade. Os estudos da natureza são fundamentais para a sociedade. Toda a nossa construção social está associada a uma filosofia de dominação e exploração da natureza, daí a necessidade de conhecê-la cada vez mais pela ciência. No caso da Geografia temos uma dupla possibilidade estudar a natureza ou a natureza na sua relação com a sociedade. Eu sempre preferi a segunda. Trabalhar a explicação da natureza na sua interface com a sociedade. Revelar as formas de apropriação, subordinação e reprodução da natureza são temas que me interessam atualmente. Hoje os estudos que derivam dessa abordagem a exemplo dos estudos ambientais são fundamentais para a construção social.

Na minha instituição, tomando como exemplo o currículo do curso, temos um equilíbrio na distribuição de disciplinas da Geografia Física e da Humana. Agora em relação às pesquisas e a orientação de trabalhos de conclusão de curso a tendência majoritária é para estudos na interface com ênfase no ambiente.

Dora de Amarante Romariz relata que,

Eu trabalhava no IBGE como geógrafa, participando de todas as atividades que me eram solicitadas. Comecei a pesquisar na área somente após a aposentadoria no IBGE, trabalhando temas da Fitogeografia.

Naquele período eram produzidos muitos trabalhos voltados para a Geomorfologia.

Um dos principais autores foi Alfredo José Porto Domingues, da área de Geomorfologia.

Orientei pesquisadores informalmente, sem vínculo com Universidades ou outras instituições para que não ficasse presa em uma determinada instituição.

Como disse anteriormente não havia uma divisão específica no IBGE, onde trabalhava como geógrafa.

Hideo Sudo relata que,

A presença do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no Rio de Janeiro, foi de fundamental importância para a consolidação da Geografia brasileira ao promover a vinda de geógrafos estrangeiros de renome internacional com suas participações em publicações sobre Geografia Física através do Boletim Geográfico e Revista Brasileira de Geografia. São sempre citados Francis Ruellan, Jean Tricart entre outros.

Em nível de São Paulo, o Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo tem sido uma referência de onde vinha o nosso conhecimento em Geografia e particularmente em Geografia Física. Destacavam-se, de modo significativo, os trabalhos relacionados à Geomorfologia elaborados por Aziz Nacib Ab'Saber, à Climatologia por Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e à Pedologia por José Pereira de Queiroz Neto, sendo a AGB o principal canal natural para a divulgação dos eventos geográficos inclusive os de Geografia Física.

Como os docentes do nosso curso eram originários, em sua maioria, da Universidade de São Paulo, a influência uspiana foi muito grande. Não tendo condições de se impor como disciplina autônoma por falta de critérios metodológicos próprios, tanto no campo do ensino quando no da pesquisa, a Geografia Física era ministrada subdividida em disciplinas específicas encarregadas de abordar questões relativas à Climatologia, à Geomorfologia, à Biogeografia e, até, à Geologia e à Pedologia cada qual com seu campo de atuação específico e metodologia própria. Isso representava, sem dúvida, a grande herança de De Martonne. Mas quem estudasse Geomorfologia, por exemplo, ficava sem saber que conexão poderia haver com a Climatologia, Hidrologia, Biogeografia. Logo a Geografia Física não passava, infelizmente, de um grande rótulo sob o qual dizia-se estudo o meio físico. O advento da Geografia Teórica, em 1971, provocou em nosso meio, uma discussão adicional quanto aos aspectos metodológicos da Geografia Física, porém com o passar do tempo verificou-se que a teórica dizia respeito muito mais a uma nova técnica baseada na quantificação que nos aspectos filosóficos.

Os principais autores, na área de Geografia Física e afins com contribuições para o desenvolvimento da Geografia no Brasil: Aziz Nacib Ab'Saber, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Margarida Maria Penteadó-Orellana, Antonio Christofolletti, Fernando F. Marques de Almeida, Antonio Teixeira Guerra, Kenitiro Suguio, Adilson Avansi de Abreu, Jean Tricart, João José Bigarella, Olga Cruz, José Bueno Conti, André Cailleux, Lylian Coltrinari, José Setzer, Adalberto Serra, entre tantos outros.

Sempre foi nossa preocupação trabalhar a Geografia Física sob o enfoque da interdisciplinaridade, valorizando temas que relacionassem aspectos geomorfológicos, climáticos e hidrológico-hidrográficos e biogeográficos com os problemas ambientais de fundo sócio-econômico. Neste sentido enfocamos, por exemplo, a erosão do solo e assoreamento como processos degradacionais do ambiente provocado por uma certa situação sócio-econômica do homem num dado momento da sua trajetória histórico-cultural.

Na minha opinião, esta é uma questão candente ('Geografia Física e contribuições para a sociedade'), que continua em pauta por parte de alguns poucos geógrafos que continuam preocupados com a sua finalidade prática, objetiva. Conceito como o de Geografia Física Global é válido enquanto conhecimento teórico porém necessita ser reformulado como instrumento de ação pensando em sua aplicabilidade. E a Geografia Física Aplicada não concretiza esse conceito? Nos simpósios em que participamos, ouvimos discussões a respeito, porém não vimos nenhum trabalho com enfoque de uma geografia física global aplicada. Creio que a explicação esteja no fato de que cada profissional procura sempre privilegiar a sua disciplina específica, a sua área de atuação especializada como, por exemplo, a geomorfologia, a climatologia, hidrologia-hidrografia, deixando de realizar a necessária integração das mesmas para apontar soluções ambientais de interesse da sociedade. Neste sentido ela perde para a Geologia que há muito tempo se instrumentou para isso.

Jorge Soares Marques relata que,

A produção acadêmica era voltada para a Geomorfologia, a Geomorfologia Climática e a questão ambiental em menor número.

Os principais autores foram: Bigarella (UFPR), Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (USP), Aziz Nacib Ab'Saber (USP), Jorge Xavier (UFRJ), Regina Mousinho (Rio), Valdemar Mendes (Rio).

Muitos professores e pesquisadores iam ao Rio de Janeiro ministrar cursos e palestras.

Os temas de pesquisa sob minha orientação foram: Geomorfologia Costeira (no início), fluvial, bacias hidrográficas (depois da década de 80), questão ambiental.

Com relação à contribuições da Geografia Física para a sociedade, a principal contribuição é não dissociar o homem da natureza. O homem está tentando reconstruir a natureza. A Geografia Física trabalha a natureza e o homem, pois não é possível ver o meio ambiente sem a influência do homem.

Na UFRJ houve concentração da Geomorfologia, devido à formação dos docentes e pesquisadores que após a reforma universitária

foram obrigados a se qualificarem. Cada docente e pesquisador se especializou em uma subárea da Geomorfologia (costeira, geoprocessamento, geologia, geoecologia). Foram criados muitos laboratórios na UFRJ. A visão ambiental da década de 80 impulsionou os estudos.

Na UERJ, devido à relação de pesquisa restrita, falta de pessoal qualificado, há um leque variado da Geografia Física, porém com pouca produção em pesquisa. Há um comprometimento maior com a extensão e o tempo recente na pesquisa.

José Bueno Conti relata que principais autores foram: João Dias da Silveira, Aziz Nacib Ab'Saber, Gilberto Osório de Andrade, dentre outros. Com relação aos temas de pesquisa sob sua orientação, havia temas variados, “principalmente relacionados à natureza. A primeira orientação ocorreu em 1974, sobre cana-de-açúcar. Os trabalhos eram integrados, com ênfase na climatologia e forte viés para os aspectos humanos”.

É necessário conhecer a natureza para resolver os problemas da sociedade. Mostra como são os processos da natureza.

Na USP a Geografia Física auxiliou nos conhecimentos da Geografia dos Trópicos.

Os conhecimentos de geógrafos estrangeiros eram diferentes para o Brasil. Não sabiam interpretar a nossa Geografia por ser diferente da Geografia dos seus países.

Jurandy Luciano Sanches Ross relata que,

Interesse pela Geografia Física aconteceu nos últimos dois anos da graduação. Trabalhei no Mestrado com a poluição das águas subterrâneas, que hoje é chamada de questão ambiental. Foi um dos trabalhos pioneiros na área. Trabalho sobre “ilha de calor” marcou mais na época.

Os principais autores foram aqueles de suporte, como: Aziz Nacib Ab'Saber, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Orlando Valverde, Bigarella, Helmut Tropmair, Antonio Christofolletti, dentre outros, que eram os mais ecléticos, ligados às Universidades.

Com relação aos temas sob sua orientação havia aqueles temas relacionados à Geomorfologia.

A década de 70 foi marcada pela utilização de imagens de satélite e de radar, enquanto que na década de 90 surge o geoprocessamento e, a partir daí, novas geotecnologias.

Geógrafos internacionais importantes para a Geografia Física foram aqueles que trabalhavam com Ecossistema, como Bertrand, Tricart, Sotchava, dentre outros.

Marcos José Nogueira de Souza relata que,

Apesar de um número muito restrito de pesquisadores e da deficiência tecnológica a produção acadêmica era relativamente rica, especialmente através de geógrafos do IBGE e de universidades do Sudeste. O RADAMBRASIL, na década de 70 foi um marco de indiscutível importância.

Os principais autores foram: Aziz Nacib Ab'Saber, Jean Tricart, Derruau, Thornbury, Alfredo Porto Domingues, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Getúlio Vargas Barbosa, dentre outros.

Os temas sob sua orientação foram: análise geoambiental em regiões semi-áridas; geomorfologia de regiões semi-áridas e litorâneas; e zoneamento ambiental.

Como “contribuições da Geografia Física para a sociedade”, cita o “aprofundamento de questões ligadas ao meio ambiente e conservação dos recursos naturais; análise das relações sociedade x natureza”.

Com relação à Geografia Física na instituição de atuação, cita que,

[...] Presentemente, o Grupo de Geografia Física da UECE tem desenvolvido suas atividades de acordo com a seguinte temática: Elaboração de diagnósticos geoambientais; levantamento e avaliação de recursos naturais; execução de mapeamentos temáticos pertinentes a partir do uso de produtos de sensoriamento remoto e das técnicas de geoprocessamento; no zoneamento territorial e no planejamento de uso de áreas rurais e urbanas, dentre outros.

Nilza Aparecida Freres Stipp relata que,

A partir dessa década (década de 70) observou-se uma certa modificação (mudança) epistemológica na Geografia Física, que se voltou para as questões da natureza. A questão metodológica dentro da Geografia Física fica estática, não evoluindo em determinado tempo.

A produção acadêmica no Brasil na minha época (década de 70) se prendia aos pesquisadores da USP, franceses (convidados pela própria USP para atuarem no Departamento de Geografia), com pouquíssima produção nas faculdades do interior de São Paulo e de

outros estados brasileiros, a não ser nos locais onde já havia Pós-graduação, onde proliferavam as dissertações de Mestrado e em uma ou outra o Doutorado.

Os principais autores estudados na época foram: Aroldo de Azevedo, Antonio Rocha Penteadado, Paul Vidal de La Blache, Emmanuel De Martonne, Pierre George, Max Derruau, Aziz Nacib Ab'Saber, João Dias da Silveira, Antonio Christofolletti, Renhard Maack (no Paraná), dentre outros.

Os principais temas sob sua orientação foram: Paisagens – Esculturação Morfológica – Relevo de Cuestas, dentre outros.

Naquela época (década de 70) a Geografia Física, ou Geografia de um modo geral, participava de trabalhos relacionados ao planejamento urbano e regional voltado para o controle social.

Na minha instituição (ITE – Instituição Toledo de Ensino) por ser uma instituição particular não havia dedicação à pesquisa e nossos professores não se preocupavam muito com isso, pois trabalhavam em mais de duas cidades ao mesmo tempo.

Sobre os geógrafos/pesquisadores que participavam destes eventos, os entrevistados citaram os seguintes:

- brasileiros: Adilson Avansi de Abreu, Alberto Ribeiro Lamego, Alfredo Porto Domingues, Antonio Christofolletti, Archimedes Perez Filho, Aroldo de Azevedo, Ary Franca, Aziz Nacib Ab'Saber, Bigarella, Caio Prado Junior, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Dora de Amarante Romariz, Getúlio Vargas Barbosa, Gilberto Osório de Andrade, Helmut Tropmair, João Dias da Silveira, Jorge Xavier da Silva, José Bueno Conti, José Pereira de Queiroz Neto, Jurandyr Luciano Sanches Ross, Lysia Carvalcanti Bernardes, Marcos Alegre, Margarida Maria Penteadado-Orellana, Maria Conceição Vicente de Carvalho, Nilo Peçanha, Orlando Valverde, Sandra Baptista da Cunha, dentre tantos outros.

- estrangeiros: Derruau, Emmanuel de Martonne, Francis Ruellan, Jean Tricart, Lylia Zulma Doris Coltrinari, Max Sorre, Pierre de Fontaines, Pierre Monbeig, Thornbury, dentre tantos outros.

Nos eventos participavam os sócios da AGB. Os eventos eram realizados em cidades distantes onde não havia muitos estudos, sendo muito importantes as

excursões/trabalhos de campo, que eram divididos em equipes. Considerando que o número de participantes eram poucos ficava mais fácil formar grupos e trabalhar.

Hideo Sudo relata que,

[...] É bom assinalar que, embora tenhamos hoje a profissão de geógrafo regulamentada, os geógrafos são, antes de tudo, docentes e poucos deles pesquisadores na acepção da palavra, embora o regulamento das universidades públicas que os contratam diz claramente que cabe ao professor exercer a função de docência, pesquisa e prestação de serviços à comunidade. Algumas das razões que dificultam o exercício dessas três funções são: faltam recursos financeiros para equipar laboratórios com tecnologia atualizada enquanto sobram número de aulas que cabem a cada docente. Com tudo isso, é extremamente difícil dizer quais eram os geógrafos/pesquisadores que participavam ou participam dos eventos relacionados a Geografia Física mesmo sabendo que Simpósios, Congressos, Reuniões Científicas tem sido realizados em nível nacional e internacional com intervalos regulares a cada dois anos, com algumas exceções, e com participações de profissionais das mais diversas áreas de conhecimento geográfico e não só de Geografia Física. Contudo, alguns nomes devem ser destacados pois eram presenças quase obrigatórias.

Sobre quais os tipos de eventos ocorriam naquele período destacaram-se os eventos promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros até a década de 70 do século XX. A partir da década de 80 do século XX surgem eventos dedicados à Geografia Física, como os Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada, os Encontros Nacionais de Estudos Sobre o Meio Ambiente, os Simpósios Brasileiros de Climatologia Geográfica, os Simpósios Nacionais de Geomorfologia, dentre tantos outros. Porém estes eventos tinham e têm projeção nacional, reuniam e reúnem número expressivo de pesquisadores e geógrafos.

Antonio José Teixeira Guerra relata que,

Os eventos mais importantes foram e são os Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada, no início da década de 80 e o Simpósio Nacional de Geomorfologia, iniciado em 1996. São importantes por congregarem pesquisadores/geógrafos nacionais e internacionais. Nestes eventos surge idéia de projetos em conjunto ou em parceria.

Aziz Nacib Ab'Saber relata que,

Principalmente as reuniões anuais da AGB, com as excursões e trabalhos de campo, foram os mais importantes.

Porque aliava as reuniões com os trabalhos de campo, havendo assim os estudos dos locais aonde as reuniões aconteciam. Convém destacar que as reuniões eram realizadas nas mais diferentes regiões/partes do Brasil.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro relata que,

Os fóruns de discussão geográfica até os anos setenta eram realizados pelo IBGE, pelo Instituto Pan-Americano de Geografia e História (cuja sede da Geografia ficava no Rio de Janeiro) e eram realizadas com ajuda do IBGE. Mas os mais memoráveis eram aqueles – Assembléias Gerais – da AGB, realizadas anualmente. Em 1972 os Encontros passaram a ser bi-aneais e os Congressos Brasileiros a intervalos de 5 anos. É difícil fazer o levantamento dos participantes. Só os arquivos da AGB podem dar esta resposta.

Dirce Maria Antunes Suertegaray relata que,

Na minha época (de estudante) existia apenas os Encontros Congressos Nacionais da AGB. Eventos temáticos e regionais só começam a ocorrer nos anos 80. Foi a partir daí que surgem os Encontros de Geografia Física, Agrária e, posteriormente, de Geografia Urbana, Geomorfologia e Climatologia.

Dora de Amarante Romariz relata que,

Na minha época ocorriam as reuniões anuais da AGB e os primeiros Congressos Brasileiros de Geógrafos. Até a década de 60 participei destes eventos. A partir da década de 70 comecei a participar de eventos no exterior, como os promovidos pela UGI (União Geográfica Internacional).

Fui sócia cooperada da AGB/Rio entre setembro de 1945 a abril de 1951.

Hideo Sudo relata que,

Eram muitos eventos, principalmente as reuniões científicas promovidas pela AGB (congressos e encontros), sendo que a partir da década de 80 foram surgindo eventos ligados à Geografia Física, podendo serem destacados: os Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, os Simpósio Brasileiros de Climatologia Geográfica e os Simpósio Nacional de Geomorfologia.

Jorge Soares Marques relata que,

Havia os eventos locais, os eventos regionais e os eventos nacionais.

Poderia citar os eventos promovidos pelo IBGE, pela Sociedade Brasileira de Geologia, eventos da Ecologia e do Gerenciamento Costeiro.

Houve também os eventos promovidos pelas Universidades. No caso do Rio de Janeiro os eventos da UFRJ e da UERJ.

Houve também os eventos promovidos pela AGB, como os congressos e os encontros.

Destaque pela importância, no Rio de Janeiro, poderia citar o evento que mais se aproximou da Geografia Física, que foi um Congresso Brasileiro de Defesa do Meio Ambiente, promovido pela UFRJ e Clube de Engenharia do Rio de Janeiro.

Os eventos do IBGE eram mais frequentes até a década de 70.

Eventos de nível nacional poderia ser citado os Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada.

José Bueno Conti relata que,

As Assembléias Gerais promovidas pela AGB eram as mais importantes.

Deixei de participar dos eventos promovidos pela AGB a partir de 1978, devido à ruptura ocorrida pela Geografia Crítica.

Jurandyr Luciano Sanches Ross relata que,

Particpei de poucos eventos da AGB por serem voltados para a Geografia Urbana, Agrária, deixando de lado a parte física, ambiental. São eventos políticos ou politizados. Só participo de eventos da AGB quando sou convidado.

Os Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada são os mais importantes eventos.

Marcos José Nogueira de Souza relata que,

Os encontros científicos de Geografia Física iniciados no início da década de 80 por iniciativa do Prof. Antonio Christofolletti e os grupos de Rio Claro e da USP. Além disso, os Encontros e Congressos patrocinados pela AGB e SBPC.

Nilza Aparecida Freres Stipp relata que,

Os tipos de eventos: AGB – Nacional e UPEGE (União Paulista dos Estudantes de Geografia). A AGB era sempre a reunião mais polêmica, pois nela as discussões eram muito acaloradas principalmente na época (dia) das eleições dos novos diretores.

Questionados sobre quais abordagens teóricas eram predominantes nos eventos, houve relatos conforme descritos a seguir.

Antonio José Teixeira Guerra relata que,

As abordagens teóricas não são muito discutidas. Há muita discussão sobre Monitoramento Ambiental. É tratada a inserção dos geógrafos nos problemas da sociedade e questões ambientais.

Aziz Nacib Ab'Saber relata que,

Eram realizados estudos regionais, porque era um tempo em que falta muita bibliografia sobre as diversas partes do Brasil. Como exemplo, poderia ser citada a reunião da AGB em Natal, onde foi feita excursão até a Serra de Santana, sendo que as pessoas se dividiam em grupos para estudar a maior parte da região. Em alguns locais (Campina Grande, Cuiabá, dentre outros) os estudos foram realizados no próprio local do evento. Eram feitos estudos prévios dos locais, o que facilitava os estudos a serem complementados. Os trabalhos/estudos eram publicados nos Anais da AGB e nos Boletins de Geografia, sendo publicados os mais diferentes assuntos.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro relata que,

A Geografia não se distinguiu como produtora de teorias. Nos seus diferentes ramos utilizava-se de teorias ciências afins. A única (parece) emanada de Geografia era aquela do Ciclo Geográfico de William Morris Davis, lançada em 1899, mais conhecida como "Ciclo de Erosão". A escola escandinava de meteorologia, no pós-guerra (1917) lançava a Teoria de Frente Polar, utilizada pelos nossos meteorologistas pioneiros (A. Serra e L. Ratesbona) desde os anos quarenta e que serviram de base para a minha proposta ao paradigma do ritmo climático, no início dos anos sessenta. Na Geografia Humana ocorre-me lembrar que, graças a Léo Weibel, foi introduzido – sem grande aceitação – a teoria do Estado Isolado de von Thussoni. Mas somente com a eclosão das revoluções teórico-quantitativa no final dos anos 60 e decorrer da década de 70, passou

a haver preocupação com Teorias na Geografia. O campo sócio-econômico subsidiou muito essa preocupação.

Dirce Maria Antunes Suertegaray relata que,

Não há como precisar. A Geografia sempre se caracterizou pela variabilidade de olhares. É claro que nos primeiros anos da década de 80 a leitura Marxista, nos eventos da AGB nacional, foi, talvez, predominante. Mas nunca dominantes. Nos encontros temáticos que participei se têm as mais variadas abordagens.

Dora de Amarante Romariz relata que “nestes eventos aconteciam apresentações de trabalhos, mesas redondas, palestras, dentre outras atividades”.

Hideo Sudo relata que,

As discussões mais recentes definem a Geografia como a ciência da construção do espaço, espaço este considerado como moradia do homem. Logo este espaço assume uma natureza social e é nestes termos que deve ser pensado para se entender a preocupação com o estudo da organização do espaço, do espaço social como paisagem.

Com o aprofundamento da discussão sobre a dualidade da Geografia em Geografia Física e Humana passamos a entender que não é finalidade da Geografia Física estudar os componentes da natureza (clima, relevo, vegetação, água, solo) por eles mesmos mas as conexões existentes entre eles segundo a noção de sistema, como diz Sotchava (1977). Assim, a Geografia Física deve focalizar os atributos espaciais dos sistemas naturais (estruturas e componentes) e as suas modificações oriundas das ações humanas (processos). Esta concepção de Geografia Física ainda não era satisfatória até a década de 60 porquanto ainda não estava claro o conceito de estruturas de sistemas naturais.

A partir do final da década de 60 passou a ser incorporado à Geografia Física o conceito de sistema oriundo da Teoria Geral de Sistema mas cujo desenvolvimento passou a ser melhor percebido nas décadas de 70 e 80. Tricart (1977) diz que o conceito de sistema é o melhor instrumento que dispomos, atualmente, para estudar os problemas do meio ambiente uma vez que este conceito é, por natureza, de caráter dinâmico. No Brasil, um dos maiores divulgadores da análise de sistema, principalmente em geomorfologia fluvial tem sido Antonio Christofolletti.

Numa divulgação científica natural da Teoria Geral de Sistema, foi introduzido entre nós, em 1977, o conceito de geossistema que vinha sendo proposto por Sotchava desde 1968, na antiga URSS. Este conceito tinha uma forte conotação biológica porquanto era necessário avaliar o aporte de energia no sistema. Por conseguinte, tal qual fora proposto por Sotchava, este geossistema era de difícil implementação em pesquisas de Geografia Física nas condições

brasileiras. Entretanto, apresentava-se como uma linha inovadora do ponto de vista conceitual, epistemológico e metodológico oferecendo à Geografia Física a possibilidade de vislumbrar o estudo da paisagem acoplado ao espaço social sob a ótica do possibilismo. Por conseguinte, com as devidas adaptações, este conceito passou a ser amplamente utilizado em nosso meio, dando especial atenção no tocante à influência dos fatores econômicos e sociais sobre os sistemas naturais numa reflexão sobre os modelos de paisagens modificadas pela ação humana. Não se trata de utilizar parâmetros sociais para solucionar problemas do meio ambiente, mas utilizar-se de índices desenvolvidos pelas disciplinas constituintes da Geografia Física combinados com os de Ecologia da paisagem para dar encaminhamento racional aos problemas econômicos.

A partir da década de 80, os trabalhos apresentados em eventos como Simpósios de Geografia Física Aplicada mostram esta tendência. Em tais eventos não se discute a Geografia Física como ciência, sua epistemologia, suas técnicas e métodos a não ser em casos muito raros. Ao contrário, os temas mais freqüentes, embora relacionando-se ainda à geomorfologia, climatologia, biogeografia, hidrologia e quantificação, passaram a ser enfocados sob o prisma de questões ambientais tendo geossistema como objeto de análise onde os componentes naturais e humanos comparecem como sujeitos geográficos que transformam e são transformados tendo o econômico como fator agregador ou desagregador.

Com o passar dos anos, mais precisamente, no transcorrer da última década passamos a verificar que as modificações que resultavam em degradação da natureza eram resultantes de uma atuação equivocada e não proposital do homem em sua luta para obter ganhos com os recursos da natureza. Verificamos, então, que era precisa reeducar o homem na sua relação com este mesma Natureza mostrando-lhe que a natureza da Natureza é de outra ordem e não como a do Homem que é essencialmente social. Concluimos, então, que a Geografia Física pode contribuir para promover esta reeducação pois ela possui todos os conhecimentos necessários acerca do Meio Ambiente e da Natureza como instrumento de modificação comportamental do Homem em sua relação com o próximo e com a Natureza. Sugerimos reeducar o Homem através da Educação Ambiental. Ressaltamos aqui que não se trata apenas de reforçar a questão do ensino da preservação/conservação de espécies animais e vegetais e do próprio Meio Ambiente por si mesmo. Ao contrário, concebemos a Educação Ambiental como uma nova maneira de educar o Homem em harmonia com a cosmovisão. As nossas últimas orientações de pesquisa em Geografia Física pautaram-se por esta preocupação, salientando a Educação Ambiental como instrumento de mudança inclusive econômica e política.

Jorge Soares Marques relata que,

Na metade da década de 70 eram predominantes as abordagens sistêmica (visão holística, como um todo) e quantitativa. Na década de 80 predominou a abordagem ambiental (impactos, poluição, etc.).

Final da década de 80 e início da década de 90 apareceram as abordagens interdisciplinares, aplicações gerais (planejamento, gerenciamento, aplicação) e recursos hídricos.

Atualmente há tendência com a informática (geoprocessamento, sistemas) e o aprofundamento da determinados conceitos, como sustentabilidade e gerenciamento.

Segundo José Bueno Conti “Teoria Geossistêmica e Fisiologia da Paisagem foram abordagens importantes e com predominância nos eventos, na área de Geografia Física”.

Jurandyr Luciano Sanches Ross relata que,

A Geografia Física com enfoque na questão ambiental tem sido para criar problemas, mas também encontrar soluções. Tem permitido que, se mudasse o enfoque da natureza (utilização dos recursos) para a fragilidade, limitação dos usos da natureza.

Ao trabalhar na Geografia Física Aplicada deve-se ver o potencial e a limitação da natureza.

Segundo Marcos José Nogueira de Souza as abordagens teóricas predominantes nos eventos estavam relacionadas “a análise integrada do ambiente com base na teoria geossistêmica. Havia ainda uma evidente primazia dos estudos setoriais ligados à Geografia Física, com ênfase para a Geomorfologia”.

Já Nilza Aparecida Freres Stipp afirma que “as abordagens teóricas nestes eventos se prendiam às questões Geomorfológicas, teoria dos “sistemas”, dentre outras”.

Após foram questionados por que muitos geógrafos físicos começaram participar e/ou participam de eventos ligados a outras áreas, tais como reuniões científicas de ecologia, geoprocessamento, planejamento, geologia, dentre outros, deixando de participar de eventos organizados para os geógrafos, como: Congresso Brasileiro de Geógrafos e Encontro Nacional de Geógrafos.

Antonio José Teixeira Guerra relata que,

Os pesquisadores da Geografia Física não participavam muito dos eventos da AGB. A partir dos eventos criados especificamente para os Geógrafos Físicos há uma maior participação.

Os eventos muito grandes, como os organizados pela AGB, se tornam dispersos. Assim, foi uma evolução para a Geografia Física a organização de eventos dedicados à essa área.

O aumento dos cursos de pós-graduação foi também motivo para participação dos Geógrafos Físicos em outros eventos.

O desenvolvimento de novas técnicas fez com que a Geografia Física participasse de eventos de outras áreas, havendo, assim, uma interdisciplinaridade.

Aziz Nacib Ab'Saber relata que,

A AGB influenciou os eventos científicos, mas também fez com que muitos pesquisadores migrassem para outros eventos, principalmente a partir da década de 70 quando a AGB renovou o Estatuto e possibilitou que estudantes participassem dos eventos. Assim, os eventos começaram a serem teóricos, deixando de lado as excursões e trabalhos de campo.

Os associados da AGB, até da década de 60 entravam inicialmente como “sócios provisórios” e somente após a produção de trabalhos eram classificados como “sócios titulares”. Assim, a AGB estimulava os pesquisadores a produzirem trabalhos na área de Geografia, sobre os mais diversos temas.

Segundo Carlos Augusto de Figueiredo, “a resposta é muito fácil”,

Após o encontro da AGB em 1978, realizado em Fortaleza e das reformas da AGB, as temáticas dos encontros passaram a ser quase que exclusivamente sócio-econômicas.

Assim, em 1984, por iniciativa de Antonio Christofolletti (que, apesar de ardoroso objeto da teórica-quantitativa ressentiu-se muito da cultura radical), realizou em Rio Claro o I Seminário de Geografia Física Aplicada. O que ocorre – com crescente adesão – cada dois anos e inclusive desdobrou-se naqueles, também bi-anuais, de Climatologia Geográfica e Geomorfologia. A participação nos eventos das ciências afins continua a ocorrer porque sempre foi um hábito. A propósito do afastado (infeliz) físico-humana na nossa Geografia escrevi artigo publicado na revista francesa *L'Espace Géographique*, no. 3, pp. 204-208, 1989, intitulado “Lês Orientations Actuelles de la Géographié Physique au Brésil”. A tentativa de reaproximação viria ocorrer na AGB do ano 2000 em Florianópolis, quando o Prof. Ab'Saber foi convidado para fazer a conferência de abertura.

Dirce Maria Antunes Suertegaray relata que,

De um lado isto pode estar associado a ruptura, desde o ano de 1978, dos geógrafos físicos com a AGB, de outro devemos considerar que desde os anos 80 se proliferam eventos das mais variadas temáticas e os geógrafos encaminham seus trabalhos de acordo com o tema e a discussão que possa vir a acontecer. Eu vou a vários eventos temáticos e também os da AGB, nunca deixei de participar dos eventos da AGB mesmo sendo considerada uma geógrafa que estuda a natureza.

Dora de Amarante Romariz relata que,

Os geógrafos físicos acabam participando de eventos onde predomine assuntos referentes aos seus temas de estudo/pesquisa. Assim a multiplicidade de participação em eventos diversos. O geógrafo se preocupa em estudar as interações entre o homem e o meio ambiente em que vive. Muitos dos eventos são realizados próximos a outros eventos, o que acaba dificultando a participação.

Hideo Sudo, acredita que “particularmente, acredito que cada um tenha a sua razão pessoal e profissional”.

Jorge Soares Marques relata que,

No Rio de Janeiro, na minha opinião, teve as seguintes influências:

- 1) mudança da percepção do conhecimento dos pesquisadores;
- 2) necessidade de suprir conhecimentos que são discutidos e apresentados em outros eventos;
- 3) qualificação dos pesquisadores com métodos de áreas afins;
- 4) desenvolvimento da pós-graduação que leva a uma nova etapa da pesquisa e a exigência de trabalhar com novas áreas devido aos projetos orientados;
- 5) falta de entidade que pudesse reunir os pesquisadores da Geografia Física.

A discussão em torno da Geografia Física, discutida no final da década de 70 e início da década de 80, também influenciou para que os geógrafos procurassem outros eventos, porém, na minha opinião, não foi algo crucial.

Eu trabalhava no IBGE onde as discussões eram mais diferentes do que as realizadas nos eventos da AGB. No IBGE havia geógrafos que trabalhavam nas várias subáreas da Geografia.

José Bueno Conti relata que,

Esta participação se deu devido à ruptura da Geografia Física nos eventos promovidos pela AGB, especificamente entre 1978 e 1982. Os geógrafos físicos se sentiram excluídos e resolveram fazer eventos próprios para a área. Os geógrafos físicos não se sentiram importantes e sim desprestigiados e rotulados de reacionários. Há uma tendência a uma verticalização dentro da ciência, nos setores que a compõe. Começaram a participar de eventos onde eram bem aceitos.

Para Jurandyr Luciano Sanches Ross “o Geógrafo Físico procura eventos mais práticos, objetivos, que apresentam propostas de solução para os problemas da sociedade”.

Marcos José Nogueira de Souza relata que,

Os Congressos Brasileiros de Geógrafos e os Encontros Nacionais de Geógrafos são marcadamente dominados pela Geografia Humana. Há, assim, um relacionamento mais estreito da Geografia Física com as reuniões científicas de Ecologia, Geologia, Meio Ambiente, Geoprocessamento, dentre outros.

Nilza Aparecida Freres Stipp “acredita que devido às deficiências metodológicas enfrentadas pela Geografia Física, que só aos poucos foi encontrando o seu caminho.

A seguir foram questionados sobre quais os motivos para que alguns eventos acadêmicos ligados à área de Geografia Física pararam de ocorrer, tal como Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente, dentre outros.

Antonio José Teixeira Guerra relata que,

Talvez os motivos sejam porque esses pesquisadores queriam migrar para outros eventos mais adequados. O Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada trouxe/buscou estes pesquisadores que participavam de eventos que deixaram de ocorrer.

Dirce Maria Antunes Suertegaray relata que,

Não sei precisar a razão, poderá ser de ordem financeira ou mesmo organizativa. No que se refere ao Encontro Nacional de Estudos sobre o Meio Ambiente penso que essa discussão penetrou particularmente, todos os eventos temáticos, isto talvez tenha diminuído o interesse em organizá-lo. Mas, trata-se apenas de palpite meu.

Dora de Amarante Romariz relata que,

Não sei os motivos por não participar dos eventos citados. Particpei de eventos da AGB até o início da década de 70. Após, particpei com maior freqüência de eventos no exterior, deixando de participar dos eventos nacionais. A partir de 1971 comecei a participar ativamente dos Congressos da Botânica.

Hideo Sudo acredita que,

Entre alguns fatores a carência de recursos financeiros das associações e universidades para custear tais eventos, de um lado, e o esgotamento da temática Ambiental, que se tornou repetitiva, do outro.

Jorge Soares Marques afirma que,

Os eventos são organizados e mantidos por uma determinada instituição. Eventos sem vínculos acabam sendo organizados por uma instituição, porém não há um compromisso na continuidade no caso de trocas dos dirigentes da instituição. Geralmente a instituição que apóia quer que os pesquisadores dela participem efetivamente, ou seja, há uma restrição à organização com a participação de seus pesquisadores. Essa questão deve ser respondida pelos pesquisadores ligados à essas áreas. Quando se há uma associação ou entidade por trás dos eventos científicos há um maior comprometimento na continuidade da realização de novos eventos. O Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada já alcançou uma credibilidade, é organizado por instituições (universidades) que têm interesses em haver uma continuidade. A maior dificuldade está no gerenciamento dos recursos para a realização do evento. Se for organizado por uma associação ou entidade fica mais fácil, senão é necessário contratar uma empresa para esta finalidade.

José Bueno Conti relata que não pode responder por não ter participado destes eventos.

Jurandyr Luciano Sanches Ross relata que,

Há uma proliferação muito grande de eventos e que concorrem entre si.

Há encontros vinculados à associações (CBG, ENG). Há encontros independentes (ENESMA, SBGFA). Estes eventos sem um responsável pode ir em vários rumos, até desaparecer.

O SBGFA, por ser vinculado à profissão de geógrafo e ter uma aplicabilidade, foi se sustentando no decorrer destes 20 anos e atualmente está firmado entre os profissionais.

O ENESMA era evento solto, sem aplicabilidade. A ABEQUA congrega diferentes profissionais, porém a Geologia não tem tido uma evolução. A postura é de academicismo e não de pesquisa pura.

Marcos José Nogueira de Souza acredita que “a disseminação muito acentuada de eventos ao longo do ano e dificuldades de ordem financeira foram os principais motivos”.

Já Nilza Aparecida Freres Stipp acredita que “pelo próprio histórico da Geografia Física no Brasil”.

Sobre os motivos para a divisão da Geografia, principalmente a Geografia Física, em diversos eventos científicos, tais como os eventos ligados ao meio ambiente, à geografia física aplicada, à climatologia geográfica, à geomorfologia, dentre outros, os entrevistados relataram conforme descrito a seguir.

Antonio José Teixeira Guerra relata que,

A própria verticalização da Geografia Física fez com que houvesse essa variedade de eventos.

A área de Geografia Física não é muito explorada na pós-graduação, sendo que há concentração nas regiões sul e sudeste.

Há necessidade de maiores recursos para equipamentos e laboratórios.

Aziz Nacib Ab'Saber relata que,

Em todas as ciências houve a há uma divisão do conhecimento. Houve dois momentos/fases para a divisão da Geografia: a Geografia Quantitativa, que privilegiava o tratamento estatístico; e a Geografia Crítica, que privilegiava a teoria. Alguns geógrafos paulistas, sem conhecimentos da Geografia Física, começaram a bombardear a Geografia Física, fazendo com que os pesquisadores dessa subárea deixassem de freqüentar os eventos da AGB e procurassem eventos aonde eram melhor recebidos.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro relata que,

O gigantismo do tronco principal, ou seja, dos eventos da AGB que reúnem muitos pesquisadores, ficando difícil os debates. A facilidade na discussão de eventos científicos é um motivo para que as subáreas criem eventos.

Dirce Maria Antunes Suertegaray relata que,

Tenho participado de alguns desses eventos e da minha experiência trata-se de promover eventos de porte menor, com os interessados diretamente no tema e nesse sentido ter maior espaço para a discussão. Um evento do porte do Encontro Nacional de Geógrafos não comporta uma discussão aprofundada em todas as áreas de interesse da Geografia devido ao tempo de duração e ao alto custo que chegaria.

Dora de Amarante Romariz relata que,

Na minha opinião é conseqüência lógica das especializações que se tornam complexas. As pessoas participam de eventos gerais até que ela começa a trabalhar com uma área específica, o que faz com que ela participe de eventos ligados à sua área de interesse.

Hideo Sudo relata que “em relação a esta questão, creio que não exista um consenso, tendo cada geógrafo, de acordo com a sua área ou disciplina de atuação, uma posição pessoal própria. Por conseguinte, eximo-me de responde-la”.

Jorge Soares Marques relata que,

A necessidade de criação de novos espaços para a divulgação e busca de novos conhecimentos.

Mostrar que o conhecimento pode ser aplicado de diversas maneiras e que o trabalho não serve apenas para consumo interno.

A participação em eventos de diferentes áreas faz com que você possa saber o que está sendo realizado e se você pode contribuir ou receber algum conhecimento dessas outras áreas.

No futuro haverá um número maior de eventos devido à necessidade de divulgar e ter foros mais amplos.

Com o crescente número de pessoas que estão entrando em cursos universitários, no futuro haverá um maior número de participantes e poderá ficar impossível reunir todos em um único local, havendo a necessidade de compartimentação por subáreas. Haverá filtragens de trabalhos e de pesquisadores.

Os eventos são locais para divulgação e discussão das pesquisas, trocas de idéias, para estimular a produção de pesquisas.

José Bueno Conti relata que,

A própria Geografia Física começou a se dividir devido ao aumento dos participantes nos eventos (crescimento exagerado de participantes). Há uma tendência de verticalização em todos os setores da ciência.

Os congressos e demais eventos com número reduzido de participantes é mais produtivo.

Jurandyr Luciano Sanches Ross relata que,

A ramificação da Geografia Física provavelmente foi devido ao fato de que as pessoas querem participar de eventos que sejam mais específicos. Na minha opinião todos os eventos da Geografia Física poderiam ser resumidos em um só.

Grupo de profissionais mais especializados acham que é preciso criar eventos mais específicos e que dêem mais destaque à sua área de pesquisa/atuação.

Marcos José Nogueira de Souza relata que,

Há ainda uma tendência muito forte de fragmentação da Geografia Física. Cabe salientar ainda que as áreas mencionadas adquirissem foros de ciência, sendo praticadas por outros profissionais como geólogos, agrônomos, engenheiros, meteorologistas, biólogos. Mas esses setores não concorrem com a Geografia Física integrativa. Eles se completam e mantêm interfaces.

Nilza Aparecida Freres Stipp relata que,

A partir do momento que a Geografia Física avança no sentido epistemológico, abrem-se novas perspectivas, pois o geógrafo passa a discutir alternativas metodológicas, chegando a influenciar até no processo de ocupação de novos espaços, planos diretores de municípios, etc. Assim, a Geografia assume uma prática social. Percebe-se então que a questão ambiental vem favorecer uma certa sustentação teórico-metodológica.

E o geógrafo que trabalha com a Geografia Física vê-se impulsionado a participar de diversos eventos ligados a essas vertentes, para se inteirar do que está ocorrendo nesse meio.

Concluindo as entrevistas foi solicitado aos entrevistados que deixassem uma mensagem para os Geógrafos do futuro que se interessam pelo estudo da Natureza, sendo que as respostas foram as seguintes:

Antonio José Teixeira Guerra relata que,

Os geógrafos devem ter conhecimento de outras línguas, como o inglês.

Os geógrafos estão fazendo parcerias com órgãos públicos e instituições da sociedade, o que evidencia os problemas ligados à sociedade e as questões do meio ambiente.

Os geógrafos devem lutar pela profissão, deveriam fazer parte do CREA e outras associações ligadas à sua área.

Aziz Nacib Ab'Saber relata que,

Diria que em face da organização natural da paisagem tem que haver estratégias de planejamento daquilo que os homens construíram. Deve-se pensar na organização natural do espaço e a desorganização que o homem criou.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro relata que,

Na minha produção pós-aposentadoria, tenho feito muitas considerações que perfazem uma definição clara do meu conceito de Geografia e seu valor. Tenho dirigido aos colegas mais novos e aos estudantes, várias mensagens.

Creio muito na validade de geografia no campo do conhecimento (epistemologia). Em vez de demonstrar um indisfarçável complexo de inferioridade e querer lançar-se como uma simples ciências sociais a

Geografia (a meu ver) perde campo para as ciências sociais e a economia.

A originalidade da Geografia é justamente aquilo que parece uma maldição – ou impossibilidade de atingir – ou seja, a dicotomia natureza-sociedade. O que tem que ser demonstrado é que esta não é um óbice, mas um privilégio. Mas para realizar esta conjunção é preciso sintonizar-se com o que há de mais avançado no domínio das ciências, ao mesmo tempo que ... para a humana que nos foi legada pelos pais da geografia: Humboldt e Ritter.

Meu maior ícone foi justamente Alexandre von Humboldt por haver sido um naturalista duplo de humanista.

Se os que fazem geografia humana podem dar-se ao luxo de ignorar a natureza – ou considerá-la atualmente como fato histórico – aqueles que investigam as variáveis naturais não podem, de nenhum modo, ignorar o homem, sua intervenção nos processos naturais e os impactos nocivos que produzem, quando se consideram só a sociedade e a economia.

E é preciso considerar que, nos dias que correm, a ciência é menos pretensiosa, está em forte processo de reavaliação (do próprio conceito de razão) enquanto há necessidade urgente de reavaliar e substituir os valores humanos. Um dos meios de superar a atual grande crise será aqueles de elaborar um novo humanismo. Daí haverá outras formas de relação sociedade e natureza.

Dirce Maria Antunes Suertegaray relata que,

O conhecimento da natureza é sem dúvida fundamental. Entretanto, considero que cabe aos geógrafos uma reflexão teórica sobre o conceito de natureza. Tendemos a acreditar que tudo o que é produto da auto - organização da matéria sem nossa intervenção é natureza e ao mesmo tempo denominamos natureza fragmentos, desta natureza externalizada, já totalmente transfigurados ou reproduzidos pela mediação técnica. Pesquisamos considerando natureza o que pode já não ser mais. Portanto, a reflexão teórica é necessária e urgente entre nos geógrafos físicos.

Dora de Amarante Romariz afirma que “a natureza é um conjunto e deve ser estudada de forma global”.

Hideo Sudo relata que,

Não custa nada dizer que a ciência geográfica continua evoluindo ainda em busca da sua afirmação no concerto de outras ciências como a sociologia, biologia, geologia e assim por diante. Pela sua natureza como ciência do social e do natural, é evidente que esta evolução tenha que passar por inúmeras dificuldades conceituais, principalmente porque ela é acima de tudo uma ciência que procura investigar processos complexos entre a Sociedade e a Natureza. Entretanto, em que pese essa discussão epistemológica, considero-a

uma ciência quase que completa porquanto nos permite entender a singularidade da Natureza que existe na complexidade do Universo e do equilíbrio entre a força, energia e vida entre os componentes deste planeta chamado Terra. O que posso dizer, então, é que devemos praticar a Geografia como um todo e não separada em Física e Humana, pois dividida assim continuará estéril, inútil.

E acima de tudo devemos ser respeitosos com a sociedade a qual, através da universidade pública, nos propicia a oportunidade de enxergar o mundo com os olhos de um filósofo moderno ao mesmo tempo com os instrumentos tecnológicos que a civilização nos propicia. Então sejamos obsequiosos com a sociedade que nos dá o privilégio de servi-la investigando e apresentando soluções e não apenas problemas.

Jorge Soares Marques afirma que,

O homem tem capacidade de fazer mudanças no meio ambiente e até controlá-lo. O grande desafio do futuro deverá ser manter a natureza, ou seja, não acabar com o pouco que resta da natureza. Há necessidade de trabalhar com a natureza e não contra a natureza.

José Bueno Conti afirma que,

Poderia dizer para que eles estudem com muita seriedade a escolha pela natureza.

Considerar a natureza como “morada do homem”.

Investigar o que são os processos naturais.

Jurandyr Luciano Sanches Ross relata que,

Para estudar os assuntos da natureza e da sociedade é preciso avançar nos assuntos gerais, domínio dos assuntos generalizantes, mas é preciso ter uma especialização em alguma área do conhecimento da Geografia Física.

Marcos José Nogueira de Souza relata que,

Buscar entender a natureza de modo integrativo na busca da melhor relação com a sociedade, evitando-se sempre adaptar o ambiente às necessidades do homem e não o contrário.

Nilza Aparecida Freres Stipp afirma que,

Que o aspecto ambientalista se constitui hoje na estratégia indispensável para a revirada epistemológica necessária para uma prática social, que certamente irá resgatar os desacertos da Geografia Física do passado.

Não é intenção deste trabalho discutir estes depoimentos, mas antes de tudo registrá-los para leitura de quem se interessa pela Geografia da Natureza, que pode-se chamar de Geografia Física. Em certo sentido estes depoimentos mostram um conhecimento dinâmico e problematizador da relação natureza-sociedade. Mostra a seriedade de um trabalho intelectual construído no diálogo com os autores. Ao ler e reler estes depoimentos fica-se com vontade de mergulhar no tempo e nesta literatura geográfica.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das leituras de trabalhos produzidos sobre o pensamento geográfico e, alguns, sobre a Geografia Física, relatados nesta pesquisa, além da análise dos Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas, pode-se constatar que:

- houve uma grande influência francesa na Geografia brasileira nas décadas de trinta, quarenta, cinquenta e sessenta do século XX, sendo que nas décadas de trinta e quarenta predominou os trabalhos de geógrafos franceses e nas décadas de cinquenta e sessenta, além dos geógrafos franceses, encontram-se trabalhos produzidos por geógrafos brasileiros com notável influência francesa, tendo em vista que os cursos de Geografia, no Brasil, eram ministrados, inicialmente, por docentes franceses.

A Geografia produzida até a década de sessenta do século XX poderia ser chamada de descritivo-explicativa, pelo fato que os trabalhos eram produzidos com uma preocupação muito local, mediante análises de pequenas áreas e descrição de paisagens, quase sempre sem uma preocupação de generalidades, de correlação de causa e efeito, situando os problemas nacionais em um plano internacional, dando à Geografia um valor meramente cultural, conforme relata Andrade (1977).

- a década de setenta do século XX foi marcada pela realização de trabalhos concentrados nas áreas de Geomorfologia e de Climatologia, demonstrando predomínio da Análise Geossistêmica neste período, com forte influência das Geografias Russa, Francesa e Alemã.

- A Geografia, nas décadas de oitenta e noventa do século XX poderia ser chamada de “Ambientalista”, tendo em vista a crescente conscientização da população com a preservação do meio ambiente e a preocupação dos pesquisadores em produzir trabalhos voltados para a problemática ambiental.

A década de oitenta do século XX foi marcada, também, pelo início de eventos dedicados à Geografia Física, como os Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada e os Encontros Nacionais de Estudos Sobre o Meio Ambiente, dentre outros, que criaram oportunidade para que a comunidade de pesquisadores brasileiros dedicada aos estudos da Geografia Física pudesse se reunir e debater os

assuntos específicos da área.

Cada evento reflete a Geografia brasileira como esta ocorreu no momento da realização do mesmo e que fica registrado nos Anais e/ou Cadernos de Resumos e Contribuições Científicas, que são publicados e distribuídos aos participantes.

A grande quantidade de trabalhos apresentados nos eventos se deve, também, à crescente expansão, nas últimas décadas do século XX, dos Cursos de Geografia dentro do território brasileiro, sendo que este assunto merece ser amplamente discutido pela comunidade de geógrafos e pesquisadores.

Foi possível verificar, através da quantificação e análise dos trabalhos publicados nos Anais que os eventos promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (Congressos e Encontros), a cada nova edição, reúnem um número maior de geógrafos e demais interessados na área. Porém, a quantidade de trabalhos no ramo de conhecimento da Geografia Física ainda é pequena, comparado com o número de trabalhos voltados para o ramo de conhecimento da área de Geografia Humana, demonstrando que há, ainda, uma forte tendência para este ramo de conhecimento da Geografia.

Dentre os eventos dedicados à Geografia Física, as últimas edições dos Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada reuniram uma parcela considerável de geógrafos físicos, demonstrando que se consolidou como um espaço para trocas de informações, idéias e apresentação dos trabalhos produzidos neste ramo do conhecimento.

É de fundamental importância que sejam registrados os relatos e depoimentos dos geógrafos e pesquisadores que contribuíram e ainda contribuem para a evolução da Geografia no Brasil, pois as memórias constituem elementos para a análise e compreensão futura da produção geográfica.

Baseado nos depoimentos dos geógrafos físicos é possível notar que os eventos científicos são fundamentais para que os profissionais e demais interessados possam se reunir formalmente e discutir os trabalhos produzidos, além de ser um espaço para a troca de informações.

O desenvolvimento de novas técnicas e a interdisciplinaridade parece ter influenciado para que os geógrafos físicos participem de eventos ligados à outras áreas, deixando de participar dos eventos organizados pela Associação dos Geógrafos Brasileiros. Além destes fatos muitos geógrafos físicos se sentiram

excluídos dos eventos promovidos pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, principalmente no final da década de setenta e início da década de oitenta do século XX, devido ao surgimento da Geografia Crítica, conforme discutido neste trabalho, o que influenciou, também, o aparecimento de eventos científicos destinados aos geógrafos físicos.

Alguns eventos se destacaram e se consolidaram, como é o caso do Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada e, em alguns casos houve eventos que não tiveram continuidade, como é o caso do Encontro Nacional de Estudos sobre o Meio Ambiente, talvez por serem generalistas, fazendo com que os pesquisadores migrassem para outros eventos mais adequados.

Parece ser uma tendência que as ciências se tornem cada vez mais especializadas e que haja espaços específicos para cada ramo do conhecimento.

Seria muito importante que os Anais dos eventos realizados fizessem parte do acervo das Bibliotecas, principalmente em locais onde há Cursos de Geografia ou de áreas afins, para que os mesmos pudessem ser consultados por aqueles que, de uma maneira ou de outra, não puderam participar dos eventos. A consulta dos Anais poderá ajudar a compreender a Geografia que ocorreu naquele momento.

Tendo em vista a falta de trabalhos que analisem como a Geografia Física vem sendo produzida no Brasil, espero, que possa servir para que outros pesquisadores se interessem pelo assunto e, assim, definir novos e melhores rumos aos estudos da Geografia e, principalmente, da Geografia Física no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ACOT, Pascal. **História da ecologia**. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 212p.

ALEGRE, Marcos. Apresentação do I Encontro Nacional de Geógrafos. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1., 1972, Presidente Prudente. **Anais...** São Paulo, v. 18, 1973. 330p.

ALMEIDA, Roberto Schmidt de. **A geografia e os geógrafos do IBGE no período 1938-1998**. 2000. 899 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas: Papirus, 1989. 85p.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987. 143p.

ANDRADE, Manuel Correia de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54, p. 5-28, junho 1977.

ANDRADE, Manuel Correia de. Trajetória e compromissos da geografia brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. **Anais...** Curitiba: AGB, 1994b. p. iii-viii.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Uma geografia para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1994a. 114p.

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. **Estatuto da AGB**. Disponível em: <<http://www.cibergeo.org/agbnacional/estatuto.asp>>. Acesso em: 28 dez. 2005.

BACCARO, Claudete Aparecida Dalevedove. Apresentação do I Simpósio Nacional de Geomorfologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 8, n. 15, 1996. Edição Especial. Anais do 1. Simpósio Nacional de Geomorfologia, 1996, Uberlândia.

BERNARDES, Lysia. Apresentação do 3º Congresso Brasileiro de Geógrafos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. **Comunicações...** Rio de Janeiro: AGB/Fundação IBGE, 1974a. 2 v.

BERNARDES, Lysia. Apresentação do 3º. Congresso Brasileiro de Geógrafos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. **Simpósios...** Rio de Janeiro: AGB/Fundação IBGE, 1974b.

BERNARDES, Nilo. A influência estrangeira no desenvolvimento da geografia no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 513-523, jul./set. 1982.

BERTRAND, Georges. Construire la géographie physique. **Hérodote**, Paris, n. 26, 1982.

BRANDÃO, Ana Maria de Paiva Macedo. Apresentação do IV Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 4., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000 (CD-ROM).

CAMARGO, José Carlos Godoy. **Evolução e tendências do pensamento geográfico no Brasil: a biogeografia**. 1998. 339 f. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Os caminhos da geografia humana no Brasil. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 71, p. 129-42, 1992.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. Simpósio de geografia física aplicada. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 15, n. 29-30, p. 9-28, 1985.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Análise de sistemas em geografia**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1979. 106p.

CIDADE, Lúcia Cony Faria. Visões de mundo, visões da natureza e a formação de paradigmas geográficos. **Terra Livre**, São Paulo, n. 17, p. 99-118, 2001.

CLOZIER, René. **História da geografia**. 3. ed. Tradução de N. C. e de Ana Rabaça. Portugal: Publicações Europa-América, 1995.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 1., 1954, Ribeirão Preto. **Anais...** São Paulo: AGB, 1956. v. 8. 406p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2., 1965, Rio de Janeiro. **Resumos de teses e comunicações...** Rio de Janeiro: Delta, 1965. 122p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. **Comunicações...**, Rio de Janeiro: AGB/Fundação IBGE, 1974a. 2 v.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 3., 1974, Belém. **Simpósios...** Rio de Janeiro: AGB/Fundação IBGE, 1974b.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 4., 1984, São Paulo. **Anais: contribuições científicas...** São Paulo: AGB, 1984. 2 v.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. **Anais...** Curitiba: AGB, 1994a. 641p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. **Contribuições científicas: resumos...** Curitiba: AGB, 1994b. 233p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. **Anais...** Goiânia: AGB, 2004a. 1 CD-ROM.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. **Caderno de resumos...**, Goiânia: AGB, 2004b. 671p.

CONTI, José Bueno. A climatologia e a defesa da natureza. **Boletim Climatológico**, Presidente Prudente, n. 2, p. 5-9, nov. 1996.

CONTI, José Bueno. Depoimento sobre a produção em geografia física realizada na Universidade de São Paulo. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 15, n. 29-30, p. 253-256, 1985.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Papirus, 1986. 93p.

CROCETTI, Zeno Soares. Apresentação do 5º. Congresso Brasileiro de Geógrafos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. **Anais...** Curitiba: AGB, 1994.

DEL'ARCO, Diana Melo; NATALI FILHO, Trento. Evolução da pesquisa geomorfológica aplicada no Projeto Radambrasil. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 15, n. 29-30, p. 246-253, 1985.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2002. 170p.

ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 1., 1986, Recife. **Comunicações...** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1986. 444p.

ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 2., 1989, Florianópolis. **Anais: comunicações, excursões, conferências e painéis...** Florianópolis: UFSC, 1989. 3 v.

ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 3., 1991, Londrina. **Anais: comunicações, conferências e painéis...** Londrina: UEL, 1991. 3 v.

ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE O MEIO AMBIENTE, 4., 1993, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: UFMT, 1993.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1., 1972, Presidente Prudente. **Anais...** São Paulo, v. 18, 1973. 330p.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 2., 1976, Belo Horizonte. **Resumos de comunicações e guias de excursões...** Belo Horizonte: AGB, 1976. 600p.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. **Comunicações...** Fortaleza: AGB, 1978a. 416p.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 3., 1978, Fortaleza. **Sessões dirigidas...** Fortaleza: AGB, 1978b. 104p.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4., 1980, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: AGB, 1980.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5., 1982, Porto Alegre. **Anais: contribuições científicas...** Porto Alegre: AGB, 1982. 2 v.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 6., 1986, Campo Grande. **Contribuições científicas: resumos...** Campo Grande: AGB, 1986.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 7., 1988, Maceió. **Contribuições científicas: resumos...** Maceió: AGB, 1988.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 8., 1990, Salvador. **Anais...** Salvador: AGB, 1990b. 2 v.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 8., 1990, Salvador. **Contribuições científicas: resumos...** Salvador: AGB, 1990a. 106p.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 9., 1992, Presidente Prudente. **Contribuições científicas: resumos...** Presidente Prudente: AGB, 1992a. 151p.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 9., 1992b, Presidente Prudente. **Programa...** Presidente Prudente: AGB, 1992b.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 10., 1996, Recife. **Caderno de resumos e mesas redondas...**, Recife: AGB, 1996a.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 10. 1996, Recife. **Resumos...**, Recife: AGB, 1996b. v. 2.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 11., 1998, Vitória da Conquista. **Comunicações livres e pôsteres: caderno de resumos...** Vitória da Conquista: AGB, 1998. 2 v.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 12., 2000, Florianópolis. **Programas & resumos...** Florianópolis: AGB, 2000. 633p.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13. 2002, João Pessoa. **Caderno de programação...** João Pessoa: AGB, 2002a. 53p.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13., 2002, João Pessoa. **Caderno de resumos...** João Pessoa: AGB, 2002b. 361p.

ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13., 2002, João Pessoa. **Contribuições científicas...** João Pessoa: AGB, 2002c. 1 CD-ROM.

EVANGELISTA, Hélio de Araújo. Congressos brasileiros de Geografia. **Revista Geopaisagem (on line)**, v. 2, n. 3, p. 1-38, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.feth.qgf.br/Congresso.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2005.

FIOREZE, Zélia Guareschi. **A invenção do Rio Grande do Sul: território e identidade na visão do IHGBRGS (1920-1937)**. Passo Fundo: Clio, 2002. 328p.

GEIGER, Pedro Pinchas. Um olhar sobre a geografia no Brasil: do estado novo à nova república. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., 1994, Curitiba. **Anais...** Curitiba: AGB, 1994. p. ix-xviii.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Apresentação do XII Encontro Nacional de Geógrafos. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 12. Florianópolis, 2000. **Programas & resumos...** Florianópolis: AGB, 2000. p. 5-10.

GREGORY, Kenneth John. **A natureza da geografia física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. 367p.

GUERRA, Antonio José Teixeira. Geomorfologia aplicada: algumas reflexões. In: SANTOS, Jemison Mattos dos (org.). **Reflexões e construções geográficas contemporâneas**. Salvador: [s.n.], 2004. p. 144-161.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatuto da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2005c.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2005a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Principais funções**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2005b.

JATOBÁ, Lucivânio (org.). **Estudos nordestinos de meio ambiente**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Massangana, 1986. 339p.

LACOMBE, Américo Jacobina. A revista do IHGB – 150 anos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 150, n. 362, p. 1-2, jan./mar. 1989.

LIMA, Miguel Alves de. Os anos dourados da geografia brasileira: antecedentes, realizações e conseqüências dos anos 50 e 60. **Revista Geo-paisagem (on-line)**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 1-5, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.feth.qgf.br/Geografia.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2005.

MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930). In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas** (Org.). 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 309-352.

MACHADO, Mônica Sampaio. A implantação da geografia universitária no Rio de Janeiro. **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 5, n. 69, p. 1-15, ago. 2000. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-69-5.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2005.

MAGALHÃES FILHO, José Cezar de. Editorial. **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, v. 19, São Paulo, 1978 (Edição comemorativa do 3º. Encontro Nacional de Geógrafos – Fortaleza, julho de 1978).

MAMIGONIAN, Armen. A AGB e a produção geográfica brasileira: avanços e recuos. **Terra Livre**, São Paulo, n. 8, p. 157-62, 1991.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 1991. 144p.

MENDONÇA, Francisco. Apresentação e saudações aos participantes do VII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada e I Fórum Latino-Americano de Geografia Física Aplicada. In: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 7., 1997, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 1997. v. 1, p. v.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia física**: ciência humana?. São Paulo: Contexto, 1989. 72p. (Coleção Repensando a Geografia).

MENDONÇA, Francisco. Geografia socioambiental. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002, p. 121-144.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A geografia no Brasil (1934-1977)**: avaliação e tendências. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1980. 155p. (Série Teses e Monografias, 37).

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. A Geografia no Brasil ao longo do século XX: um panorama. **Borrador**, São Paulo, AGB, n. 4, julho 2002. 49p.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A questão ambiental no Brasil**: 1960-1980. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1981. 133p. (Série Teses e Monografias, 42).

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Clima e excepcionalismo**: conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico. Florianópolis: UFSC, 1991. 241p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena histórica crítica. São Paulo: HUCITEC, 1981. 138p. (Coleção Geografia: Teoria e Realidade, 8).

OLIVEIRA, Marcelo Accioly Teixeira de. Apresentação do II Simpósio Nacional de Geomorfologia. **Geosul**, Florianópolis, v. 14, n. 27, 1998. Edição especial. Anais do

2. Simpósio Nacional de Geomorfologia, 1998, Florianópolis.

PEREIRA, Eugênia, JATOBÁ, Lucivânio. Apresentação do IX Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 9., 2001, Recife. **Resumos...** Recife: UFPE, 2001a. p. 7-8.

PEREIRA, José Veríssimo da Costa. A geografia no Brasil. In: AZEVEDO, Fernando (org.). **As ciências no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. v. 2. p. 349-461.

PEREZ FILHO, Archimedes. Apresentação do III Simpósio Nacional de Geomorfologia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 3., 2000, Campinas. **Anais...** Campinas: UGB/UNICAMP, 2000. p. iii.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Universidade, Estado e Igreja na América Latina. In: \_\_\_\_\_. **América Latina no século XIX: trama, telas e textos**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 93-118. (Ensaio Latino-americanos, 4).

RODRIGUES, Arlete Moysés, CROCETTI, Zeno Soares. Apresentação do 8º Encontro Nacional de Geógrafos. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 8., 1990, Salvador. **Anais...** Salvador: AGB, 1990. v. 1, p.3-4.

ROMARIZ, Dora de Amarante. Apresentação dos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 1., 1954, Ribeirão Preto. **Anais...** São Paulo: AGB, 1956. v. 8. 406p.

SAADI, Allaoua. Reflexão (Apresentação do VIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 8., 1999, Belo Horizonte. **Anais: resumos...** Belo Horizonte: UFMG, 1999. v. 1, p. 5.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. Belo Horizonte: Interlivros, 1974. 317p.

SANT'ANNA NETO, João Lima. Por uma Geografia do clima: antecedentes históricos, paradigmas contemporâneos e uma nova razão para um novo conhecimento. **Terra Livre**, São Paulo, n. 17, p. 49-62, 2001.

SANTIAGO, João Phelipe. **A geografia no Brasil: a contribuição de Manuel Correia de Andrade**. 1990. 392 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.

SANTIAGO, João Phelipe. **Trajetórias das tradições teóricas da geografia no Brasil**: a geografia moderna alemã no período pré-institucional. Disponível em: <<http://www.cibergeo.org.agbnacional/documentos/textoaberto64.html>>. Acesso em: 16 jan. 2002.

SANTOS, Maria Juraci Zani dos. Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1., 1992, Rio Claro. Anais... Rio Claro: UNESP, 1993. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 23, n. 45-46, 1993.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1., 1992, Rio Claro. **Resumos...** Rio Claro: UNESP, 1992.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 1., 1992, Rio Claro. Anais... Rio Claro: UNESP, 1993. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 23, n. 45-46, 1993.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. **Resumos...** Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996a. 106p.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. **Programa...** Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996b. 26p.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. Anais..., Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996. **Boletim Climatológico**, Presidente Prudente, v. 1, n. 2, nov. 1996c.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 2., 1996, Presidente Prudente. Anais... Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1996. **Boletim Climatológico**, Presidente Prudente, v. 2, n. 2, jul. 1997.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 3., 1998, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 1998. 1 CD-ROM.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 4., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. 1 CD-ROM.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 5., 2002, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2002. 1 CD-ROM.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 6., 2004, Sergipe. **Programação e resumos...** Aracaju: UFS, 2004a. 235p.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA, 6., 2004, Sergipe. **Anais...** Aracaju: UFS, 2004b. 1 CD-ROM.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 6., 1995, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 1995. 2 v.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 7., 1997, Curitiba. **Anais: conferências de abertura, mesas-redondas e resumos de comunicações-livres, painéis e vídeos...** Curitiba: UFPR, 1997a.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 7., 1997, Curitiba. **Anais: conferência de abertura, mesas-redondas, comunicações-livres: resumos e trabalhos expandidos, resumos de painéis e vídeos...** Curitiba: UFPR, 1997b. 1 CD-ROM.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 8., 1999, Belo Horizonte. **Anais: resumos dos trabalhos...** Belo Horizonte: UFMG, 1999. v. 1. 552p.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 9., 2001, Recife. **Resumos...**, Recife: UFPE, 2001a. 391p.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 9., 2001, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2001b. 1 CD-ROM.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Programação...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Livro de resumos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 10., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...**, Rio de Janeiro: UERJ, 2003. 1 CD-ROM.

SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 1., 1984, Rio Claro. **Anais... Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 15, n. 29-30, p. 9-484, 1985.

SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 3., 1989, Nova Friburgo. **Anais: sessões técnicas, mesas redondas, debates, palestras, homenagens, excursões e relatórios...** Nova Friburgo: UFRJ, 1989. 3 v.

SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 4., 1991, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 1991.

SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 5., 1993, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 1993.

SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 1., 1996, Uberlândia. **Anais...**, Uberlândia: UFU, 1996. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 8, n. 15, 1996. Edição especial.

SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 2., 1998, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 1998. **Geosul**, Florianópolis, v. 14, n. 27, 1998. Edição especial.

SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 3., 2000, Campinas. **Anais: programa e resumos...** Campinas: UGB/UNICAMP, 2000. v. 1.

SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 4., 2002, São Luis. **Anais: programas e resumos...** São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2002. v. 1.

SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 4., 2002, São Luis. **Anais: trabalhos completos...** São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2004. v. 2. 1 CD-ROM.

SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 5., ENCONTRO SUL-AMERICANO DE GEOMORFOLOGIA, 1., 2004, Santa Maria. **Anais de trabalhos completos...** Santa Maria: UGB/UFSM/UFRGS, 2004. 1 CD-ROM.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à geografia: geografia e ideologia.** Petrópolis: Vozes, 1976. 135p.

SORRE, Maximilien. **Les fondements de la géographie humaine.** Paris: Armand Colin, 1951. 448p.

SOTCHAVA, V. B. O estudo de geossistemas. **Métodos em Questão**, São Paulo, n. 16, p. 1-52, 1977.

SOUZA NETO, Manoel Fernandes de. A ciência geográfica e a construção do Brasil. **Terra Livre**, São Paulo, n. 15, p. 9-20, 2000.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes, NUNES, João Osvaldo Rodrigues. A

natureza da Geografia Física na Geografia. **Terra Livre**, São Paulo, n. 17, p. 11-24, 2001.

TAPAJÓS, Vicente. A revista em três tempos: 1839-1889-1939. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 150, n. 362, p. 3-18, jan./mar. 1989.

TAVARES, Giovana Galvão. **A trajetória de uma “casa de saber”**: o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1930 – 1970). 2000. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação Aplicada às Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. Comunica-se para que? Comunicando-se por quê? In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 11. Vitória da Conquista, 1998. **Comunicações livres e pôsteres...** Vitória da Conquista: AGB, 1998.

TOMASONI, Marco Antônio. Considerações sobre a abordagem da natureza na Geografia. In: SANTOS, Jemison Mattos dos (org.). **Reflexões e construções geográficas contemporâneas**. Salvador: [s.n.], 2004. p. 11-35.

TROPPEMAIR, Helmut. Ecossistemas e geossistemas do Estado de São Paulo. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 13, n. 25, p. 27-36, 1983.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. **O Departamento de Geografia**. Disponível em: <<http://www.geografia.fflch.usp.br/index.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2005(b).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Um pouco de história**. Disponível em: <<http://www2.usp.br/portugues/conteudo.php?dir=/ausp/sobreusp/sobreusp.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2005(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Apresentação do IGC**. Disponível em: <<http://www.igc.ufmg.br/apresentacao/index.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2005(b).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **História da UFMG**. Disponível em: <[http://www.ufmg.br/conheca/hi\\_index.shtml](http://www.ufmg.br/conheca/hi_index.shtml)>. Acesso em: 28 dez. 2005(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **A mais antiga do Brasil**. Disponível em: <<http://www.ufpr.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2005(c).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **A Universidade**. Disponível em: <<http://www.ufpr.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2005(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Histórico do Departamento de Geografia da UFPR**. Disponível em: <<http://www.geog.ufpr.br/index2.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2005(d).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.ufpr.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2005(b).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **A história**. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/institucional/ahistoria/home.php>>. Acesso em: 28 dez. 2005(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Centro de Ciências da Matemática e da Natureza. Instituto de Geociências. **O instituto**. Disponível em: <[http://www.igeo.ufrj.br/o\\_instituto.htm](http://www.igeo.ufrj.br/o_instituto.htm)>. Acesso em: 28 dez. 2005(b).

VELHO, Sérgio Costa. Geógrafos brasileiros: sinopse histórica. In: PEDROSO, Nelson Garcia (org.). **Geógrafos: legislação, formação e mercado de trabalho**. São Paulo, Brasília: AGB, CONFEA, 1996. p. 67-71.

VIADANA, Adler Guilherme. Biogeografia: natureza, propósitos e tendências. In: VITTE, Antonio Carlos; GUERRA, Antonio José Teixeira (org.). **Reflexões sobre geografia física no Brasil**. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2004. p. 111-128.

ZAVATINI, João Afonso. **O paradigma do ritmo na climatologia geográfica brasileira**: teses e dissertações dos programas paulistas de pós-graduação – 1971-2000. 430 f. Tese (Livre-Docência em Climatologia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2001.

ZAVATTINI, João Afonso. A produção brasileira em climatologia: o tempo e o espaço nos estudos do ritmo climático. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 20, p. 65-100, jan./jul. 2003.

ZUSMAN, Perla B. **Sociedades geográficas na promoção do saber a respeito do território**: estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1938-1945). 1996. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

## **ANEXOS**

### Anexo 1 - Roteiro de entrevista e questionário

1. Qual era a preocupação da Geografia Física na época em que o(a) senhor(a) começou a participar dos eventos ligados à Geografia e, especificamente, da Geografia Física? Como o(a) Senhor(a) vê a importância dos Congressos e reuniões científicas?
2. Fale sobre a Geografia Física vivida em sua época:
  - a) Produção acadêmica (produtos e projetos)
  - b) Principais autores da sua época
  - c) Os temas de pesquisa sob sua orientação
  - d) Geografia Física e contribuições para a sociedade
  - e) Geografia Física na sua instituição
3. Quais foram os geógrafos/pesquisadores que participaram destes eventos?
4. Quais tipos de eventos ocorriam em sua época? O(a) Senhor(a) destacaria algum pela sua importância? Por quê?
5. Quais abordagens teóricas eram predominantes nestes eventos?
6. Em sua opinião, porque muitos geógrafos físicos começaram a participar e/ou participam de eventos ligados a outras áreas, tais como reuniões científicas de ecologia, geoprocessamento, planejamento, geologia, dentre outros, deixando de participar de eventos organizados para os geógrafos, como: Congresso Brasileiro de Geógrafos e Encontro Nacional de Geógrafos?
7. Em sua opinião, quais os motivos para que alguns eventos acadêmicos ligados à área de Geografia Física pararam de ocorrer, tal como o Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente, dentre outros?
8. Em sua opinião, qual(is) o(s) motivo(s) para a divisão da Geografia, principalmente a Geografia Física, em diversos eventos científicos, tais como os eventos ligados ao meio ambiente, à geografia física aplicada, à climatologia geográfica, à geomorfologia, dentre outros?
9. Se o(a) Senhor(a) tivesse que deixar uma mensagem para os Geógrafos do futuro que se interessam pelo estudo da Natureza o que diria para eles hoje?
10. O(a) Senhor(a) indicaria algum Geógrafo importante que deveria constar nesta pesquisa?

**Anexo 2 – Modelo da correspondência enviada aos entrevistados**

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Prezado(a) Senhor(a):

Sou aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, nível Mestrado, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – Universidade de São Paulo e estou desenvolvendo um projeto de pesquisa intitulado “Geografia Física: Balanço da sua Produção em Eventos Científicos no Brasil” (resumo em anexo), sob a orientação da Profa. Dra. Sueli Ângelo Furlan.

Há um capítulo da pesquisa que contém entrevistas com personalidades ligadas à Geografia e, particularmente, com grande expressão acadêmica em Geografia Física.

Assim, gostaria de poder contar com Vossa Senhoria para uma entrevista onde serão tratados assuntos conforme consta do roteiro preliminar em anexo.

Informo que em breve estarei entrando em contato para agendarmos o melhor dia e horário de sua conveniência para realização da entrevista.

Sendo somente isto para o momento e esperando contar com vossa colaboração, apresento meus cumprimentos.

Atenciosamente,

**Marcos Barros de Souza**

Pós-Graduando em Geografia Física – Mestrado

Profa. Dra. **Sueli Ângelo Furlan**  
Orientadora

Ilustríssimo(a) Senhor(a)

**Professor(a)**

Endereço:

**CEP – CIDADE – ESTADO**

### Anexo 3 – Currículo resumido dos entrevistados

**Nome completo:** Antonio José Teixeira Guerra

**Instituição e área de formação:** Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1970-1974). Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1976-1983). Doutorado em Soil Erosion pela University of London (UL), Inglaterra (1986-1991). Pós-Doutorado na University of Oxford (UO), Inglaterra (1997).

**Área de atuação:** Ciências Exatas e da Terra (Geociências - Geografia Física – Geomorfologia).

**Atividades profissionais:** Geógrafo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (1973-1979). Professor Adjunto em Regime de Dedicção Exclusiva na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a partir de 1979 até os dias atuais, atuando na graduação, na pós-graduação, em atividades de pesquisa, administrativas. Professor Visitante da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) (1998), ministrando curso de especialização e cursos teórico-práticos. Professor Visitante da Universidade Católica de Goiás (UCG) (1999), ministrando cursos de extensão e teórico-práticos. Professor Visitante da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (1999), ministrando cursos de extensão e teórico-práticos. Colaborador da Organização Não Governamental Ecomarapendi (ECOMARAPENDI) (1999), realizando consultoria através do estudo do meio físico do Distrito da Posse (Petrópolis) para a realização de EIA-RIMA. Professor Visitante da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO) (2000), ministrando treinamentos e disciplina de Geociências no Mestrado em Gestão Ambiental. Professor Visitante da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) (2001), ministrando Curso de Especialização em Perícia Ambiental do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia. Professor Visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (2001), ministrando cursos de atividades de extensão.

**Produção científica:** 35 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, entre o período de 1990 a 2005. 17 livros publicados (autor, organização e/ou edição) entre o período de 1994 a 2005. 19 capítulos de livros publicados. 67 trabalhos (completos e resumos) apresentados e publicados em Anais de eventos científicos nacionais e internacionais, entre o período de 1994 a 2005.

**Participação em eventos científicos:** Participação em inúmeros eventos científicos nacionais e internacionais, na área de atuação.

**Participação em organizações de eventos científicos:** Nada consta.

**Outras informações relevantes:** 11 orientações de mestrado e 9 de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, entre o período de 1996 a 2005. Participação em inúmeras bancas examinadoras de mestrado, doutorado e concurso.

**Nome completo:** Aziz Nacib Ab'Saber

**Instituição e área de formação:** Bacharel (Geografia e História) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, FFCL/USP, em 1944. Licenciado (Geografia e História) pela FFCL/USP, em 1944. Especialista (Geografia Física) pela FFCL/USP, em 1945/1946. Doutor (Geografia) pela FFCL/USP, em 1956. Livre-docente (Geografia), pela FFCL/USP, em 1965. Professor Titular pela FFCL/USP, em 1968. Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Professor Honorário do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP).

**Área de atuação:** Geografia Física (Geomorfologia e Geo-ecologia).

**Atividades profissionais:** Professor Titular da FFLCH/USP. Professor Honorário do IEA/USP.

**Produção científica:** Sua produção científica é quantitativamente expressiva e diversificada, e qualitativamente da mais alta importância, sobretudo para o Brasil. Autoridade respeitada internacionalmente em Geomorfologia e Geo-ecologia, tem dedicado seu esforço de pesquisador e cientista ao país como um todo e a suas regiões, especificamente. Assim é que tem desenvolvido estudos sobre o Planalto Mato-grossense, o zoneamento ecológico e econômico da Amazônia, a proteção da biodiversidade, a desertificação de áreas críticas tropicais e vários outros temas de interesse nacional. Preocupado com a multiplicação da capacitação do país em termos de recursos humanos, vem atuando na proposição de uma educação fundamental vinculada à abordagem regional, de modo a preparar competências locais, desde os primeiros anos de escolaridade, comprometidas com a solução dos problemas da realidade brasileira. As pesquisas de Ab'Saber não se limitaram à geografia física. Patriota assumido, ele estudou a relação do homem com o meio ambiente em diversas regiões do país.

**Participação em eventos científicos:** Participação intensa nas reuniões anuais da AGB até o início da década de 70. Participação, como conferencista e palestrante em diversos eventos científicos.

**Participação em organizações de eventos científicos:** Nada consta.

**Outras informações relevantes:** membro titular da Academia Brasileira de Ciências desde 1976. Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, eleito em 1993 e a representou na ECO-92, como integrante da representação brasileira. Recebeu Prêmio Santista (Meio Ambiente) - Fundação Santista, em 1998.

**Nome completo:** Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

**Instituição e área de formação:** Graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Geografia e História, pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (FNFUB) (1945-50). Especialização em Geografia Física e Geologia Dinâmica, pela Faculté des Scienses (FS), na França (1951-1953). Doutorado em Geografia, pela FFLCH/USP (1963-1967). Livre-Docência pela FFLCH/USP (1975). Realizou diversas atividades de formação complementar (extensão) em instituições no Brasil e no exterior, entre o período de 1952 a 2001.

**Área de atuação:** Ciências Biológicas (Ecologia). Ciências Exatas e da Terra (Geociências). Ciências Humanas (Antropologia). Ciências Humanas (Geografia). Ciências Humanas (História). Lingüística, Letras e Artes (Artes).

**Atividades profissionais:** Auxiliar de Geógrafo do Conselho Nacional de Geografia (1947-1967). Professor da Faculdade Catarinense de Filosofia (1955-1959). Assessor do IBGE junto ao Departamento Estadual de Geografia e Cartografia (1955-1959). Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (UNESP) (1960-1964). Professor do Instituto de Ciências - Universidade Nacional de Brasília (ICUNB) (1966-1967). Professor (graduação e pós-graduação) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) (1968-1987). Orientador de projetos da Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia (SEPLANTEC) (1975-1986). Professor (pós-graduação) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (1987-1990). Professor (pós-graduação) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (1987-1990). Professor do Departamento Estudos Internacionais de Cultura (DEIC), Japão (1995-1997). Frequentou estágio na qualidade de pesquisador visitante, elaborando o projeto e trabalho "On the desertification in northeast Brazil and Man's rote in this process", na Universidade de Tsukuba (UT), Japão (1982-1983). Estágio realizado sob a Direção do Prof. Jacques Bourcart, no Station Eceanographique de la Rochelle (SER), França (1953). Membro da Comissão Problemas Ambientais UGI, CAM, Rússia. (1980-1984). Membro da Academia de Ciências do Estado de São Paulo desde 1977.

**Produção científica:** Aproximadamente 50 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, entre o período de 1953 a 2001. Livros publicados (8), entre o período de 1991 a 2003. Capítulos de livros publicados (5), entre o período de 1963 a 1996. Inúmeros trabalhos apresentados e publicados em Anais de eventos científicos no Brasil e no exterior.

**Participação em eventos científicos:** Participação em inúmeros eventos científicos no Brasil e no exterior, entre o período de 1949 a 2001, com destaque para os congressos da União Geográfica Internacional (UGI).

**Participação em organizações de eventos científicos:** Nada consta.

**Outras informações relevantes:** Orientação/co-orientação de 23 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado na FFLCH/USP, entre o período de 1972 a 1985. Participação em inúmeras bancas examinadoras de pós-graduação e concursos docentes.

**Nome completo:** Dirce Maria Antunes Suertegaray

**Instituição e área de formação:** Mestre e Doutora em Geografia Física pela USP em 1981 e 1988, respectivamente.

**Área de atuação:** Geografia Física (Geomorfologia).

**Atividades profissionais:** Atuei na atual UNIJUI, na UFSM e desde 1985 na UFRGS, como Professora Titular no Departamento de Geografia.

**Produção científica:** Inúmeros artigos em periódicos nacionais e internacionais na área de Geografia Física (Geomorfologia), além de inúmeros trabalhos apresentados em eventos científicos, principalmente eventos da AGB (congressos e encontros), nos Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada e Simpósios Nacionais de Geomorfologia, dentre outros.

**Participação em eventos científicos:** Participei de inúmeros eventos científicos, principalmente os eventos ligados à AGB (congressos e encontros), nos Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada, nos Simpósios Nacionais de Geomorfologia, dentre outros.

**Participação em organizações de eventos científicos:** Participei de comissões organizadoras de inúmeros eventos científicos, ressaltando: Encontro Nacional de Geógrafos, Simpósio Nacional de Geomorfologia, dentre outros.

**Outras informações relevantes:** Professora no Programa de Mestrado e Doutorado em Geografia da UFRGS. Atualmente oriento 7 alunos de mestrado e já concluíram suas dissertações sob minha orientação 18.

**Nome completo:** Dora de Amarante Romariz

**Instituição e área de formação:** Bacharel (1944) e Licenciada (1945) em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil. Pós-graduada em Geografia (1966-1969), pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Especialização em Biogeografia (1946), ministrado pelo Prof. Pierre Dansereau, no Rio de Janeiro (RJ).

**Área de atuação:** Geografia Física (Biogeografia).

**Atividades profissionais:** Geógrafa do Conselho Nacional de Geografia (parte integrante da atual Fundação IBGE), de 1945 a 1972, quando se aposentou. Professora-Visitante da Universidade de Brasileira (Departamento de Geografia), ministrando aulas no Curso de Geografia Biológica (1<sup>o</sup>. semestre de 1978). Professora Visitante em várias Universidades e instituições científicas nacionais, ministrando cursos de Fitogeografia em nível de Especialização e Pós-Graduação.

**Produção científica:** Autora de vários trabalhos publicados não só no Brasil quanto em revistas técnicas estrangeiras.

**Participação em eventos científicos:** Participação em inúmeros eventos científicos, principalmente as reuniões da AGB até o início da década de 70. Atualmente participa de eventos científicos da Sociedade Brasileira de Fitogeografia e eventos na área de Geografia Física, como palestrante e conferencista.

**Participação em organizações de eventos científicos:** Membro de numerosos congressos e reuniões científicas, tanto nacionais como internacionais.

**Outras informações relevantes:** Colaboradora da UNESCO no Projeto Maior Oriente-Occidente (Exame de Livros Didáticos de Geografia), no período de 1963 a 1964. Membro correspondente da Comissão “Geografia e Educação” da União Geográfica Internacional (UGI), tendo sido, nessa qualidade, um dos responsáveis pela redação do manual “Geografia de América Latina”, no período de 1964 a 1982). Colaboradora do ICITV (Institut de la Carte Internationale du Tapis Vegetal), de Toulouse (França), quando da elaboração do Mapa da Vegetação da América do Sul, encomendado pela UNESCO, no período de 1971 a 1979). Assessora Técnica em Projetos de Planejamento, como os de “Áreas Verdes e Proteção de Mananciais” (EMPLASA/SP, 1977) e “Áreas Verdes da Cidade de Salvador” (OCEPLAN/BA, 1976).

**Nome completo:** Hideo Sudo

**Instituição e área de formação:** Curso de Licenciatura em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (atual FCT-UNESP), em 1965. Doutor em Geografia Física pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1980.

**Área de atuação:** Geografia Física (Climatologia – Geomorfologia – Meio Ambiente).

**Atividades profissionais:** Professor de Ciências Aplicadas (física e química) na Escola SENAI de Presidente Prudente – Professor de Geografia Física na FCT-UNESP – palestras e cursos de Educação Ambiental como professor aposentado.

**Produção científica:** Artigos publicados em revistas nacionais, além de diversas apresentações de trabalhos em eventos científicos.

**Participação em eventos científicos:** Participação em diversas reuniões e eventos científicos nacionais, principalmente aqueles organizados pela AGB (congressos e encontros), Associação Nacional de Geomorfologia e Associação Brasileira de Geologia de Engenharia.

**Participação em organizações de eventos científicos:** Nada consta.

**Outras informações relevantes:** Orientações no curso de pós-graduação (Mestrado) em Geografia da FCT/UNESP. Temática abordada: Geomorfologia-Climatologia-Hidrologia e estruturas e processos sócio-ambientais sob a ótica do Geossistema.

**Nome completo:** Jorge Soares Marques

**Instituição e área de formação:** Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de 1966 a 1969. Graduado em Economia pela Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta (SUAM), no período de 1978 a 1981. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de 1973 a 1976. Doutorado em Geografia pelo Instituto de Geociências da UNESP – Campus de Rio Claro, no período de 1984-1990.

**Área de atuação:** Ciências Exatas e da Terra (Geociências - Geografia Física – Geomorfologia).

**Atividades profissionais:** Professor Adjunto na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de 1970 a 1998. Professor Horista na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no período de 1999 a 2002. Professor Adjunto em dedicação exclusiva na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, desde 2000 até os dias atuais.

**Produção científica:** 21 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, no período de 1970 a 2000. 5 livros publicados, no período de 1973 a 1985. 5 capítulos de livros publicados, no período de 1993 a 2001. 58 trabalhos (completos e resumos) apresentados em eventos científicos nacionais e internacionais, no período de 1968 a 2003.

**Participação em eventos científicos:** Participação em inúmeros eventos científicos no Brasil, no período de 1968 a 2005.

**Participação em organizações de eventos científicos:** Membro de comissões organizadoras de eventos científicos, como Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, dentre outros.

**Outras informações relevantes:** 6 orientações de mestrado e 3 de doutorado em programa de pós-graduação em Geografia da UFRJ, no período de 1991 a 1997. Participação em 68 bancas examinadoras de mestrado e 28 de doutorado, no período de 1996 a 2005. Membro de bancas avaliadoras de concursos públicos docentes.

**Nome completo:** José Bueno Conti

**Instituição e área de formação:** Graduação em Geografia, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no período de 1955 a 1958. Doutorado em Geografia Física pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no período de 1969 a 1973. Livre-Docência pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1995. Professor Titular pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1997.

**Área de atuação:** Ciências Exatas e da Terra (Geociências - Geografia Física).

**Atividades profissionais:** Estagiário do Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo (IGG), no período de 1960 a 1963. Docente em regime de dedicação exclusiva da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, desde 1964 até os dias atuais, exercendo atividades de ensino (graduação e pós-graduação), pesquisa e administrativas.

**Produção científica:** 26 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, no período de 1963 a 2002. 05 livros publicados, no período de 1975 a 1998. 10 capítulos de livros publicados, no período de 1983 a 2004. 32 trabalhos apresentados em eventos científicos, no período de 1982 a 2005.

**Participação em eventos científicos:** Participação em inúmeros eventos científicos nacionais e internacionais, com destaque para eventos promovidos pela AGB (como conferencistas), Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, Ecoturismo e Encontro de Geógrafos da América Latina.

**Participação em organizações de eventos científicos:** Participação na organização de eventos científicos promovidos pela FFLCH/USP.

**Outras informações relevantes:** 30 orientações de mestrado e 30 de doutorado, em programa de pós-graduação em Geografia Física da FFLCH/USP, no período de 1976 a 2005. Participação em bancas examinadoras de mestrado (31) e de doutorado (52), no período de 1984 a 2005. Membros de comissões julgadoras de concurso público docente (03) em 2004 e 2005.

**Nome completo:** Jurandyr Luciano Sanches Ross

**Instituição e área de formação:** Graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) (1969-1972). Mestrado em Geografia (Geografia Física), pela Universidade de São Paulo (USP) (1975-1982). Doutorado em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (USP) (1983-1987). Livre-docência pela Universidade de São Paulo (USP) (2001).

**Área de atuação:** Ciências Humanas (Geografia - Geografia Física – Geomorfologia). Ciências Humanas (Geografia - Geografia Física - Planejamento Ambiental).

**Atividades profissionais:** Professor em regime de dedicação exclusiva na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, desde 1983 até os dias atuais. Técnico de Nível Superior do Ministério das Minas e Energia (MME), no período de 1977 a 1983.

**Produção científica:** 22 artigos completos publicados em periódicos nacionais e internacionais, no período de 1981 a 2004. 03 livros publicados (autor, organizador, editor), no período de 1990 a 1997. 10 capítulos de livros publicados, no período de 1995 a 2004. 37 trabalhos apresentados e publicados em Anais de eventos científicos (nacionais e internacionais), no período de 1986 a 2004.

**Participação em eventos científicos:** Participação em inúmeros eventos científicos promovidos pela FFLCH/USP, pela AGB (congressos e encontros), pela UGB (Simpósio Nacional de Geomorfologia), Simpósios Brasileiros de Geografia Física Aplicada, dentre outros.

**Participação em organizações de eventos científicos:** Membro de comissões organizadoras de diversos eventos científicos promovidos pela FFLCH/USP, pela AGB (congressos e encontros), pela UGB (Simpósio Nacional de Geomorfologia), além de outros eventos como: Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada.

**Outras informações relevantes:** 17 orientações de mestrado e 10 de doutorado, no programa de pós-graduação em geografia física da FFLCH/USP, no período de 1992 a 2005. Membro de inúmeras bancas examinadoras de mestrado, de doutorado, de trabalhos de conclusão de curso de graduação, de concursos docentes e técnicos, no período de 1990 a 2004.

**Nome completo:** Marcos José Nogueira de Souza

**Instituição e área de formação:** Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (1963 a 1966), Mestre em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (USP) (1971 a 1973). Doutor em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (USP) (1978 a 1981).

**Área de atuação:** Ciências Exatas e da Terra (Geociências - Geografia Física – Geomorfologia). Ciências Exatas e da Terra (Geociências - Geografia Física - Zoneamento Ambiental). Ciências Exatas e da Terra - Geociências - Geografia Física - Análise Ambiental). Ciências Exatas e da Terra - Geociências - Geografia Física – Climatologia Geográfica). Ciências Exatas e da Terra - Geociências - Geografia Física – Geocartografia). Ciências Exatas e da Terra (Geociências - Geografia Física – Pedologia).

**Atividades profissionais:** Professor Titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), no período de 1967 a 1997. Professor Titular da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no período de 1998 até os dias atuais. Coordenador Executivo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 1972. Professor Visitante (1972 a 1975), pesquisador (2004 a 2004) e consultor (2004 a 2005) do Centro de Treinamento e Desenvolvimento Regional (CETREDE). Colaborador, no desenvolvimento de estágios e estudos de climatologia, geomorfologia e fotografias aéreas da Universidade de São Paulo (USP), no período de 1971 a 1973. Integrante do grupo de pesquisa da Academia Brasileira de Ciências (ABC), no ano de 1971. Consultor técnico da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), desde 1992 até os dias atuais. Consultor técnico da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, (CPRM/DF), desde 1994 até os dias atuais. Consultor do Ministério do Meio Ambiente (MMA), desde 2001 até os dias atuais. Consultor da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), desde 2002 até os dias atuais.

**Produção científica:** Artigos completos publicados em periódicos nacionais (12), no período de 1972 a 2005. Livros publicados (autor, organizador, editor) (9), no período de 1972 a 2003. Capítulos de livros publicados (18), no período de 1971 a 2005. Trabalhos (completos e resumos) apresentados e publicados em Anais de eventos científicos, no período de 1978 a 2005.

**Participação em eventos científicos:** Participação em inúmeros eventos científicos nacionais no período de 1971 a 2005.

**Participação em organizações de eventos científicos:** Nada consta.

**Outras informações relevantes:** 18 orientações de mestrado em programas de pós-graduação em Geografia das UFC e da UECE, no período de 1993 a 2005. Participação como membro de banca examinadora de mestrado e doutorado (8), no período de 2003 a 2005.

**Nome completo:** Nilza Aparecida Freres Stipp

**Instituição e área de formação:** Graduação em Geografia pela Faculdade Filosofia Ciências e Letras de Botucatu (ITE) (1964-1968). Mestrado em Geografia Física pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus de Bauru (FAFIL) (1971-1975). 1971 - 1975

Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz (ESALQ/USP) (1971-1975). Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) (1975-1978).

**Área de atuação:** Geografia Física (Geologia e Geomorfologia). Ciências Exatas e da Terra (Geociências – Geologia). Ciências Exatas e da Terra (Geociências - Geografia Física). Ciências Agrárias ( Agronomia - Ciência do Solo).

**Atividades profissionais:** Docente – Atuação como Professora dos Cursos de Graduação da FCLA/SP (Faculdade de Ciências e Letras de Avaré), de 1974 a 1978; e da UEL/PR, de 1978 até 2005, além de ter atuado em Cursos de Pós-Graduação (Especialização, Mestrado e Doutorado) da FAFIPA/PR, UNESP/SP, CCE/UEL/PR e UNESPAR/PR. Não-docente – Atuação como Diretora Presidente do ITEDES (Instituto de Tecnologia e Desenvolvimento Econômico e Social) por dois mandatos consecutivos (1995 a 1999) e na gestão 2005-2007. Diretora de Pesquisas do ITEDES por dois mandatos consecutivos (1999 a 2003). Consultora Ad-Hoc do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Membro do Comitê da área de Geociências da Fundação Araucária, em Curitiba/PR, com serviço técnico especializado. Foi Diretora do Centro de Ciências Exatas da UEL de 1986 a 1990. Foi Chefe do Departamento de Geociências da UEL por três mandatos. Foi fundadora e Coordenadora do NEMA (Núcleo de Estudos do Meio Ambiente) da UEL durante 10 anos.

**Produção científica:** Artigos (completos e resumos) publicados em periódicos nacionais e internacionais, entre o período de 1981 a 2005. Livros publicados (5) – organizados e edições, no período de 1999 a 2000. Capítulos de livros publicados (8), no período de 2000 a 2005. Trabalhos apresentados e publicados (17) em Anais de eventos científicos, no período de 1994 a 2005.

**Participação em eventos científicos:** Participação em inúmeros eventos científicos nacionais e internacionais, principalmente eventos promovidos pela AGB (congressos, encontros, reuniões).

**Participação em organizações de eventos científicos:** Membro da comissão organizadora do 3º. ENESMA, realizado em 1991, além de outros eventos promovidos pela UEL/Londrina.

**Outras informações relevantes:** 10 orientações de mestrado e 02 de doutorado em programas de pós-graduação da UNESP/Presidente Prudente e da UEL/Londrina, no período de 1993 a 2005. Participação em diversas bancas examinadoras de mestrado, doutorado e especialização e bancas de concursos públicos.